

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
of *Archangel's Blade*

NALINI SINGH

Includes
an all-new
story

Four novellas set
in a world both
“heartbreakingly
original...[and]
sizzling hot.”

—Errant Dreams
Reviews

A Guild Hunter
Collection

ANGELS' FLIGHT





CRÉDITOS

TRADUÇÃO E REVISÃO:

Grupo Shadows Secrets

REVISÃO:

Traduções After Dark

SINOPSE

Coletânea de histórias curtas:

Angels' Pawn (0.4): uma caçadora de vampiros enfrenta duas facções rivais e o anjo manipulando ambas, e um vampiro cuja ajuda não é inteiramente altruísta...

Angels' Judgement (0.5): uma caçadora precisa caçar um dos seus que se tornou um assassino, enquanto sobrevive aos testes mortais colocados em seu caminho pelos próprios arcanjos. Reforço inesperado vem de um estranho que pode ser a ameaça mais letal de todas...

Angels' Wolf (0.6) : um vampiro fica fascinado com a anja sedutora que governa a Louisiana. Mas nada é o que parece ser em sua corte.

Angels' Dance (3.5): uma anja presa na fortaleza das montanhas chamada Refúgio se encontra sendo assediada por um anjo guerreiro de uma corte marcial.

ANGELS' PAWN

1

- Isso é uma surpresa, *cher*, - Janvier disse com seu sotaque preguiçoso, a mão apoiada no batente da porta de seu apartamento em Louisiana. – Até onde eu sei, não tem uma acusação contra mim.

- Não sou uma assassina. – Cruzando os braços, Ashwini inclinou-se na parede à frente da porta—amarrotado de sono e meio vestido, Janvier era deliciosamente sexy. Também era um vampiro de duzentos e quarenta e cinco anos de idade capaz de rasgar sua garganta com o mínimo esforço. – Embora possa abrir uma exceção para você.

Um sorriso lento se arrastou ao longo do rosto um pouco longo demais, um pouco sombrio demais para a verdadeira beleza. E mesmo assim... Janvier era o homem que toda mulher em um bar se viraria para olhar, seu apelo tão cruamente natural quanto o interesse não escondido nos olhos da cor do musgo do pântano, todo luz solar e sombras sobre verde. – Você me fere. Pensei que fôssemos amigos, *non*?

- *Non*. – Ela levantou uma sobrancelha. – Você vai me deixar entrar?

Ele deu de ombros, os músculos de seu peito ondulando com uma força que a maioria das pessoas nunca adivinharia pela forma como ele se movia, pura graça e charme líquidos. Mas Ashwini sabia exatamente o quão rápido e resistente ele era—ela o havia caçado três vezes nos últimos dois anos, e ele a conduziu em uma dança divertida todas as três vezes.

- Depende, – respondeu, fazendo uma inspeção vagarosa pelo corpo dela. – Você está aqui para bater em mim de novo?

- Olhos para cima.

Risos naquele olhar mal intencionado uma vez que encontrou o dela. – Você não é divertida, docinho.

Apenas com Janvier ela acabava com o lado prático do mecanismo. Todos os outros achavam que ela tinha ido mais para o lado leste da loucura. – Esta foi uma má idéia. – Girando em seu calcanhar, ela acenou na direção dele. – Vejo você da próxima vez que irritar um anjo. – No curso normal das coisas, a Sociedade existia para encontrar esses vampiros que quebravam seus Contratos—para servir os anjos por cem anos em troca da imortalidade—e então havia Janvier... – Tente não fazer isso esta semana. Estou ocupada.

Sua mão se fechou sobre as costas do pescoço dela, um toque quente e estranhamente delicado. – Não seja assim, agora. Entre. Vou lhe fazer um café do jeito que é para ser feito.

Ela deveria ter se afastado, deveria ter ido embora tão longe quanto humanamente possível. Mas Janvier tinha um jeito de ficar sob sua pele. Ela hesitou por uma fração muito longa, e o calor dele penetrou nela, uma coisa viva radiante que desafiava o gelo de sua imortalidade. – Sem tocar. – Isso era muito mais uma ordem para si mesma do que para ele.

Um aperto de seus dedos. – É você que está sempre tentando pôr as mãos em mim.

– E qualquer dia, você não vai dançar rápido o suficiente para escapar. – Janvier tinha o hábito de irritar anjos o suficiente para acabar na lista de caça da Associação. Mas essa não era a pior parte—justo quando Ashwini *quase* o tinha, quando podia quase sentir o cheiro da coleira, ele de alguma forma tinha feito as pazes com quem quer que fosse que ele tinha ofendido. Da última vez, ela quase o matou por princípios.

Um leve sorriso, seu polegar varrendo ao longo da pele dela em uma carícia lânguida. – Você deveria me agradecer, – ele disse. – Graças a mim, você está garantindo uma boa quantia de dinheiro, pelo menos duas vezes por ano.

– Estou garantindo essa boa quantia porque eu sou boa, – ela respondeu, se contorcendo para fora do seu domínio para que pudesse enfrentá-lo. – Está pronto para conversar?

Ele passou um braço. – Entre em meu covil, Caçadora da Sociedade.

Ashwini não era muito de permitir vampiros a sua volta, mas ela e Janvier tinham um entendimento depois de três caçadas. Se alguma vez chegasse a isso, seria cara a cara. Alguns de seus irmãos caçadores talvez a chamassem de tola por confiar em um homem que ela havia caçado, mas ela sempre teve sua própria opinião sobre as pessoas. Ela não tinha ilusões, sabia que Janvier poderia ser tão letal quanto uma lâmina desembainhada, mas ela também sabia que ele tinha nascido em uma época em que a palavra de um homem era tudo o que ele tinha. A imortalidade ainda não tinha roubado seu senso de honra.

Agora ela tinha se espremido por ele, consciente de que ele tinha deliberadamente virado seu corpo para assegurar uma passagem apertada. Ela não se importou tanto quanto deveria. Esse era o problema—porque vampiros eram fora de questão. A Sociedade não tinha nenhuma regra proibindo tais relações e uma parte de seus amigos caçadores tinham amantes vampiros, mas Ashwini concordava com sua amiga caçadora, Elena, sobre isso. A outra mulher uma vez tinha dito que vampiros eram quase imortais, afinal—para eles, humanos não eram nada além de brinquedos, prazeres fugazes, facilmente experimentáveis, facilmente esquecidos.

Ashwini não ia ser um lanche para nenhum homem—vampiro, humano ou anjo. Não que os anjos alguma vez se reduziram o suficiente para associar-se com uma mortal. Ela ficaria muito surpresa se os governantes eficazes do mundo considerassem a maioria dos humanos como qualquer coisa senão algo secundário.

– Não é o que eu esperava, – ela disse, entrando no loft elegantemente transformado. A luz dominava e tinha sido incorporada na decoração—as cores do pôr do sol ecoavam nas mantas claras que estavam sobre o sofá em tons de terra, os tapetes Navajo no chão, as vistas solitárias do deserto pintadas nas paredes.

– Adoro o pântano, – Janvier murmurou, fechando a porta atrás dele e caminhando para a cozinha, – mas para apreciar a beleza, deve-se, às vezes, ir para o extremo oposto.

Enquanto se movia na cozinha com a facilidade de um homem que sabia exatamente o que estava fazendo, Ashwini permitiu-se admirar a beleza masculina dele. Janvier poderia ser um constante pé no saco, mas ele era formado como o mais sexy sonho que ela já teve—magro e alto, os músculos como de um corredor ou nadador, todas as linhas elegantes e energia contida. Com 1.90m, ele liderava por uns bons cinco centímetros, carregando a altura com a confiança de um homem completamente à vontade consigo mesmo.

Então, novamente pensou, ele tinha mais de 200 anos para construir essa arrogância sem esforço. – Suponho que não está incomodado com a luz do sol, – ela disse, verificando a claraboia inclinada para a direita. A cama estava bem abaixo dela—e quando o relógio marcou mais de oito da manhã, os raios do sol batiam de forma possessiva sobre os lençóis caídos.

Sua mente imediatamente a forneceu com uma imagem extraordinariamente detalhada do corpo de pernas compridas de Janvier enroscado nos lençóis. O movimento de sangue em seus ouvidos quase afogou suas próximas palavras.

– À procura de pontos fracos, caçadora? – Voltando, ele entregou-lhe uma pequena xícara cheia de uma bebida cremosa que cheirava como nenhum café que ela já havia tomado.

– O que é isso? – Ela cheirou desconfiada, sentiu sua boca salivar. – E claro. Depois eu poderia apenas empurrá-lo para a luz do sol e ver você fritar

Seus lábios curvaram-se, o superior um pouco fino, o inferior eminentemente carnudo.

– Você sentiria minha falta se eu partisse.

– A idade avançada está lhe causando ilusões.

– Isso é café com leite feito com uma mistura de café e chicória. – Observando enquanto ela arriscava um gole, ele acenou para a cama. – Eu amo a luz solar. Vampirismo teria sido menos atraente se eu tivesse que passar minha vida no escuro.

– Você pensaria que com todos os vampiros andando na luz do dia, esse boato antigo iria morrer, mas não, ele continua existindo, – ela disse, imersa no peculiar sabor do café. – Eu gosto dessa coisa.

– Combina com você.

– Amargo e estranho?

– Exótico e saboroso. – Ele correu um dedo pela pele nua de seu braço. – Você tem uma pele muito bonita, *cher*. Como o deserto ao pôr do sol.

Ela saiu do alcance. – Vá colocar uma camisa e mantenha sua mente fora da cama.

– Impossível com você por perto.

– Finja que estou segurando um rifle. Na verdade, finja que tenho você na mira.

Janvier suspirou, esfregando o maxilar sombreado pela barba ainda não feita. – Adoro quando você fala sujo.

– Então isso deve agitar seu mundo, – respondeu, ordenando a si mesma a parar de pensar sobre a sensação daquela barba contra sua pele. – Sangue, seqüestro, briga, refém.

Interesse foi despertado no verde-musgo. – Conte-me mais. – Ele acenou para a cama. – Peço desculpas pela bagunça—não estava esperando companhia tão requintada.

Indo em direção ao balcão para colocar o café, sentou-se em um dos bancos de bar. Janvier sorriu e escolheu sentar na cama, mãos apoiadas atrás dele, pernas cobertas de brim cruzadas livremente nos tornozelos. A luz do sol dançava sobre seu cabelo castanho escuro, pegando reflexos de puro cobre que jogava lindamente contra o reluzente dourado de sua pele.

Vampiros tão antigos quanto Janvier eram quase uniformemente bonitos, mas ela ainda não encontrara um com o carisma do Cajun¹—ou sua maneira de ter amigos em praticamente todas as cidades para onde já viajou. E era por isso que precisava dele. – Há uma situação em Atlanta.

– Atlanta? – O vazio da pausa. – É o território dos Beaumont.

Bingo. – O quanto você os conhece?

Ele lhe deu de ombros. – Bem o suficiente. Eles são uma família antiga de Vampiros—não há muitas dessas por aí.

Seduzida pelo perfume, Ashwini tomou outro gole do forte café de Janvier. – Faz sentido. Ouvi dizer que os anjos não diferenciam entre linhagens de família quando se trata de escolher Candidatos. – Das muitas centenas de milhares que solicitam ser

¹ Os cajun são os descendentes dos acadianos expulsos do Canadá e que se fixaram na Luisiana, um estado do sul dos Estados Unidos da América. Esta população tem uma cultura própria, em especial uma variedade de música popular e de culinária que já ultrapassaram as fronteiras daquele país

Transformados a quase imortais todos os dias, apenas uma pequena fração é considerada como candidato.

– Os Beaumonts fogem à regra, – Janvier continuou. “Eles conseguiram ter pelo menos um membro da família Transformado em cada geração. Dessa vez, foram dois.

– Monique e Frédéric. Irmãos.

Um aceno. – Esse tipo de sucesso os torna uma potência—com Monique e Frédéric, os Beaumont agora têm 10 vampiros vivos ligados por sangue. O mais antigo tem meio milênio de idade.

– Antoine Beaumont.

– Bastardo impiedoso, – Janvier disse em um tom quase carinhoso. – Provavelmente venderia seus próprios filhos se pensasse que poderia lucrar com eles.

– Um amigo?

– Salvei sua vida uma vez. – Levantando seu rosto para o sol, Janvier embebeu-se nos raios como um sibarita² em uma costa Européia longe do úmido abraço terroso de um verão na Louisiana. – Ele me envia uma garrafa do seu melhor Bordeaux todo ano—juntamente com uma proposta em que eu deveria considerar me casar com sua filha Jean. – Pronunciado no modo francês, o nome soava sensual e elétrico.

Os dedos dela apertaram a xícara de café pintada à mão. – Pobre mulher.

Ele virou o rosto novamente para ela, malícia em seus olhos. – Pelo contrário, Jean está muito interessada no jogo. No último inverno, ela me convidou para mantê-la aquecida em uma cabana muito bonita em Aspen.

Ashwini sabia quando estava sendo feita de boba. Também sabia que Janvier era plenamente capaz de inventar uma história para mantê-la lá—exclusivamente para sua própria diversão. – Posso apostar com você que Jean não está pensando em Aspen nesse exato momento. Na verdade, é uma boa aposta que ela esteja pensando apenas em assassinato.

– A situação? – E lá estava aquela aguçada inteligência novamente, a única coisa que continuava puxando-a de volta para ele apesar de todas as suas promessas do contrário.

– Monique é o que, bisneta nove vezes de Jean?

² Pessoa dada aos prazeres físicos, à voluptuosidade, à indolência (a exemplo dos habitantes de Síbaris, que, muito ricos, tinham fama de voluptuosos e indolentes).

Janvier levou um instante para pensar sobre isso. – Talvez dez, mas pouco importa. Jean adora a criança. Antoine chama tanto Monique quanto Frédéric de seus netos.

– A mulher tem 26, – ela apontou, – dificilmente uma criança. E seu irmão tem 30.

– Qualquer um com menos de 100 é uma criança para mim.

– Engraçado.

– Não falo de você, *cherie*. – Seu sorriso deslizou para expor um lado sombrio, um que tinha visto passar séculos. – Você carrega muito conhecimento em seus olhos. Se eu não soubesse que você era humana, teria achado que você vive há tanto tempo quanto eu.

Às vezes, ela sentia como se tivesse. Mas os demônios que agarravam em sua mente dia e noite não tinham lugar nesta discussão. Quebrando o olhar muito perceptivo de Janvier, respondeu, – Monique foi seqüestrada.

– Quem ousaria se levantar contra os Beaumonts? – Choque visível. – Não só eles são um poder em seu próprio direito, mas o Anjo que controla Atlanta os mantém em alto favor.

– Ele mantinha, – ela disse, voltando os olhos novamente para ele, apreciando o jogo de luz solar em seu corpo. Era um prazer simples com um chute potente—até os demônios não conseguiam se segurar contra a tentação sensual que tragavam seus sentidos. – Mas parece que seu amigo Antoine está conseguindo irritar Nazarach.

Janvier ficou de pé, franzindo a testa. – Mas mesmo assim, enfrentar Antoine é cortar sua própria garganta.

– O beijo Fox não pensa assim.

– Um beijo? – Balançando a cabeça, ele se colocou na frente dela, uma mão apoiada no balcão. – Você está falando no verdadeiro sentido da palavra—um grupo de vampiros se unindo para um objetivo comum?

– Sim.

– Não ouvi falar de um beijo formal de vampiros há mais de um século.

– Um cara chamado Callan Fox aparentemente decidiu reviver a idéia. – Curiosa, compelida, ela correu os dedos ao longo de uma cicatriz no peito de Janvier, logo acima do mamilo esquerdo. – Eu não lhe dei essa.

– Eu gostaria, – ele murmurou, se divertindo. – Eu ficaria honrado em carregar suas marcas.

– Que pena que vampiros curam rapidamente. – Ela se pegou traçando a cicatriz, vendo algo familiar nela. Mas ao contrário de todas as outras pessoas que ela conhecia,

não havia pulso de memória, sem invasão indesejada em sua mente com o seu dom, a sua maldição, puxou-a para o passado de Janvier. Em vez de ver seus segredos, conhecer seus pesadelos, tudo o que ela sentia era pele quente e sedosa, um pouco imperfeita, e ainda mais intrigante por isso.

– Uma faca, – ela disse. – Esta foi feita por uma faca?

– Quase—uma espada. – Fechando os dedos sobre seu pulso, ele levou a mão dela até sua boca, pressionando beijos prolongados ao longo das juntas. – Você vai me provocar assim para sempre, Ashwini?

2

– **Só mais algumas décadas, – ela disse, sentindo seu estômago tenso,** seus dedos dos pés enrolados. – Então será a hora de uma nova caçadora caçar você.

Ela esperava algum retorno divertido, mas o rosto de Janvier ficou imóvel, muito, muito imóvel. – Não fale de sua morte com tanta facilidade.

– Como eu não estou para assinar um Contrato dando cem anos da minha vida quase imortal, – ela disse, uma mão permaneceu pressionada contra o peito dele, a outra em seu aperto, – a morte é uma certeza.

– Nada é totalmente certo. – Ele soltou sua mão para puxar os fios de seu cabelo solto, olhos interiormente aquecidos. – Mas nós discutiremos sua humanidade outra hora. Eu fiquei intrigado com a ideia deste beijo Fox.

Alcançando o interior de seu bolso de trás, ela puxou para fora o elegante PDA que Ransom, outro dos caçadores da sociedade trabalhando na região de Nova York, tinha dado a ela como um presente de Natal. – Este é Callan Fox. – Ela mostrou a foto do loiro alto, pesadamente musculoso. – De acordo com minha informação, ele completou duzentos anos esse ano.

– Eu reconheço esse rosto. – Um severo olhar, como se ele estivesse vasculhando camadas de memórias. – Agora eu lembrei—eu o encontrei na corte de Nazarach quando ele estava cumprindo seu Contrato. Os outros vampiros na corte julgavam-no mal, achavam-no burro.

– E você?

Dedos arrastaram-se sobre seu braço, brincalhões e leves. – Eu vi uma inteligência quase brutal, combinada com ambição. Não me surpreende que Callan tenha conseguido organizar um beijo, com tão pouca idade. Os outros vampiros no grupo olham para seu fundador como um líder?

– Parece que sim. Isso é engraçado, existe pelo menos um par de vampiros de trezentos anos de idade no beijo, e um que poderia estar aproximando-se da marca de quatro séculos.

– Nem todos os vampiros ganham poder com a idade. – Colocando um pé do lado de fora de seu banquinho, ele passou as fotos dos outros vampiros do beijo. – Olhe para mim. Eu ainda sou tão fraco quanto um bebê.

– Isso alguma vez já funcionou? – Ela pegou seu precioso aparelho de volta, quando ele começou a entrar nos seus arquivos pessoais.

Um sorriso cortante. – Você ficaria surpresa em quantas mulheres apenas amam consolar meu pobre e desolado eu. Quem é o garoto naquela foto?

Seu coração retorceu-se. Aquele garoto agora era um homem, um homem que se recusava a vê-la como alguém além de uma miragem que ela tinha sido uma vez. – Não é da sua conta.

– Tanta dor. – Os dedos de Janvier pararam por um segundo, antes de sua mão curvar-se sobre seu braço. – Como você consegue respirar através dela, *cher*?

Porque quando não há outra opção, a mente aprende a compensar... Mesmo que nunca consiga esquecer. – Você quer saber mais sobre essa operação ou não?

– Um dia, – Janvier disse, movendo-se até que o calor dele a tocou em uma agressiva carícia masculina, – Eu saberei seus segredos.

Parte dela queria inclinar-se, para ser segurada. Mas essa parte estava enterrada tão fundo, que mesmo ela não estava certa se alguma vez veria a luz. – Então você ficará entediado. – Afastando-se daquele peito que a tentava a pular direto dentro da loucura, ela pulou fora do banquinho. – A Sociedade foi contratada por Nazarach.

Aquilo provocou o interesse de Janvier. – Anjos geralmente deixam vampiros de alto nível cuidar de seus próprios feudos.

– Eu tenho um encontro com ele amanhã de manhã. – Ela afastou a perna que ele tinha apoiado em seu banquinho, o músculo de sua coxa flexionando-se com força. – Acho que eu descobrirei seus motivos, então.

Todos os traços de charme deixaram a face de Janvier, expondo a crueldade quase feroz de seu eu verdadeiro. – Você não irá a ele sozinha. – Era uma ordem.

Intrigada—Janvier nunca usava força quando ele podia tão facilmente persuadir—ela colocou uma mão em seu quadril. – Eu conheço a reputação dele. – Ir para uma caçada cega era acabar pedindo pela morte. Especialmente quando isso envolvia um anjo que inspirava tantos sussurros de terror quanto Nazarach. – Eu não sou o tipo dele.

– Você está errada. Nazarach sempre colecionou o único e inatingível. – Recuando, ele caminhou para o guarda-roupa, a linha de suas costas elegante com músculos. – Dê-me um momento para vestir-me e fazer as malas.

– Eu não preciso de um guarda-costas.

– Se você sair daqui sozinha, eu simplesmente seguirei você. – Aço naqueles olhos de musgos e sombras. – Muito mais fácil me levar junto.

Ela encolheu os ombros. – Se você quer desperdiçar seu tempo, isso é com você.

Uma pausa enquanto ele a estudava, fria inteligência dando lugar a um temperamento explosivo. – Você pretendia me levar junto o tempo todo, – ele disse por fim. – Agora, você tenta jogar comigo. Que vergonha, Ashwini.

Como diabos ele a leu desse modo? – A Sociedade diz que isso é delicado, – ela admitiu. – Eu imaginei que o fato de você conhecer os jogadores seria um bom passaporte para o mundo deles.

– Então você irá me usar. – Puxando uma camiseta branca, ele cobriu a parte de cima daquele corpo que seus dedos queriam acariciar, queriam conhecer, com a certeza de que seria somente Janvier embaixo de suas pontas dos dedos, sem fantasmas, sem ecos, nada além do próprio vampiro lindo e exasperante. – Talvez eu peça a você uma recompensa.

– Metade da minha comissão. – Justo era justo—seria mais rápido e mais fácil chegar a Callan Fox com Janvier ao seu lado.

– Eu não preciso de dinheiro, *cher*. – Puxando uma mochila, ele começou a empacotar com eficiência quase militar. – Se eu fizer isso, você me deverá um favor.

– Não caçar você? – Ela balançou sua cabeça por uma vez. – Eu não posso prometer isso. A Sociedade tiraria meu distintivo.

Ele desconsiderou suas palavras com aquele perverso, malvado sorriso que ele parecia guardar apenas para ela. – *Non*, esse favor será entre Ashwini e Janvier, ninguém mais. Será pessoal.

A coisa mais sensata teria sido afastar-se... Mas, então, ela nunca tinha sido sensata. – Fechado.

Nazarach comandava Atlanta de uma graciosa fazenda que tinha sido convertida para habitantes angélicos. – Bem Sulista, – Ashwini disse quando a limusine deslizou caminho abaixo. – Devo admitir, não é bem o que esperava.

Janvier esticou suas longas pernas tanto quanto ele podia. – Você está acostumada à Torre do Arcanjo.

– Não é difícil ficar. Ela domina Manhattan. – A Torre de Raphael, o lugar de onde o arcanjo efetivamente dominava a América do Norte, vinha tornando-se tanto um símbolo de Nova York quanto a onipresente maçã vermelha. – Você já a viu à noite? É como uma faca de luzes, cortando através do céu. – Beleza e crueldade interligadas.

– Uma ou duas vezes, – Janvier disse. – Eu nunca me aproximei de Raphael, entretanto. E você?

Ela balançou sua cabeça. – Eu ouvi que ele é um fdp assustador.

O olhar do vampiro dirigindo encontrou o seu no espelho retrovisor. – Isso é um eufemismo.

Janvier inclinou-se para frente, seu interesse espalhando-se ao longo de sua pele. – Você conheceu o arcanjo?

– Ele veio para Atlanta para uma reunião com meu sire há seis meses. – Ashwini viu um arrepio passar sobre a pele do vampiro. – Eu pensei que eu soubesse o que era poder. Eu estava errado.

Ouvir aquilo de um vampiro que era não era nenhum recém-nascido, fez Ashwini malditamente feliz por estar lidando “apenas” com um anjo de nível médio. – Enormes janelas que abrem para o nada, – ela disse, capturada novamente pela elegância atemporal da fazenda quando ela entrou em foco. – Fácil cair de uma.

Janvier colocou seu braço ao redor do encosto do banco. – Anjos podem voar.

– *Janvier*.

Um riso, dedos acariciando através de seu cabelo quando ele removeu sua mão. – Você gostaria de voar?

Ela lembrou de seus sonhos, aquela sensação de queda incessante, capturada em um turbilhão de pesadelos. – Não. Eu gosto de meus pés firmemente no chão.

– Você me surpreende, *cher*. Eu sei o quanto você gosta de pular de pontes.

– Eu estava amarrada a uma corda elástica na hora.

– Ah, muito mais seguro então.

O carro fez uma parada antes que ela pudesse retornar a divertida torrente, e eles saíram para o exuberante abraço de Atlanta. – Você gostaria? – ela perguntou, olhando para ele, todo longas pernas folgadas e rudemente sexy ao lado dela enquanto eles caminhavam para a porta da frente. – De voar?

– Eu nasci no pântano. Um dos primeiros depois que meu povo veio para Louisiana. – Ele deslizou sua mão dentro de seu bolso, sua voz mantinha a música de sua casa. – É a água que está no meu sangue, não o ar.

– Um caçador nascido odeia água. – Não era um segredo—não para um vampiro tão experiente quanto Janvier.

– Mas você não é um dos cães de caça, – Janvier apontou. – Água não mascara a essência de um vampiro para você—você é uma rastreadora. Você confia em seus olhos.

– Rastreadores odeiam água, também. – Um rosnado dirigido diretamente para ele.
– Ela destrói o rastro.

– Ei, agora, – ele disse, ainda naquela fácil, despreocupada voz. – Eu te levei através do pântano, doçura. montes de terra úmida—abundância de sinais para um rastreador seguir.

– Eu tinha mofo crescendo em meus pés no final da caçada.

– Agora eu encontro a mim mesmo com inveja do mofo—veja o que você fez comigo. – Palavras provocantes, um olhar que a acariciava com fogo.

– Se você me fizer caçar naquele tipo de umidade de novo, – ela disse, sentindo seu estômago dar uma pequena torcida quando os olhos dele se moveram para ela, proprietários de um modo que eles não tinham o direito de ser, – Eu farei você comer o maldito mofo.

Janvier estava ainda sorrindo enquanto eles subiam os passos finais para encontrar a porta que estava sendo mantida aberta por uma mulher pequena e enrugada que era, sem dúvida, humana. Mesmo se Ashwini não tivesse percebido a miríade de outros sinais que proclamavam sua mortalidade, o simples fato era que anjos somente aceitavam Candidatos entre as idades de vinte e cinco e quarenta anos. E uma vez Transformado, um vampiro era congelado no tempo—exceto, é claro, por um gradual aperfeiçoamento na beleza, que nenhum mortal jamais possuiria.

Mas havia outro tipo de beleza na face desta mulher, marcada com a experiência de uma vida vivida ao máximo. Uma vida ainda sendo vivida dessa forma, Ashwini pensou, observando aqueles luminosos olhos azuis observarem Janvier com um definido brilho de apreciação feminina—um que não se ofuscou enquanto ela os convidava a entrar. – O mestre está esperando por vocês na sala de estar.

– Você mostraria a nós o caminho, querida?

As covinhas apareceram na mulher. – É claro. Por favor, sigam-me.

Enquanto eles caminhavam atrás da mulher mais velha, Ashwini espetou Janvier com o cotovelo. – Você não tem vergonha?

– Nenhuma de qualquer forma.

Um instante depois, eles estavam sendo enviados através de portas grandes o suficiente para acomodar asas de anjos. A empregada foi embora discretamente logo depois de deixá-los entrar, e enquanto os sentidos de caçadora de Ashwini nunca a teriam deixado ignorar a saída da mulher, isso ocupou somente uma pequena parte de sua mente. Porque Nazarach estava esperando por eles.

E se ele era somente um anjo de nível mediano, então ela estava extremamente grata que ela nunca tivesse ficado, e provavelmente nunca estaria, na presença de um arcanjo.

O anjo de Atlanta era quase a estatura de Janvier, com uma brilhante pele negra e olhos de tal direto e perfurante âmbar, que era como se eles estivessem iluminados por dentro. Aquela ilusão de luz era poder, é claro, o poder de um imortal. A inacreditável força dela pousava como um reluzente filme dentro de seus olhos e, de forma magnífica, por suas asas.

– Você gosta de minhas asas, – o anjo disse, e sua voz era profunda, contendo mil vozes que ela não tentou ouvir, tentou não conhecer.

– Seria impossível não o fazer. – Ela manteve aquelas vozes fantasmagóricas à distância com uma vontade aprimorada por uma vida toda de luta por sua sanidade. – Elas estão além da beleza. – De um âmbar reluzente, as asas de Nazarach não eram somente únicas, mas eram primorosamente formadas, cada pena tão perfeita, que sua mente tinha problemas em aceitar a existência delas. Quando ele voasse, ela pensou, ele pareceria como um ofuscante pedaço do sol.

Nazarach ofereceu-lhe um pequeno sorriso, e talvez houvesse calor nele, mas não era nada humano, nada mortal. – Como é impossível fazer algo que não seja apreciar você, Caçadora da Sociedade.

Os minúsculos cabelos da parte de trás de sua cabeça levantaram gritando em aviso. – Eu estou aqui para fazer meu trabalho e eu o farei bem. Se você quer jogar jogos, eu não sou sua garota.

Janvier se adiantou antes que Nazarach pudesse responder ao que foi certamente uma declaração impertinente. – Ashblade, – ele disse, usando o apelido que foi responsável por cunhar, – é boa naquilo que ela faz. Ela não é tão boa em jogar pelas regras.

– Então... –Nazarach voltou sua atenção para Janvier— ...você não está morto ainda, Cajun?

– Apesar dos melhores esforços de Ash.

O anjo riu, e o poder devastador varreu a sala, rastejando sobre sua pele. Idade, morte, êxtase, e agonia, eram tudo naquele riso, no passado de Nazarach. Esmagou-a, ameaçando cortar seu fôlego, deixando-a presa para sempre no inferno embargante de terror que tinha procurado reclamá-la desde sua infância.

3

Foi o medo que a salvou. Abastecida pela ameaça de ser presa dentro de sua própria mente, ela puxou a si mesma para fora do interminável redemoinho, de volta para o presente. Como a corrente de ar passando por seus ouvidos, ela ouviu Nazarach dizer, – Talvez eu peça para você voltar para minha corte, Janvier.

Janvier cedeu uma reverência perfeita, e por um instante, ela o viu em roupas de uma era passada, um estranho que sabia como fazer política com tamanha facilidade manipulativa, como se estivesse jogando cartas. A mão dela se fechou em punhos em instintiva rejeição, mas no momento seguinte ele riu aquele preguiçoso, divertido riso, e ele era novamente aquele vampiro que ela conhecia. – Se você se recorda, eu nunca fui muito bom como um cortesão.

– Mas você propiciava a conversa mais inteligente na sala. – Arrumando suas asas fechadas nas costas, o anjo caminhou para uma brilhante mesa de mogno no canto. – Você auxilia a Caçadora da Sociedade?

Ashwini deixou Janvier falar, usando o tempo para estudar Nazarach, seu poder estabelecendo um açoitamento contra seus sentidos... Um chicote decorado com vidro quebrado.

– A ideia de um beijo desperta minha curiosidade. – Janvier parou. – Caso eu possa dar minha opinião—esta situação entre Antoine e Callan parece beneficiar aos seus interesses.

– Antoine, – Nazarach disse, seu rosto tornando-se inexpressivo no modo dos verdadeiramente antigos, – começou a ir longe demais por si mesmo. Ele tem estado perigosamente perto de desafiar minha autoridade.

– Ele está mudado, então. – Janvier balançou sua cabeça. – O Antoine que eu conhecia era ambicioso, mas ele também tinha um saudável resguardo pela sua própria vida.

– É a mulher—Simone. – O anjo passou uma fotografia para Ashwini, olhos de um inumano âmbar se prolongando em seu rosto uma fração mais longa do que deveria. – Mal entrou no seu terceiro século e já tem Antoine na palma de sua mão.

– Por que ela não está morta? – Ashwini perguntou à queima roupa. Anjos eram uma lei em si mesmos. Não havia uma corte na terra que julgaria Nazarach se ele decidisse eliminar um de seus Transformados.

Vampiros escolhiam seus mestres quando eles escolhiam a imortalidade.

O anjo deflagrou suas asas um pouco, então as estalou fechadas. – Antoine parece amá-la.

Ashwini assentiu. – Você a mata, e ele se voltará contra você. – E, então, ele estaria morto. Anjos não eram conhecidos por sua benevolência.

– Depois de estar vivo por setecentos anos, – Nazarach ponderou, falando de séculos como se fossem meras décadas, – Eu acho que eu estou relutante em perder um dos poucos homens—seus recentes erros à parte—que eu realmente respeito.

Retornando a foto da morena sensual que estava aparentemente fazendo um vampiro antigo dançar ao som de sua música, Ashwini forçou a si mesma a encontrar o olhar de Nazarach—o âmbar agia como uma lente, concentrando os gritos com uma clareza penetrante. – Como isso se associa ao seqüestro? – ela perguntou, bloqueando os pesadelos com tudo que tinha.

– Callan Fox, – Nazarach disse, – intriga-me. Eu não o quero morto ainda. E Antoine matará o filhote para recuperar sua neta. Ajude Monique a escapar e traga-a para mim.

– Você está nos pedindo para entregar uma refém para usar contra Antoine. – Ashwini balançou a cabeça, alívio percorrendo sua coluna como uma onda fria. –A Sociedade não se envolve em disputas políticas.

– Entre anjos, – Nazarach corrigiu. – Este é um... Problema entre um anjo e os vampiros sob seu controle.

– Mesmo assim, – ela disse, incapaz de parar seus olhos de irem para aquelas asas de âmbar e luz, incapaz de entender como tanta beleza pode coexistir com a escuridão desumana que manchava o interior de Nazarach, – se você quer Monique, tudo que você tem que fazer é pedir. Callan a entregará. – O líder do beijo Fox poderia estar disposto a enfrentar Antoine Beaumont, mas somente um vampiro muito estúpido ficaria contra um anjo. E Callan Fox não era estúpido. – Você não precisa de mim.

Nazarach deu a ela um sorriso inescrutável. – Você nem mencionará meu nome para Callan. Quanto ao resto—a Sociedade já concordou com os termos.

– Sem ofensa, – ela disse, perguntando-se se ele pareceria tão brutalmente bonito enquanto sufocava até a morte aqueles que o desagradavam, – mas eu preciso verificar isso com minha chefe.

– Vá em frente, Caçadora da Sociedade. – Permissão suave, sem misericórdia naqueles olhos cheios de morte.

Recuando até que ela estava quase no corredor, ela fez a ligação com seu celular, ciente que Janvier e Nazarach falavam em voz baixa sobre coisas de um passado distante, sombras de experiências que se ligavam a Nazarach, mas não a Janvier.

Anjo e vampiro. Ambos tocados pela imortalidade, ambos irresistíveis, mas em maneiras amplamente diferentes. Nazarach era um ser aprimorado ao longo do tempo, perfeito, letal e totalmente, absolutamente desumano. Janvier, em contraste, era terra e sangue, mortal e um pouco rústico... E ainda, de alguma forma, desse mundo.

– Ashwini? – O tom de voz familiar de Sara. – Qual é o problema?

Ela expôs as ordens de Nazarach. – Isso foi permitido?

– Sim. – A Diretora da Sociedade suspirou. – Eu desejo o inferno que nós não tivéssemos que ficar envolvidos no que promete ser uma fodida bagunça gigante, mas não há modo de sair.

– Ele está jogando jogos.

– Ele é um anjo, – Sara disse, e era uma resposta. – E, tecnicamente, Monique está em uma violação de seu Contrato, então Nazarach tem o poder para enviar tudo e todos para recuperá-la—mesmo se ele pudesse alcançar o mesmo objetivo com um simples telefonema.

– Maldição. – Ashwini gostava de trabalhar no limite, mas quando anjos envolviam-se, aqueles limites tendiam a cortar fundo, extraindo o vermelho escuro do sangue. – Você tem apoio para mim?

– Sempre. – Uma resposta firme. – Eu coloquei Kenji e Baden de sobreaviso—dê o sinal e nós teremos você fora de lá em menos de uma hora.

– Obrigada, Sara.

– Ei, eu não quero perder minha principal fonte de entretenimento ao vivo. – Um sorriso que ela podia ouvir. – Nenhuma nova ordem de perseguição ao Cajun foi lançada. Apenas pensei que você gostaria de saber.

– Hum-hum. – Ashwini disse um rápido adeus, se perguntando o que Sara diria se ela soubesse exatamente com quem Ashwini estava convivendo no momento.

Janvier virou-se naquele momento—como se tivesse sentido sua atenção. Tirando aquele pensamento da cabeça, ela caminhou de volta para junto do vampiro e anjo. – Você tem alguma ideia de onde Callan pode estar mantendo Monique?

Os olhos do anjo mergulharam em seus lábios, e ela teve que lutar com o impulso de correr. Porque enquanto Nazarach podia ser agonizantemente bonito, ela tinha a angustiante sensação que sua ideia de prazer significaria somente a mais excruciante dor dela.

– Não, – ele finalmente disse, seu olhar focando-se no dela. – Mas ele estará no *Fisherman's Daughter* amanhã à noite. – Âmbar iluminado com poder. – Esta noite, você será minha convidada.

Nem mesmo o calor de Atlanta poderia lutar contra o frio que invadiu suas veias, a lâmina fria do perigo.

Sem sono, Ashwini sentou na varanda fora da suíte de hóspede que Nazarach tinha fornecido. Ela teria preferido uma barraca no parque, uma cama em um abrigo, qualquer coisa à opulenta casa do anjo—toda manchada com um terror gritante que se recusava a deixá-la dormir. – Quantos homens e mulheres você pensa que Nazarach matou ao longo da vida? – Normalmente, ela sentia coisas apenas através do toque, mas, como seu dono, este lugar era tão velho, tão sangrento com memórias, que elas ecoavam infinitamente em sua mente.

– Milhares, – a suave resposta veio do vampiro inclinado contra a parede ao lado da antiga espreguiçadeira onde ela estava sentada. – Anjos que comandam não podem se dar ao luxo de serem misericordiosos.

Ela voltou seu rosto para a brisa da noite. – E ainda assim, algumas pessoas os veem como os mensageiros dos deuses.

– Eles são o que são. Assim como eu. – Voltando-se, ele caminhou para firmar suas mãos nos brilhantes braços de madeira de sua espreguiçadeira. – Eu preciso me alimentar, *cher*.

Algo torceu no seu peito, uma dor aguda, inesperada, mas ela a segurou, manteve o controle. – Eu estou supondo que você não terá muitos problemas em encontrar comida.

– Eu posso dar prazer com minha mordida. Há aqueles que procuram tais prazeres. – Deslizando um dedo, ele traçou a cicatriz logo acima da pulsação em seu pescoço. – Quem marcou você? – Uma questão calma formada de puro gelo.

– Minha primeira caça. Eu era jovem, inexperiente. O vamp aproximou-se o suficiente para quase rasgar minha garganta. – O que ela não disse foi que ela tinha deixado o alvo chegar tão perto, deixado a si mesma sentir o beijo da morte. Até aquele momento—quando seu sangue perfumou o ar com o rico perfume de ferro—ela tinha pensado que queria morrer, para silenciar as vozes para sempre. – Ele me ensinou o valor da vida.

– Eu pedirei a condescendência de Nazarach, – Janvier disse depois de um infinito momento, – para usar o estoque de sangue mantido aqui para seus vampiros.

Seus sentidos afiados perceberam algo que ela mal viu, palavras não ditas. – O que você não está me contando?

– O anjo quer que eu deixe você sozinha. – A respiração de Janvier roçou sobre ela em íntimas carícias. – Caso contrário esse sangue já teria sido providenciado. Ele quer que eu saia e cace.

Arrepios ameaçaram aparecer pela ideia de por que Nazarach a queria. – Então você o enraivecerá.

– Ele gosta muito de mim para matar-me por tão pequena transgressão. – Ainda assim, ele não se moveu. – Por que há tantas sombras em seus olhos, Ashwini?

Surpreendia-a toda vez que ele dizia seu nome—como se cada vez os unisse mais apertado em um nível que ela não pudesse ver. – Por que há tantos segredos nos seus?

– Eu vivo por mais de duzentos anos, – ele disse, sua voz tão sensual quanto a noite com perfume de magnólia. – Eu fiz muitas coisas, nem de todas eu me orgulho.

– De alguma forma, isso não me surpreende.

Ele não sorriu, nem mesmo respirou, imóvel, tão imóvel. – Fale comigo, minha Lâmina.

– Não. – Ainda não.

– Eu sou muito paciente.

– Nós veremos. – Mesmo enquanto ela falava, ela sabia que estava estabelecendo um desafio, um que Janvier não seria capaz de resistir.

Ele inclinou-se perto o bastante que seus lábios poderiam ter se tocado, sua respiração uma queimadura quente, sua quase imortalidade um farol vivo em seus olhos. – Sim. Veremos.

Entrando no chuveiro, Ashwini voltou a congelar. – Caramba! – Sua libido suficientemente diminuída pelo choque gelado, ela o mudou para super quente.

Enquanto sua pele chiou embaixo do delicioso calor, ela supôs que deveria estar pensando seriamente na loucura do que ela estava fazendo ao jogar com um vampiro, que era, apesar de todo seu charme, tão letal quanto um estilete através da garganta. Mas então, a maioria de seus amigos já achava que ela tinha um parafuso a menos. Por que desapontá-los?

Ela sorriu contra o spray de água.

Regras e regulamentos, as complexidades de viver uma vida “normal”—ela tinha tentado isso nos primeiros dezenove anos de sua existência, e quase tinha pagado não só com sua sanidade, mas com a sua própria vida.

Um flash de memória e ela estava naquele quarto branco de novo, as tiras apertando seus braços, cortando a sua carne. O cheiro de desinfetante, o barulho suave de sapatos com sola de borracha... e sempre, *sempre*, os gritos— Gritos que somente ela podia ouvir. Mais tarde, *eles* sentando lá, julgando-a, como se fossem deuses.

– *As drogas a mantêm lúcida.*

– *Você tem certeza que ela continuará tomando uma vez que nós a liberarmos?*

– *Ela está saindo sob os cuidados de seu irmão. E Dr. Taj é, como todos nós sabemos, um profissional médico muito bem-visto.*

– *Ashwini, pode nos ouvir? Nós precisamos que você responda algumas perguntas.*

Ela tinha respondido suas perguntas, dito o que ela sabia que eles queriam ouvir. Tinha sido o último dia que ela já tinha pretendido ser “normal”. Para que eles a deixassem sair, a deixassem ir, – Nunca mais, – ela sussurrou.

E o inferno disso era, as pessoas ainda gostavam dela.

Suas mãos se apertaram. Nem todos. Dr. Taj queria somente a irmã que ele tinha conhecido antes, a estrela em ascensão cujo brilho se equiparava ao seu próprio. Quem diabos se importava se essa estrela estava morrendo pedaço por pedaço lentamente enquanto ela tentava desesperadamente se agarrar a um céu que ela nunca tinha entendido bem?

Foi o calor que a arrancou do abismo, quando sua pele começou a protestar seu tratamento. Desligando a água com um suspiro de gratidão, ela se esfregou usando a fofa toalha cor de pêssego que combinava com a elegante decoração do quarto. Teria sido normal sair do banheiro com o roupão combinando pendurado atrás da porta, mas Ashwini era uma caçadora. E, na Sociedade, paranoia não era apenas aceita, mas incentivada.

Porque quando ela saiu—descalça, mas de outra forma vestida, sua arma escondida na curva inferior de suas costas—foi para encontrar o ser mais perigoso em Atlanta esperando por ela.

– Nazarach, – ela disse, parando na porta do banheiro. – Isso é uma surpresa.

O anjo saiu da varanda. – Venha.

Percebendo que seria suicídio recusar, ela o seguiu para fora, no ar de verão, a noite pesada com o aroma quente das flores que cercavam a propriedade. – Janvier?

– Eu conheço bem seus gostos.

As mãos de Ashwini apertaram o corrimão—uma cortesia para hóspedes, uma que ela não tinha esperado. – Por que eu estou aqui? – *Por que você está aqui?*

Nazarach apoiou os cotovelos na grade, suas asas relaxadas, mas não menos magníficas. – Eu pedi por você nesta caçada. Você sabe por quê?

– Eu tinha feito um trabalho anterior no rastreamento de vítimas de seqüestro. – Na maioria dos casos, aqueles vampiros tinham sido tomados por algum grupo de ódio que planejava torturar o “pecado” do vampirismo para fora deles. – Eu pretendia trabalhar em Monique hoje à noite.

– Deixe isso. Ela ficará viva e ilesa até Callan conseguir o que ele quer.

– Você soa muito certo.

O anjo sorriu e não era como nenhum sorriso que ela jamais tinha visto, pesado com a idade, com as sombras da morte que torciam ao redor de seus sentidos como afiados espinhos.

– Callan, – Nazarach disse, – não sobreviveu em minha corte sendo tolo. Ele sabe que enquanto Antoine agora faz política, o mais velho dos Beaumont encontrará uma forma de matá-lo se ele machucar Monique. Enquanto Antoine viver, Monique viverá, também.

– Você poderia parar este feudo, – ela disse, forçando-se a respirar, a permanecer viva. – Tudo que você tem que fazer é dar seu apoio a Antoine ou Callan.

– Todos precisam evoluir. – Uma fria declaração, uma que continha os ventos frios dos tempos. – Antoine está ficando muito acomodado—pode ser a hora do bastão passar para Callan.

– Eu acho que você gosta de Antoine.

– Eu sou um anjo—gostar de alguém é apenas parte da equação. – Seu rosto virou na direção dela, sua expressão letal em sua neutralidade. – Eu pedi por você porque você sangrou um anjo que tentou tomá-la anos atrás.

4

Seu coração era uma pedra na sua garganta. – Ele era jovem e estúpido—não foi difícil inabilitar ele por tempo suficiente para fugir.

– Você pregou as asas dele em uma parede com sete dardos de besta³.

Engolindo a rocha, ela decidiu mandar a situação para o inferno. – Ele era um parente?

– Mesmo que tivesse sido, eu não tolero falta de inteligência naqueles que me cercam. Egan foi punido por sua idiotice.

Ashwini realmente não queria saber o que Nazarach tinha feito ao anjo esbelto que tinha tentado torná-la sua companheira. Mas a selvageria nela não pôde deixar de perguntar, – Por que ele tentou ir atrás de uma caçadora... Ou por que ele falhou?

Outro sorriso frio. – Você deve perguntar a Egan—sua língua cresceu novamente. – Levantando-se de sua posição relaxada, ele estendeu a mão. – Voe comigo, Ashwini.

Mesmo a um pé de distância, parecia como se ele a tivesse amarrado em mil cordas, estrangulando, esmagando, matando. – Eu não posso tocar em você.

Seus olhos brilharam e ela viu sua morte neles. – Eu sou tão desagradável?

– Você tem muito em você, – ela sussurrou, lutando para respirar. – Muitas vidas, muitas lembranças, fantasmas demais.

Ele abaixou sua mão, sua expressão intrigada. – Você tem a visão?

Uma forma tão antiga de falar. Mas, então, Nazarach tinha visto a marcha sombria de sete séculos. – Mais ou menos isso. – Ela recuou, tentando encontrar o ar em um mundo que, de repente, parecia não ter nenhum.

Quando a mão de Janvier veio em torno de sua nuca, ela aceitou o toque, sem espanto, como se algo nela houvesse o reconhecido, procurado por ele. Um toque, e de repente sua garganta abriu, o ar do verão doce como o néctar para seus pulmões ressecados.

– Senhor, – disse Janvier, sua voz suave, endereçada com respeito. – Não destrua um tesouro por um prazer fugaz de momento.

³ Tipo de arma acionada por gatilho, da família do arco.

– Audrina não estava a seu gosto? – O anjo perguntou, seus olhos nunca se afastando de Ashwini. – Eu acho isso difícil de acreditar.

– Meus gostos mudaram. – A mão livre de Janvier veio descansar em seu braço. – Mesmo que Ash não esteja cooperando.

Nazarach ficou parado por um momento—e naquele instante, Ashwini sabia que ela iria lutar contra qualquer morte que ele atirasse contra eles. Porque ela havia metido Janvier nisso. Ela iria protegê-lo.

Mas então Nazarach riu, e o perigo passou. – Ela vai ser a sua morte, Janvier.

– É minha morte a escolher.

Espalhando suas asas, Nazarach sorriu aquele sorriso frio e imortal. – Talvez observar você dançar com a caçadora seja muito mais divertido do que tomá-la. – Um minuto depois, ele tinha saído da varanda para o céu, um magnífico e assustador ser com tanta crueldade em si, quanto sabedoria.

Ashwini tentou afastar-se de Janvier. O vampiro a segurou. – Então, você é uma *sorcière*⁴.

Janvier, pensou ela, também era velho. – Bruxas são queimadas na fogueira.

– Você vê os meus fantasmas, Ash? – Um questionamento baixo.

Ela estava feliz por ser capaz de sacudir a cabeça. – Eu vejo apenas o que você me mostra.

Lábios roçando o pescoço dela um instante antes dela se separar para virar e enfrentá-lo. – Audrina?

– Um petisco delicioso. – Seus olhos foram para seus seios e ela percebeu que seu cabelo úmido os tinha deixado muito bem definidos.

Tinha Nazarach considerado isso um convite?

Tremendo interiormente, ela se virou para torcer a massa úmida de seu pescoço e em um nó.

– Linda, – Janvier murmurou. – Eu poderia olhar para o pescoço durante horas. Tão longo, tão delgado. – A cadência lânguida de sua voz a acariciou, dentro dela.

Mesmo sabendo que era um quase-imortal que provavelmente iria esquecê-la entre uma batida de coração e outra, levou tudo o que ela tinha para lutar contra o impulso de ceder à sedução dele. – Talvez você devesse voltar para o seu petisco delicioso.

⁴ Bruxa

– Eu escolhi uma garrafa de sangue preservado ao invés disso. – Andando mais para perto, ele ficou ao lado dela, olhando para o céu em que Nazarach tinha desaparecido. – Parece que eu estou tentado por alimentos muito mais perigosos nos dias de hoje.

Ashwini considerou ir embora, então decidiu que não queria confusão com os fantasmas, não quando ela poderia roubar mais alguns momentos de silêncio abençoado. Então ela permaneceu do lado de fora, ombro a ombro com um vampiro que ainda poderia fazê-la quebrar todas as suas regras sobre dormir com o inimigo.

O *Fisherman's Daughter* era exatamente como anunciado—uma taberna que servia cerveja, bebidas fortes, e comida saudável. Sem aperitivos ornamentados e decoração elaborada para este lugar. Era tudo vigas de madeira e criadas de peitos fartos para servir.

– Meretrizes, – disse Janvier, quando ela expressou o pensamento. – Sempre há meretrizes em uma taverna.

Ela o viu fazer um levantamento vagaroso da carne farta, sedosa em vista. – Se eu gostasse de mulheres, eu partiria para a ruiva.

– Hmm, muito baixa. Eu gosto que minhas mulheres sejam esguias e magras. – Um sorriso que lhe disse que ele estava pensando pensamentos que, sem dúvida, faria até a mulher mais baixa corar. – Mas, para um ménage à trois, sim, ela serviria.

– Qualquer homem que tentar trazer uma terceira pessoa para a minha cama é melhor estar vestindo uma armadura. – Ela brincava com uma estrela de prata jogando-a em torno de seus dedos.

– Possessiva? – Janvier disse, seu tom caindo. – Assim como eu.

Levantando a cabeça para responder, ela congelou. – Callan acabou de entrar com uma mulher pequena, hispânica.

Janvier correu seu pé até a panturrilha dela. – Uma amante, para o sexo?

– Não. Ela se move de forma que parece que ela sabe como usar a arma escondida sob sua camisa. – Observando os dois brincarem com o barman, ela comeu um pequeno pedaço de batata frita. – Hora de ganhar seu sustento. Leve seu charme até o círculo deles.

– Nesse caso, você vai ter que fingir ser *minha* amante.

– Eu não posso fingir ser inofensiva.

Uma linha fina de sangue marcou o polegar de Janvier quando ele pegou a estrela de prata cintilante que ela havia deixado sobre a mesa. Ele nem sequer pestanejou. – Eu sempre fui conhecido por andar do lado errado da linha. – Levantando-se, ele deslizou a estrela em um bolso e começou a passear em direção ao bar, seu passo preguiçoso, de pernas compridas atraindo todos os olhares femininos do lugar... Incluindo a executora⁵ de Callan.

Mas a mulher entrou em alerta imediato no instante em que Janvier estendeu a mão para tocar Callan no ombro. – Cal, é você?

A executora não relaxou até seu chefe, grande e loiro virar-se para dar um abraço com tapinhas nas costas em Janvier. – Porra, Cajun, você ainda não morreu?

– Por que infernos todo mundo me pergunta isso? – Janvier disse sem calor antes de conceder um sorriso deslumbrante sobre a executora. – Você não vai me apresentar?

Rindo, o líder do beijo Fox virou-se para a vampira ao seu lado. – Perida, este é Janvier. Não confie em uma palavra que sai de sua boca.

Ashwini decidiu que era hora de fazer seu movimento.

– Um prazer, querida. – Levantando a mão delicada da mulher para sua boca, Janvier foi para beijá-la.

Ashwini colocou sua própria mão no ombro dele, apertou. – Eu não faria isso.

– *Cher*. – Janvier soltou uma surpresa Perida com um encolher lânguido de ombros. – Você é tão possessiva. – Palavras brincalhonas, uma brincadeira íntima.

Ashwini olhou para cima a tempo de pegar os olhos de Callan. Um olhar e ela sabia que ele tinha reparado em suas roupas, sua postura, as cicatrizes em seus dedos, logo acima de seu pulso. Portanto, não foi surpresa para ela quando ele disse, – Caçadora.

– Vampiro. – Ela se inclinou para Janvier, deixando-o colocar um braço em volta de sua cintura. O toque a queimou, a tornou faminta por mais. – Estamos prontos para ir?

Janvier desempenhou o seu papel com perfeição, mandando-lhe um sorriso encantador. – Callan é um velho amigo, *cherie*. – Um aperto rápido, um sorriso de bajulação. – Certamente podemos nos divertir um pouco? Uma bebida, Callan?

O líder do Fox concordou. – Você percebe que você está saindo com uma mulher que um dia poderia te caçar como um cão raivoso.

– Já tentei, – Ashwini disse, decidindo que Callan provavelmente teria essa informação dentro de uma hora, em qualquer caso. – Três vezes.

⁵ Pessoa cujo trabalho é executar tarefas sujas pelo seu superior.

Callan levantou uma sobrancelha enquanto Perida tentou esconder sua surpresa. – E haverá uma quarta?

– Depende de quanto ele me irritar. – Levantando a mão, ela ofereceu a Perida. – Ashwini.

A outra mulher sacudiu-a, segurando firme, seus olhos se estreitaram. – Nós não nos associamos com caçadores.

– E eu não durmo com vampiros.

Isso fez Callan sorrir, e foi tão aberto, tão honesto, que Ashwini quase podia acreditar que ele era o bom e velho menino de fazenda que parecia. – Vamos sentar, – disse ele, ordenando vinho do bar.

Ashwini ofereceu batatas fritas a Perida assim que eles se sentaram, sabendo que vampiros podiam saborear e digerir uma pequena quantidade de alimentos sólidos. – É bom.

A vampira pegou. – Mmm. Quase me faz desejar que eu fosse mortal.

– Quase, – Callan disse, seus olhos demorando nas cicatrizes de Ashwini.

Era, ela pensou, um lembrete muito deliberado de que ele poderia sobreviver a quase tudo o que ela fez com ele, enquanto ela iria morrer de uma morte muito finalizada. Mas esse aviso estava claramente apenas na periferia da mente de Callan—era em Janvier que ele estava interessado.

– Você ainda mantém amizade com Antoine? – perguntou ele depois de tomar um gole de vinho, a questão tão casual quanto poderia ser.

– *Oui*, eu sou amigo de todos. – Janvier pressionou um beijo na bochecha de Ashwini. – Mas desta, ela não gosta... Qual é o nome dela?

– Simone. – Ashwini comeu várias batatas fritas uma atrás da outra em vez de iluminar a conversa.

Perida pegou a isca. – Por quê?

– Você já a viu? – Ashwini bufou. – Ela pensa que o sol brilha direto de sua bunda.

A expressão suspeita de Perida se transformou em uma de aversão pura. – Ela é uma vadia, especialmente por ser tão pateticamente fraca. Ela age como se tivesse poder. Besteira.

Ashwini levantou uma sobrancelha. – Eu pensei que ela estava em seu terceiro século. Não pode ser tão peso leve.

– A idade é relativa. – Perida balançou a cabeça. – A única coisa mantendo aquele sorriso de satisfação no rosto dela é o fato de que tem Antoine em uma coleira.

– Antoine gosta de mulheres difíceis, – disse Janvier, um sinal divertido em sua voz.
– Lembra-se daquela que ele estava quando estávamos na Corte juntos, Cal?

– Aquela condessa com seis maridos mortos. – Callan balançou a cabeça. – Você acha que com a idade viria a sabedoria.

– Em vez disso, *mon ami*⁸ se meteu em apuros, pelo o que eu ouço.

Callan abaixou sua taça de vinho. – Ah?

– Está de joguinhos, Cal? – Janvier levantou uma sobrancelha sarcástica. – Você sabe das dificuldades de Antoine—a palavra é, você conseguiu um beijo.

– Você sabe muito para alguém que está só de passagem. – As palavras de olhos frios e guardados.

Janvier encolheu os ombros. – Mantém-me vivo. Estou passando longe de Antoine nesta visita—eu não quero a atenção de Nazarach.

O líder do beijo Fox pegou o copo de novo. – Onde você vai ficar?

Ashwini respondeu por ambos. – Nós não vamos ficar. Ele me prometeu que estaríamos fora daqui esta noite.

Janvier se aproximou, murmurando apenas alto o suficiente para que os outros ouvissem. – Vamos lá, docinho, uma noite? Eu vou recompensá-la.

Ashwini fez uma careta, deixando-o murmurar mais promessas antes de concordar com óbvia relutância. – Uma noite.

– Então, – disse Janvier, voltando-se para Callan, – você tem algum lugar para nós, velho amigo?

– Nós nunca fomos amigos, – respondeu Callan. – Mas... Poderíamos ser.

Ashwini se viu relegada para o quarto de hóspedes na fortaleza de Callan de uma mansão nos arredores de Atlanta, enquanto o líder do Fox levou Janvier por outro caminho para um “charuto”. Sabendo que ela estava sob vigilância, Ashwini se trancou no banheiro, verificou que não havia escutas, em seguida, tentou descobrir se ela poderia

⁸ *Meu amigo* em francês

passar através da entrada de ar antiga. Seria apertado, ela pensou, mas ela poderia fazer isso.

– Não há tempo como o presente. – Trocando de roupa para uma regata e bermudão, ela ligou o chuveiro, e usou a cobertura que o ruído dava para desparafusar a placa e colocar-se no buraco. Mal havia espaço suficiente para que ela conseguisse se mover. Ainda bem que ela não tinha quadris de sobra.

Mantendo um mapa mental na cabeça dela, ela começou a rastejar através da poeira e de pilhas de coisas pequenas, redondas, duras que ela preferia não pensar. Graças a Deus ela tinha tomado todas as suas vacinas. O primeiro quarto que ela chegou estava vazio, o segundo cheio de murmúrios de homens e mulheres pegando algo para comer. O terceiro ela quase ignorou, porque estava muito quieto, mas algo a fez parar, dar uma segunda olhada.

A mulher em frente à penteadeira era totalmente e absolutamente encantadora. O cabelo que era incrivelmente próximo de ouro verdadeiro, olhos de um azul elétrico, lábios carnudos e pele tão suave e sem falhas, era quase translúcida contra o cetim branco do roupão ao comprimento da coxa. E ela só tinha sido uma vampira por um ano.

Como Monique Beaumont se pareceria depois de um século de vampirismo?

Os lábios de Ashwini franzidos em um assobio silencioso. Dado que levava décadas para a maioria dos vampiros atingir o nível de Monique de perfeição física, a mulher poderia colocar até os anjos em estado de vergonha. Mas agora, enquanto ela escovava o cabelo, era um sorriso muito humano, que flertou com aqueles lábios exuberantes vermelhos. Nada sobre ela gritava “prisioneira”.

Aquilo se encaixava com o que Nazarach tinha dito sobre Callan tratá-la bem até que Antoine estivesse fora da equação. Como se o pensamento o tivesse evocado, a porta se abriu para revelar o vampiro em questão, a sua masculinidade contundente em desacordo com a decoração azul-céu e creme do que era claramente o boudoir⁷ de uma mulher.

– Callie, – Monique disse, seu tom de voz rouca de reprovação. – Está ficando tedioso estar confinada a esta sala.

Fechando a porta atrás de si, Callan se apoiou contra ela, de braços cruzados, como Monique movia-se em seu banquinho ao redor—para exibir o comprimento elegante de uma coxa esbelta. O gesto foi sexual, mas foi o olhar nos olhos da mulher que interessou Ashwini. Predatório... Mas também, excitado?

Sentindo-se como um voyeur, ela continuou a observar como Monique passou a mão para baixo de sua coxa. – O meu pai concordou com o seu resgate?

⁷ Quarto privatizado de uma senhora.

Os olhos de Callan presos nos dedos de Monique enquanto ela tocou-se com cursos lentos, hipnóticos. – Eu não pedi um resgate.

Monique fez beicinho, toda sexo e uma luxúria doce, escura. – Você está planejando me matar, Callie?

5

– **Você não é tão boa, Monique, então pare com o ato de sedução.** – Palavras duras, mas sua voz tinha caído, seu rosto lutava com a tensão.

Levantando-se do banco, a bela vampira cruzou o tapete creme. – Mentiroso. Eu sou muito boa. Eu tive Jean como mentora. – Colocando sua mão sobre o peito largo de Callan, ela levantou-se na ponta dos pés. – E você é muito gostoso.

Callan segurou suas costas, a mão cerrada em seu cabelo dourado, o qual gritava a imortalidade de Monique. – Tente me manipular através do meu pênis, Monique, e você verá sua mão arrancada.

Os lábios de Monique pareceram crescer ainda mais cheios com a ameaça, seus mamilos protuberantes contra o cetim. – Me tome. – Ela esfregou-se sensualmente contra ele. – Será a melhor escolha que você já fez.

– Eu sou completamente capaz de fazer sexo com você, – Callan sussurrou contra sua garganta, – então queimá-la até a morte verdadeira.

– Eu seria mais útil a você viva. – Tremendo visivelmente, Monique correu sua mão para cima para acariciar o rosto de Callan. – Eu odeio Simone. Ela conseguiu tirar a atenção do meu Avô de mim.

– Você está dizendo que você trairá Antoine para atingir Simone?

– Eu estou dizendo que nós poderíamos fechar um acordo mútuo. – Suas unhas eram perfeitos ovals contra a pele de Callan. – Você se livraria de Simone para mim, tornasse meu consorte e o homem direito de meu avô. O velho transitando para o novo.

A mandíbula de Callan endureceu. – Desculpa, querida, eu não sou subordinado a ninguém—muito menos a uma pirralha venenosa que venderia sua própria família.

Ashwini viu o lampejo de surpresa nos olhos de Monique um instante depois de Callan beijá-la. Ouvindo a outra mulher gemer no fundo de sua garganta, Ashwini decidiu que ela tinha visto mais do que o suficiente para formar uma conclusão, embora o que aquela conclusão pudesse ser, ela não tinha ideia. Duas voltas erradas mais tarde, ela encontrou a si mesma de volta em seu banheiro. Saltando fora do buraco, ela substituiu a tampa, então entrou no chuveiro e esfregou-se até sua pele picar.

Quando ela saiu do banheiro, vestiu um jeans e uma camiseta, ela não estava surpresa em ver Perida esperando por ela. – Nós ficamos preocupados quando você não atendeu a porta, – a vampira disse. Ashwini segurou uma mão, palmas para cima. –

Protetores de ouvidos. Odeio ter água nos meus ouvidos. – Esfregando sue cabelo com a toalha, ela olhou para a questionadora mulher. – Onde está Janvier?

– Caminhando nos jardins.

Ashwini atirou a toalha sobre a cadeira. – Eu acho que eu poderia juntar-me a ele. – Ela sentiu o olhar de Perida em toda ela pelo caminho de rosas onde ela tinha avistado Janvier. – Você não acredita no que eu vi, – ela disse, se perguntando se Monique e Callan ainda estariam travados naquele abraço poderoso, cheios tanto de luxúria, quanto ambição e ódio.

– Teste-me.

Ela fez, tendo a satisfação de ver seus olhos se arregalarem. – Você acha que Callan ainda pretende continuar com seu plano de aniquilar Antoine, e em seguida se livrar de Monique? – ela perguntou.

– Se ele quer tomar o poder em Atlanta, – Janvier disse com um pragmatismo frio de um quase imortal, – ele terá que eliminar Jean, Frédéric e os outros, também.

Ashwini pensou na crueldade que ela tinha visto na expressão de Callan quando ele falou com o vampiro de Beaumont. – Ele é capaz disso. Mas, não importa o que ele diz, ele também é suscetível a Monique.

– Há uma chance que Monique não queira ser resgatada, – Janvier salientou, – não se ela pensa que pode ter Callan influenciado por sua maneira de pensar.

– Não importa. Nazarach a quer. – E nem mesmo o jovem vampiro mais ambicioso ousaria negar seu sire. Anjos tinham a tortura como uma arte refinada—e aqueles gritos presos nas paredes de sua casa contavam a ela que Nazarach era melhor nisso do que a maioria. – Você pensaria, – ela murmurou, – que Monique teria um juízo melhor do que pedir para ser Transformada mesmo depois de ver a vida que Antoine e Jean levavam.

– Há vantagens em ser um vampiro. – Janvier parou para pegar uma rosa e levantou-a até o nariz de Ashwini.

A essência era decadente, luxuosa. – Talvez, – ela disse, respirando novamente o perfume, – porém, uma vez que Nazarach tenha Monique de volta, ele a usará como se tivesse usando uma peça de xadrez. E ela terá que permitir. Por cem anos, ela não terá nenhuma liberdade, nem vontade própria. Ela será menos do que um animal de estimação.

Soltando a rosa, Janvier enfiou as mãos nos bolsos. – Você nunca se perguntou como eu fui Feito. – Sua voz estava sem sua música usual, algo frágil e duro em cada sílaba.

– Você se apaixonou por uma vampira.

Ele congelou. – Andou me pesquisando? – Sua raiva estava escondida, mas tão aparente quanto a lua em forma de foice no suave céu de verão.

– Não. – Ela encolheu os ombros. – Homens como você, com sua personalidade, não aceitam submissão facilmente. Mas se você decide dar a si mesmo a alguém, você faria qualquer coisa por essa pessoa—mesmo que a escolha quase lhe matasse.

– Eu sou tão óbvio?

– Não. – Ela encontrou seu olhar, arrancando uma única frágil camada de seu próprio escudo. – Você é como eu.

– Ah. – Aqueles belos cabelos seus brilhavam sob a luz da lua quando ele começou a caminhar de novo. – Alguma vez você já confiou tão profundamente, *cherie*?

Sim, e ela tinha as cicatrizes ainda. As marcas em suas costas, ela quase poderia esquecer... Mas e as de sua alma? Aquelas, ela não tinha certeza que seria capaz de esquecer. – Nós não estamos falando sobre mim. O que aconteceu com sua amante?

– Shamiya se cansou de mim poucos anos depois. Eu fui deixado à mais terna mercê de Neha.

– A Rainha dos Venenos?

Um lento aceno. – Estar em sua corte foi... Parte pesadelo, parte êxtase. Eu nunca tinha experimentado tanta dor como tive nas mãos de Neha, mas ela também me mostrou um prazer que eu não sabia que podia existir.

Ashwini pensou na arcanjo, com sua pele de marrom escuro, seus olhos de abrunho⁸, sua exótica sensualidade. – É por essa razão que você é atraído por mim? – Ela não era bonita, mas sua pele era do mesmo tom oriental, seus olhos como a escuridão. – Por que ela marcou você de alguma forma?

Janvier riu e isso foi um som verdadeiramente encantado, um que ela tinha ouvido dele somente uma ou duas vezes—geralmente quando ele a superava em uma caçada. – Neha, – ele disse, – é tão fria quanto as cobras que ela mantém como animais de estimação. Você, minha feroz caçadora, é fogo selvagem. Duas mulheres mais diferentes não poderiam existir.

A fria sensação em seu estômago dissipou-se debaixo do calor de seu riso. – Então, o que você conseguiu antes que Callan fosse brincar de beijar com a Senhorita Beaumont?

– Ele me pediu para ficar, juntar-me ao beijo Fox. – Seu corpo roçou ao dela enquanto caminhavam.

⁸ Uma espécie de fruto com uma aparência semelhante a ameixa.

Ela queria chegar mais perto, tocar, ser tocada. Sentir-se humana. – Eu pensei que ele soubesse que isso não faz seu estilo.

– Eu lutarei por aquilo que é importante, – ele disse, sua voz perdendo seu habitual divertimento. – Mas isso – política insignificante – *non*.

– É isso o que você disse a Callan?

– É claro. Qualquer outra coisa teria o feito suspeitar. – Ele acenou com a cabeça e, vendo o lago de lírios à distância, ela concordou. – Mas agora ele aceitou que eu não escolherei lados.

– Pena que ele esqueceu o maior jogador.

– Somente um tolo esquece um anjo. – Indo ficar de cócoras na lagoa, ele colocou uma mão atrás na batata da perna dela quando ela ficou ao lado dele.

Doendo pelo contato que exigiu nada dela exceto a mais humana das sensações, ela não se afastou, não lembrou a ele de suas regras contra namorar vampiros. Ela simplesmente ficou ali e deixou o calor dele mergulhar em seus ossos. Ele era um enigma, Janvier. Ela tinha o visto frio, um predador, e ela o tinha visto banhado em luz do sol. Alguns poderiam ter perguntado qual era o homem real – ela sabia que ele era ambos.

– Você a ama ainda? – ela encontrou a si mesma perguntando.

– Quem?

– A vampira. Shamiya.

Sua mão apertou sua panturrilha em gentil reprovação. – Uma pergunta boba, *cher*. Você sabe que o amor não pode sobreviver onde não há luz.

Sim, ela pensou, ele estava certo. – Como ela era?

– Por que tanta curiosidade?

– Apenas pergunto-me que tipo de mulher teria capturado um homem como você.

– Mas eu não era esse homem quando ela me conheceu. – Ele inclinou seu corpo contra ela. – Eu era um jovem inexperiente. Eu aprendi desde então.

Aceitando a resposta, ela voltou seus olhos para a lagoa, onde a lua crescente fazia os lírios brilharem com as sombras da meia noite. Pela primeira vez em anos, sua mente estava completamente tranquila, completamente dela mesma. A paz disso era extraordinária.

Quando ela correu seus dedos através do cabelo de Janvier, ele suspirou mantendo o silêncio.

Três horas depois, a paz era uma memória quando eles se encontravam no nicho do corredor que levava ao quarto no qual Monique estava sendo mantida. – Você tem certeza que Callan ainda está em seu escritório?

Janvier assentiu. – Eu o vi retornar para lá há pouco tempo.

– Bom, mas mesmo se nós conseguíssemos tirar furtivamente Monique de seu quarto, – ela murmurou, olhando em torno do canto, – como nós conseguiremos passar pelo guarda?

Janvier brincava com um kit de arrombamento que ele tinha tirado do nada. – Isso seria mais fácil se nós pudéssemos usar o nome de Nazarach.

– Jogos. – Ver quem ia sair por cima. – Ele está colocando os dois vampiros um contra o outro, nós contra Callan. Nós não importamos, exceto pelas fraquezas que expomos da operação de Callan.

– Nazarach se tornou velho rapidamente.

– Ele parece no auge de sua vida.

– Não. Aqui. – Janvier colocou um punho sob seu coração. – Eu encontrei Favashi, a arcanjo que governa a Pérsia. Ela tem mais de mil anos de idade—mas Favashi ainda tem seu coração, ainda tem uma humanidade que é totalmente ausente em Nazarach.

Ashwini deu um lento aceno. – Há vampiros como ele, também.

– Se eu me tornar como ele, Ashblade, tenha misericórdia e me elimine.

– Shh. – Espiando a pequena forma de Perida vindo para liberar o guarda de plantão, ela acenou para Janvier recuar um passo atrás dela. – Nós usamos Perida como refém, a usamos para levar Monique.

– Callan atirará em Perida para manter Monique, – Janvier disse-lhe. – Perida deixaria—ela sabe que não morrerá a menos que Cal acabe por ter um tiro muito ruim.

– E as pessoas me chamam de louca. – Agachada na alcova ela deu um suspiro. – Acionar os alarmes de incêndio, e causar pânico?

–Vampiros são imunes a fumaça, – Janvier murmurou, olhos do verde do pântano da noite, – mas não ao fogo. Incendeie alguma coisa se você realmente quer pânico.

– Eu não quero matar inocentes.

– Nenhum vampiro com mais de cinquenta anos é inocente, *cherie*. – Mas sua voz era gentil. – Nós podemos usar as cortinas da sala—isso os afastará o bastante, sem comprometer qualquer um dos quartos.

Ashwini verificou os bolsos e achou um isqueiro no que Sara chamava de seu kit de Bandeirante. – Vá distrair Perida.

Um lampejo de dentes, puro pecado em sorriso. – Lembre-se, você me pediu para fazer isso.

Estreitando seus olhos, ela esperou enquanto ele dava a volta para entrar no corredor pelo outro lado. Perida imediatamente foi interceptá-lo, e enquanto Janvier flertava com ela usando aquele preguiçoso charme de Cajun, Ashwini se arrastou para fora, em direção às cortinas, torcendo pra caramba para que não houvesse câmeras de segurança no corredor. Ela não tinha visto nenhuma, mas ela teria se sentido melhor se tivesse sido capaz de fazer uma varredura completa.

Infelizmente, não havia tempo—de acordo com a fofoca que Ashwini e Janvier tinham ouvido, Callan pretendia mover-se contra Antoine amanhã de manhã. No instante que isso ocorresse, Atlanta se tornaria um banho de sangue quando os vampiros Beaumont fossem contra os *do beijo Fox*. Conhecendo Nazarach, o anjo deixaria a cidade queimar sem se importar que seriam os inocentes que ficariam presos no inferno que se seguiria.

Prendendo a respiração até a borda da cortina piscar amarela, ela voltou para seu esconderijo no momento em que Perida riu e empurrou Janvier no peito. Janvier colocou uma mão dramaticamente em seu coração, mas recuou, gritando um amistoso *bonne nuit* enquanto desaparecia ao virar a esquina.

Perida ainda sorria quando chegou em frente ao quarto de Monique. Não demorou muito. – Fogo! – Gritando o aviso, ela destrancou a porta de Monique e correu para pegar a refém.

A exuberante vampira Beaumont tinha obviamente estado dormindo, seu corpo vestido em uma fina camisola branca transparente que mal tocava as coxas. No entanto, ela avaliou a situação rapidamente. – Vá ajudar a apagar o fogo, – ela ordenou a Perida. – Eu sairei sozinha. – Ao invés de obedecer, Perida pegou o braço de Monique e começou a puxá-la corredor abaixo. – Eu acho que não, Senhorita Beaumont. Você fica comigo.

– Onde exatamente você acha que eu irei com uma camisola e os pés descalços? – veio a resposta letalmente culta.

– Você é tão imortal quanto eu, – Perida disse, cada centímetro de uma fria executora no olhar. – Um pouco de frio e uns poucos cortes não serão nada além de um inconveniente a você por um par de minutos.

– Então talvez eu deseje ficar por outra razão. – Seu tom era todo insinuações. – Ele é muito delicioso.

As costas de Perida se tornaram aço reto... Deixando-a vulnerável por uma simples fração de segundo. Isso foi tudo o que Ashwini precisou. Deslizando por trás da executora, ela bateu forte o bastante na parte de trás da cabeça de Perida para matar um humano. Foi o bastante para derrubá-la. A outra vampira, a bela, olhou para ela. – Quem é você?

– Eu fui enviada para resgatar você.

– Eu não estou pensando em sair.

6

Ashwini deu a outra mulher um sorriso que tinha aprendido a dar quando estava naquele inferno branco-no-branco no qual seu irmão a jogou, enquanto dizia a ela o tempo todo que aquilo iria machucá-lo mais do que a ela mesma. – Você assinou seu Contrato em sangue. Agora, você está em falta.

O rosto de Monique ficou branco como um lençol. – Certamente ele não vai me punir por isso. – Uma voz de fio fino. – Eu estava sob coação.

– Não é isso o que parece. Agora se cale e siga-me.

O fato de que Monique repentinamente ficou mansa disse a Ashwini tudo o que ela precisava saber sobre Nazarach. – Por aqui. – Agarrando o braço da vampira, ela empurrou Monique em uma alcova um instante antes dos vários homens de Callan virem até o corredor. Levantando seu braço, ela apontou para a fumaça. – O fogo é por aqui!

Um deles quase parou, estreitando os olhos, mas depois um grito surgiu quando alguém encontrou a forma de Perida em colapso e então, ele saiu correndo. Ashwini puxou Monique para fora da alcova, atirando-se pelo corredor a uma velocidade vertiginosa.

– Ash!

Torcendo-se para a porta que Janvier tinha empurrado aberta, ela quase jogou o alvo dentro antes de tirar a fechadura. Um roçar de vento contra o rosto dela a fez perceber as portas escancaradas da varanda—ela poderia ter beijado Janvier naquele momento. Então ele alcançou suas costas para tirar a balestra que ela se resignou a abandonar, junto com o resto do material em sua mochila. Balançando a arma preciosa sobre a cabeça dela, ela apertou os seus lábios nos lábios surpreendidos dele em uma carícia, dura, com mordidas. – Não devo supor que você conseguiu arranjar um carro, também?

O Cajun piscou, balançou a cabeça, sorriu. – Nós podemos fazer isso quando estivermos fora daqui.

Eles estavam se movendo, mesmo quando falavam, indo para a varanda. – Você consegue pular? – Ela perguntou a Janvier.

A resposta dele foi a de se levantar para agachar-se no corrimão. – Monique. – Ele estendeu a mão. Ashwini queria cortar a mão cor de lírio branco que deslizou na mão dele—a pele de Monique era tão perfeitamente delicada como os ossos finos de seu rosto. Em vez disso, ela manteve o olhar na entrada enquanto os dois vampiros saltaram a

distância considerável até o chão e fizeram um pouso seguro, como um gato, caindo em seus pés.

Janvier olhou para cima assim que alguém começou a chutar a porta do quarto. Correndo de volta, ela trancou as portas da varanda para atrasá-los um pouco mais, em seguida, balançou sobre os trilhos. Janvier estava segurando seus braços levantados em uma promessa para pegá-la, mas Ashwini não confiava em ninguém tanto assim. Tirando o cabo fino trabalhado na pulseira que ela usava no pulso esquerdo, ela amarrou uma ponta em torno dos suportes da varanda, em seguida, enrolou o resto em torno de suas mãos e desceu em rapel em uma velocidade que cortou marcas de queimadura em suas palmas. Ela deixou o cabo onde estava, sabendo que os vampiros do Fox não teriam nenhum uso para ele, e virou-se para encontrar Janvier esperando por ela, sobrancelha levantada.

– Carro, – disse ela incisivamente.

Ele acenou para a esquerda. – O caminho é por aqui.

– Vai estar cheio do pessoal do Callan. – Carrancuda, ela virou à direita. – Não há uma garagem lá atrás?

Os olhos de Janvier brilharam. – Eu acho que eu vi um Hummer estacionar uma hora atrás.

Eles olharam um para o outro. Sorriram.

– O quê? – Monique fez um show pisando passo a passo, como se estivesse frio, quando a temperatura estava bem acima do ameno.

– Fique aqui, – disse a Ashwini e correu em direção à garagem, sabendo que a vampira faria como foi mandado—o medo nos olhos dela pela mera alusão à ira de Nazarach tinha sido realmente devastador.

A garagem estava fechada, mas não havia guardas, provavelmente graças ao fogo. – Lá em cima. – Ashwini apontou para a janela, logo abaixo do telhado.

Janvier não esperou. Andando para trás vários metros, ele foi para a parede em uma corrida forte, saltando para o parapeito da janela em um único salto poderoso. Ouvindo o suspiro de Monique, Ashwini virou. – Você nunca viu alguém fazer isso antes? – Ela assumiu que todos os vampiros mais velhos podiam mover-se com aquela graça selvagem.

A loira balançou a cabeça, os lábios entreabertos, os olhos bem abertos. – Eu tenho certeza que até mesmo o vovô não pode mover-se assim e ele está começando o seu sexto século.

Vidro choveu quando Janvier abriu seu caminho e caiu dentro da garagem... Em cima da hora. Porque Ashwini podia sentir o trovão de perseguição sob as solas dos seus pés. Tirando a arma dela, ela se virou para Monique. – Você tem alguma habilidade ofensiva? Sabe como disparar uma arma?

– Meu rosto e meu corpo são minhas armas, Caçadora da Sociedade. – Uma pitada de uma classe elevada de sarcasmo entrou em seu tom. – Sexo é a maior atividade física que eu faço.

– Que valentona você. – Ela bateu o punho na porta da garagem. – Depressa, Janvier!

– Desde quando um vampiro é parte da Sociedade de Caçadores? – Monique perguntou, deslizando por trás de Ashwini quando o primeiro perseguidor apareceu no canto, levantando a mão para mostrar uma arma impressionante.

Ignorando seu braço, Ashwini atirou na perna dele. Ele se amassou como se fosse papel, mas já havia um segundo homem e depois um terceiro. – Janvier!

A porta deslizou para trás apenas o suficiente para Monique e Ashwini escorregar para dentro. Janvier estava abrindo as portas do Hummer no momento em que ela se virou... Para ver o veículo amarelo brilhante ronronando em tranquila prontidão. – Maldição. – Mudando-se em seu calcanhar, ela atirou nas pernas de mais dois perseguidores.

– *Allons!*⁹

Dando um último tiro, ela subiu na frente, enquanto Monique enrolou-se para baixo na parte de trás.

Janvier lançou-lhe um sorriso. – Aperte o cinto.

– Fechado. – Apoiando seus pés, ela acenou com a cabeça. – Vai!

Eles bateram para fora da garagem com um barulho de metal curvado e fio rasgado como as portas se torciam em seu caminho. Gritos soavam enquanto homens e mulheres saíam do caminho, mas o Hummer não estava parando para ninguém. E quando balas ricochetearam os lados, Ashwini sorriu. – Acho que Callan é paranóico, também.

– Sorte nossa. – Janvier aumentou a marcha enquanto eles aceleravam sobre os gramados cortados a mão de Callan e bateram o seu caminho através de um portão ou três.

⁹ Significa *Vamos* em francês

Ashwini usou a oportunidade para recarregar sua arma e virar a cabeça para verificar se Monique ainda estava viva. A vampira loira olhou para ela com olhos tão redondos, as partes brancas mostravam-se por todos os lados. – Vocês dois são loucos.

Sorrindo, Ashwini virou-se novamente para frente... Bem a tempo de ver um outro Hummer vindo para eles em um caminho de interceptação pela direita. – Janvier, você vê isso? – Ela abaixou a janela. – Callan está dirigindo.

– Distraia-o, *cher*.

– Já estou trabalhando nisso. – Esfriando sua mente até que não houvesse nada e ninguém nela, ela mirou no alvo em movimento. Sua primeira bala atingiu a borda do pneu, mas a segunda foi no alvo. – Ele tem algum revestimento protetor sobre os pneus, – ela murmurou quando a bala não conseguiu fazer qualquer dano. Deixando cair a arma, ela pegou a balestra e posicionou uma flecha no lugar.

O Hummer saltou duramente quando eles passaram por uma cerca viva pequena e voltaram para a estrada, mas ela manteve sua atenção no outro veículo, ignorando os tiros que vinham em sua direção. O rosto de Callan entrou em foco assustadoramente perto quando o outro vampiro virou a Hummer preta de forma dura para a esquerda, na tentativa de cortá-los.

– Desculpe, Callie, – Ashwini sussurrou quase para si mesma, – não hoje. – A flecha bateu na roda de trás do Hummer, desviando o veículo para o lado. Isso só atrasou Callan uma fração, mas uma fração era tudo o que ela precisava.

– Abaixem-se! – Janvier gritou enquanto dirigia supermotivado açoitando através e ao longo dos carros bloqueando os portões de metal. Vidro de segurança despejou sobre a cabeça e o Hummer gemeu sinistramente, mas então, de repente, eles estavam na estrada, indo longe de Callan e sua equipe muito mais rápido do que qualquer um poderia pegar.

Levantando a cabeça, ela tirou o pó do vidro... E viu ombro de Janvier preso ao assento com um pino de metal que tinha que ter vindo do portão. Ele ainda estava dirigindo, os dentes cerrados, o rosto esmagado e rasgado. Ignorando a enorme quantidade de reclamações de Monique do banco de trás, Ashwini tirou seu cinto de segurança, virou-se para alcançar suas costas devido a colisão, e pegou uma ponta de ferro. – Pronto, *cher*?

Ele atirou-lhe um sorriso manchado de vermelho-sangue. – Vai.

Sabendo que o vampirismo não protegia contra a dor, ela deu um aperto firme, esperou até que eles estavam em um trecho de estrada lisa, e puxou. Janvier amaldiçoou em um fluxo muito rápido de francês Cajun, mas conseguiu manter o carro em seu caminho. Olhando para a espessura da coisa que ela tinha puxado para fora, ela sentiu o estômago revirar. – A desgraçada é maior do que uma flecha.

– É bom saber que não vai doer tanto quando você atirar em mim.

Ela deixou o metal cair no tapete do carro e voltou para seu assento. – É melhor eu ligar para Nazarach. – Neste exato segundo, ela não podia pensar em atirar em Janvier, não quando ela sentiu a mão dele em sua cabeça, enquanto eles passaram por aquele portão.

Monique choramingou. – Não me leve de volta para ele. Por favor.

– Você conhece as regras. – O tom de Janvier era mais duro do que Ashwini já tinha o ouvido falar. – Você conhecia as regras melhor do que a maioria dos candidatos antes de você decidir ser Transformada. Não tente mudá-las agora.

– Eu não sabia que haveria todo esse terror. – A vampira fêmea encontrou os olhos de Ashwini no espelho. – Você já o viu? O conheceu?

No aceno de Ashwini, Monique continuou. – Agora imagine estar sozinha em um quarto com ele, imagine ele andando em torno de você, enquanto você está lá tentando *não* pensar sobre todas as coisas que ele podia fazer para você... Sabendo que você vai permanecer consciente em todas elas.

– Eu não tenho que imaginar, – disse Ashwini, sua garganta rouca com a memória. – Eu estive em equipes de resgate da Sociedade. Eu vi vampiros sobreviver a coisas que ninguém deveria sobreviver.

– Tudo cura, – Monique sussurrou. – Uma vez eu vi Jean perder as duas pernas como castigo. Se curou. Pensei, então, que não seria tão ruim. Mas a mente... Não cura. – Seu olhar foi para Janvier, mas o outro vampiro estava concentrado na estrada, com o rosto rasgado reparando-se diante dos olhos de Ashwini.

Ele iria precisar de sangue em breve, ela percebeu. Muito sangue. Ele já estava parecendo mais magro, seus ossos gritantes contra sua pele. – Você vai conseguir chegar a Nazarach? – ela perguntou.

– Você vai me oferecer o seu doce sangue se eu disser *non*?

– Isso responde a pergunta.

Um pequeno sorriso, linhas brancas no canto da boca. – Um favor, *cher*. Limpe o sangue do meu rosto.

Arrancando a extremidade inferior de sua camiseta, ela limpou a bagunça que estava nos olhos dele antes de limpar o resto do rosto. – Você já teve que fazer crescer novamente um membro?

Sombras frescas no verde musgo. – Pergunte-me quando estivermos sozinhos. – Os olhos dele foram para o espelho retrovisor por um segundo. – Eu pensei que você ia ser um dos favoritos de Nazarach, Monique. Ele gosta de beleza.

Monique estremeceu, envolvendo os braços mais firmemente em torno de si, apesar de a temperatura ambiente estar quente. – Ele gosta mais de dor. Espero em Deus que ele nunca me leve para sua cama.

– Ele já não levou? – Janvier não fez nenhuma tentativa de esconder sua surpresa.

Uma risada filiforme da vampira no banco de trás. – Ele diz que eu preciso de tempo para amadurecer, para aprender a tirar o “prazer” do que ele oferece.

– Merda, – Ashwini murmurou. – Agora ela está me fazendo sentir pena dela.

– Não, – disse Janvier. – Ela fez sua escolha. Agora ela está tentando manipulá-la.

– É claro que ela está. – Ashwini sorriu para o olhar que ele atirou para ela. – Monique, aqui, está esperando que eu vá lutar por ela contra Nazarach, o que irá, provavelmente, me matar e tirar os holofotes de cima dela.

Um silêncio frio da parte de trás. Em seguida, – Você é mais esperta do que você parece, Caçadora da Sociedade.

– Nossa, obrigada. – Formidavelmente, ela girou os ombros para reassentar seus ossos. – Eles nos ensinam bem na Academia da Sociedade. Você sabe qual é uma das primeiras regras de caça?

– Esclareça-me. – Gelo pingava as palavras.

– Nunca, *nunca*, sinta pena por um vampiro. Eles vão pegar essa piedade e usá-la para rasgar sua garganta, sorrindo o tempo todo.

– Eu era tão humana quanto você há um ano, – disse Monique.

– A palavra-chave é ‘era’. – Ela pegou o celular dela. – Agora você foi Transformada, e agora você é o que Nazarach Fez de você.

O anjo estava satisfeito por saber que seu *animal de estimação* tinha sido recuperado. – Traga-a aqui, Caçadora da Sociedade. Nós temos assuntos para discutir... e eu tenho certeza que ela está mais do que ansiosa para se reunir com sua família.

Ashwini reconheceu Antoine Beaumont e Simone Deschanel das suas fotos. No entanto, em nenhuma das imagens que tinha visto tinha seus rostos resplandecentes com um revestimento liso de puro terror animal. Antoine escondeu bem, mas todo o seu ser se concentrou sobre o anjo que estava tão relaxado nas janelas em frente ao sofá azul-real, onde os outros dois estavam sentados. Simone, perfumada e sexy em um vestido vermelho brilhante, não era tão boa em esconder suas emoções. Suas mãos torcidas mais e

mais em seu colo, enquanto seus olhos seguiram os movimentos mais minúsculos de Nazarach.

Quando Ashwini e Janvier entraram com Monique – tendo feito um pit stop muito rápido para comprar-lhe um par de jeans e uma camiseta – os olhos de Antoine se empurraram em direção a sua, muitas vezes removida, neta, mas Simone continuou a manter o seu olhar sobre o predador mais perigoso do quarto.

– Monique, – Nazarach disse em uma voz suave, que envolveu em torno da garganta de Ashwini como um laço. – Vem cá, minha querida.

A vampira de cabelos dourados caminhou em direção a seu mestre travando os pés. – Senhor, eu não escolhi quebrar meu Contrato. Por favor, acredite em mim.

– Hmm. – Seus olhos levantaram. – O que você diz, caçadora?

Ashwini forçou-se a falar através do aperto na garganta. – Eu já fiz a minha tarefa. Meu trabalho termina com seu retorno.

– Tão política. – Colocando a mão na cabeça de Monique enquanto ela ficou de joelhos na frente dele, Nazarach sorriu. – Pouco importa. Eu terei as minhas respostas. E você vai ficar para o banquete, claro.

– Preciso voltar aos meus deveres para com a Sociedade.

Olhos de âmbar seguraram-na congelada. – Isso não foi um convite, Caçadora da Sociedade.

7

– **Ele não tem o direito de manter-me aqui,** – Ashwini murmurou quando ela sentou escovando e secando seu cabelo enquanto Janvier examinava seu próprio rosto no espelho. Depois de banhado e limpo, ele parecia mais magro do que ele estava no carro, suas maçãs do rosto lâminas cruéis contra sua pele. – Quanto sangue você precisa”

– O suficiente que teria que ser direto da veia neste momento. Mais forte, mais rico, mais nutritivo.

Sua mão apertou o cabo da escova. – Audrina?

– Se ela oferecer. – Um dar de ombros fluído. – Você alguma vez ofereceria, *cher*?

– Se você estivesse morrendo na minha frente, sim.

Um pequeno sorriso, seus lábios finos com tensão. – Você me surpreende novamente. Mas não, eu não quero seu sangue—não até que nós dois estejamos suados e nus e que você esteja gritando meu nome.

Sua mente formou a imagem muito rapidamente, uma quente confusão de coisas que fez os músculos internos apertarem-se em úmida preparação. – Confiante em si mesmo, não é?

– Eu simplesmente sei o que eu quero. – Aqueles olhos nascidos do pântano fizeram um balanço dela da cabeça aos pés, com várias prolongadas paradas no meio. – E como eu disse, existe prazer em uma mordida.

Ela se perguntou se ela poderia almejar seu toque mais do que ela fazia agora. – É uma luxúria passageira. – Uma loucura temporária.

– Não durante o orgasmo, – ele murmurou. – Então, ela fará o prazer crescer multiplicando-se e crescendo e crescendo até assumir todo o seu corpo.

Com o corpo começando a se rebelar contra seu controle, ela apontou a escova para ele. – Vá, alimentar-se. Eu preciso de você saudável se nós vamos sobreviver a este banquete.

– Você confia em mim para vir em seu auxílio?

– Não. Eu apenas quero ser capaz de usar você como um escudo—no momento, você mal é amplo o suficiente para esconder metade de mim. – Mas, ainda assim, apesar de tudo, ele ainda estava cruamente bonito. Como se ele tivesse sido despido de sua própria essência.

– Você está certa. – Endireitando-se, ele dirigiu-se para porta. – Quando eu voltar, nós conversaremos. O banquete de Nazarach tem uma maneira de se transformar em mortal sem aviso prévio.

As palavras de Janvier caíram ao redor e em volta de sua cabeça enquanto Ashwini caminhava em direção à porta para a sala do banquete, uma comprida mesa repleta de comidas e garrafas que brilhavam vermelho escuro. Comida e sangue.

E carne.

Monique ajoelhou-se recatadamente ao lado de Nazarach enquanto o anjo sentava-se na cadeira da ponta da mesa, falando com Antoine. A ex-refém, seu cabelo uma folha de ouro batido, usando um elegante vestido que gritava *couture*¹⁰. O vívido tecido carmesim conseguia cobrir seu torso e deixar o resto dela nua, embora evitasse por pouco parecer vulgar.

Monique não era a única em exibição. Simone sentava-se à esquerda de Antoine e ela, também, estava vestida como uma convidada. De fato, todas as vampiras ao redor da mesa vestiam-se de forma semelhante em estilo alta classe, muito sexo, exceto pela camiseta vestida por Perida, que se sentava perto de Callan. O olhar da executora era fundido de pura fúria quando ela espiou Ashwini.

Mas Ashwini estava mais preocupada sobre o fato de que Nazarach tinha convidado ambas as facções—ou ele decidiu por um fim no impasse... Ou ele estava planejando jogar o mais letal dos jogos.

O anjo olhou para cima por um momento, olhos âmbar cheio com tantos gritos que ela se perguntava como ele podia dormir. – Caçadora da Sociedade. – Ele acenou a ela um assento central a mesa. Janvier já estava sentado no ponto oposto, tendo sido convocado mais cedo.

O aperto em seu peito relaxou ao vê-lo ileso. Enquanto tomava seu assento, ela percebeu que Nazarach tinha colocado ela e Janvier direto no meio — para melhor ouvir e distribuir as palavras de suas decisões, suas crueldades? Era, ela foi forçada a admitir, um método eficiente de fazer a mensagem ser compreendida. Sem necessidade de matar centenas. Mate um violentamente o bastante e ninguém ousaria se levantar contra você novamente.

¹⁰ Alta costura, sob medida.

O homem próximo a Ashwini esperou até que a atenção de Nazarach estava em outro lugar antes de levantar e falar. – Trazer minha irmã de volta foi o pior movimento que você poderia ter feito.

Olhando dentro daqueles olhos azuis elétricos, aquela pele perfeita, ela ergueu suas sobrancelhas. – Isso é uma ameaça?

– É claro que não, – os olhos de Frédéric Beaumont eram glaciais quando eles a encontraram. – Eu nunca ameaçaria uma caçadora que Nazarach tem em estima.

– Cara esperto. – E ele rasgaria sua garganta no instante que ele pensasse que poderia escapar impune. Isso não significava que ela não poderia usá-lo. – Você está no ramo de armas, eu ouvi.

Para seu benefício, Frédéric seguiu a abrupta mudança de tópico facilmente. – Sim.

– Você sabe onde eu poderia conseguir alguns lança-granadas portáteis?

Uma pequena pausa. – Posso perguntar o porquê de você precisar delas?

– Eu apenas pensei que poderiam vir a ser úteis, algum dia. – Os sonhos tinham sido estranhos, fragmentados. Tudo o que ela conseguia realmente lembrar era de pensar que um lança-granada com certeza teria vindo a calhar. E, dado seus sonhos... – Eu gosto de estar preparada.

– Eu posso ter o nome de um fornecedor para você. – Frédéric continuava a olhar para ela. – Você está ligeiramente fora de sintonia com o mundo, não é, caçadora?

– Ou o mundo está fora de sintonia comigo, – ela disse quando Janvier capturou seu olhar.

Advertência brilhou naquela profundidade verde, que ela estava acostumada a ver preenchida com humor, e a força disso gelou a sua alma. Qualquer que fosse o inferno que Nazarach tinha planejado, Ashwini realmente não queria estar aqui para isso. Resumidamente, ela considerou ligar para a extração da Sociedade, mas qual a razão de colocar Kenji e Baden em perigo se Nazarach somente queria ela e Janvier nesta audiência?

De repente, silêncio total.

Ashwini sabia que as coisas tinham começado antes mesmo que ela virasse para ver Nazarach levantar a taça de vinho. – Por conversas inteligentes e novos começos.

Demorou alguns segundos para descobrir porque aquelas palavras encharcaram a sala de medo. Antoine e Callan sentavam opostos um ao outro, a velha guarda e a nova. Somente uma, ela pensou, iria sair disto viva. – A sobrevivência do mais forte, – ela murmurou para si mesma.

Mas Frédéric respondeu. – Nem sempre. – Inclinando-se mais perto, ele roçou seus ombros nos dela. – Às vezes, essa é a sobrevivência de quem pode jogar o jogo melhor.

Ela virou-se para ele. – Sua irmã irá se matar a menos que ela aprenda.

Lábios carnudos curvaram-se. – Monique é muito boa em fazer os homens fazerem o que ela quer.

– Sim, mas Nazarach não é um homem. E eu acho que ela não pode esquecer isso um único dia.

Duas lentas piscadas. – Ela não morrerá. Não hoje à noite. Nazarach a humilhará para submetê-la e isso será o bastante.

Ashwini ouviu uma corrente oculta de raiva em sua voz, e era compreensível, mas havia algo mais, algo que fez seus sentidos ocultos recuarem. Seguindo o olhar sensual dele quando acariciou a curva nua do ombro de Monique, ela balançou a cabeça. – Por favor, me diga que o que eu estou pensando está errado.

– Todo o resto morrerá, – Frédéric sussurrou, sua refinada voz uma lixa contra sua pele. – É melhor escolher companheiros ente aqueles que permanecerão pela eternidade.

Largando o copo de água, ela engoliu sua bile. – Esta é uma maneira de pensar.

– Muito melhor do que a de Janvier. – Frédéric olhou através da mesa, e os dois homens travaram o olhar. – Ele persegue você, mas você virará pó em poucas décadas se não antes. Tal relação é inútil. – Traçando o perfil de Janvier—saudável e imaculado mais uma vez—ela balançou a cabeça. – Há prazer na dança, prazer que você nunca conhecerá.” – Porque ela entendia sem perguntar que Monique e Frédéric tinham estado nessa relação doentia desde o momento seguinte que eles foram Transformados. Frédéric continuou a segurar o olhar de Janvier. – Qualquer que seja o prazer que exista, a dor o agonizará por muito mais tempo.

– E se Nazarach decidir que Monique é dispensável? – ela sussurrou.

Sua cabeça estalou na direção dela, e havia uma loucura naqueles outrora urbanos olhos que a fez assustar-se pelo tipo de vampiro que ele tinha se tornado com sua idade. – Eu destruirei qualquer um que tentar tomá-la de mim.

Ashwini não respondeu, mas ela tinha o pensamento de que Frédéric Beaumont não teria uma vida muito longa, também. Na verdade, ela, com seu tempo de vida humano, poderia sobreviver a este quase imortal. Porque ninguém poderia estar contra um anjo de tamanho poder como Nazarach exceto um dos Dez do Cadre—e se Frédéric não entendia isso...

Dedos gelados do medo enrolaram-se em sua espinha quando Nazarach ficou de pé, abrindo fora suas asas até que elas dominaram a sala, toda âmbar, brilhante e terrível

beleza. Aquele medo era saudável. Ela manteve isso para ela, um escudo contra o impacto do poder saindo dele. Pela primeira vez, ela *verdadeiramente* o viu, verdadeiramente entendeu o quão desumano ele era, o quão completamente distante da vida mortal.

Este ser que via a todos eles—vampiros e humanos—como nada mais do que interessantes, divertidos, ou irritantes brinquedos, dependendo de seu humor.

– Eu não tenho nenhuma objeção, – o anjo começou, sua voz calma... E tão cortante quanto uma lâmina desembainhada, – a meus vampiros resolverem seus problemas entre si mesmos. No entanto, quando você os leva a esse nível, você compromete meu controle das suas questões. – Seu olhar foi para Antoine, e então para Simone, fitando a mulher aterrorizada por vários longos segundos. – É claro, – ele disse suavemente, – alguns de vocês aparentemente acreditam que podem fazer um trabalho melhor do que um anjo que tem vivido setecentos anos. Não é isso mesmo, Simone?

Os dedos de Simone tremeram duramente, o vermelho líquido em sua taça de vinho derramou sobre a borda quando ela colocou na mesa. – Sire, eu nunca iria –

– Mentira, – Nazarach interrompeu, – é algo que eu desprezo.

– Sire, – Antoine disse, colocando uma mão protetora sobre sua companheira, – Eu tomarei a responsabilidade por quaisquer erros. Eu sou o mais velho do grupo.

Ambos os olhos âmbar de Nazarach brilharam quando ele olhou para o vampiro. – Nobre como sempre, Antoine. Ela venderia você pelo preço mais alto, se viesse a isso.

Antoine deu um leve sorriso. – Nós todos temos nossas fraquezas.

Nazarach riu e poderia haver um lampejo de diversão nisso —mas a diversão de um imortal, uma faca que faz os outros sangrarem. – Eu fiquei satisfeito por Callan não conseguir matar você, Beaumont, – Voltando-se, ele olhou o homem que tinha acabado de mencionar. – O jovem leão—não muito bom em guardar o que pretendia manter. – Sua mão acariciou sobre o cabelo de Monique de novo, uma silenciosa provocação impiedosa.

Os olhos de Callan cortaram Janvier. – Eu confiei tão facilmente. Eu não cometerei esse erro novamente.”

– Este erro, – Janvier corrigiu com um encolher de ombro despreocupado, – salvou sua vida.

A expressão de Nazarach não mudou, mas sua voz detinha uma camada de geada branca. – O Cajun está certo. Você pegou o que era meu. Por que eu não deveria rasgar os seus ossos de sua pele enquanto você fica gritando?

Callan ficou em pé, em seguida caiu em um dos joelhos. – Minhas mais profundas desculpas, Senhor. Eu fui... Excessivamente zeloso na minha tentativa de provar a você que eu posso assumir um serviço melhor do que estes que ocupam a posição a eles

outorgadas. – Por um momento, não houve nenhum som, e Ashwini sabia que era um instante de julgamento. Quando as elegantes asas de Nazarach estalaram de volta fechadas contra sua espinha, ninguém se atreveu a respirar.

– Simone, – ele disse naquela suave, voz perigosa. – Venha aqui.

A esbelta mulher levantou-se, tremendo tão forte que ela mal podia caminhar. Antoine levantou-se com ela. – Senhor, – ele começou.

Nazarach balançou sua cabeça em uma negativa afiada. – Apenas Simone. – Quando pareceu como se Antoine fosse abrir a boca, o anjo disse, – Eu não sou tão indulgente, Antoine, mesmo para você.

Claramente relutante, Antoine retornou ao seu assento. E este, Ashwini pensou, era o preço da imortalidade. Dar parte de sua alma. Ela observou enquanto Simone alcançava o anjo, mas antes que ela pudesse ajoelhar-se, Nazarach a agarrou para cima pelos braços e inclinou a cabeça para sua orelha.

O que quer que fosse que ele disse a ela, ninguém jamais soube. Mas quando ela se voltou novamente para a sala, seu rosto estava branco pelo choque, seus ossos cortando através da pele. A mão direita de Nazarach permaneceu no seu ombro quando ele encontrou os olhos de Antoine. – Parece que Simone será minha convidada pela próxima década. Ela concordou que ela tem algumas lições a aprender sobre como lidar com anjos.

O rosto de Antoine tornou-se apertado, mas ele não interrompeu.

– Você permanecerá leal a mim, Antoine. – Uma ordem rápida, um aviso brutal, seus dedos brincavam sobre a palidez de Simone, a pálida bochecha. – Totalmente fiel.

– Senhor. – Antoine inclinou a cabeça, olhando para longe da mulher que ele chamou de sua própria.

Mas Nazarach não tinha terminado. – Pelo que você fez, eu pouparei sua vida, mas não as dos filhos de seus filhos. Não haverá mais vampiros Beaumont, não pelos próximos duzentos e cinquenta anos.

Frédéric respirou e Ashwini não teve que perguntar para saber o porquê. O vampiro havia acabado de saber que não poderia ter filhos a menos que desejasse vê-los morrer. E já que os vampiros não eram férteis por muito tempo após a Transformação, isso significava que ele jamais teria um filho.

Callan tinha permanecido imóvel todo esse tempo, mas levantou sua cabeça quando Nazarach chamou seu nome.

– Se você deseja que seu beijo permaneça em Atlanta, você assinará outro Contrato. Um século de serviço.

Parecia na superfície, uma punição quase fácil—afinal, Callan procurou servir Nazarach de qualquer forma. Mas vendo a forma que a mão de Nazarach movia-se na cabeça de Monique, Ashwini sabia muito bem que o anjo entendia que havia algo entre a bela vampira e o líder do beijo Fox. E ele usaria esse conhecimento para atormentar Callan a qualquer tempo e de qualquer forma que ele sentisse que isso convinha.

Não houve nenhum sangue essa noite. Não algum que pudesse ser visto. Mas enquanto Ashwini observava Simone deslizar de joelhos do outro lado de Nazarach, ela entendeu que algumas feridas sangrariam rios de dor que manchariam tanto pessoas quanto lugares. Os silenciosos gritos de Simone já estavam se tecendo nos arcos da graciosa casa de Nazarach.

8

Ashwini nunca tinha estado mais feliz por sair de um lugar. Saindo na primeira luz, ela não respirou direito até que o táxi estivesse pelo menos a dez minutos da casa da fazenda.

– Você sentiu coisas na casa de Nazarach, – comentou Janvier ao lado dela.

– Não apenas na casa dele. – Se tivesse de tocar Nazarach... Sua alma encolheu de horror. – Havia Antoine. Até mesmo Simone. Ela fez algumas coisas sórdidas em seu tempo.

– E ainda assim você sente pena dela. – Janvier suspirou. – Por que eu sou o único que você nunca sente pena?

– Porque você é um pé no saco.

Uma risada masculina enquanto o motorista de táxi levou-os a uma parada na estação de trem. Pagando-lhe, ela saiu e pegou sua mochila enquanto Janvier fazia o mesmo com a dele. Callan as tinha devolvido cedo esta manhã, seus olhos segurando a promessa de uma futura retaliação.

– Então, – disse Janvier enquanto ela encontrou algum dinheiro para comprar um bilhete da máquina, – voltamos a ser adversários?

– Devo-lhe um favor. Eu não vou esquecer.

– Nem eu. – Aproximando-se enquanto ela pegou a passagem e se virou, ele segurou seu rosto. – Se eu lhe pedisse para confiar em mim, Ashwini, o que você diria?

– Palavras não significam nada. São as ações que contam. – E porque ele sangrou por ela, ela levantou a mão para a bochecha dele, colocando-os em perfeita harmonia. – Obrigada.

A expressão dele mudou, tornando-se nitidamente íntima no silêncio do início da manhã na plataforma. – Fique comigo. Vou lhe mostrar coisas que vão fazer você rir de deleite, gritar de paixão, chorar de alegria por elas.

Ele a conhecia, ela pensou. Conhecia bem o suficiente para oferecer-lhe o mais selvagem dos passeios. – Você começou a agir, – ela murmurou, – mas você tem um caminho a percorrer.

– Quem te machucou, *cher*? – Uma questão delicada, e ainda ela viu a intenção fria em seus olhos.

Sem surpresa ele entendeu o que ela nunca disse a ninguém, ela balançou a cabeça. – Ninguém que você possa matar.

Um piscar lento, cílios varrendo para baixo para cobrir os olhos. Quando eles pentearam para trás, ela esperava ver o encantador Cajun novamente. Mas o que a encontrou foi a mesma escuridão latente, aquela sensação de que ele estava pronto para derramar sangue do coração. – Você o ama?

– Eu amei uma vez, – ela respondeu honestamente. – Agora eu não sinto nada.

– Mentirosa. – Seus dedos se moveram sobre a pele dela, quentes e reais e misericordiosamente tranquilos. – Se você não sentisse nada, você não fugiria para tão longe com tanta avidez.

A coluna dela ficou rígida, mas ela segurou seu olhar enquanto o trem rolou para a estação. – Talvez eu fuja porque eu gosto. A liberdade, a excitação, por que eu iria desistir disso?

– Parte de você é vento, – ele murmurou. – *Oui*, é verdade. Mas até o vento às vezes descansa.

Balançando a cabeça, ela deslizou sua mão ao redor da parte de trás do pescoço dele, absorvendo o calor intrinsecamente masculino de sua pele. – Então me considere uma tempestade sem fim.

O Cajun beijava exatamente como ele parecia—bruto, terreno e preguiçoso... Da melhor maneira. A paciência dele fez os dedos dos pés dela se enrolarem com o conhecimento que ele a beijaria tão primorosamente em outros lugares, mais suaves, mais escuros. Mãos ágeis acariciando suas costas, ele a segurou para ele enquanto ele a explorava tão completamente quanto ela explorou a ele. Decadente, afiado, selvagem, o gosto de Janvier encheu sua boca.

E quando ela se afastou, ele mordeu seu lábio inferior. – Até a próxima vez, Caçadora da Sociedade.

– Eu estarei segurando uma balestra da próxima vez. – Essa era uma certeza, dada a propensão de Janvier para chatear anjos de alto nível.

Um sorriso lento, tão lento. – Você deve ser a minha mulher perfeita.

– Se eu sou, você está em sérios apuros. – Ela deu um passo para trás, e subiu no vagão do trem, enquanto o apito de aviso final soou. – Eu não namoro vampiros.

– Quem disse alguma coisa sobre namoro? – Ele deu aquele sorriso perverso que ele parecia guardar apenas para ela. – Estou falando de sangue, sexo e caça.

Enquanto o trem se afastava, Ashwini sabia que ela estava em apuros. Porque Janvier não a conhecia; ele a *entendia*. – Sangue, sexo e caça. – Era um inferno de uma proposta tentadora.

Pescando para fora seu telefone, ela ligou para a diretora da Sociedade. – Sara, eu mudei de ideia.

– Sobre?

– O Cajun.

– Tem certeza? – Sara perguntou. – A última vez que você o caçou, você me disse para mantê-la longe dele ou você poderia acabar na solitária após jogá-lo em um poço de lava.

– O isolamento pode ser bom para mim.

Uma pausa. – Ash, você percebe que você vive Além da Imaginação¹¹?

O carinho no comentário feito a fez sorrir. – O normal é superestimado. Apenas certifique-se de me informar sobre qualquer caça onde ele estiver envolvido.

– Pode deixar. – A Diretora da Sociedade soltou um suspiro. – Mas eu tenho que perguntar uma coisa.

– Sim?

– Vocês dois estão *flertando*?

Ashwini sentiu seus lábios curvarem. – Se ele não virar isca de jacaré na próxima caçada... Possivelmente.

Fim

¹¹ Referência ao programa de TV Além da Imaginação, que apresentava histórias de ficção científica, suspense, fantasia e terror.

ANGELS' JUDGEMENT

Grupo dos Dez

O Grupo dos Dez, os arcanjos que, em suma, governavam o mundo, reunia-se em uma antiga fortaleza no coração das Terras Altas escocesas. Ninguém—humano ou vampiro—se atreveria a entrar ilegalmente em território angelical, mas mesmo se esse alguém sentisse a ânsia de ceder a esse desejo suicida, isso teria sido impossível. A fortaleza tinha sido construída por anjos, e asas eram um pré-requisito para o acesso.

Tecnologia poderia ter anulado essa vantagem, mas imortais não sobreviveram aos milênios por deixarem-se ficar para trás. O espaço aéreo sobre e ao redor da fortaleza era rigorosamente vigiado, tanto por um complexo sistema de detecção de intrusos como por unidades de anjos altamente treinados. A força de segurança para o dia de hoje transformara o céu numa cascata de asas—não muitas vezes os dez seres mais poderosos do mundo se reuniam num só lugar.

– Onde está Uram? – Raphael perguntou, olhando para o semicírculo incompleto de cadeiras.

Foi Michaela quem respondeu. – Ele teve uma situação em seu território que exigia imediata atenção. – Os lábios dela se curvaram quando ela falou, e ela era bela, talvez a mais bela mulher que já viveu... Se você não olhasse para além da superfície.

– Ela fez de Uram seu fantoche. – Foi um murmúrio tão baixo que Raphael sabia que este tinha sido só para ele.

Olhando para Lijuan, ele balançou a cabeça. – Ele é poderoso demais. Ela pode controlar seu pau, mas nada mais.

Lijuan sorriu, e era um sorriso que não tinha nada de humano nele. A mais antiga entre os arcanjos tinha passado a muito da idade em que podia se fazer passar por mortal. Agora, quando Raphael olhou para ela, ele só viu uma estranha escuridão, um sussurro de mundos além da compreensão de mortais ou imortais.

– E nós não somos importantes? – Uma pergunta incisiva de Neha, o arcanjo que governava a Índia e seus arredores.

– Deixe-o, Neha, – disse Elias com seu jeito calmo de ser. – Todos nós conhecemos a arrogância de Uram. Se ele escolhe não estar aqui, então perde o direito de questionar nossas decisões. – Isso tranquilizou a Rainha dos Venenos.

Astaad e Titus não pareciam se importar minimamente, mas Charisemnon não era tão facilmente aplacado. – Ele cospe no Grupo. – O arcanjo disse, uma expressão irada em sua face aristocrática. – Ele poderia muito bem renunciar à sua participação.

– Não seja estúpido, Chari, – disse Michaela, deixando claro pela forma e tom usado que uma vez o teve em sua cama. – Um arcanjo não é convidado a se unir ao Grupo. Passamos a formar parte do Grupo quando nos tornamos arcanjos.

– Ela está certa, – Favashi falou pela primeira vez. A mais silenciosa entre os arcanjos, ela dominava a Pérsia, e era tão boa em passar despercebida que seus inimigos se esqueciam dela.

Razão pela qual ela governava enquanto eles jaziam em seus túmulos.

– Chega, – disse Raphael. – estamos aqui por uma razão. Vamos nos ocupar disso para que possamos voltar aos nossos respectivos territórios.

– Onde está o mortal? – Neha perguntou.

– Esperando lá fora. Illium o trouxe voando das planícies. – Raphael não pediu a Illium que trouxesse o visitante para dentro. – Estamos aqui porque Simon, o mortal, está envelhecendo. A divisão americana da Sociedade precisará de um novo diretor ano que vem.

– Então deixe que eles escolham um. – Astaad deu de ombros. – O que isso nos importa, desde que eles façam seu trabalho?

O caso era que esse trabalho era algo crítico. Os anjos podiam converter aos vampiros, mas eram os caçadores da Sociedade que se asseguravam de que esses vampiros cumprissem o Contrato de cem anos. Os humanos assinavam o Contrato muito facilmente, famintos pela imortalidade. No entanto, o cumprimento dos termos era outro assunto—um grande número de recém-convertidos mudava de ideia após poucos míseros anos de serviço.

E os anjos, apesar dos mitos criados em torno de sua beleza imortal, não eram agentes de nenhuma entidade celestial. Eles eram governantes e homens de negócio, práticos e impiedosos. Não gostavam de perder seus investimentos. Portanto, a Sociedade e seus caçadores.

– Importa, – Michaela disse em um tom mordaz, – porque as divisões americanas e europeias da Sociedade são as mais poderosas. Se o próximo diretor não puder fazer seu trabalho, estaremos diante de uma rebelião. – Raphael achou sua escolha de palavras interessante. Queria dizer algo se os vampiros sob seu tenro cuidado aproveitariam qualquer oportunidade para escapar.

– Estou me cansando disso. – Titus flexionou os músculos, fazendo sua pele preto-azulada reluzir. – Traga o humano e vamos ouvi-lo.

Concordando, Raphael tocou a mente de Illium: *Mande Simon entrar.*

As portas se abriram na esteira de seu comando e um homem alto com os músculos tendinosos de um lutador de rua ou soldado raso entrou. O cabelo dele era branco, sua pele enrugada, mas seus olhos, estes eram de um brilhante azul. Illium fechou as portas assim que Simon passou por elas, envolvendo a sala em intimidade uma vez mais.

O diretor da Sociedade prestes a se aposentar encontrou os olhos de Raphael e acenou com a cabeça uma vez. – Sinto-me honrado em estar na presença do Grupo. É algo que pensei que nunca experimentaria. – Não era preciso dizer que a maioria dos humanos que teve contato com o Grupo acabou morta.

– Sente-se. – Favashi acenou para uma cadeira colocada no extremo aberto do semicírculo.

O velho guerreiro sentou-se sem nenhum problema, mas Raphael tinha visto Simon em seu auge.

Ele sabia que o Diretor da Sociedade estava sentindo o beijo de idade. E ainda assim, ele não era nenhum velhote, nem nunca seria. Ele era um homem a ser respeitado. Uma vez, Raphael poderia ter chamado a tal homem de amigo, mas isso foi há milhares de anos. Ele havia aprendido demasiado bem que vidas mortais luziam tão rápido quanto vagalumes.

– Você deseja se aposentar de seu cargo? – Neha perguntou com majestosa elegância. Ela era um dos poucos anjos a continuar mantendo uma corte—a Rainha dos Venenos podia te matar, mas você admiraria sua refinada graça, mesmo enquanto dava seu último suspiro agonizante.

Simon se manteve friamente composto sob o olhar dela. Ser o Diretor da Sociedade por 40 anos lhe dera uma autoconfiança que ele não possuía jovem, quando Raphael o tinha visto tomando as rédeas pela primeira vez.

– Eu devo, – ele agora disse. – Meus caçadores estão contentes com minha permanência, mas um bom diretor deve sempre considerar a saúde da Sociedade como um todo. Essa saúde flui a partir do topo—o líder deve ser eminentemente capaz de realizar uma caçada vigorosa se necessário. – Um sorriso triste. – Sou forte e habilidoso, mas não sou mais tão rápido, ou tão disposto a dançar com a morte.

– Palavras honestas. – Titus assentiu com aprovação. Ele estava mais a vontade entre os guerreiros e seus familiares—pois embora pudesse governar com força bruta, ele era tão franco quanto a linha rígida de seu maxilar. – É um general forte aquele que pode ceder as rédeas do poder.

Simon reconheceu o elogio com um leve aceno. – Sempre serei um caçador, e vou continuar a disposição do novo diretor até minha morte como é o costume. No entanto, tenho plena fé na capacidade dela de liderar a Sociedade.

– Dela? – Charisemnon fungou. – Uma fêmea?

Michaela ergueu uma sobrancelha. – Meu respeito pela Sociedade de repente aumentou cem vezes.

Simon não se deixou ser atraído para a conversa. – Sara Haziz é a melhor pessoa possível para assumir meu lugar por uma série de razões.

Astaad reacomodou suas asas. – Conte-as para nós.

– Com todo respeito, – Simon disse calmamente – mas isso não concerne ao Grupo.

Foi Titus quem reagiu primeiro. – Você pensa que pode nos desafiar?

– A Sociedade sempre foi neutra por uma razão. – A postura se Simon se manteve inflexível. – Nosso trabalho é recuperar os vampiros que quebraram seus Contratos. Mas através dos tempos, nós muitas vezes acabamos nos vendo em meio a guerras entre anjos. Nós só sobrevivemos porque *somos* vistos como neutros. Se o Grupo demonstrar interesse demais, essa proteção acaba.

– Belas palavras, – disse Neha.

Simon encontrou seu olhar. – Isso não faz delas menos verdadeiras.

– Ela é capaz? – Elias perguntou. – Disso nós temos que saber. Se a Sociedade americana cair, o efeito dominó poderia ser catastrófico.

Os vampiros estariam totalmente livres, pensou Raphael. Alguns deslizariam suavemente rumo a uma vida comum. Mas outros, outros iriam matar e matar. Porque no fundo eles eram predadores. Não tão diferente dos anjos afinal de contas.

– Sara é mais que capaz, – disse Simon. – Ela também possui a lealdade de seus colegas caçadores—ano passado um bom número deles veio me sugerir seu nome como possível sucessora.

– Essa Sara é a melhor entre todos os seus caçadores? – perguntou Astaad.

Simon negou com a cabeça. – Mas aquela que é a melhor nunca será uma boa diretora. Ela é caçadora nata.

Raphael fez uma nota mental para descobrir seu nome. Ao contrário dos membros comuns da Sociedade, os caçadores natos saiam do ventre com a habilidade de rastrear vampiros pelo cheiro. Eles eram os melhores rastreadores do mundo, os mais implacáveis—cães de caça sintonizados para um aroma particular.

– E Sara? – ele perguntou. – Será que ela vai aceitar?

Simon tomou um momento para pensar. – Não tenho a menor dúvida de que Sara tomará a decisão certa.

1

Sara não estava acostumada a sentir pena dos vampiros. Afinal seu trabalho era ensacá-los, etiquetá-los e transportá-los de volta para seus mestres, os anjos. Ela não era fã da servidão, mas não era como se os anjos escondessem o preço da imortalidade. Qualquer um que quisesse ser convertido tinha de servir aos anjos por cem anos. Era inegociável.

Se você não quisesse abaixar sua cabeça por um século, não devia assinar o Contrato. Simples. Quebrar o Contrato depois que os anjos tinham cumprido sua parte do acordo? Isso só fazia de você um caloteiro. E ninguém gostava de um caloteiro.

No entanto, esse cara tinha problemas piores do que ser devolvido à casa de um anjo enfurecido. – Você pode falar?

O vampiro, que mantinha a mão sobre o pescoço quase decapitado, olhou-a como se ela estivesse louca.

– Bem, me desculpe. – Ela se perguntava como diabos ele podia ainda estar vivo. Vampiros não eram verdadeiros imortais—eles podiam ser mortos por humanos e outros de sua espécie. Decapitação era o método mais infalível, mas a maioria das pessoas não escolhia esse caminho—não era como se os vampiros fossem ficar parados esperando. Um tiro no coração funcionava, desde que você logo em seguida os decapitasse enquanto eles estivessem caídos. Ou queimasse-os. Isso também dava certo.

Mas Sara era uma rastreadora. Seu trabalho era recuperar, não matar.

– Você precisa de sangue? – O vampiro pareceu esperançoso.

– Agente firme, – ela disse. – Você não está morto. Isso significa que você é um dos fortes. Vai durar até que eu possa te levar para casa.

– Nhãaaa.

Ignorando sua negativa gorgolejante, ela se agachou para deslizar um braço atrás de suas costas para que pudesse colocá-lo de pé. Ela tinha por volta de um metro e meio, e ele era consideravelmente mais alto. Mas ela não tinha um sangramento no pescoço, e se exercitava sete dias por semana. Grunhindo enquanto o erguia, ela começou a levá-lo para o carro. Ele resistiu.

– Precisa de uma mão? – perguntou uma profunda e tranquila voz que era como uísque envelhecido e brasas fumegantes.

Ela não conhecia essa voz. Nem conhecia o corpo que saiu das sombras. Mais de um metro e oitenta de sólido e musculoso homem. Ombros robustos e coxas grossas, mas que

possuía a fluida graça de um lutador treinado. Um que ela não gostaria de enfrentar numa luta. E ela havia derrubado vampiros com o dobro do tamanho dele. – Sim, – ela disse. – Só me ajude a levá-lo para o carro. Está estacionado no meio-fio.

O estranho praticamente carregou o vampiro—que começava a fazer ruídos vagamente compreensíveis—e o jogou no banco traseiro. – Chip de controle?

Ela puxou a besta das costas e apontou para o vampiro. O pobre rapaz recuou atabalhoadamente, puxando os pés completamente para dentro do veículo. Revirando os olhos, Sara devolveu a besta à suas costas e pegou um colar que enganchara no cós de sua calça jeans preta, debaixo da camiseta. Inclinando-se para dentro do carro, ela fez uma pausa. – Não tente nada engraçado ou vou atirar em você de verdade.

Afundando-se no banco, o vampiro deixou que ela colocasse o círculo de metal ao redor de seu pescoço, que se curava rapidamente. A ciência por trás do efeito do dispositivo na biologia vampírica era complexa, mas os resultados claros—o vampiro agora não podia agir sem uma ordem direta de Sara. Útil nem começava a descrever ao chip de controle, pois mesmo assim ferido um vampiro poderia provavelmente arrancar a cabeça dela em dois segundos.

Sara gostava de sua cabeça, muito obrigada.

Rastejando de volta para fora, ela fechou a porta e olhou para o outro caçador—e não havia nenhuma dúvida em sua mente quanto a qual era a profissão dele. – Sara. – Ela estendeu a mão.

Ele a pegou, mas não disse nada por um longo momento. Ela não se atreveu a protestar—algo naqueles escuros olhos verdes a manteve no lugar. Poder, pensou ela, havia um incrível senso de poder nele. Então ele falou, e o uísque decadente de sua voz quase a cegou para suas palavras.

– Eu sou Deacon. Você é muito menor do que sua reputação sugere.

Ela arrancou sua mão da dele. – Obrigada. E não se ofereça para ajudar da próxima vez.

A maioria dos homens teria caído fora com o ego ferido. Deacon simplesmente ficou ali, olhando-a com aqueles olhos intensos. – Não foi uma crítica.

Por que diabos ela ainda estava está ali? – Eu tenho que entregar Rodney a seu mestre.

– Você tem uma reputação. – Ele se aproximou, seus olhos vagando pela correia que atravessava seu corpo. – Você e sua besta.

Era diversão que ela via naquele rosto oh-tão-sério?

– Não desdenhe até que você tenha experimentado. Minhas flechas foram feitas para ter os mesmos efeitos dos colares—elas me mantêm fora de perigo até que o alvo esteja seguramente chipado, e dada a capacidade de cura deles isso quase nem dói.

– No entanto, você ainda tinha um colar.

Ela puxou sua besta. – Mova-se. – Dessa distância, tudo que ela podia ver era o peito de um quilômetro de largura de Deacon. Talvez estivesse um pouco afetada, mas ei, ela tinha um pulso. Ele era sexy como o inferno. Mas isso não mudava nada. Ela era uma caçadora. E ele podia ser da Sociedade, mas também era um estranho.

– Minha melhor amiga os adora. – Ela não entendia por quê, mas Ellie não carregava uma besta, de forma que elas estavam niveladas. No entanto, Sara havia prometido experimentar os colares, já que Ellie tinha experimentado a besta em sua última caçada. – Pedi que se movesse. – Ele finalmente retrocedeu uns poucos centímetros. O suficiente para que ela pudesse abrir a porta do passageiro e colocar a besta dentro do carro. Rodney estava quase completamente curado, mas ele tinha conseguido espalhar sangue por todo o interior do carro de aluguel. *Droga*. A Sociedade cobriria os gastos, mas ela preferiria não ter que conduzir nessa bagunça. – Tenho que entregar o pacote.

– Vamos falar com ele primeiro.

Ela fechou a porta do passageiro. – E por que faríamos isso?

– Você não está curiosa para saber quem o cortou? – Ele tinha cílios ridiculamente longos, ela pensou. Escuros e sedosos, e completamente injustos para um homem.

– Provavelmente algum grupo que odeia vampiros. – Ela franziu o cenho. – Idiotas. Nunca ocorre a eles que estão atacando o marido, o pai ou irmão de alguém.

Ele continuava encarando-a. – O quê? – Ela esfregou o rosto, feliz por seu tom escuro de pele esconder sua reação estupidamente quente por este estranho. Mas não havia nenhum mal em olhar, certo?

– Eles me disseram que você tinha pele morena, olhos castanhos e cabelo preto. – Isso soava certo o bastante.

– Quem são “eles”?

– Te direi depois que falarmos com o vampiro.

– Bastão e cenoura¹²? – Ela estreitou os olhos. – Não sou um coelho.

¹² Bastão e cenoura: Método de incentivo. Numa das pontas de uma vara se amarra uma linha, e no fim desta uma cenoura. A expressão normalmente é usada figurativamente para simbolizar um prêmio/ recompensa que é balançado diante nossos olhos.

Os lábios dele se curvaram um pouco nos cantos. – Por uma questão de camaradagem. – Buscando dentro de sua jaqueta de couro surrada, ele puxou sua identidade da Sociedade.

Curiosa o suficiente para não cortar o nariz para ofender o rosto, ela acenou com a cabeça em direção ao carro.

– Vou para o banco da frente e tirarei o colar dele. – Infelizmente—ou felizmente, dependendo do ponto de vista—os vampiros não podiam falar enquanto levavam o chip. – Você vai para a parte de trás e se certifica de que ele não faça...

– Não vou caber no carro.

Ela o olhou de cima a baixo. Foi tudo que pôde fazer para não lhe pedir que se despisse para que ela pudesse lambê-lo da cabeça aos pés. – Está bem, – disse, empurrando seus hormônios repentinamente cheios de energia de volta para o lugar deles. – Novo plano. Vou abaixar o vidro, e você vai colocar o braço em volta do pescoço dele enquanto conversamos.

E foi o que eles fizeram. Rodney estava mais que feliz em conversar uma vez que Sara se apresentou.

– Você gosta de atirar nas pessoas. – Ele fez soar como se ela fosse uma maníaca. – Com um arco e flecha!

– Você está desatualizado—troquei para a besta ano passado. – Esta era mais rápida, mas ela meio que sentia falta de seu arco especialmente projetado. Talvez ela voltasse a usá-lo. – E nem sequer dói.

– Isso você é quem diz.

Ela piscou. – Quantos anos você tem?

– Eu acabei de fazer três. – Os vampiros contavam sua idade a partir do momento da conversão.

Sara balançou a cabeça. – E tentou fugir? Por que diabos você faria algo tão estúpido? – Seu Sire, o Sr. Lacarre, estava mais que furioso.

– Eu não sei. – Ele deu de ombros. – Parecia uma boa ideia na hora.

Eles claramente não estavam lidando com a faca mais afiada da gaveta.

– Ceeeerto. – Os olhos dela encontraram os de Deacon. Nem uma agitação nas sombrias profundezas verdes deles, mas ela poderia ter jurado que ele estava segurando uma risada. Contendo seu próprio riso, ela voltou sua atenção a Rodney. – Uma pergunta simples.

– Ah, bom. – O vampiro sorriu, mostrando suas presas, algo que os mais antigos nunca faziam. – Não gosto de coisas complicadas.

– Quem te feriu, Rod?

Ele tragou e piscou rapidamente. – Ninguém.

– Então você tentou decapitar a si mesmo?

– Sim. – Ele assentiu, o que significava que Deacon lhe estava segurando muito levemente. Não que isso importasse.

Sara tinha sua besta a postos.

– *Rodney*. – Ela pôs toda a ameaça que era capaz nessa única palavra. – Não minta para mim.

Ele piscou novamente e—oh meu Deus—ele ia chorar. Agora ela se sentia como uma tirana. – Vamos lá, Rod. Por que está com medo?

– Porque...

– Porque... – Ela considerou o que poderia assustar tanto um vampiro. – Foi um *anjo*? – Se tivesse sido seu Sire, ela não poderia fazer nada a respeito, exceto denunciar o bastardo à Sociedade de Proteção aos Vampiros. No entanto, também era possível que o ataque tivesse sido orquestrado por um dos inimigos de Lacarre, e nesse caso o anjo se encarregaria disso por conta própria.

– Não. – Rodney parecia chocado o bastante para estar dizendo a verdade. – Claro que não. Os anjos nos fazem. Eles não nos matam.

E o rapaz estava vivendo no mundo da imaginação.

– Então quem mais te assustaria tanto assim? – Ela encarou novamente o olhar de Deacon naquele momento e encontrou a resposta em suas não mais divertidas profundezas verdes. – Um caçador. – Ou alguém que Rodney tinha confundido com um caçador. Porque caçadores de verdade não matavam vampiros.

Rodney começou a choramingar. – Por favor, não me machuque. Eu não fiz nada.

– Ei. – Sara estendeu a mão e, ignorando o recuar dele, deu palmadinhas em seu ombro. – Eu estou interessada em recolher minha taxa de recuperação. Eu só ganho metade se você estiver morto, por isso para mim não faz sentido te matar.

Rodney a olhou com seus olhos esperançosos brilhando como joias. – Sério?

– Sim.

– E sobre... – Baixando a voz, ele apontou para o braço que rodeava seu pescoço.

Deacon falou pela primeira vez. – Sou o namorado dela. Faço o que ela manda.

Sara o encarou fixamente, mas pelo visto Rodney tinha achado a resposta altamente reconfortante.

– Sim, você é a chefe, – disse ele a Sara. – Eu posso dizer só de olhar. Minha Mindy, ela também gosta de ser a chefe. Ela me disse que eu deveria fugir e você sabe, nós poderíamos viajar como num cruzeiro.

Sara pressionou um dedo sobre os lábios. – Concentre-se, Rodney. Conte-me sobre o caçador que te cortou.

– Ele disse que todos os caçadores odeiam vampiros. – A voz de Rodney se tornou um sussurro. – Eu não sabia disso. Sei que nos caçar é seu trabalho, mas não achava que vocês nos odiassem.

– Nós não odiamos. – Sara quis dar um tapa na cabeça dele. Jesus! – Ele estava apenas sendo mau.

– Você acha?

– Eu sei que sim. O que mais ele disse?

– Que os vampiros eram a escória da terra, e que os anjos estavam sendo poluídos por nossa presença. – Ele fez uma careta. – Não sei como isso poderia ser verdade, já que são os anjos que nos fazem.

Sara ficou tão surpresa pela súbita explosão de senso comum que precisou de um segundo para processá-la.

– Sim, é isso mesmo. Então, ele estava mentindo. Ele disse mais alguma coisa?

– Não, ele só pegou a espada...

Espada?

– E tentou cortar minha cabeça. – Ele se recostou, considerando tudo terminado.

– Como ele era? – Deacon perguntou.

Rodney teve um sobressalto, como se tivesse se esquecido do perigo às suas costas. – Eu não pude ver. Ele estava todo de preto e usava uma máscara. Mas ele era alto. E forte. – O que incluía metade dos caçadores da Sociedade. Sara tentou tirar mais de Rodney, mas foi em vão. Colocando o colar nele outra vez, ela conduziu até a casa de Lacarre, muito consciente de Deacon a seguindo em sua monstruosa moto. Ele permaneceu do lado de fora dos portões quando ela entrou para entregar Rodney.

O mestre de Rodney estava esperando por ele na sala de estar de sua casa palaciana. – Vá, – Lacarre ordenou a ele.

Sara retirou o colar e o colocou sobre a mesa para que Lacarre o devolvesse à Sociedade enquanto Rodney saía arrastando os pés como se fosse um colegial penitente. Fechando as asas cor de creme com fúria, o anjo pegou um envelope da mesa. – Um recibo confirmando o pagamento. Fiz isso assim que você ligou para dizer que estava com Rodney.

Verificando rapidamente, ela o deslizou em um bolso. – Obrigada.

– Sra. Haziz, – disse ele, irritado, – serei franco com você. Eu nunca esperei que Rodney tentasse fugir. Não estou certo de como puni-lo.

Sara não estava acostumada a falar com os anjos por mais tempo do que levava para recolher seu pagamento. Na maioria dos casos, ela nem sequer os via — pois eles eram importantes demais para se misturar com meros mortais. Era para coisas assim que os vampiros serviam.

– Você conhece alguma Mindy?

Lacarre se aquietou. – Sim. Ela é uma de minhas vampiras de maior patente.

– Ela é do tipo ciumenta?

– Hmm, eu vejo. – Um assentimento. – Tenho passado mais tempo com Rodney — ele é uma criança, e temo que ele vá ser comido se eu não lhe ensinar algumas habilidades.

Sara nem sequer ia perguntar como Rodney tinha conseguido passar pelo processo de seleção de candidatos. Com tantas pessoas querendo ser convertidas, isso não tinha sido nada menos que um gol de placa. – Ele não é um gênio, – disse ela. – Acho que se você castigá-lo muito duramente, ele vai se quebrar.

Sr. Lacarre assentiu. – Muito bem, caçadora. Obrigado. – Foi uma dispensa.

Deixar Rodney com um mestre que ainda estava irritado, embora não mais furioso, parecia vagamente errado. Mas o vampiro tinha feito sua escolha quando pediu para ser convertido. Agora ele seria escravo de alguém pelos próximos 97 anos. Quando saiu, Sara cruzou com uma esbelta ruiva. A mulher vestia um ousado terninho escarlate que se moldava a seu corpo como uma segunda pele. Ele era uma declaração.

Ela teria seguido seu caminho, mas a ruiva lhe deteve. – Você trouxe Rodney de volta.

Mindy. – É meu trabalho.

A vampira mais velha — muito mais velha pela forma como ela facilmente ocultava sua humanidade — fez tudo menos cerrar os dentes. – Eu não esperava que ele sobrevivesse todo esse tempo — ele mal consegue amarrar os próprios sapatos.

– Como ele chegou a ser um convertido? – Sara perguntou, incapaz de engolir sua curiosidade por mais tempo.

Mindy fez um gesto de dispensa com a mão. – Ele estava bem ant... – Ela tardiamente pareceu perceber com quem estava falando. – Adeus, caçadora.

– Adeus. – Interessante, pensou Sara. Todo mundo sabia—mesmo que nunca tivesse sido realmente confirmado—que uma pequena porcentagem dos candidatos enlouquecia após a transformação. Esta foi a primeira vez que ela tinha visto um exemplo de alguém que tinha sido arruinado ao invés de melhorado.

Deacon não estava por perto quando ela voltou para o carro de aluguel, mas ele a encontrou novamente no momento em que chegou ao hotel. Ela estacionou na garagem subterrânea e saiu para encontrá-lo estacionando sua monstruosa motocicleta ao seu lado.

– Como você passou pela segurança

Ele tirou o capacete, abriu a jaqueta e desceu da moto. Maravilhoso homem musculoso. Oh, tão palpável. Algo já muito tenso em seu ventre se tencionou ainda mais. Querido Deus, o homem era sexo sobre pernas.

2

Respirando fundo para afastar a onda de fome crua, ela se dirigiu aos elevadores, bolsa de armas na mão. Sua experiência lhe dizia que a administração ficaria um pouco chateada se ela entrasse segurando sua besta.

– Então? A segurança?

– É uma merda.

Essa tinha sido sua estimativa, também. – Era a localização mais conveniente para esta caçada.

Ficar presa num elevador com esse homem era um exercício de frustração. Seu cheiro; sabão e pele, aquecidos desde dentro para criar algo que era unicamente Deacon — puro macho com um toque de aço — que se envolvia em torno dela como um afrodisíaco. Desde que não podia deixar de respirar, ela estava sofrendo uma overdose no momento em que o elevador os deixou no terceiro andar.

– Fique aqui. – Ela ergueu uma mão. – Preciso checar suas credenciais.

Ele apoiou as costas contra a parede diante de sua porta. – Diga oi para Simon por mim.

De olho nele, ela passou seu cartão de acesso e entrou no quarto. Era bastante básico — uma cama de casal ao lado de uma pequena cômoda, uma mesa com espaço suficiente apenas para o telefone do hotel e talvez um laptop, um par de cadeiras. Realmente, tudo que ela precisava durante uma caçada. A ligação para o celular de Simon se completou sem problemas.

– Deacon. – Sara disse no momento em que ele atendeu. – Quem é ele e por que está aqui?

– Faça uma descrição.

Ela fez isso. – Então?

– Sim, esse é Deacon. Ele está em um trabalho, e é algo no que eu quero que você participe também — acredito que você já concluiu a recuperação de Lacarre?

– Sim. – Intrigada pelo que ele *não* estava dizendo, ela pôs a mão no quadril. – Qual é o trabalho, e ele tem alguma coisa a ver com vampiros que terminaram com suas cabeças cortadas?

– Deacon vai te explicar. Precisamos resolver isso rápido.

– Nós vamos. – Ela fez uma pausa. – Simon. Sobre o outro assunto...

– Está tudo bem, Sara. A decisão não tem que ser tomada hoje. Ou tampouco amanhã.

Mas Sara sabia que teria que tomá-la. – Depois desse trabalho. Eu te darei uma resposta.

– Vou esperar por ela. – Uma pausa. – Sara, Deacon é extremamente perigoso. Tenha cuidado.

– Sou muito perigosa também. – Desligando depois de mais algumas palavras, ela foi até a porta e abriu-a. O homem em questão estava de pé na soleira. Os olhos dela pousaram na bolsa que havia se materializado aos seus pés. – Epa. Você não vai ficar aqui.

– Tenho muito a dizer. Vou dormir no chão.

Sua curiosidade era um pé no saco às vezes. – Sim, você vai. – Acenando para que ele entrasse, ela trancou a porta. – Então, deixe-me adivinhar—temos que encontrar e neutralizar esse psicopata que finge ser um caçador. – Que ela soubesse, tinha havido cinco assassinatos na última semana e meia. Todos de vampiros. Todos mortos por decapitação.

Deacon deixou sua bolsa cair no chão ao lado dela e tirou a jaqueta, revelando uma áspera camisa azul-marinho que tornava seus olhos ainda mais brilhantes. – Não estou tão certo de que ele esteja fingindo. Estive no seu encalço desde o dia após o segundo assassinato, e todos os sinais apontam para um caçador.

– Não acredito em você, – disse ela, permanecendo junto à porta com os braços cruzados.

Colocando a jaqueta no espaldar de uma cadeira, ele sentou-se antes de se inclinar para desatar suas botas. – O que não significa que não seja verdade.

– Os caçadores não saem por aí matando gente inocente. – Isso não era quem eles eram, o que faziam. Era uma honra ser um caçador. – Nós nos asseguramos de que os vampiros não morram mais frequentemente do que o normal. – As lendas diziam que antes da formação da Sociedade, os vampiros que ousavam tentar fugir eram executados tão logo fossem descobertos.

Tendo tirado ambas as botas e meias, Deacon estendeu as pernas e se inclinou para trás, apoiando o espaldar da cadeira contra a mesa com determinação em seus olhos. – Bill James.

Foi um soco no estômago, uma maldita facada no coração dela. – Como você sabe sobre isso? – Ninguém além dos três caçadores que tinham ido atrás dele—e Simon, é

claro—sabiam sobre Bill. Para os outros ele tinha morrido como um herói, e havia ganhado um funeral completo da Sociedade.

Deacon continuou a observá-la com foco absoluto, inabalável, e uma calma que lhe fez se perguntar se o homem alguma vez a perdia. – Meu nome é Deacon, mas a maioria das pessoas me conhece como o Assassino.

Ela o encarou fixamente. Ele não estava brincando. Foda-se.

Afastando-se da porta, ela caminhou tranquilamente até a cama e sentou-se na beirada. – Eu pensei que eles tivessem te inventado. Que nem o homem do saco.

– A Sociedade recruta e treina a alguns dos homens e mulheres mais mortíferos do mundo. Precisamos de um homem do saco.

Ela negou com a cabeça. – Ellie nunca vai acreditar que conheci o Assassino. – Era uma piada, esse nome. Tirado de um programa de televisão. – A Sociedade realmente tem um caçador cujo trabalho é nos caçar?

– Só quando necessário. – Ele não voltou a falar até que ela levantou a cabeça. – E você sabe que às vezes é necessário.

– Bill foi uma aberração, – disse ela. – Algo se partiu dentro dele. – O outro caçador tinha se dedicado a matar crianças, tratando-as com tal desumana selvageria que isso a fazia tragar saliva mesmo agora.

– Caçar aos nossos é uma coisa rara, – Deacon reconheceu. – Mas acontece. Por isso sempre há um Assassino na Sociedade.

– Por que você não rastreou Bill? – Por que foi Elena quem tinha tido que matar o caçador mais velho? Sara estivera determinada a fazer das tripas coração e concluir a dolorosa tarefa—Bill era seu amigo, mas ele tinha sido mentor de Ellie. Mas Bill tinha atacado-a com uma barra de ferro em uma emboscada que nenhum deles tinha visto chegando. Ela estava inconsciente antes de bater no chão. E sua melhor amiga tinha tido que esfaquear seu mentor até a morte.

Ele me olhou como se eu o tivesse traído, Ellie disse depois, com o rosto salpicado com o sangue de Bill. Eu sei que ele tinha que morrer, mas não consigo parar de pensar que ele estava certo. Seu sangue era tão quente.

– Pura má sorte, – respondeu Deacon, arrastando-a de volta ao presente. – A situação se tornou crítica tão rápido que não consegui voltar a tempo—eu estava do outro lado do mundo. – Ele não se moveu, um predador em repouso.

– Caçando?

– Negócios, – disse ele para sua surpresa. – O Assassino raramente é chamado. Eu sou um fabricante de armas por vocação.

– Deacon? Espere um minuto. – Pegando sua bolsa, ela abriu o zíper e pegou sua besta. O familiar e estilizado *D* a olhava da base da culatra. – Isso é trabalho seu?

Um curto assentimento. – Eu fabrico ferramentas para os caçadores.

– Você é o melhor que há. – Esta besta tinha lhe custado uma fortuna. Assim como tinha o arco que ela adorava. – E você mata os outros no seu tempo livre? Ótimo. – Balançando a cabeça, ela colocou a besta de volta na bolsa. – Como é que eu nunca ouvi falar de você, pessoalmente?

– Não é uma boa ideia fazer amizade com as pessoas que você pode um dia ter que matar.

– Uma vida solitária. – Ela não tinha a intenção de ser tão rude, mas não podia imaginar esse tipo de existência. Ela não era lá muito social—não ainda, de qualquer jeito—mas ela tinha um grupo de amigos que a mantinha sã e equilibrada.

– Assassinos são escolhidos entre os solitários. – Erguendo as mãos, ele desfez os primeiros botões de sua camisa. – Você quer tomar banho primeiro?

Ela queria lambar seus lábios—isso era o que ela queria fazer. A dourada pele do homem estava estirada e firme sobre esse físico musculoso, e ela podia ver cachos escuros através do triângulo aberto em sua camisa. O corpo dela se tensionou... Expectante, pronto.

Hora do banho *frio*.

– Obrigada, – disse ela, levantando-se. – Vou ser rápida.

Deacon se limitou a assentir enquanto ela se levantava e se colocava em movimento. O Assassino era delicioso, isso era inquestionável, mas Sara não estava no mercado para um amante. Não quando ela estava prestes a tomar a maior decisão de sua vida. Uma decisão que podia tornar sua existência ainda mais solitária do que a de Deacon.

Homens caçadores eram por regra geral uns idiotas machistas—no melhor dos sentidos. Desempenhar um papel secundário não estava na natureza deles. E muito menos se esse papel secundário era o de ser o homem da diretora da Sociedade.

Deacon finalmente relaxou o punho que havia cerrado no instante em que se sentou na cadeira. Sara Haziz não era a mulher que ele tinha sido levado a esperar. Simon teria algumas explicações a dar.

– Pele morena, olhos castanhos e cabelo preto, minha bunda, – ele murmurou. A mulher era uma fantasia erótica vinda à vida.

Pequena, curvilínea, perfeita. Uma reluzente pele cor de café com leite, um cabelo que provavelmente cairia até a cintura quando liberado de sua trança apertada, e uns olhos castanhos tão grandes que viam através dele.

Esta não era a mulher que Simon tinha descrito como sua “sensata sucessora”. Isso a fez parecer tão interessante quanto um sapato de couro. Ele nem sequer insinuou sobre o poder sob a superfície, a firmeza de sua espinha. Ele a tinha conhecido há apenas um par de horas e já sabia que ela podia arrebentar bolas como o melhor deles.

A mulher seria uma perfeita diretora da Sociedade.

O que significava que ele deveria manter suas mãos, e seus pensamentos, para si mesmo. Nada de chupar o sexy pescoço de Sara. Ou outras partes do corpo dela. O cargo de Diretor da Sociedade era um necessariamente social. Deacon não fazia social.

– Mas ela não é diretora ainda. – Ele tamborilou o dedo sobre uma coxa coberta de jeans, seu olhar na cama.

Ele desejava Sara. E ele não desejava levianamente. Mas seduzi-la não estava na agenda.

– Mantenha Sara a salvo. Ela não vai aceitar um guarda-costas, mas você pode fazer o mesmo mantendo-a com você durante a caçada.

– Eu trabalho sozinho.

A expressão de Simon se tornou rígida como granito. – Sara está entre os melhores caçadores—ela não vai te atrapalhar.

– Se ela está entre os melhores, por que precisa de uma babá?

– Porque o Grupo sabe que ela é minha sucessora escolhida. Eu não duvido que certos arcanjos a ‘testem’.

Deacon ergueu uma sobrancelha. – Você foi testado?

– Eles quase me mataram. – Palavras diretas. – É difícil ganhar sozinho de cinco vampiros antigos. Eu só sobrevivi porque aconteceu de eu estar com minha esposa na hora. Dois caçadores durões contra cinco vampiros têm muito melhores chances.

Assim, aqui estava ele sentado, ouvindo o cair da água no banheiro, fantasiando sobre beijar lentamente uma trilha descendente através do corpo de Sara. Isso não ajudava a diminuir sua excitação. E se ela saísse e o encontrasse duro como a porra de uma pedra ele sabia muito bem que iria passar a noite no corredor.

Isso ele não podia arriscar que acontecesse—ele não podia perdê-la de vista. Simon tinha sido muito claro a esse respeito. Se os arcanjos planejavam testá-la, eles fariam isso quando achassem que ela estava vulnerável. Então ele teria que se assegurar de que ela nunca estivesse. Passando uma mão pelos cabelos, ele se levantou e verificou o quarto. Era bastante seguro. Sem janelas para o exterior—claustrofóbico, mas seguro. Sem entradas ou saídas além da porta—que ele bloqueou com um equipamento especial de sua própria criação, e sem nenhum duto de ventilação suficientemente grande para que qualquer coisa passasse através dele.

No momento em que Sara saiu do banho enrolada em um roupão do hotel, secando seu cabelo com uma toalha a jogo, ele estava confiante o bastante de sua segurança para ir tomar seu próprio banho. Um gelado.

– Cristo! – Ele cerrou os dentes e resistiu. Agradar seu pau não era tão importante quanto garantir a continuidade da Sociedade.

Ele tinha perguntado a Simon sobre isso. Por que os arcanjos potencialmente sabotariam uma organização que fazia suas vidas muitíssimo mais fáceis?

– *É um jogo*, – Simon tinha respondido. – *Eles precisam de nós, mas nunca vão permitir que esqueçamos que eles são os mais poderosos. Atacar a mim, atacar Sara, isso não é para deter a Sociedade—é para nos lembrar de que a Sociedade está sendo observada.*

Sara ouviu a água cair e rapidamente terminou de secar o cabelo antes de pegar seu celular. Ela não fazia ideia de que horas eram na área que Ellie estava, mas sua melhor amiga respondeu após um único toque.

– Sara, – ela disse, – você sabe quanta habilidade é necessária para embalar três vasos de porcelana de um metro de altura para que eles não se quebrem durante o transporte? E eu fiz isso! Esses lindos bebês não têm um arranhão neles. Genialidade, teu nome é Elena.

– Tenho mesmo que perguntar?

– Eles foram um presente. – Ellie parecia encantada. – Vão ficar perfeitos na minha sala. Ou talvez um no quarto e outro na sala.

A preocupação de Ellie com sua decoração atingiu um acorde familiar em Sara. Caçadores faziam ninhos. Era uma resposta ao fato de que eles passavam tanto tempo na estrada, e na sarjeta. Sara era pior do que a maioria—ela amava seus pais, mas eles eram hippies irresponsáveis na melhor das hipóteses. Ela já tinha passado por dez escolas diferentes aos sete anos. Um lar sólido e estável era tão necessário para ela quanto respirar.

– Mal posso esperar para vê-los.

– Você soa engraçado.

– Eu conheci o Assassino.

Uma pausa. – Não, merda. – Um longo assovio. – Assustador?

– Oh, sim. Construído como um tanque. – Se Deacon alguma vez viesse atrás dela, ela teria que se assegurar de que ele nunca chegasse à distância de um soco. Um único golpe de um desses grandes punhos e ele quebraria o pescoço dela. – Ellie, há um caçador que anda por aí matando vampiros.

– Droga. – A voz de Elena mudou, tornou-se mais sombria. – Você está caçando ele?

– Sim.

– Estou em Nova York, desembarquei faz algumas horas. Posso estar no próximo voo.

Sara já estava negando com a cabeça. – Eu não sei o que está acontecendo ainda.

– Você não pode ir atrás dele sozinha.

– Eu não estou sozinha. Deacon está comigo.

– O Assassino? – Seu alívio foi evidente. – Bom. Olha, Sara, eu andei ouvindo umas coisas.

– O quê?

– Todos nós sabemos que o posto de Simon é seu na hora que você quiser. Mas eu estive conversando com um vampiro de alto nível no voo de volta e que ele sabia seu nome.

Simon tinha lhe advertido a respeito disso.

– O Grupo está interessado no próximo diretor da Sociedade. – O silêncio de Elena foi longo. – Eu sei que você não pode correr e se esconder disso, então vou apenas dizer — tenha muito cuidado. Os arcanjos não são em nada como os humanos. Eu não gostaria de estar a três metros de um deles.

– Eu não acredito que nenhum deles vá se preocupar em me verificar pessoalmente — eles provavelmente vão enviar alguns de seus vampiros para dar uma olhada em mim. – E ela sabia como lidar com vampiros.

– Sorte sua que você tem o Assassino com você. Mão de obra séria quando você precisa disso. – O som fraco do toque de uma campainha veio através da linha. – Tenho que ir. Acho que a comida chegou.

Desligando, Sara ficou encarando o telefone. Sim, que sorte, não era mesmo, que Deacon tivesse se mostrado para ela quando ele passava a maior parte do tempo nas sombras. E que *conveniente* que ela tivesse sido enviada a uma caçada na mesma cidade em que os assassinatos em série estavam acontecendo. Com os olhos estreitados, ela esperou.

3

Deacon saiu alguns minutos mais tarde, vestindo nada além de um par de jeans. Os hormônios dela dançaram. Quase fizeram um maldito foxtrote. Ela se negou a participar.

– Simon te enviou. – Para seu crédito, ele nem se incomodou em negar.

– Dois pássaros. Uma pedra. – Pegando uma camisa nova da mochila, ele puxou-a por sobre a cabeça. – Você sabe que essa é a decisão certa.

O fato de ele soar tão friamente lógico a fez querer atirar nele com a besta só para provar seu ponto de vista.

– A diretora da Sociedade não pode parecer fraca.

– Ela também não pode parecer estúpida. – Havia uma força de vontade inflexível em seus olhos da cor de bosques à meia-noite.

Largando o celular que ela esteve espremendo quase até a morte, ela pegou uma escova e começou passá-la pelo cabelo. – Conte-me sobre o assassino. Há alguma chance de que possa ser um impostor?

Ele não disse nada por alguns segundos, como se não confiasse em sua repentina capitulação. – Sim. Mas eu agora mesmo tenho três em potencial — todos caçadores. Vamos visitar um por um.

– Hoje à noite?

Um pequeno assentimento. – Creio que daremos a ele quatro horas, tempo suficiente para que o assassino baixe a guarda.

– Por que você não o seguiu depois que ele atacou Rodney?

– Não havia um rastro visível.

Ela bufou. – E seu trabalho é ser minha babá.

– Ser sua babá não é o que quero fazer. – Tranquilas e intensas palavras que lhe acariciaram a pele como um veludo vivo. – Mas como te levar pra cama está fora dos limites, tenho que me conformar em ser sua babá.

Calor explodiu através da pele dela, um fogo cru e sombrio.

– O que te faz pensar que eu deixaria você chegar a um metro de mim? – A voz dela estava áspera pelo desejo, mas poderia facilmente ter sido pela raiva.

- O que te faz pensar que eu pediria educadamente?
 - Tente qualquer coisa e vou alegremente te estripar com sua própria faca.
- Deacon sorriu. E passou de sexy a devastador.
- Isso vai ser divertido.

Mas quatro horas de sono ruim mais tarde, ela não estava no humor para brincar. Colocando seu equipamento antes de se juntar a Deacon no corredor, ela ajustou a besta e apertou a mandíbula.

- Eu não engulo o fato de que estamos caçando um dos nossos.

Silêncio.

Ela o olhou enquanto caminhavam para a garagem e não viu nada.

Nenhuma expressão.

Nenhuma emoção.

Nenhuma piedade.

Naquele momento, ele era o Assassino. – Quantos você teve que matar?

- Cinco.

Ela deixou um suspiro escapar ante essa única palavra precisa, e abriu a porta para as escadas. Não havia sentido em enlouquecer a segurança do hotel por serem capturados pelas câmaras do elevador armados até os dentes. – Por que você?

- Tinha que ser alguém.

Ela entendia tudo sobre isso. – Eu nunca quis ser a Diretora da Sociedade.

- É por isso que você foi escolhida—você fará o que um diretor deve fazer.

- Ao contrário de quem?

Ele saiu primeiro, e ela sabia que esse era um gesto de proteção. Chato, mas na escala de aborrecimentos esse era um dos menores.

– Você soube de Paris. – Eles tinham um diretor há alguns anos que se dedicou à política em seu cargo. Ele quase conseguiu que todos os seus caçadores fossem mortos, pois estava ocupado demais recebendo os aplausos do público.

Sara assentiu e se dirigiu para a moto, o meio de transporte escolhido para essa noite. – Sempre me perguntei como isso pode ter acontecido. – Caçadores eram rudes, francos em geral.

Gente pretensiosa os deixava desconfiados.

– Algumas pessoas dizem que ele fechou um acordo com uma quadrilha poderosa de vampiros que influenciou na votação.

Havia um rumor de que vampiros muito antigos possuíam habilidades de controle mental, e uma das qualificações mais importantes de Sara para o cargo de diretora da Sociedade era que ela tinha uma imunidade natural a *todas* as habilidades vampíricas. Como Ellie e os outros caçadores natos, ela sempre esteve destinada à Sociedade.

– Surpreende-me que ele ainda esteja vivo.

– Não tenha tanta certeza disso—ele não foi visto desde que foi deposto do cargo. – Entregando-lhe um capacete reserva, ele a observou colocá-lo e então colocou o seu próprio. – Você pode me ouvir?

Ela assentiu, percebendo que os capacetes possuíam microfones. – Aonde vamos primeiro?

– Timothy Lee. Ele é mais baixo do que Rodney descreveu, mas Rod está traumatizado. Não podemos confiar na memória dele.

Ela estava prestes a responder quando de repente *soube* que eles já não estavam mais sozinhos na garagem. Já montada atrás de Deacon na moto, ela olhou para a porta que tinham usado para deixar as escadas e viu um vampiro. Ela não precisou perguntar a Deacon se ele tinha visto também—o Assassino tinha ficado imóvel no mesmo instante que ela.

Encontrando o olhar do vampiro, ela sentiu os cabelos de sua nuca se arrepiarem. Ele era velho, seu poder tão potente que engrossava o ar até que ela mal podia respirar. Como ele não disse nada, ela decidiu continuar em silêncio também. Deacon deu a partida na moto e saiu da vaga.

– Observe ele, – disse ele através do microfone.

Quando ele virou a moto, ela voltou a cabeça para manter o vampiro à vista. O macho alto e de cabelos escuros nem sequer piscou quando eles se dirigiram para fora da garagem.

– Jogos, – ela murmurou. – Eles estão me deixando saber que estou sendo observada.

– Testando sua força.

– Você sabe, eu entendo suas razões—você pode imaginar o que aconteceria ao mundo se alguma das sedes principais tivesse um diretor fraco?

– Paris, – disse Deacon outra vez.

Ela assentiu, embora ele não pudesse vê-la. – Qual era o nome dele, Jarvis?

– Jervois.

– Certo. – A fraqueza de Jervois tinha conduzido a Sociedade europeia à desordem. Os vampiros tinham imediatamente aproveitado. A maioria tinha simplesmente escapado, planejando se perder no mundo. Mas alguns... – Vários vampiros cederam à sede de sangue. As notícias diziam que corria sangue pelas ruas.

– Não estavam muito longe da verdade. Paris perdeu dez por cento de sua população em um mês.

Colocado em tais termos finitos, o horror era enregelante.

– Por que os anjos não interviram? – Em sua cidade natal, Nova York, Raphael comandava o show, e tanto quanto Sara sabia nenhum vampiro em sede de sangue nunca tinha posto os pés na cidade. Desde que isso era estatisticamente impossível, obviamente, Raphael tinha se ocupado dos problemas com tal impecável eficiência que ninguém tinha ouvido sequer um sussurro.

– O que se diz é, – a voz de Deacon se tornou fria, – que Michaela decidiu que os humanos precisavam de uma lição de humildade.

Michaela era a mais notória entre os arcanjos, uma beldade deslumbrante que gostava o bastante da atenção para posar para a mídia humana em ocasiões.

– Eu acho que ela adoraria empurrar todos nós de volta a uma época onde ela era considerada uma deusa, – disse Sara.

– Há um monte de gente que mesmo agora vê os anjos como mensageiros de Deus.

– E você?

– Outra espécie, – respondeu ele. – Talvez eles sejam o que vamos nos tornar em algum momento dos próximos milhões de anos.

Era uma hipótese interessante. Sara não sabia no que acreditava. Os anjos tinham estado presentes desde a primeira pintura nas cavernas. Havia tantas explicações para sua existência quanto estrelas no céu. E se os anjos conheciam a verdade, eles não estavam contando.

– Então, por que Timothy Lee?

– Ele esteve na cidade durante todos os assassinatos e é capaz de fazer o trabalho...

– Todos nós somos.

– Sim. De modo que isso não importa tanto, mas Timothy é um caçador muito dedicado. Ele não vê isso como um trabalho, mas como uma vocação.

– Ele é caçador nato? – Sendo a melhor amiga de Ellie por tantos anos, ela sabia que, para aqueles que nasciam com a capacidade de rastrear vampiros pelo cheiro, entrar para a Sociedade *era* menos uma escolha do que uma compulsão.

– Não. Mas ele venera aos caçadores natos.

– Não é saudável, mas tampouco psicopata.

Deacon assentiu. – É por isso que ele é um dos três. Os outros dois têm suas próprias pequenas idiossincrasias, mas todos os caçadores são estranhos em algum grau.

– Você conhece Ashwini, não é mesmo?

Ela ouviu-o se engasgar. – Conhecer não é bem a palavra certa. Ela atirou em mim da primeira vez que nos encontramos.

– Soa como ela. – Ela sorriu, mas isso não durou muito. – Se for um desses três, você vai executá-la?

– Sim.

– Sem polícia?

– Estou autorizado a fazer isso. A lei nunca se envolve. – Uma pausa. – Eles se alegram de que policiemos a nós mesmos. Caçadores que se tornam maus têm uma tendência a fazer crescer o número de mortos.

– Como os vampiros.

Ele não disse nada, mas ela sentiu seu acordo na imobilidade tensa do corpo dele. Estranhamente tranquila, a noite parecia desencorajar mais conversa, então circularam em silêncio até Deacon estacionar na lateral de uma escura rua silenciosa.

– Vamos a pé daqui.

Guardando seu capacete junto ao dele, ela o seguiu rua a baixo até uma cerca de arame. Ela franziu o cenho.

– Isso parece um ferro-velho.

– E é.

Bem, isso era realmente estranho. Caçadores quase nunca viviam em lugares ruins. Eles eram muito bem pagos para arriscar o pescoço perseguindo vampiros que podiam facilmente rasgá-los.

– Gosto não se discute.

– Ele tem um cão do inferno.

Ela achou ter ouvido errado. – Você disse cão do inferno?

Visões de olhos vermelhos pulsando em um miasma de enxofre dançaram pela cabeça dela. Então tridentes começaram a girar ao redor disso.

– Uma coisa grande e negra que provavelmente arrancará sua mão se você olhar para ela do jeito errado. Timothy a chama de Garota de Lúcifer. – Ele pegou algo do bolso. – Dardo tranquilizante. – Então ele se foi, e se ela não tivesse visto nunca teria imaginado que ele pudesse se mover tão rápido.

Ela o seguiu e ambos pularam a cerca e pousaram com o silêncio típico dos caçadores do outro lado. Não houve nenhum latido, nada para alertá-los de que eles tinham se transformado em presas—a Garota de Lúcifer saiu da escuridão feito um furioso turbilhão. Sara se abaixou instintivamente e o corpo da cadela saltou sobre o dela... para encontrar o tranquilizante, que claramente era de ação rápida, na mão de Deacon. Em vez de deixar que o cão caísse no chão, Deacon agarrou sua musculosa forma e baixou-a suavemente ao solo.

– Você gosta dela, – disse Sara, incrédula.

Deacon acariciou o lombo arquejante da cadela. – O que há para não gostar? Ela é leal, e forte. Se eu tiver que executar Timothy, ela vai perder seu mestre.

– Você gostaria de adotá-la, não é? – Ela sacudiu a cabeça. – Lá se vão suas chances de algum dia arranjar uma garota.

Ele ergueu a cabeça, olhando-a desse jeito intenso dele. – Não é fã?

– Ela tem caninos de vinte centímetros. – Só um ligeiro exagero. – Uma mulher teria que te amar muitíssimo para encarar esse tipo de competição. – Ela acenou para a construção do outro lado da montanha de sucata e sabe lá Deus o quê. – Sim?

– Vamos. O tranquilizante vai manter Lucy apagada por um tempo.

Lucy?

Eles levaram um momento para encontrar um caminho através do lixo, procurando por armadilhas no processo. Quando finalmente chegaram ao barraco caindo aos pedaços que Timothy chamava de casa descobriram que o lugar estava vazio. Um pouco de arrombamento e invasão e logo eles estavam dentro, mas não viram nada semelhante a uma arma fumegante. O fato de Tim não estar em casa não significava nada—Caçadores geralmente mantinham horários irregulares.

Ela viu quando Deacon pegou algo do bolso e colocou no fundo de todos os sapatos que pôde encontrar.

– Transmissores, – ele disse a ela. – A bateria dura cerca de dois dias. Portanto, se houver uma morte nesse período e ele estiver usando um dos pares que marquei, eu vou poder rastrear os movimentos dele.

– Quem é o próximo da lista?

Ele disse a ela depois de escalar a cerca—acariciando Lucy no caminho, e esperando tempo o bastante para garantir que ela estava se recuperando bem do tranqüilizante.

– O próximo é Mayur Shah. Solitário, faz seu trabalho, mas não parece ter qualquer contato com outros caçadores.

– Como alguém que eu conheço.

Deacon ignorou o comentário, montou em sua moto e arrancou.

Sorrindo, ela se apertou contra o calor de suas costas. – O que pôs Shah em seu radar?

– Ele tem cinco denúncias contra ele no SPV.

A Sociedade de Proteção aos Vampiros tinha sido criada para deter a crueldade e preconceito contra os vampiros. Eles nunca ganhavam as causas—era extremamente difícil fazer um vampiro parecer uma vítima quando você tinha fotos de sua matança sangrenta—mas eles podiam ser uma verdadeira dor de cabeça.

– Pelo quê?

– Violência excessiva contra um vampiro durante a recuperação.

– Mmm. – Ela refletiu sobre isso. – Por que você não soa mais animado?

– Porque todas as cinco queixas vieram do mesmo vampiro.

Sua própria crescente animação se desinflou. – Provavelmente alguém com um interesse pessoal.

– Sim, mas temos que verificar.

Shah Mayur morava em uma casa muito mais comum—em termos de atratividade para os caçadores. O apartamento dele ocupava todo o terceiro andar independente de uma casa.

Sara franziu a testa. – Entrar vai ser um problema.

Deacon já tinha lhe dito que não havia acesso interno, de modo que eles não poderiam entrar pelas escadas do andar de baixo—e a escada retrátil que Shah usava para

entrar e sair atualmente estava recolhida. Isso não queria dizer que ele estava em casa. De acordo com as informações de Deacon, a escada retrátil podia ser erguida ou baixada por controle remoto. Shah não era do tipo que confiava. Mas ele supostamente tinha embarcado em um voo para Washington há uma hora.

– Alguma ideia?

Deacon estava olhando para a parede de trás quando ela se virou para ele. – Você pode escalar isso? – Ela seguiu seu olhar para o que parecia ser uma espécie de tubulação de água, uma razoavelmente substancial.

– Sim. – O pedido surpreendeu-a. – Pensei que você estivesse tomando conta de mim.

– Estamos provavelmente sob vigilância, – ele disse a ela em um tom objetivo. – Não posso te deixar parecer completamente indefesa.

– Isso implica que você poderia. – Ela lançou a ele um sorriso que era um misto de doçura e acidez. – Temos que levar outra coisa em conta—se estamos sendo observados, então os anjos e vampiros de alto escalão sabem o que estamos fazendo. Não vou entregar um caçador nas mãos deles. – O castigo angelical podia destruir brutalmente uma alma.

Deacon estudou seu rosto sem pestanejar. – É por isso que temos que chegar a ele primeiro. Nós daremos a ele uma morte misericordiosa.

Assentindo, Sara aceitou os transmissores que ele lhe estendeu e correu em direção ao tubo. Ela era leve o bastante—e mais importante, tinha músculos o bastante—para facilmente se içar. Quando Sara chegou ao parapeito da janela, ela achou um cômodo e largo poleiro. Estando assim tão perto era tentador erguer a janela e entrar, mas ela tomou um momento para verificar tudo.

O que foi algo bom, como se viu.

Shah havia armado um garrote na abertura, na altura exata para retalhar qualquer um que entrasse. Pela forma como o garrote brilhava fracamente, ela supôs que ele tinha sido coberto com vidro moído. Horrível, mas garantir a segurança de sua casa não era um crime. Fazendo uma dupla checagem por fios elétricos que pudessem estar ligados a um alarme, ela olhou para Deacon e sinalizou sua intenção de entrar.

Ele assentiu uma vez e sinalizou de volta. *Dois minutos.*

Abrindo a janela, ela entrou com cuidado, evitando o golpe letal do garrote armado. Ela se encontrou no que parecia ser uma sala de estar. Estava escuro. Mas não escuro o bastante para esconder o homem sentado silenciosamente na poltrona.

4

– Eu esperava Deacon, – disse ele em um tom suave e sedoso.

– Shah Mayur, eu presumo.

– Sara Haziz. – Um tom de surpresa. – Desde quando você é uma Assassina?

– Chame isso de um trabalho extra. – Ela notou a arma no colo dele. – Você estava preparado.

– Não quero que minha cabeça seja cortada antes que eu tenha chance de explicar que não sou um assassino homicida. – Desta vez seu tom era irônico.

Ela gostou dele. Isso não significava que ele não fosse um assassino. – Então, e se eu fosse embora?

– Não vou atirar em você. Diga a Deacon que vou me encontrar com vocês lá fora. – Uma pausa. – E Sara, não é um bom hábito para a futura Diretora da Sociedade se dedicar à invasão de domicílios.

– Por que todo mundo age como se fosse um fato? – Ela murmurou e saiu, mantendo um olho nas mãos dele o tempo todo. Se necessário ela poderia pular a janela — ela quebraria alguns ossos, mas isso não iria matá-la. Não como faria uma bala.

Se Shah respondeu, ela não ouviu. Foi muito mais fácil descer pelo tubo do que tinha sido subir. – Ele vai descer para conversarmos.

A expressão de Deacon se tornou muito estática. Perigosa. – Ele não deveria estar aqui.

– Ele sabia que você estava vindo. E ele sabe seu nome.

Isso o tornou ainda mais estático. Sara sentiu-se fascinada. Será que Deacon alguma vez se soltava? Ou ele sempre se continha tanto, mesmo nos momentos mais íntimos? Era tentador beijá-lo e descobrir, mas do jeito como ele lhe atraía, ela sabia que não se deteria em um beijo.

O ruído da escada portátil de Shah deslizando em direção ao chão foi uma distração bem-vinda. Ela esperou enquanto o outro caçador descia, sua arma em nenhum lugar à vista. Claro, isso só significava que ele era bom em esconder seu armamento. Elena aprovaria, Sara pensou. Sua melhor amiga geralmente escondia spikes no cabelo e facas amarradas nas coxas. E isso era só o começo.

– Olá, Deacon. – Shah acabou por ser alto, moreno, e muito bonito, com um brilhante cabelo negro que roçava seus ombros.

– Estou impressionado. – Deacon se angulou sutilmente para que pudesse proteger Sara.

Ela se conteve de revirar os olhos e aproveitou a oportunidade para recuperar sua própria arma da parte baixa de suas costas. Então ela saiu da sombra de Deacon para que pudesse ter uma linha de visão clara.

– Espionagem é minha coisa. Eu trabalho na Inteligência da Sociedade.

A Sociedade tinha uma divisão de Inteligência? Sara se perguntou quantos segredos mais ela conheceria como Diretora da Sociedade. Era de fato uma tentação para uma mulher tão curiosa quanto ela. Mas ela estava disposta a renunciar tudo que era, renunciar à possibilidade de uma família, filhos? Sim, havia homens que estariam mais que dispostos a dormir com a Diretora da Sociedade, mas esse era o tipo de homem que ela não tocaria nem morta.

Não, Deacon era seu tipo. Frio, controlado e forte. E era quase tão provável que ele dormisse com a mulher que seria efetivamente sua chefe—se ela aceitasse o cargo de diretora—quanto que ele começasse a jorrar piadas. Refreando seus pensamentos errantes, ela encontrou o olhar de Shah.

– E se supõe que nós apenas deveríamos acreditar em você?

Shah encolheu os ombros, dando-lhe um sorriso secreto. – Ou eu poderia contar a ele tudo sobre a vez em que você e Elena decidiram experimentar a barra de strip-tease do Maxie.

Como diabos ele tinha descoberto sobre isso? Ela franziu o cenho. – Se você trabalha na Inteligência, por que Simon não limpou sua barra?

– Deacon conduz suas operações de forma independente. – Ele deu de ombros. – Eu podia ter me feito difícil de se achar, mas acho que vocês dois são uma boa aposta quando se trata de manter segredos. A futura diretora e o Assassino. A quem vocês contariam?

Deacon de repente tinha uma mão ao redor do pescoço de Shah, e uma faca em seu abdômen. – Tire a camisa.

Shah pestanejou, escondendo sua surpresa atrás do charme. – Não sabia que você curti esse tipo de coisa. – Deacon empurrou um pouco a faca.

– Tudo bem. – Desabotoando a camisa com dedos ágeis, Shah deu de ombros para tirá-la.

– Sara, verifique se o corpo dele tem marcas de luta. Um dos vampiros ofereceu um inferno de uma briga.

Sara fez uma inspeção de perto, mas tudo que viu foi uma pele lisa e imaculada.

– Ele está limpo.

Shah esfregou a garganta quando Deacon o soltou. – Você poderia ter pedido amavelmente.

– E você poderia ter apunhalado seu coração. – Sara fungou. – Deixe de teatro. Você é tão indefeso quanto uma piranha.

– Você não pode culpar um rapaz por tentar. – Ele sorriu, revelando covinhas que ele sem dúvida usava como uma ferramenta. – Se querem minha opinião, eu apostaria em Tim. Você já viu esse seu cão? Provavelmente ele fez um pacto com o diabo e o ganhou como seguro. Agora a coisa está possuindo-o.

Sara sacudiu a cabeça, notando o brilho de diversão nos olhos dele. – Não acho que você deva atirar pedras—eu vi o urso de pelúcia em seu sofá.

Interessante. Um espião suave e sofisticado poderia ficar vermelho vivo sob sua pele cor de canela polvilhada.

– É do meu sobrinho. E se vocês não precisam me maltratar mais, eu gostaria de ir dormir. – Com isso, ele se virou e partiu.

– Ele não se insinuou para você. – Foi uma declaração tranquila.

Ela apertou os lábios. – E você sentiu necessidade de apontar isso, por quê?

– Shah não tem nenhum amigo caçador próximo, mas ele é popular com as mulheres. Ele se atira em qualquer coisa com tetas, mas as morenas pequenas são especialmente seu tipo.

– Obrigada por esmagar minha autoestima sob sua bota.

Refreando o impulso de chutá-lo, ela pegou o capacete e colocou-o com força. Deacon se sentou, colocando o próprio capacete antes de dar a partida no motor. Eles estavam a dez minutos da casa de Shah e atravessando um estacionamento deserto quando Deacon se deteve.

– Lutar ou correr?

Ela havia visto os vampiros nas sombras. Quantos? Cinco—não, sete. Sete contra dois.

– Correr. – A estupidez não foi o que a manteve viva todo esse tempo.

Foi só quando Deacon derrapava para fora do estacionamento que ela se deu conta de que ele tinha deixado a escolha para ela. Foi... inesperado.

A terceira parada da noite foi um bar gay. Sara ficou olhando fixamente para o nome do bar. – Inferno. – Ela se virou para o homem silencioso ao seu lado. – Sou só eu ou estamos vendo um padrão aqui?

Um tique peculiar de seus lábios. Era mais sexy do que um sorriso verdadeiro de qualquer outro homem. – Estou te conduzindo ao pecado.

Sara não pôde evitar. Ela riu. – Obviamente, o suspeito número três é gay. Certo?

– Marco Giardes. – Ele acenou com a cabeça para cima. – Vive em cima do bar.

– Hein?

– Ele é o dono do lugar. Comprou com uma herança.

Sara deu de ombros. – Não me incomoda. Incomoda você?

Um pouco de vermelho coloriu as bochechas dele. O queixo dela caiu. – O quê?

Ele soltou um suspiro. – Você vai ver.

– Nós vamos entrar?

– Sim. Ele não sabe sobre mim—a menos que seja outro espião. Somos apenas dois caçadores que ouviram falar do lugar e decidiram dar uma passada.

Desde que caçadores eram conhecidos por fazer coisas como essa para apoiar uns aos outros, essa era uma desculpa perfeitamente crível. E apesar de ser quase quatro horas da manhã, o bar ainda estava lotado.

– Armas?

– Sem problema para caçadores.

– Então vamos.

Eles sacaram suas IDs da Sociedade e mostraram-nas ao musculoso segurança... Que deu uma minuciosa checada em Deacon. Sara mordeu o interior das bochechas quando o grande e durão Assassino moveu-se um pouco para trás dela.

No instante que eles entraram no piso principal as conversas cessaram, então começaram com um enorme alvoroço. Ela foi recebida com sorrisos—havia várias outras mulheres no meio da multidão—mas a atenção estava definitivamente em Deacon. Então, quando ele colocou a mão na cintura dela e puxou-a contra ele, Sara não protestou.

– Pobre bebê, – ela murmurou. – Eles realmente gostam de você.

– Não é engraçado. – Ela nunca tinha *ouvido* um rubor antes.

Um homem magnífico com o corpo provocante de um modelo de passarela se aproximou.

– É uma pena, – ele murmurou, observando a linguagem corporal deles. – Espero que você esteja cuidando bem dele.

Sara acariciou a mão de Deacon que estava sobre seu quadril. – Da melhor forma possível.

– Você vai deixar ele dançar com a gente?

Sara podia sentir o horror de Deacon nas linhas absolutamente congeladas de seu corpo. Era tentador importuná-lo, mas...

– Ele não é um bom dançarino.

Dando outro suspiro triste, o loiro foi embora. Incapaz de aguentar por mais tempo, Sara se virou e escondeu o rosto no peito de Deacon enquanto seu corpo tremia pelo tanto que ria. Os braços dele rodearam-na, e seus lábios vieram para sua orelha.

– Nós vamos para um bar de *meninas*¹³ em nosso próximo encontro.

Isso só fez com que ela risse ainda mais. Lágrimas escapavam dos olhos dela. Quando ela conseguiu se acalmar, o cheiro de Deacon estava bem e verdadeiramente em seus pulmões. E o homem cheirava deliciosamente bem. Um pouco a calor, um pouco a suor, um monte a perigo. Perfeito.

Com as palmas das mãos em seu magnífico peito, ela ergueu os olhos. – Acho que eles reconhecem um homem viril quando veem um.

Os longos e belos cílios dele encobriram seu olhar, mas ela viu o brilho que havia nele. – E você?

A resposta dela foi interrompida por um discreto pigarrear. Ela virou-se e encontrou um homem que só podia ser outro caçador. Sua postura era fluida da forma que era comum a alguém que sabia como se mover numa luta, seu olhar vigilante... E, no momento, divertido.

– Bem-vindos. Não creio que já tenhamos nos conhecido antes.

– Sara. – Ela estendeu a mão. – Este é o Deacon.

– Sara Haziz? – O sorriso do caçador se tornou deslumbrante. – Estou tão encantado em conhecê-la. Já ouvi falar de você, é claro. Por favor, venham. – Ele olhou por cima do

¹³ Bar de lésbicas.

ombro. – Pierre, prepare uma mesa. – Voltando sua atenção para eles, ele acenou levemente com a cabeça. – Eu sou Marco. Estou na Sociedade, mas não por muito tempo.

– Oh?

Ele sorriu outra vez, exibindo uma fileira de dentes brancos. – Eu decidi que este bar é meu verdadeiro ramo, afinal.

Não muitos caçadores se aposentavam. Mas isso não era completamente inédito. – Você não vai sentir falta da emoção da caçada?

– Esse é um jogo para jovens. Estou com trinta e tantos anos agora, mas não conte a ninguém.

Deacon finalmente quebrou seu silêncio. – Seu bar está indo muito bem; ouvimos outros caçadores comentando sobre ele.

– Alguns dos meus melhores clientes são caçadores, – disse Marco, prazer genuíno na voz. – Eles trazem suas namoradas, companheiras, sem nem sequer pestanejar. Estou muito feliz por ter feito parte dessa fraternidade. Por favor, venham. As bebidas são por minha conta. – Com isso ele deu meia volta e levou-os para uma mesa perto da pista de dança.

Todos eles se sentaram e pediram bebidas. Sara notou que Deacon mal tocou na bebida dele—que era um uísque, naturalmente—e nem tampouco Marco. Ela tomou um gole de seu coquetel e fez um som verdadeiro de prazer.

– Isso está pecaminosamente bom.

– Sim, o bar está se tornando muito conhecido por seus coquetéis.

Ela sorriu e eles jogaram conversa fora por algum tempo.

– Será que esse lugar tem um banheiro feminino?

Marco sorriu. – Claro. Posso te mostrar onde é.

– Não, só me indique a direção certa. – Ela se aproximou um pouco dele e sussurrou: – Preciso que você fique aqui e proteja Deacon.

Os olhos de Marco brilharam. – Os grandes desejam competir contra ele, e os bonitos querem levá-lo para casa e entregar um chicote a ele.

O rosto de Deacon permaneceu inexpressivo, mas seus olhos verdes sustentavam uma clara advertência. Rindo, ela entrou no personagem e acariciou a bochecha dele quando se foi. A barba fez com que as pontas dos seus dedos quisessem explorá-la, mas em vez disso ela seguiu para o banheiro, ganhando vários olhares apreciativos da multidão.

Não foi sua culpa ter se distraído em uma conversa com outro caçador e acabar diante de uma porta que não levava ao banheiro. Infelizmente, ela estava solidamente trancada e codificada com um dispositivo touchpad. Escondendo sua decepção, ela decidiu perguntar onde era o banheiro outra vez e entrou para utilizar as instalações antes de voltar para a mesa.

– Se perdeu? – Deacon perguntou antes que Marco pudesse.

– É. – Ela riu. – Alguém me puxou para perguntar se você realmente é tão durão quanto parece.

Deacon corou. – Continue.

Ela sabia que essa era outra advertência. Mas isso teve o efeito de desarmar qualquer suspeita que Marco pudesse ter tido. Este riu e disse mais algumas palavras antes de se levantar para ir socializar.

Deacon não parecia particularmente feliz, mas esperou até que eles estivessem na moto a caminho do hotel para falar.

– Você não foi ao apartamento dele.

– Não era necessário. – Ela sorriu. – Ele cruza as pernas como vocês caras costumam fazer.

Silêncio.

Ela se apiedou dele. – Você sabe, um tornozelo sobre o joelho, invadindo o espaço dos outros.

– Você colocou um transmissor no sapato dele.

– Quando perguntei pelo banheiro. – Ela sentia-se orgulhosíssima disso. – E essa não é nem mesmo a melhor parte—ele estava usando sólidas botas de caçador. – O que aumentava as chances de que ele usasse o mesmo calçado se decidisse sair para matar.

– Meu palpite—o assassino não vai se mover esta noite. Não depois de Rodney.

– Será que ele não vai estar frustrado pelo fato de ter falhado?

– É possível, mas esse cara não é estúpido. Ele faz seu dever de casa, e ataca só quando sabe que sua presa vai estar vulnerável.

– Se você tivesse mais pessoal poderia colocar Tim e Marco sob vigilância, e Shah também se necessário.

– Alguma vez já tentou seguir um caçador que não quer ser seguido?

– Vejo seu ponto. – Ela pensou sobre os três que eles tinham visitado. – Você pediu a Simon para verificar os antecedentes deles?

– Talvez já tenham chegado.

Deacon estava certo. Ele sacou e conectou um PDA¹⁴ que parecia tão rústico quanto ele assim que voltaram para o hotel—todos os três relatórios estavam esperando em seu e-mail.

– Coisas bem normais, – disse Sara de onde se deitava de costas na cama com o PDA nas mãos. – Timothy teve uma caçada que deu errado, e não foi visto em público desde então, mas nós sabemos que ele está vivo. Shah realmente é um espião. O que não significa que ele seja o assassino.

– Intuição?

– Se Shah fosse matar, ele faria isso de uma forma que ninguém nunca pudesse ligar isso a ele. – Ela olhou a última página. – Marco é um caçador íntegro com uma vida pessoal estável—e ele brinca de família feliz com um vampiro, então ele claramente gosta deles.

– Você alguma vez se sentiu tentada a isso? – A cama afundou quando Deacon apoiou um joelho na beirada inferior e abaixou os olhos na direção dela.

¹⁴ Basicamente um computador de bolso, ou 'palma da mão'.

5

A boca de Sara ficou seca. – Tentada?

– A se envolver com um vampiro?

Ah. – Claro, eles são lindos. – Mas não eram *reais*, não como Deacon. – Não me diga que você não concorda.

– Toda essa coisa de chupar sangue é uma asquerosidade.

– Sim, não é minha praia também. Não quero que meu companheiro pense em mim como um lanche da meia-noite. – Ela desligou o PDA e colocou-o cuidadosamente sobre a pequena cômoda ao lado da cama. – Você já teve que alimentar um vampiro alguma vez?

Um assentimento, os olhos dele se mantendo em seus lábios. – E você?

– Alimentação de emergência, – disse ela, sentindo-se repentinamente quente dentro da camiseta e jeans que tiveram bons momentos antes. – O cara estava tão mal, eu tinha que fazer alguma coisa.

– Doeu? – Aqueles olhos verde-noite se arrastavam desde os montículos de seus seios ao declive de seu estômago.

Ela respirou fundo, vendo-o inspirar um fôlego próprio ante o movimento de seu peito. – Não tanto quanto você esperaria. Eles têm algo na saliva que alivia. – Esticando as pernas, Sara ergueu os braços por cima da cabeça. – E você sabe que eles podem fazer com que seja prazeroso se quiserem.

Deacon não respondeu, a maior parte da atenção dele estava sobre seu corpo enquanto ela relaxava alongando-se. Então ele se moveu na cama, apoiando-se sobre ela usando seus antebraços. – Sim?

Uma simples pergunta—uma que a fez parar e pensar. Os caçadores não eram puritanos, mas Sara nunca tinha tido uma aventura de uma noite. Isso simplesmente não estava nela. No entanto, ela havia desejado Deacon desde o instante em que o vira. E levando em conta a excitação que ele não estava fazendo nenhum esforço para esconder, ela sabia muito bem que ele também a desejava.

Mas eles não eram apenas dois caçadores que tinham se conhecido na estrada. – Você vai ficar todo estranho depois?

– Defina estranho. – Ele acomodou-se mais firmemente contra ela.

Ela conteve um gemido. O homem estava quente, duro, e mais que pronto. – Preciso que você siga minhas ordens se me tornar diretora. – Seus antigos amantes não hesitariam, pois ela não era candidata a um posto tão criticamente importante então. Mas agora ela era muito mais que uma candidata. – Você vai esperar um tratamento especial?

– Não estou na cama com a futura diretora. Estou na cama com Sara.

– Isso é bom o suficiente para mim.

Era tentador se apressar, mas ela acariciou com as mãos o cabelo dele e puxou-o para si. O beijo foi um soco no seu sistema. Fazendo um som de puro prazer, ela pôs os braços ao redor do pescoço dele, as pernas ao redor de sua cintura. O homem era grande e sólido por toda parte. Um muro de carne, osso e músculo contido por uma vontade de granito. Ela queria se esfregar contra ele até ronronar.

Ele mordeu o lábio inferior dela. Sara ofegou e logo isso voltou a acontecer, a sensação de precipitação selvagem, o prazer quase insuportável, a necessidade de prová-lo mais profundamente. Quando o beijo se interrompeu dessa vez, ela se aninhou no pescoço dele, beijando um caminho ao longo dos tendões tensos de seu pescoço. Ele cheirava tão bem.

Ele a puxou de volta para mais um beijo, e em algum ponto ela percebeu que a mão dele estava em suas costas nuas, sob a camiseta. Sara queria mais. Interrompendo o beijo, ela o soltou e levantou a camiseta. Deacon se afastou o suficiente para que ela pudesse tirá-la pela cabeça.

– Verde? – Ele traçou o laço do sutiã dela com um único e provocante dedo.

Ela começou a desabotoar a camisa dele ao mesmo tempo em que Deacon abria seu sutiã.

– É minha cor favorita.

– Sorte minha. – A última palavra se transformou em um gemido quando ela aplainou as mãos no peito dele. – Malditamente sortuda.

– Tire! – Ela ordenou.

Grunhindo, ele se ajoelhou e deslizou o sutiã para fora antes de se livrar da própria camisa. Mas ele não voltou para baixo imediatamente. Em vez disso, ele estendeu uma grande mão para fechá-la sobre um seio. Ela gritou com o toque inesperadamente atrevido, seus olhos se chocando com os dele.

Profundamente verdes, mas não mais tranquilos ou indiferentes.

Isso fez com que a última de suas inibições desaparecesse, e quando ele inclinou a cabeça para seu seio, ela fechou as mãos no cabelo dele e segurou-se para o passeio. O assassino sabia o que estava fazendo.

Não houve carícias hesitantes, mais nenhum pedido de permissão. Ele havia perguntado uma vez, e ela havia concordado. Agora ele tomou total proveito. Para dizer a verdade, era mais do que erótico estar com um homem tão seguro de si mesmo na cama. Tão seguro... E tão absolutamente empenhado. Agora ela sabia a resposta à sua pergunta—quando Deacon perdia o controle, ele *perdia* o controle.

Deus, ele podia ficar mais sexy?

Sara enrolou as pernas ao redor da cintura dele e lhe deu um beijo úmido, profundo e aberto. – Acho que você deveria tirar as calças.

Percorrendo seu pescoço com o nariz até o ponto onde havia um pulso, Deacon estendeu a mão para os dela em lugar disso. Mas em vez de abrir seus jeans, ele deslizou a mão por sob o cós da calça dela para afagá-la com atrevida familiaridade.

Ela se arqueou contra ele, querendo mais. – Sem provocar. – Um beliscão na suave carne de seu seio. Estremecendo, ela colocou as mãos no cabelo dele e puxou-o. – Não fala na cama?

Sua resposta foi beijar uma trilha até seu esterno antes de sentar-se. Retirando a mão com óbvia relutância, ele desabotoou o jeans dela e tirou-o junto com a calcinha. Houve um imóvel e obscuro momento sensual enquanto ele simplesmente olhava-a. O corpo dela se arqueou em um convite silencioso. Aceitando-o, ele se inclinou até que seus lábios tocavam a orelha dela... E sussurrou promessas tão diabólicas, pedidos tão decadentes, que Sara pensou que estava se derretendo de dentro para fora.

– Ok, pare de falar. – Era estímulo sensorial demais, prazer demais. – Agora mesmo.

Deacon sorriu e sentou-se, seu olhar nunca deixando o rosto dela. A intimidade era ofuscante. Então uma grande mão se espalhou por sua coxa, o polegar acariciando a superfície interior insanamente sensível. Ela gritou com o fundo da garganta... E se retorceu de seu domínio para se sentar de joelhos.

Um lampejo de surpresa, logo um sorriso lento e seguro.

– Rápida, elegante e bonita. – Ele se inclinou para correr os lábios por seu pescoço enquanto ela tirava seu cinto e atirava-o no chão, para então começar a trabalhar nos botões da braguilha. – Mmm. – Um som de pura apreciação masculina.

Abaixando as calças dele apenas o suficiente, ela fechou as mãos em torno dele. Seu grande corpo se estremeceu. – *Sara*. – E então ele estava jogando-a de costas, afastando suas mãos e deslizando para dentro dela em um impulso sólido.

O corpo inteiro dela se arqueou para fora da cama. Uau, ela pensou segundos antes de perder a sanidade, Deacon estava constituído exatamente na mesma proporção.

Com o corpo formigando por consequência dos efeitos secundários do melhor orgasmo de sua vida, Sara fitou o teto do hotel. – Eu sabia que tínhamos química, mas isso foi antinatural. – O braço que estava ao redor de sua cintura apertou-a um pouco.

– Vivo para te agradar. – Sexy, desinibido como o inferno quando perdia o controle, e ele tinha um senso de humor.

– Suponho que você não esteja no mercado para um relacionamento a longo prazo?

Ela havia esperado um silêncio chocado, mas ele respondeu de imediato. – Eu não seria um amante muito bom para a diretora.

– Não gosta de ser o centro das atenções, não é mesmo? – Não era uma pergunta, pois ela sabia a resposta. E parte dela desejava que não soubesse.

Porque ela gostou de Deacon, mais do que já gostava dele. Cada vez que ele revelava uma nova faceta de sua personalidade, ela descobria que esta complementava a dela em um nível mais profundo. Havia uma promessa aqui. E não era apenas de sexo. – Você nunca se sente só?

– Estar sozinho nunca foi um problema para mim. – Os dedos dele jogavam sobre a curva de seu quadril. – Você vai aceitar, não é?

– Sim. – Ela sempre soube que chegaria a isso. – A Sociedade é importante. Ela precisa ter alguém no comando que se importe o bastante para se assegurar de que ela siga sendo forte, e que os caçadores estejam protegidos tanto dos vampiros quanto dos anjos.

– E quanto à caça?

Ela acariciou o antebraço dele com a mão. – Vou sentir falta dela. Mas... não tanto quanto alguns outros. Minha melhor amiga, Ellie, enlouqueceria em uma semana pelo confinamento.

– Elena Deveraux? Caçadora nata?

– Você a conhece? – Sara se virou para ele. Com sua face relaxada pelo prazer, o cabelo todo despenteado e os olhos verdes preguiçosos, ele parecia um grande gato deitado ao lado dela. Um gato grande e perigoso.

– Ouvi falar dela, – disse ele. – Dizem que é a melhor.

– Ela é. – Sara estava muito orgulhosa de Ellie, e a considerava mais uma irmã que uma amiga. – Eu me preocupo com ela.

– Você se preocupa com todos os caçadores.

E era verdade. Ela se preocupava. – Acho que estava destinada a ser diretora. – Seu senso de responsabilidade era parte de quem ela era. Ela não poderia partir e deixar a Sociedade em mãos menos capazes, assim como também não poderia forçar Deacon a mudar seu estilo de vida para se adaptar ao dela. – Como é que você acabou sendo o Assassino?

– A Sociedade mantém um olho em possíveis candidatos. O último Assassino se aproximou de mim e me ofereceu o cargo.

Ele havia aceitado, Sara sabia, pela mesma razão pela qual ela iria.

– Alguém tem que fazer o trabalho. – Mas também era uma espécie de vocação—ela sabia que iria adorar ser diretora, que isso a desafiaria e excitaria de uma forma que uma caçada normal não poderia igualar.

– E esse alguém poderia muito bem ser o melhor.

Ela sorriu e girou para encará-lo completamente, uma das mãos dele em seu quadril e uma própria sob sua cabeça. – Você já conheceu um arcanjo? – Os minúsculos pelos nos braços dela se eriçaram só com o pensamento.

–Não. Mas você provavelmente vai.

Ela cedeu aos arrepios. – Espero que não seja por um longo, longo tempo.

Com anjos ela podia lidar, mas arcanjos eram uma história completamente diferente. Eles simplesmente não pensavam nem de longe como seres humanos.

Os lábios de Deacon se curvaram. – Creio que você vai lidar com isso quando o momento chegar. – Estendendo a mão, ele afastou o cabelo do rosto dela.

A ternura do gesto comoveu-a. Mais uma vez, ela sentiu essa promessa. Esse puxão de que isso poderia ser muito mais. – Agora eu só quero lidar com você. – E ela o fez.

Uma hora depois, e apesar da falta de sono, ela não podia desligar, pois estava acelerada demais pelo prazer. Deacon podia fazer coisas incríveis com a língua, Sara pensou estremecendo-se alegremente. Talvez as endorfinas tivessem iluminado o lado direito de seu cérebro, pois ela sentou-se e inclinou-se para pegar o PDA.

– O quê? – Deacon perguntou, um braço forte envolvendo a cintura dela.

Ela ligou-o e verificou. – Argh, não está aqui. – Devolvendo o PDA para onde ele estava antes, ela caiu de volta na cama.

– O quê?

– Uma foto do namorado de Marco. – Ela fez um som de frustração. – Veja, nós temos estado encarando tudo isso como se fosse algum crime de ódio, mas e se é um louco normal que está usando isso a seu favor para nos enganar com pistas falsas?

Deacon afastou o cabelo do rosto e ergueu uma sobrancelha. – Explique a parte do ‘louco normal’.

– Talvez o namorado tenha chutado Marco. Talvez Marco tenha pirado com isso. E agora talvez ele esteja saindo para cortar em pedacinhos os vampiros que se pareçam com seu amado.

Deacon franziu a testa. – As vítimas não se encaixam em um perfil—elas são loiras, morenas, de cabelos negros, brancos.

Ela soltou um suspiro. – Parecia uma boa ideia.

– Ela ainda pode ser uma boa ideia. – A mão dele se aquietou sobre sua pele. – Não há semelhanças físicas, mas todos eram conhecidos por se confraternizar com humanos mais do que o habitual.

– Isso bate, – disse ela, sentindo-se à beira da compreensão. – Eu encontrei Rodney através de seus amigos humanos. Ele não consegue deixá-los de lado.

– Duas das vítimas tinham amantes humanos.

– Não é uma grande coisa, – disse ela. – Os casais humano/vampiro são bastante comuns, especialmente com os vampiros mais jovens.

– Sim, mas é um padrão distinto quando se junta isso a outras coisas. – Afastando o lençol, ele saiu da cama.

Senhor tenha misericórdia.

Ela encarou descaradamente enquanto ele ia até sua jaqueta e pegava um pequeno dispositivo preto. – Essa coisa rastreia os transmissores via GPS. Eu o defini para tocar um alarme caso algum deles se mova, mas apenas no caso... Não, todos estão onde colocamos. Os transmissores, pelo menos.

– Estou preocupada com Tim. – Sara murmurou, perguntando-se se Deacon se importaria se ela usasse os dentes no corpo firme e musculoso dele. – Ninguém o vê há dias. Se ele não é o assassino...

– Sim. Mas alguém está alimentando Lucy—senão, ela estaria mais fraca.

– Concorde. – Ela puxou o lençol por cima da cabeça. – Não posso pensar com você nu. Se vista.

O riso dele foi rico, inesperado, e tão malditamente lindo que ela quase saltou sobre ele de novo.

– *Agora*. É uma ordem da futura Diretora da Sociedade.

– De quem os dedos dos pés nus eu quero morder.

Ela enrolou os dedos dos pés e continuou sorrindo. – Apresse-se.

Ainda rindo, ele parecia estar obedecendo. – Que tal um banho rápido? Estamos suados.

– Esse chuveiro é muito pequeno. – Mas ela abaixou o lençol. A expressão dele era de desafio.

Ela era uma tonta, Sara pensou, levantando-se e passeando descaradamente. Mas ela teve a última palavra... Deixando-o incontestavelmente louco enquanto ele estava preso naquela caixa de vidro cheia de vapor.

6

Eram 7 da manhã quando eles saíram novamente—sem conseguir dormir, mas totalmente ligados com hormônios felizes, como Sarah gostava de pensar neles, e armados até os dentes. Era óbvio que os vampiros que a estavam seguindo estavam aprontando alguma coisa—não tinha motivo algum para ela ser um alvo fácil pra eles.

As ruas ainda estavam escuras quando eles saíram, a neblina circundando as casas como uma carícia. Mesmo o ferro velho parecia um sonho e de alguma forma mais suave na penumbra.

– Vamos pegar a rota da frente hoje, – ela sugeriu. – Direi que eu estou aqui para checá-lo por ordens do Simon.

Deacon assentiu e encostou a moto em uma parada em frente ao portão trancado. – Lucy deve estar aqui a qualquer momento.

Mas embora eles tivessem esperado, o cão infernal predileto de Deacon não apareceu. Um sentimento ruim despontou no fundo do estômago de Sarah. – Espera. – Saindo, ela abriu a tranca e deixou Deacon passar. Era tentador deixar o portão aberto para uma saída fácil, mas ela não queria que Lucy escapasse e aterrorizasse a vizinhança—ou ainda mesmo se assustasse, caso não conseguisse achar o caminho de casa.

Portão trancado, ela voltou à moto e eles saíram rumo ao barraco de Tim—ou o mais perto que podiam chegar, considerando toda a tralha. Tinha uma luz lá dentro. – Ele está em casa. – Tirando o capacete, ela o colocou em um lado do guidão, enquanto Deacon fez o mesmo com o outro.

– Não gosto disso. – As palavras do assassino estavam calmas, seus olhos objetivos, enquanto eles passavam por um espaço no lixo para emergir em um espaço relativamente aberto perto da casa de Tim. – Algo está errado.

Os instintos dela concordaram. – Vamos passar em volta da casa, ter certeza que as coisas estão... – Ela os viu, então. Os vampiros. Encolhidos nos carros destruídos, descansando entre as torres de metal, encostados ao lado do barraco de Tim.

Ela sabia que não teria como correr dessa vez. – Nós precisamos entrar. – Era a única posição defensável. Seu arco já estava em mãos.

– Eles estarão prontos pra isso. – As costas de Deacon se encontraram com as dela e ambos estavam olhando para posições opostas.

– Ao menos que Tim tenha feito uma barricada dentro da casa.

Deacon não disse nada, mas ela sabia o que ele estava fazendo. *Ouvindo*. Se Tim estivesse vivo e dentro da casa, ele os deixaria saber. Mas foi Lucy que eles ouviram, subitamente uma série de latidos agudos e depois nada. O vampiro mais próximo de Sarah xingou alto o suficiente. – Maldito cão que comeu metade da minha perna.

Era uma coisa tão comum de se dizer, mas ela sabia que de comum, ele não tinha nada. Ele não somente carregava séculos de experiência em seus olhos; se movia como um homem que podia usar qualquer movimento ao seu favor. Mas não havia armas em suas mãos. Os arcanjos não eram nada além de justos. Claro, seu conceito de justo significava dois caçadores—possivelmente três—contra o que parecia 15 vampiros.

– Alguém aumentou as apostas, – ela murmurou.

– Eu não reconheço nenhum deles, mesmo o velho. Significa que eles pertencem a alguém além de Raphael.

Ela estava pensando o mesmo. – Bom saber que meu próprio arcanjo não está tentando me matar. – Ela mirou o arco no líder do grupo. – Acho que é hora para o tiro ao alvo.

O vampiro sorriu, educado e suave. – Eu não quero nada mais que um gole, minha dama. – Uma voz que emanava galanteio e crueldade. – Eles dizem que a diretora da Sociedade certamente tem o gosto doce.

Desde que ela duvidava e muito que Simon permitiria que alguém o mastigasse, ela ficou com o pé atrás. – Você está sedento por sangue, então? – Ela avançou um pouco em direção à casa. Deacon a acompanhou.

Os vampiros se mantiveram distantes... por agora.

– Você me machuca assim, *petite guerrière*.

Pequena guerreira? Sarah quase atirou nele de imediato. – Você quer ser fatiado?

– Mentiras, doces mentiras. – Ele levantou um dedo. – Você só pode utilizar com chips embutidos em uma caça, se não, você não poderia ser diretora.

Droga. Ela não esperava que o blefe funcionasse, mas sua resposta significava que era esperto. Esperto + velho não era uma boa combinação para um adversário vampiro. – Eu realmente vou atirar se você chegar mais perto—e se eu atravessar seu coração com uma flecha, vai deixá-lo sem ação.

O vampiro abriu seus braços. – Ai de mim, eu sigo ordens. Meu mestre não vê como uma mulher pode comandar uma Sociedade de guerreiros.

– Existem mulheres arcanjos. – Ela sentiu o corpo de Deacon tenso, pronto pra batalha.

– Ah, mas você não é um arcanjo. – E então ele se *moveu*.

E Sara e Deacon também. Era como se tivessem feito isso por anos. Atirando as flechas enquanto ela corria pelo lado, ela espetou o vampiro líder no ombro—ela estava mirando em sua cabeça, droga—e recarregou super-rápido utilizando a tecnologia de Deacon. Caçadores amavam suas armas por um motivo. Ela podia atirar mais 5 flechas enquanto eles estavam presos lá dentro. Mas agora eles tinham 3 segundos pra correr da casa.

Deacon ficou com as costas nas costas de Sarah o tempo todo, adaptado com seu passo menor com uma facilidade que disse exatamente o quão bom ele era em combate. Dos sons que ela ouviu, ele estava usando algum tipo de arma, mas nada que atirava balas. Os vampiros estavam muito próximos para que ela conferisse, mas ela não achava que ele tivesse se machucado de qualquer forma.

– Brincaram bastante? – ela perguntou ao vampiro que parecia ser a pessoa que falava pelo grupo.

O belo homem já tinha removido a flecha e agora jogava nos pés dela, – Isso não foi muito condizente com uma dama.

– Bom, você não foi exatamente um cavaleiro em me atacar. – Ela podia sentir que o sol estava pra nascer. Péssimo que o os vampiros não viravam poeira com os primeiros raios de sol. Somente nos filmes as coisas eram tão convenientes. Alguns vampiros sofriam de sensibilidade à luz, mas ela apostava que todos desse bando podiam andar sob o sol do meio-dia.

– Ah, – o vampiro disse. – Realmente. Mas você tem um cavaleiro para te proteger.

– Não tenho um cavaleiro. – Ela disse, sabendo que isso era além da força física. – Não sou uma rainha pra me esconder atrás das minhas tropas. Eu sou um general.

A expressão do vampiro transformou-se. – Então, eu vou parar de ser um cavaleiro.

Dessa vez ela não podia recarregar rápido o suficiente. Derrubando o arco, ela começou a lutar com facas, espetando ele na garganta, pegando um segundo vampiro com um chute no estômago. Atrás dela, Deacon estava eliminando os vampiros da esquerda, da direita e no centro. Mas eles estavam em um número expressivamente maior. Esta não era uma luta justa de jeito nenhum.

Quem tivesse orquestrado isso, queria Sarah morta. Por quê? Ela abriu a garganta de um vampiro e o sangue que a atingiu era quente e fresco e nauseante. O vampiro recuou, as mãos segurando sua garganta. Ela continuou lutando, chutando e quebrando joelhos. Algo queimou em seu ombro e ela esfaqueou o ouvido de um vampiro que queria transformá-la em café-da-manhã.

Vociferando, o agressor caiu. Deacon urrou então, e ela nunca tinha ouvido um som tão arrepiante. Ele eliminou mais três que iam em direção a ela, derrubando mais dois que estavam ao seu lado, enquanto ela pegava a arma que ela guardou em suas costas. – Pronto, – ela gritou, e começou a atirar para dar cobertura enquanto ele recarregava.

Eles estavam muito próximos da casa. Mas não o suficiente. Se Tim estivesse lá dentro, ele estaria machucado, morto ou ainda não daria a mínima. De outro modo, ele estaria atirando também. O que significava que era hora de medidas drásticas. Simon tinha sido muito claro em suas instruções.

– Nós andamos em uma linha arriscada. Os anjos precisam de nós. Mas se provarmos que somos poderosos também, eles vão nos eliminar alegremente. Machuquem os vampiros que eles mandam atrás de vocês, mas tentem não matá-los. Porque se você o fizer, você se torna uma ameaça, não um recurso.

O problema era que os vampiros estavam se curando das feridas que não eram fatais somente para continuar o ataque implacável—e definitivamente mortal. – Deacon?

Mesmo enquanto sua mão se movia para retirar o lança-chamas em miniatura atado em sua coxa, uma faca atingiu o vampiro que estava em sua frente, arrasando sua artéria. Enquanto ele se chocava com seu próprio sangue e se afastava do ataque, outra faca acertou o olho do vampiro que ela tinha atingido com a primeira flecha.

Nenhuma das facas era de Sarah.

Então o tiroteio começou.

Facas vinham da esquerda. Tiros vinham da direita.

E um caminho livre em direção à casa. Tinha sido a melhor escolha no começo, um local de onde eles podiam fazer uma barreira. Mas agora as possibilidades tinham mudado. – Você está pensando o que eu estou pensando?

– Lute.

Sorrindo, ela pegou uma segunda arma de um coldre no ombro e começou a atirar com as duas.

Cinco minutos depois, eles estavam encostados na casa e os vampiros estavam ensanguentados e arrasados; pegos entre suas armas e quem quer que estivesse jogando as facas—e outras coisas—perto da cerca.

O chefe dos vampiros levantou as mãos. – Eu me rendo.

Havia um resmungar coletivo de outros vampiros—todos ainda vivos—enquanto eles caíam ao chão. Sarah não podia acreditar. – Você acha que eu vou deixar isso barato?

O vampiro sorriu. – Política é a senhora mais cruel.

– Devo esperar mais alguma visita de vocês?

– Não. O teste já acabou. – Ele piscou, seu olho machucado se curando a uma velocidade anormal. – E os arcanjos tem pouco interesse nos trabalhos internos da Sociedade.

– Então toda essa coisa de tentando me matar? O que foi isso?

– Tinha que ser feito. – Se encolhendo, ele voltou às suas tropas. – É hora de ir.

Passados 5 minutos, não tinha mais nenhum vampiro à vista no amanhecer de uma manhã de inverno. Sarah finalmente baixou suas armas e olhou para Deacon. Ele estava ensanguentado, sua jaqueta rasgada em vários lugares, mas era o seu olhar que a assustou. Ele estava furioso. – Droga, Sarah. Eu não gosto que você se machuque. – E então a beijou.

Era quente, selvagem e maravilhoso... até Lucy começar a uivar. E alguém tossiu.

Sara se afastou do beijo, levantou a arma—para ver uma mulher alta com um cabelo comprido, loiro, preso em um rabo-de-cavalo, seus olhos revelavam curiosidade e seu corpo emplastrado de facas. – Então, – Ellie disse, com um grande sorriso, – você é o assassino, hein? Eu gosto. – Ela deu uma olhada em Deacon de cima a baixo e assoviou. – Selo de Aprovação da Melhor Amiga concedido. Com beirinhas douradas, ainda.

Sorrindo, Sarah foi para abraçá-la. Elena recusou. – Eu te amo Sara, mas você está com sangue de vampiros por todo o corpo.

– Eca. – Sarah olhou para suas roupas encharcadas de sangue. – Eu achei que tivesse falado pra você ficar longe.

– Você faria isso? – Ellie levantou uma sobrancelha. – Exatamente.

Desistindo, Sara jogou seus braços para cima. – Nós precisávamos checar se Tim estava bem—o caçador que está lá dentro.

Ela se voltou a Deacon. – Acha que devemos mandar Ellie entrar? Nós não podíamos querer espalhar sangue por todo o piso de Tim.

Os olhos de Deacon brilharam. – Boa ideia.

Elena olhou pra um e depois para o outro. – Está escrito “idiota” na minha testa? Eu não acho. Eu sei tudo sobre o ajudante demoníaco de Timothy.

Apesar das palavras, Deacon já estava na porta. – Tim?

– Eu estou bem. – A resposta resmungada enquanto Lucy começou um latido frenético. – Luce, garota, menos. – Uns poucos grunhidos, mas o cachorro silenciou-se.

– Me dê cobertura, – Deacon disse e abriu a porta.

Sara estava pronta para atirar em Lucy—para incapacitar, não pra matar—mas “o maldito cachorro com olhos de demônio” estava sentada e atenta ao lado de seu mestre, sorrindo se ela não estivesse apenas esperando uma chance para arrancar seus rostos. Tim tinha uma arma na mão, uma ferida horrível em seu rosto... e cheirava como uma destilaria.

– Jesus, Tim, – Ellie murmurou, abanando seu nariz sensível de caçadora. – Você tomou um banho de cerveja?

Tim fez uma careta. – Psiu.

– Você estava bebendo? – Sara soltou com raiva. – Achamos que você estava morto. – Ou era um assassino em série.

– Ei, – ele murmurou, – eu fiquei consciente tempo o suficiente para atirar neles, não fiquei? E eu estou autorizado a me afogar na bebida depois que eu encontrei um vampiro esquartejado por um grupo de ódio—eles cortaram até seus dedos, um por um. Olha que porra mais nobre.

Sara teve um desses casos também. Ela tinha cozinhado sem parar por cinco dias depois disso. Seus vizinhos amaram. – Quem tem alimentado Lucy?

– Eu, é claro. – Ele olhou-a com indignação. – Como se eu deixasse meu bebê sem comida. – Ele beijou aquela cabeça preta sarnenta. – Ela sabe onde as coisas dela ficam. E eu deixo água fresca por toda a casa.

– Tim, – Sara começou, – isto é importante. Pode provar onde você estava nos últimos dias?

Ele se voltou a ela com um olhar estranhamente direto. – Escondido em um canto do Sal-A-Noite-Toda-O-Tempo-Todo. A agenda está na mesa.

Deacon ligou e confirmou a história de Tim. Feliz com as novidades, mas reconhecendo as implicações, Sara esfregou seu rosto. – Ellie, você pode garantir que Tim seja desintoxicado e que tomem conta desse hematoma? Deacon e eu temos algo pra fazer.

– Estou bem, – Tim murmurou e tentou levantar. Somente pra cair de bunda. – Ou talvez não.

Elena assentiu. – Sem crise. Você precisa de ajuda?

Deacon respondeu. – Fique por perto. Se precisarmos de ajuda, ligaremos.

– Ok. – Fazendo aquelas caretas que demonstravam o quão delicioso Deacon parecia depois que ele se virou e saiu para fazer outra ligação, Elena levantou os polegares para Sara em um sinal de aprovação.

Era impossível não sorrir, mas o sorriso já havia sumido quando ela chegou à moto e Deacon. – Tem que ser Marco. Se não for, estamos afundados na merda. – Porque significaria que eles tinham um louco desconhecido lá fora.

– Eu acabei de checar com Simon. Shah saiu da cidade há duas horas, então, se tiver outra chacina... – Ele negou. – Não podemos esperar por isso, é hora de fazer jogo duro com Marco.

– Você acha que pode acabar com ele?

O rosto de Deacon era como uma máscara sorridente. – Sim.

Deveria tê-la assustado. Não assustou. Porque ela sabia como jogar duro também. – Vamos. – Subindo na moto, ela pegou o capacete que ele ofereceu. – Depois que isso acabar, eu quero tomar banho em um banheiro enorme.

– Eu vou nos levar à cobertura.

– O que faz você pensar que eu vou levar você junto?

– Eu tenho esperanças.

Ah, ela definitivamente queria ficar com ele, ela pensou, enquanto eles fechavam o portão atrás deles e partiam. Talvez tivesse uma maneira de fazer isso funcionar? Ela dificilmente podia ver Deacon em um terno, de algum jeito e a diretora da Sociedade tinha que agir politicamente. Ninguém gostava de uma presença poderosa como a Sociedade na cidade, mas essa cautela pode se transformar em respeito e até manobrar umas boas vindas sutis.

Há muito tempo atrás, a Sociedade escolheu o véu do sigilo. O resultado final foi a eliminação das Sociedades que tinham arrasado outras, um capítulo da história completamente apagado, matando um número enorme de caçadores no processo. Ninguém queria repetir aquilo.

Repentinamente ciente que Deacon tinha reduzido drasticamente a velocidade, ela se esticou pra tentar olhar em volta de um braço musculoso. – Ah, para com essa merda. – Tirando o capacete, ela ficou em pé na moto, usando o ombro de Deacon pra se equilibrar. – Renda-se, – ela falou para o vampiro parado no meio da estrada. – Dessa vez, atiraremos pra matar.

7

– **Minha dama, você não está me compreendendo.** – Uma expressão séria. – Eu preciso dos serviços da Sociedade.

Sara realmente não queria ajudar alguém que quase arrancou a sua cabeça, há pouco tempo atrás, mas caçadores existem por um motivo. – Alguém quebrou um Contrato?

– Não. Um de seus caçadores pegou um dos nossos companheiros como refém. Se você pudesse por gentileza organizar um resgate, ficaríamos muito gratos.

Ela apertou o ombro de Deacon. Não tinha como isso ser uma coincidência. Enquanto ela sentava. Deacon manobrou a moto em direção ao acostamento. – Fale, – ambos disseram ao mesmo tempo.

– Silas, – o vampiro disse, indo em direção a eles, – tinha um relacionamento com o caçador. Sem o conhecimento de ninguém, eles se separaram há duas semanas.

Mais ou menos na mesma época em que os assassinatos começaram.

– O nome do caçador é Marco Giardes. – O vampiro abriu os braços. – Eu não tenho ideia do que aconteceu entre eles. Mas recebi uma mensagem de Silas dizendo que Marco estava mantendo ele refém no porão de sua casa.

Sara imaginou se Marco tinha adivinhado os motivos dela e de Deacon depois de tudo. Alguma coisa deveria ter desencadeado isso. – Ele disse por quanto tempo estava lá?

– Silas entrou no bar do caçador há uma hora com o novo namorado. – Ele bufou. – Ele é jovem, pensa que ser um vampiro é garantia de ser invencível. – Deu um toque significativo no ombro que ela tinha ferido anteriormente.

– Esse vampiro cretino queria esfregar o novo caso dele na cara de Marco. – Sara quase se sentiu mal por ele. Quase. Porque se o que esse vampiro disse fosse verdade, então Marco saiu e matou mais 5 homens, nenhum deles tendo feito nada pra ele. Sem mencionar o fato de como ele aterrorizou Rodney. – Você tem mais alguma informação?

– O novo amante de Silas está morto. – Encolheu os ombros. – Silas mandou a mensagem antes de Marco perceber que ele tinha outro telefone. Eu não recebi mensagens desde então, o caçador deve ter dado um jeito nisso.

Deacon encarou o vampiro. – Se você sabe onde ele está, por que então você não monta um grupo de resgate? Você tem um grupo enorme.

Uma longa pausa. O vampiro olhou pra cima, pra baixo e baixou o tom. – Raphael não ficou feliz com o ataque a Sara. Nós não somos seu povo. Ele nos proibiu de fazer qualquer coisa em seu território exceto o que se relaciona com nossa ida—até comer. – Um suspiro. – Nós sairemos do país no primeiro avião.

– Silas é um turista? – Sara perguntou rapidamente, analisando sua opinião.

– Marco o conheceu durante uma caçada. Silas veio ficar com ele. – Outro olhar pra cima. – Nós apelariamos para nosso arcanjo, mas ele não se importa particularmente com Silas.

Sara não confiou no vampiro de imediato, mas teve a impressão que ele falava a verdade sobre Marco e Silas. Havia uma camada de preocupação em sua voz que trazia uma afeição óbvia pelo vampiro mais jovem. Aquilo não era estranho de maneira alguma. Vampiros já foram humanos, apesar de tudo—demora um bom tempo para os resquícios irem embora.

– Tudo bem. – Ela recolocou o capacete. – Eu acho que é hora da Sociedade ir ao resgate.

Deacon ligou os motores em silêncio e eles partiram, deixando o vampiro parado na curva. – Eu acho que ele foi sincero conosco, – ela disse. – E você?

– Se encaixa com o que sabemos. – Sua voz parecia soturna no ouvido dela. – Parece que Raphael gosta de você.

– Eu nunca o vi ou falei com ele no telefone. – Ela respirou fundo. – Não acho que tenha nada a ver comigo.

– Não?

– Não. Ela sabia exatamente o ranking dos humanos no esquema das coisas que preocupavam os arcanjos. Algum lugar depois das formigas. – É fato que algum outro arcanjo tentou tripudiar em seu território. Ele está puto. – E quando um arcanjo fica puto, as coisas ficam feias. – Você ouviu o que ele fez com aquele vampiro na Times Square?

Um assentir lento de Deacon. – Quebrou cada osso do corpo dele e o deixou lá. Como um aviso. Ele estava vivo durante o processo, o pobre diabo.

– Então você vê porquê eu *nunca* vou querer que Raphael se interesse pelo meu bem-estar.

Deacon não disse nada, mas eles sabiam que como diretora da Sociedade, ela teria uma chance maior de atrair a atenção de Raphael do que uma caçadora comum. Mas mesmo assim, quantas vezes um arcanjo contatou um humano diretamente? Sara nunca tinha ouvido falar de algo assim. Eles comandavam tudo de suas torres.

A torre angelical de Manhattan ofuscava tudo no estado inteiro. Sara tinha ficado frequentemente no apartamento super caro de Ellie e observado os anjos voarem de um lado para o outro. Os pés dele, ela achava, nunca deveriam ter tocado o solo. – Você sabe, eu acho que Ellie tem mais chances de conhecer um arcanjo do que eu.

– Por quê?

– Só um pressentimento. – Um formigamento atrás do pescoço, um beijo do olho que sua tataravó dizia que possuía. – Temos que chamá-la pra ajudar?

– Se Marco está lá sozinho, podemos cuidar dele. Vamos conferir as coisas primeiro—não quero assustá-lo. Embora pareça que Silas não valha nada.

– Sim, mas Marco machucou Rodney que é tão perigoso quanto um coelhinho. – Ela esperou que seu mestre não fosse muito rígido com ele. E que aquela vadia da Mindy tivesse a cabeça arrancada.

– Chegamos. – Ele encostou e estacionou. – O bar deveria estar fechado.

Guardando os capacetes, eles foram em direção ao bar... Apenas para parar bruscamente quando uma senhorinha em seu caminho descendo a rua os encarou e recuou muito rápido. Sara olhou para Deacon, olhou atenciosamente. Grande, sexy, armado até os dentes... E manchado de sangue seco.

– Opa.

Ele sorriu, devagar dando a impressão que ele pensava em se despir. Com ela. – É melhor ajeitarmos as coisas antes que a polícia chegue e o inferno se instale.

Assentindo, ela pôs de lado o pensamento de ensaboar o lindo corpo dele e retomou o ritmo. – Como chegaremos ao porão?

Deacon levantou uma sobrancelha. – A gente pergunta.

– O que... Oh, isso pode funcionar. Dois caçadores precisando de um descanso e de um lugar pra se limparem. Eu sou boa com isso.

A porta do bar estava trancada, todas as luzes apagadas. Deacon foi bater, mas Sara segurou sua mão e apontou para o interfone escondido discretamente no canto. Apertando o botão, ela esperou.

– Sim? – A voz de Marco. Soava cansada, mas nem um pouco agressiva.

– Marco, aqui é a Sara e o Deacon. Precisamos de um lugar para nos limparmos.

– Ah, sim. Percebo. – A porta abriu. – Entrem.

Eles entraram. Sara esperou até a porta fechar atrás deles para sussurrar. – Sou só eu ou ele me parece muito normal?

Deacon não parecia satisfeito. – Ou ele é um ótimo ator ou tem algo mais acontecendo.

Marco colocou sua cabeça pra fora na porta que levava ao seu apartamento. Ele assoviou quando os viu. – Deve ter sido uma senhora de uma luta. O banheiro tem espaço suficiente para os dois. – Um sorriso que tentou esconder a exaustão e falhou miseravelmente.

Outra vez, nada estranho sobre o fato que ele não tinha ido para a cama ainda.

Então ela viu a bagunça que estava o bar. Garrafas quebradas, sangue no chão, algo que parecia com buracos de bala nas paredes. Um segundo depois, Marco saiu de trás da porta, e pareceu que ele estava com um olho roxo. – Posso perguntar? – Ela levantou uma sobrancelha.

Marco passou a mão pelos cabelos. – Suba e vamos conversar.

– Agora falou a minha língua, – Deacon disse sem se mover.

O dono do bar olhou pra eles e disse: – Merda. – Parecendo que seu coração quebrou em mil pedaços, ele sentou no último degrau, com as mãos na cabeça. – Ele armou pra mim. O desgraçado armou pra mim.

Sara estava começando a ter uma dor de cabeça. Ela veio aqui esperando resgatar um vampiro de um caçador desequilibrado, e encontrou um amante destruído. – O que você acha de começarmos de novo? – Ela sugeriu, saindo da zona de ataque caso Marco fosse realmente um ótimo ator. – Onde está Silas?

– Trancado no porão. – Os olhos de Marco estavam vazios quando olhou pra eles. – Eu precisava de tempo pra me recompor antes de ligar pra Sociedade.

– E o homem que estava com ele?

Marco apontou para o bar. – Silas veio atrás dele e... – Ele encarou as próprias mãos. – Eu não podia acreditar. Mas o sangue, meu Deus, tanto sangue.

Deixando Deacon de olho nele, ela subiu na superfície de madeira lustrosa e olhou pra baixo. Olhos azuis brilhantes de vampiro a encararam. Ela tomou fôlego. Se ela não tivesse visto que a cabeça não estava mais ligada ao corpo, ela pensaria que ele ainda estava vivo. – Morto, – ela confirmou. – A pergunta é, como isso aconteceu?

– Silas, – Marco repetiu. – Ele veio aqui, pavoneando. Eu deveria tê-lo deixado lá fora, mas eu... – Ele engoliu, punho fechado, com uma dor aparente em todos os músculos. – Achei que ele tinha vindo para se desculpar. Eu não tinha visto o menino até depois.

– Se desculpar? – Sara teve a impressão que ela tinha sido sugada pra uma enorme confusão de amantes.

– Por me trair. – Marco finalmente olhou pra ela. – Eu estava aqui, sendo um idiota. Eu mandei meu aviso prévio para a Sociedade, montei esse lugar, tudo porque ele disse que odiava saber que eu colocava minha vida em risco em cada caçada. Eu até mesmo pedi a Simon para falar com outros anjos seniôrs, verificar se poderíamos transferir o resto do Contrato de Silas para um anjo nos Estados Unidos, então não teríamos que ir e voltar sempre.

– Aqui. – Sara pegou uma garrafa de água e jogou pra ele. – Respire.

– Não consigo. – Ele esvaziou a garrafa e jogou de lado. – Ele estava me usando. Queria sair do seu Contrato—o Anjo não gosta dele. Eu podia ter superado. Droga de ego, mas eu devia ter suportado. Eu o *amava*. Mas o tempo todo em que estávamos juntos, ele estava com... Vai saber com quem. Mais de um cara.

– Marco, isso não faz sentido. – Sara cruzou os braços. – Por que ele armaria pra você se ele era o que traía?

– Porque eu larguei dele. – E naquele momento Sara viu o caçador que Marco era. Duro, letal e certamente muito bom no seu trabalho. – Eu disse pra ele sair e ficar lá fora.

– O que significa que ele perdeu todas as chances de ter o seu Contrato transferido. – Deacon não saiu de sua posição na porta. – Isso parece bom. Mas todas as evidências apontam para um caçador.

– Ele tomou minhas coisas. Minhas armas, roupas, uma das espadas cerimoniais que eu coletei. – Marco apertou os dentes. – Me sinto tão idiota. Eu sabia que ele não soube lidar bem com a rejeição, mas eu não achei que ele sairia por aí matando as pessoas só pra descontar em mim.

Sara olhou para Deacon. Ele deu uma negativa muito sutil. Ela concordou. Marco estava muito, muito crível. Mas era sua palavra contra a de Silas. Se eles o apoiassem, os vampiros iriam ficar furiosos—a não ser que tivessem provas. No caso, Silas iria desaparecer para encarar a justiça angélica. Caçadores podiam matar, mas somente nas circunstâncias exigidas, ou quanto havia um mandado de execução. Fazia mais sentido para os anjos punirem—eles eram mais rápidos, mais fortes e muito mais cruéis que os vampiros que eles fizeram.

– Câmeras de segurança, – ela perguntou a Marco. – Você gravou a luta?

– Não. – Desprezo marcava seu rosto. – Eu as desliguei quando eu vi que era ele— não queria ninguém vendo o quão idiota eu tinha sido. Pelo menos eu não era idiota o suficiente para deixar minha arma para trás. Atirei na cabeça dele e o nocauteei.

Aquilo explicou como Marco tinha conseguido levar o vampiro para o porão. – Precisamos falar com Silas. – Sara foi para frente, esperando uma briga.

Marco levantou. – Eu levo você—vejamos o que o desgraçado tem a dizer.

Deixando-o seguir na frente, eles seguiram com as armas baixadas. Silas estava ofegante na porta na hora em que eles chegaram.

– Me ajude! Me ajudem, eu posso ouvir vocês!

– Calado. – A voz de Deacon cortou o apelo como uma faca.

Sarah tomou a frente. – Como você acabou trancado no porão?

Eles ouviram basicamente a mesma história de Marco, mas com os papéis trocados. Quando o tempo acabou, a dor de cabeça de Sarah tinha se tornado um monstro. Mas como eles iriam consertar isso? Um movimento errado e um monte de sangue seria derramado.

Ela olhou para Deacon. – Tem algemas?

Ele passou pra ela um par de algemas finas de plástico. – Essas bastam. – Marco levantou suas mãos sem questionar quando ela se virou. Algemando-o, ela o levou pra cima, escondendo-o na escada que o levava ao apartamento... depois de vendá-lo e amarrar seus pés, então algemando-o outra vez no corrimão. Caçadores tinham vários recursos quando se tratava de sobrevivência.

– Não vou fugir, – Marco disse a ela, um tom desolado em sua voz a comoveu.

– Para ser sincera, eu acredito em você, – ela disse. Se ela seria a diretora da Sociedade, ela teria que aprender a julgar o seu povo. – Mas precisamos de provas.

– Ele é esperto. Parte de seu charme.

Silas não parecia charmoso pra Sarah, porém, ela não estava apaixonada por ele. Dando tapinhas no ombro de Marco, ela saiu fechando a porta atrás dela. – Rodney, – ela disse para Deacon.

– Foi isso que eu achei.

– Mas mesmo que ele pudesse separar as vozes, será que alguém vai levá-lo a sério?
– Ela tirou o celular. Hesitou.

– É um começo.

Enquanto ela esperava pelo telefone atender, ela se encontrou com o olhar preso a Deacon. – Eu vou ter que lidar com bagunças como essa o tempo todo enquanto eu for diretora.

Assentiu, – E você se importa o suficiente para descobrir a verdade. – Diminuindo a distância entre eles, ele tocou sua bochecha. – Temos sorte em ter você.

O telefone foi atendido do outro lado. – Sim?

Sarah descansou a cabeça no peito de Deacon ao som daquela voz. – Mindy, precisamos falar com o seu mestre.

– Fui punida porque você abriu o bico.

8

Sarah nem teve tempo de começar a ver quem se irritava mais. – Você deveria ter sido mais cuidadosa.

– Certíssimo, – Mindy disse. – Eu tenho quatrocentos anos e não consigo me livrar de um simples vampiro retardado. Não é sua culpa. Espere um momento.

Surpresa e feliz porque alguma coisa estava dando certo, ela tomou fôlego enquanto a voz de Lacarre surgia na linha. – Caçadora. – Uma exigência em saber o motivo da ligação e permissão para falar, tudo em uma palavra só.

Ela explicou. – Se pudessemos pegar emprestado Rodney por alguns minutos, ajudaria a clarear as coisas.

– Já que as vítimas incluíam dois dos meus, eu ficaria interessadíssimo em saber a identidade do agressor. Estaremos aí em breve.

Desligando, ela abraçou Deacon. – Acha que alguém notaria se eu jogasse tudo pro alto e corresse gritando para as colinas?

Quentes, mãos fortes acariciando suas costas. – Eles podem mandar o Assassino atrás de você.

– Sem flerte. Agora não.

– Mais tarde, então. – Ele não parou de acariciar as costas dela. – Acho que esse se iguala ao caso mais estranho da minha carreira.

– Da sua e da minha. Eu não sei por que eu me surpreendo quando vampiros agem tão estranhamente quanto humanos. Não é como se eles ganhassem a sabedoria das eras com a transformação. – O coração dele batia forte e estável sob a bochecha dela. Sólido. Calmo. Uma mulher pode se acostumar com esse tipo de firmeza.

Eles ficaram em silêncio por um bom tempo até as batidas do coração de Sarah sincronizarem com as dele. – Você já pensou em outra carreira? – ela perguntou em um sussurro, percebendo que não sabia nada do seu passado. Não importava. O homem que ele era hoje a fascinava. – Fora da Sociedade?

– Não. – Uma palavra que mantinha uma riqueza histórica.

Ela não foi além. – Nem eu. Eu encontrei meu primeiro caçador quando eu estava morando em um vilarejo—não pergunte—quando eu tinha 10 anos. Ela era tão esperta, durona e prática. Foi amor à primeira vista.

Seu riso pareceu um pouco triste. – Eu vi o meu depois de um vampiro louco por sangue destruir toda a nossa vizinhança. O caçador me encontrou de pé ante o vampiro, arrancando a sua cabeça com uma faca de cortar carne.

Ela o abraçou forte. – Quantos anos você tinha?

– Oito.

– É um milagre que você não é um assassino de vampiros.

De alguma forma, era a coisa certa a dizer. Ele riu suavemente e abraçou, beijando sua têmpora com uma ternura que arrasou as últimas defesas remanescentes como vidro. – Eu decidi que eu seria um dos bonzinhos. Eu não gosto de rastrear e assassinar meus colegas caçadores—cada morte dói que é uma merda.

E assim Sarah soube o porquê o último Assassino escolheu Deacon como seu sucessor. O Assassino teria que amar a Sociedade com todo seu coração e sua alma. Todas as decisões deveriam ser feitas com toda a violência daquele amor—Deacon nunca executaria um caçador sem absoluta e inegável evidência. De outra maneira, Marco estaria morto há dias atrás.

Levantando a cabeça, ela beijou sua garganta. – Como você se sente em manter um caso secreto com a diretora da Sociedade? – Ela não podia deixá-lo ir. Não sem lutar.

– Eu preferiria que todo o mundo soubesse que eu considero uma mulher como minha. – Uma resposta descompromissada. – Segredos voltam e lhe pegam pela perna.

Lá se foi aquela possibilidade. Antes que ela pudesse aparecer com outra, a porta da frente tremeu sob a força de um bater vigoroso. Lacarre chegou. – Hora do show.

Afastando-se de Deacon, ela deixou Lacarre e seus lacaios—Mindy, Rodney, e inesperadamente, o vampiro que tinha pedido por ajuda em primeiro lugar. – Por favor, entrem. – Ela levantou uma sobancelha para aquele que não pertencia ao grupo.

– Nós o achamos vagando por aí, – Mindy disse, fazendo um gesto displicente com a mão que dizia que ela não estava nem aí. – Lacarre decidiu que ele poderia ajudar.

O vampiro estrangeiro não parecia particularmente feliz em ser trazido para dentro, mas ninguém dizia não para um anjo.

– Onde estão os dois homens? – Lacarre perguntou, mantendo suas asas longe do chão para que elas não esbarrassem na sujeira formada por sangue, álcool e vidro que cobria a superfície envernizada.

– Um está ali atrás. – Ela inclinou a cabeça em direção à porta que levava ao apartamento de Marco. – E o outro está no porão.

Mindy baixou a mão pelo braço de Deacon. – Eles parecem com esse daqui? – Era um convite passional.

Deacon não disse nada, só a observou com os olhos tão gélidos que até Sarah se arrepiou. Deacon realmente assustou muito bem. Mindy tirou sua mão como se tivesse se queimado e voltou ao lado de Lacarre bem rápido. Rodney já estava assustado o suficiente atrás das asas do anjo.

– Você daria um bom vampiro, – o anjo disse a Deacon. – Eu até poderia confiar que a cidade não se esfarelaria caso eu deixasse você no comando.

– Prefiro caçar.

O anjo assentiu. – Uma pena. Rodney, você sabe o que tem que fazer? – Rodney levantou sua cabeça tão rápido, era como se estivesse nas fontes. – Sim, mestre. – Ele parecia infantilmente ansioso em agradar.

– Vamos. – Mantendo a voz gentil, Sarah deu a mão. – Eu não o machuquei da última vez, machuquei?

Rodney pensou por um momento sobre aquilo antes de lhe dar a mão. – Eles não vão me pegar, vão?

– Não. – Ela deu tapinhas no seu braço com sua mão livre. – Tudo o que eu quero é que escute as vozes e me diga qual delas é a do homem que o machucou.

Eles primeiramente foram até Marco, seguidos por Lacarre e Mindy. Aquilo fez com que os cabelos de sua nuca se arrepiassem furiosamente em ter um anjo poderoso e sua vampira vadia e sedenta de sangue atrás dela—ela só estava aguentando porque Deacon estava na retaguarda com o amigo de Silas na frente dele. – Marco, – ela bateu na porta. – Eu quero que você ameace cortar a cabeça de Rodney.

Rodney a olhou espantado. Ela sussurrou. – É só fingimento.

Marco começou a gritar um segundo depois. Olhos arregalados, Rodney se afastou da porta e Sara *sentiu* seu estômago em colapso. – É ele? – ela perguntou depois que Marco silenciou.

Rodney estava tremendo. – Não, mas ele é assustador.

Lacarre não estava inclinado a ir para o porão, mas ele foi junto com eles. E quando Silas recusou a fazer o que lhe foi ordenado, o anjo sussurrou, – Ou você prefere que EU entre para uma conversa... em particular? – Sedosa, doce e escura como chocolate e afiada como um estilete passando entre suas costelas.

Se Sarah tivesse alguma ilusão em ser uma vampira, elas teriam morrido ali mesmo. Ela nunca iria querer estar sob as ordens de alguém que pudesse colocar tanta crueldade em uma única frase.

Arrependido, Silas fez uma ameaça falsa, tão assustadora quanto um ursinho de pelúcia. Sarah estava a ponto de mandá-lo fazer com mais vontade quando Rodney se virou e tentou correr escada acima. Deacon o pegou. – Shh..

Para a surpresa de Sarah, o vampiro se agarrou a ele como uma criança faria com seu pai. – É ele! Ele é o homem mau.

Lacarre encarou a nuca de Rodney e depois Sarah. – Traga esse Silas pra cima. Eu ouvirei do caçador o que aconteceu.

Sarah estava com seu arco em prontidão, mas isso não era necessário. Alto, escuro e notável Silas seguiu-os silencioso como um cordeiro. Deixando-o em frente à Lacarre e Mindy—com o vampiro estrangeiro se escondendo no fundo—ela liberou Marco e entrou com ele em direção aos outros.

Silas encarou seu ex-amante. – Você mata e coloca a culpa em mim.

Marco o ignorou, encarando diretamente enquanto falava o que Sarah acreditava ser a verdade. Quando ele chegou ao ponto da rejeição para com Silas, o vampiro que estava no fundo disse: – Eu acreditei em você!

– Fique quieto! – Silas gritou.

Lacarre levantou uma sobrancelha. – Não, continue.

– Ele já fez isso antes, – o vampiro estrangeiro falou. – Três décadas atrás, quando um humano que ele namorava o deixou por outro vampiro, ele matou quatro da nossa própria raça.

Sarah o encarou. – Eles eram homens com laços fortes com a humanidade?

– Sim. – Uma resposta trêmula. – Ele me disse que a sede de sangue o tinha dominado. Ele era jovem... Eu o protegi. – O vampiro claramente trêmulo respirou fundo e virou as costas para aquele que era seu amigo. – Não protejo mais.

Silas gritou e pulou como se fosse atacar, mas Deacon o trouxe de volta com um simples golpe na garganta. O vampiro caiu como uma árvore. Marco se encolheu, mas não se virou mesmo assim.

– Como eu disse, – Lacarre murmurou, – é uma pena que você não queira se transformar. Se você mudar de ideia algum dia, avise-me.

O sorriso de Deacon foi fraco. – Sem ofensa, mas eu prefiro ser meu próprio mestre.

– Eu o tentaria com belezas como Mindy, mas parece que você já fez sua escolha. – Ele andou até o corpo inconsciente de Silas. – A Sociedade tem o direito de exigir restituição e proferir a punição. Qual é a sua vontade? – Uma pergunta dirigida diretamente a Sarah. Como se ela já fosse a diretora.

Ela olhou para Marco, viu o esforço em seu rosto e percebeu que só tinha uma resposta. – Misericórdia, – ela disse. – Execute-o com misericórdia. – Por tudo aquilo, eles sabiam que Silas não sobreviveria. – Sem tortura, sem dor.

Lacarre balançou a cabeça. – Tão humana.

Ela sabia que não era um elogio. – É uma falha com a qual posso sobreviver. – Ela nunca quis se tornar tão fria quanto Lacarre era—tão gélido, mesmo quando ele olhou para ela com um interesse aparente.

– Assim seja. – Indo até Silas, curvou-se e pegou o vampiro em seus braços sem empregar força alguma. – Será feito como deseja.

Quando ele se afastava, Mindy e os outros trilhavam atrás de suas asas cor de creme, Sarah viu Deacon colocar uma mão no ombro de Marco. Um único aperto. Palavras ditas tão baixo que ela não podia ouvir o que era dito. Mas quando Deacon voltou ao seu lado, Marco não parecia que estava morrendo de uma dolorida e vagarosa morte. Oh, ele estava ferido, mas havia um brilho de uma vontade destemida, o tipo que fazia com que humanos se tornassem caçadores.

Ele se virou para Sarah. – Estou retirando minha demissão da Sociedade. Eu achei... Eu esperava, mas eu não posso mais ficar aqui.

– Eu garantirei que Simon saiba.

– Não é necessário, é Sarah? – ele disse baixo. – Enquanto você souber.

Sarah disse adeus para Deacon do lado de fora do hotel seis horas depois. Ele tinha sua marcha, ela tinha a dela. Ellie estava esperando-a em um carro alugado limpo pronto para começar o caminho de volta à Nova York. Uma última viagem antes que ela se visse afogada nas responsabilidades miríades que vem junto com o comando de um dos maiores setores da Sociedade.

– O ano que vem será brutal, – ela disse a Deacon enquanto ele sentava em sua moto, suas pernas esticadas e seus braços cruzados. – Bom que você disse não—eu provavelmente não poderia manter um caso secreto mesmo se tentasse. – Ela deveria ter rido, mas ela não conseguiu achar graça alguma.

Ele não fez nada idiota. Ele era Deacon. Ele levantou, colocou suas mãos na nuca dela e a beijou até deixá-la sem ar. E a beijou de novo. – Eu tenho algumas coisas pra fazer e você tem uma diretoria esperando por você.

Ela assentiu, o gosto de uísque e de meia-noite dos lábios dele em sua boca. – Sim.

– Melhor você ir. Ellie está esperando.

Abraçando-o forte mais uma vez, ela se virou e afastou-se. Ele estava certo em fazer dessa maneira. O que quer que eles tivessem, a doce, brilhante promessa que ela ainda podia ver no horizonte, merecia ser deixada intacta, ao invés de esvaçada sob o peso das expectativas.

– Dirija, – ela disse para Ellie no instante que a porta se fechou.

Ellie deu uma olhada nela e não disse nada. Na verdade, nenhuma delas se falou até que elas cruzassem a fronteira do estado. Então Ellie olhou por cima e disse. – Eu gostava dele.

A lembrança sem enfeites destruiu cada uma das defesas de Sarah.

Baixando a cabeça, ela chorou. Ellie encostou e a abraçou enquanto ela chorava. Sua melhor amiga não a insultou falando besteiras. Ao invés disso, ela disse: – Sabe, eu não acho que Deacon deixaria as coisas acabarem assim.

Sarah sorriu, sabendo que seu rosto estava deplorável. – Você consegue vê-lo em um terno? – Seu estômago se contraiu com a ideia.

– Deixe-me ver. Ok, eu vejo. – Elena suspirou. – Oh, baby, eu poderia lambê-lo em um smoking.

– Ei. Meu. – Era um grunhido.

Ellie sorriu. – Tenho sangue nas veias. Ele é gostoso.

– Você é uma idiota. – Uma que a fez sorrir, nem que fosse por um instante. – Eu posso vê-lo dando as mãos e jogando o jogo político da Sociedade. Não.

– E daí? – Ellie se encolheu. – A diretora da Sociedade tem que fazer tudo isso. Quem disse que o seu amante tem que ser qualquer coisa além de um assustador e silencioso filho da mãe?

Era tentador concordar, manter a esperança, mas Sara negou. – Tenho que ser realista. O homem é solitário. É por isso que ele é o Assassino. – Inspirando trêmula, ela sentou e disse, – Leve-nos para Nova York. Eu tenho um trabalho a fazer.

Palavras fortes, mas seus dedos acharam o caminho para o bolso passando sobre uma lâmina pequena e dentada escondida. Era de Deacon, o homem com armas muito interessantes—como uma arma que atirava aquelas coisas giratórias ao invés de balas. Era o que ele estava usando no quintal de Tim. Aquilo fez com que ela pensasse como Lucy estava indo.

Um sorriso tímido apareceu em seus lábios—quem imaginaria que a memória favorita dela sobre Deacon seria dele acariciando um cachorro infernal?

9

Dois meses depois, Sarah encarou seu reflexo—a mulher que olhava de volta parecia calma e essencialmente elegante em um vestido solto tomara-que-caia. Seu cabelo estava com um coque sofisticado no lado de sua cabeça, suas novas franjas atingiram uma sofisticação nunca vista e seu rosto maquiado com habilidade que ressaltava suas maçãs do rosto. – Eu me sinto como uma fraude.

Simon riu e andou para parar atrás dela. – Mas você parece precisamente com o que você é—uma poderosa e linda mulher. – Seus olhos foram em direção ao colar. – Boa escolha.

Era a pequena e serrada lâmina. A lâmina de Deacon. Ela tinha colocado em uma corrente de prata. – Obrigada.

– Algumas das pessoas que você vai encontrar hoje à noite tentarão irritar você. Existem algumas pessoas que vêm caçadores como nada além de alta ajuda.

– Oh, como a senhora Abernathy? – ela disse, secamente enquanto nomeava a matriarca que era anfitriã da festa que ela iria. – Ela me perguntou se eu gostaria de alguma ajuda com ‘roupas apropriadas, querida’.

– Exatamente. – Simon apertou seus ombros. – Aqui um conselho—qualquer momento em que alguns ‘sangue azul’ tentarem te subjugar, lembre-se que você lida com anjos todos os dias. A maioria deles mijaria nas calças só de pensar nisso.

Ela engasgou. – Simon.

– É verdade. – Ele riu. – E algum dia, você pode lidar com um membro do Grupo. Não importa o quanto eles pensem que são importantes, a maioria dos humanos nunca chegará perto de um arcanjo.

– Eu mijaria nas calças também, – ela murmurou.

– Não, você não mijaria. – Inesperadamente sério. – Em relação a vampiros da classe alta, nós os caçamos, não o contrário.

Ela assentiu e soltou o fôlego. – Eu queria que não tivéssemos de fazer toda essa merda.

– Anjos podem nos assustar, mas caçadores assustam a maioria das outras pessoas—incluindo um monte de vampiros. Assegurem-nos. Convença-os que somos civilizados.

– Que enganação. – Ela sorriu.

Simon sorriu de volta, mas não era seu rosto que ela queria ver além do seu no espelho. – Ok, estou pronta. – Esta era a primeira saída solo como Diretora da Sociedade em treinamento. A transição estaria completa no final do ano.

– Vá pegá-los.

A festa não a entediou tanto. Aquilo era o último sinal—não que ela tinha precisado—de que era a pessoa certa para o trabalho. Ellie teria atirado em pelo menos cinco pessoas até agora. Sarah sorriu e respondeu outra pergunta enxerida enquanto se encharcava na fofoca. Era tudo inteligência. Caçadores precisavam saber uma porção de coisas—como a quem um vampiro pode encontrar, ou quais indivíduos podem simpatizar com os anjos e em troca se tornarem vigilantes.

Claro, em todo o caso, ela estava apenas se misturando—apenas outra mulher bem vestida entre dúzias de outras. A senhora Abernathy tinha chamado-a quando chegou. – Provavelmente surpresa que eu não vim de calças de couro encharcadas de sangue, – ela murmurou para seu champangne durante um momento no balcão.

– Teria funcionado para mim.

O sorriso que se abriu em seu rosto foi idiota, mas ela não se virou. – São as calças que você gosta ou o corpo dentro delas?

– Você me pegou. – Hálito quente contra sua nuca, mãos nos seus quadris. – Mas eu poderia me acostumar com esse vestido.

– Ei, olhe pra cima. – Ela colocou a taça no balcão. – Sem olhar para o decote.

– Não posso evitar. – Ele a virou com uma carícia ritimada.

E o ar deixou seus pulmões.

– Oh, cara. – Ela se deitou e virou um dedo.

Claro que Deacon não fez um show de moda. Ele mexeu nas franjas dela. – Eu gostei.

– Ramsom fez com que eu parecesse ter olhos de guaxinim.

– Ramson tem um cabelo de uma garota.

Ela sorriu. – Isso foi o que eu disse. – Jogando seus braços em torno de seu pescoço, ela o beijou com um abandono selvagem, e pareceu pra lá de bom. Então ela fez de novo. – As debutantes vão babar em você.

Ele pareceu horrorizado.

– Não se preocupe. – Ela beijou seu maxilar. – Eu as assustarei.

Deacon causou tanto alvoroço que ela achou que eles tivessem uma debandada com aroma de Chanel nº5 no salão. Ela também achou que faria com que ele se virasse e corresse. Que ele veio... Bom, merda, aquilo roubou seu coração. Mas ela não esperava que ele ficasse ao seu lado com foco silencioso, como se nem tivesse registrado toda a atenção.

Alguns dos homens tentaram usar a presença dele para ignorá-la—porcos machistas—mas Deacon reconduziu o baile de volta a ela tão suavemente, que os outros nunca souberam o que os atingiu. Sexy, perigoso, esperto *e* ele sabia como lidar com idiotas sem criar caso. Ela ficaria com ele. E cravaria uma faca no coração de qualquer debutante ou candidata a esposa-troféu que viesse cheirar por perto.

– Eu espero, – ele sussurrou em seu ouvido durante um minuto raro de privacidade – uma grande porção de favores sexuais por ser tão bom assim.

Os lábios se torceram. – Feito.

No momento em que eles chegaram ao apartamento, ela estava em chamas. Eles nem chegaram à cama, na primeira vez. Seu belo acabou em tiras aos seus pés enquanto Deacon a tomava contra a porta, sua boca fundida com a dela. Ela gozou com uma onda rápida enquanto que ela se agarrava à camisa branca dele com desespero.

A segunda vez foi mais lenta, mais doce.

Depois, eles deitaram lado a lado, cara a cara. Era uma maneira extremamente íntima de estar, e ela nem ousava falar de medo de arruinar o momento. – Lá se vai a sua identidade secreta. A partir de amanhã, você estará em todas as colunas de fofoca daqui até Timbuktu.

Ele sugou seu lábio superior. – Eu comprei o smoking.

Ela piscou. – Você comprou o smoking. – Bolhas de felicidade estouraram dentro dela enquanto a vida ficava mais bela, dourada e rica. – Mais vantajoso se você pretende usar várias vezes.

– Foi isso que o cara da loja disse. – Se aproximando, ele colocou sua mão sobre as costas dela, sua pele um pouco áspera e perfeita. – Mas...

– Sem mais. – Ela o beijou. – Estou muito feliz neste momento.

Um sorriso contra seus lábios. – Este ‘mas’ é um que você tem que lidar, Senhora Diretora da Sociedade. – Palavras leves, mas com tom sério.

Ela encontrou seu olhar. – O que é?

– Eu tenho que me demitir como o Assassino.

– Ah, sim, claro. – Como hoje à noite, ele estava ciente e mais importante, ficando com ela, que conheceria mais caçadores... Faria muitos amigos. – Encontraremos um substituído...

– Isso era que eu estava fazendo. Eu tenho um candidato pra você.

Assentindo, Sarah passou seus dedos pela linha do maxilar dele. – Não posso ser sua chefe. – Era uma sentença solene. – Eu preciso ser sua amante.

Deacon alcançou seu colo, bem no local onde o pingente repousava, antes dele tirar a corrente. – Eu achei que eu poderia ser independente com as armas.

– Isso funciona. – O aperto em seu peito aliviara. – Mas parece injusto, né? Você está abandonando tudo.

– Eu fico com você. – Uma simples sentença que resumia tudo o que ela poderia articular.

Ela engoliu o nó de emoção em sua garganta. – Eu falei com Tim há uma semana.

Deacon franziu o cenho. – Tim?

– Lucy está prenha.

O franzir se tornou um lento e largo sorriso. – Verdade?

– Sim, verdade. – Ela jogou uma perna sobre a dele e chegou mais perto. – Ele vai guardar um dos cachorrinhos pra mim. Eu iria chamá-lo de Deacon.

Ele começou a rir e era contagioso. Ela enterrou seu rosto no pescoço dele e se entregou.

O filhote era negro como piche, com olhos marrons enormes e pés tão grandes que ele prometia se tornar um monstro como a mãe. Como era muito confuso ter dois Deacons na casa, eles decidiram chamá-lo Assassino.

Fim

ANGELS' WOLF

1

Noel foi promovido ao ser atribuído ao luxurioso estado verdejante da Louisiana, mas o cargo era uma espada de dois gumes. Embora a área fosse parte do território de Raphael, o arcanjo tinha atribuído seu governo diário a Nimra, uma anja que tinha vivido 600 anos. Nem perto da idade de Raphael, mas velha o bastante—ainda que a idade por si só não significasse poder quando o assunto era a raça imortal.

Nimra tinha mais força em seus ossos finos do que anjos com o dobro de sua idade e governava esta região há 80 anos; ela tinha sido considerada uma potência quando a maioria de seus colegas ainda estava trabalhando nas cortes dos mais antigos. Nada surpreendente quando diziam que ela possuía uma vontade de ferro e uma capacidade para a crueldade não moderada pela misericórdia.

Ele não era idiota. Ele sabia que essa “promoção” era na verdade uma silenciosa e mordaz declaração de que ele não era mais o homem que fora uma vez—e não mais de serventia. Sua mão cerrou-se em um punho. A carne rasgada e ensanguentada, os ossos quebrados, o vidro que foi empurrado para dentro de suas feridas pelos servos de um anjo louco, tudo isso se foi por cortesia de seu vampirismo. As únicas coisas que permaneceram foram os pesadelos... E os danos em seu interior.

Noel não via o mesmo homem de antes quando se olhava no espelho. Ele via uma vítima, alguém que tinha sido moído a golpes e deixado para morrer. Eles arrancaram seus olhos, quebraram suas pernas, esmagaram seus dedos até que os pedaços eram como pedrinhas em um saco de carne. O processo de recuperação foi brutal e custou cada grama de sua vontade. Mas se este posto insultuoso era o seu destino, bem teria sido melhor não sobreviver. Antes do ataque, ele estava na curta lista para um posto sênior na Torre a partir da qual Raphael governava a América do Norte. Agora ele era um guarda de segunda classe em uma das cortes mais obscuras.

No centro dela estava Nimra.

Com apenas um metro e cinquenta e dois de altura, ela tinha a mais delicada das constituições. Mas o anjo não parecia nenhuma menina desamparada. Não, Nimra tinha curvas que tinham provavelmente levado mais de um homem a sua ruína. Ela também tinha um tom de pele semelhante a um caramelo derretido que combinava perfeitamente com o calor luxuriante desta região que ela chamava de sua, e cachos preto-azulados que caíam sobre o jade-escuro de sua toga. Os cachos pesados que cascadeavam por suas costas jovialmente não combinavam nem com sua reputação, nem com o coração frio que devia bater dentro de um peito que falava de pecado e sedução; e que tinha seios maduros e quase cheios demais para sua compleição.

Os olhos dela se encontraram com os seus naquele momento, como se ela tivesse sentido seu escrutínio. Estes olhos, de um profundo topázio colorido por brilhantes estrias âmbar, eram afiados e incisivos. E agora eles se concentravam nele enquanto ela atravessava o grande salão que usava como sua sala de audiências, sendo os únicos sons o do farfalhar de suas asas e a suave carícia da toga contra a pele.

Ela se vestia como um anjo da antiguidade, a tranquila elegância de sua roupa recordando as da Grécia antiga. Noel não era nascido na época, mas ele viu as pinturas mantidas na fortaleza angelical que era o Refúgio, e viu também outros anjos que continuavam a se vestir de uma forma que consideravam mais régia do que as roupas dos tempos modernos. Nenhum deles tinha se assemelhado a isso; com sua toga presa por grampos simples de ouro nos ombros e uma fita fina da mesma cor trançada em volta de sua cintura, Nimra poderia ter sido alguma antiga deusa.

Bela.

Poderosa.

Letal.

– Noel, – disse ela, e o som de seu nome foi tocado pelo sussurro de um sotaque que era desta região, e ainda assim carregava ecos de outros lugares, outros tempos. – Você me acompanhará. – Com isso ela caminhou para fora da sala, suas asas de um rico, profundo marrom com estrias reluzentes que ecoavam a cor de seus olhos. Arqueadas sobre seus ombros e acariciando o lustroso piso de madeira, essas asas eram as únicas coisas em sua linha de visão quando ele se virou para segui-la.

O matiz requintado das asas dela não transmitia a fria crueldade de uma corte sombria, mas a sólida tranquilidade da terra e das árvores. Parte disso, pelo menos, não era propaganda enganosa. A casa de Nimra não era o que ele estava esperando. Uma grande e graciosa casa antiga com tetos altos situada em uma extensa propriedade que ficava a uma hora de Nova Orleans, ela possuía uma infinidade de janelas, assim como sacadas em todos os andares. A maioria delas não tinha corrimão—como convinha à casa de um ser alado. O telhado também tinha sido construído com anjos em mente. Ele era inclinado, mas não em um ângulo agudo, não o suficiente para torná-lo perigoso para pousos.

No entanto, apesar da beleza da casa, eram os jardins que faziam o lugar. Com suas cascatas de flores exóticas e comuns, repletos de velhas árvores retorcidas ao lado de novos brotos, os jardins falavam de paz... O tipo de lugar onde um homem quebrado poderia sentar e tentar encontrar-se novamente. Exceto, Noel pensou enquanto seguia Nimra por um lance de escadas, que ele estava bastante certo de que o que tinha perdido quando foi emboscado e então humilhado até seu rosto estar irreconhecível e o corpo ser nada mais que uma pilha de carne, havia se perdido para sempre.

Nimra parou diante de um par de grandes portas de madeira gravadas com uma filigrana de jasmims florescendo, atirando-lhe um olhar expectante por cima do ombro quando ele parou atrás dela. – As portas, – ela disse com o que ele estava seguro de ser um filete de diversão em sua voz beijada pela música do bayou.

Tomando cuidado para não roçar as asas dela, ele rodeou-a para abrir as portas. – Eu peço desculpas. – As palavras saíram ásperas, pois sua garganta estava desacostumada à fala nestes dias. – Não estou acostumado a ser um... – Ele interrompeu-se no meio da frase, sem ter ideia de como chamar a si mesmo.

– Venha. – Nimra seguiu pelo corredor cercado de janelas que banhavam o chão envernizado com a lânguida luz do sol deste lugar que possuía tanto a beleza audaciosa e atrevida de Nova Orleans, quanto sua ancestral e tranquila elegância. Cada peitoril possuía vasos em tons de terra que transbordavam com as mais alegres e inesperadas explosões de cor—amores-perfeitos e flores silvestres, margaridas e crisântemos.

Noel viu-se lutando contra o desejo de acariciar suas pétalas, de sentir a maciez aveludada contra sua pele. Era um desejo inesperado, e isso fez com que ele recuasse, puxasse seus escudos ainda mais apertadamente em torno de si. Ele não podia se dar ao luxo de ser vulnerável aqui, nesta corte onde tinha sido enviado para apodrecer—não era difícil supor que todos estavam esperando que ele desistisse da vida e terminasse o que seus agressores começaram.

A mandíbula dele se apertou em uma linha rígida quando Nimra falou novamente. Embora seu tom fosse como pura seda—do tipo que falava de segredos de dormitório e prazeres que poderiam se converter em dor—as palavras dela eram pragmáticas. – Vamos conversar em meus aposentos.

Esses aposentos ficavam depois de outra série de portas de madeira, estas pintadas com imagens de pássaros exóticos voando através de árvores em flor. Femininas e bonitas, não havia nada nas imagens que expressasse a dureza que era parte da reputação de Nimra, mas se Noel sabia de uma coisa depois de seus mais de dois séculos de existência era que qualquer ser que tenha vivido por mais de meio milênio tinha tido bastante tempo para aprender a esconder o que não queria mostrar.

Em guarda, ele entrou depois dela fechando as portas pintadas silenciosamente ao passar. Ele não sabia o que esperava, mas não era o gracioso mobiliário branco repleto de almofadas nas cores das pedras preciosas, ou a brilhante luz do sol que entrava pelas portas francesas abertas e os livros gastos por muitas leituras sobre a mesa. As plantas, no entanto, não eram mais uma surpresa, e elas deram-lhe um senso de liberdade mesmo quando ele sentiu-se sufocado e preso por seu eu quebrado, por sua promessa de serviço a Raphael e, portanto, a Nimra.

Caminhando até as portas francesas, Nimra fechou-as, isolando-os do mundo antes de se virar para ele de novo. – Vamos falar em particular.

Noel assentiu rigidamente, outro pensamento atravessando sua mente de repente. Alguns da raça angelical, os antigos e cansados, encontravam prazer em levar para suas camas amantes que pudessem controlar, tratar da maneira que quisessem... Carne fresca, para ser usada e logo descartada. Ele nunca seria isso, e se Nimra esperava que assim fosse...

Ele era um vampiro, um quase imortal que teve mais de 200 anos para desenvolver seu poder. Ela poderia matá-lo, mas ele derramaria sangue antes que tudo terminasse. – O que você quer de mim?

Nimra ouviu a ameaça sob a questão aparentemente educada e se perguntou quem exatamente Raphael lhe enviara. Ela fez algumas perguntas discretas a um estudioso que conhecia no Refúgio e tinha se inteirado sobre o horrível atentado ao que Noel tinha sobrevivido, mas o próprio homem permanecia um mistério. Quando ela pediu a Raphael que lhe dissesse algo mais do que as informações básicas sobre o vampiro que estava sendo atribuído à sua corte, ele apenas disse, “Ele é leal e altamente capaz. Ele é o que você precisa.”

O que o arcanjo não disse foi que Noel tinha penetrantes olhos azul-claros repletos de tantas sombras que ela quase podia tocá-las, e um rosto que foi esculpido da mais dura rocha. Ele não era um homem bonito—não, ele era rude demais para isso—mas era alguém que sempre chamaria a atenção das mulheres. Ele era muito, muito *masculino*. Desde seu inflexível maxilar ao castanho escuro de seu cabelo, passando pelos músculos poderosos de seu corpo, ele chamava atenção... da mesma forma que um puma chama.

Vestindo jeans e camiseta branca, algo muito diferente das roupas formais preferidas por outros homens de sua corte, ele mesmo assim os possuía com a intensidade de sua silenciosa presença. Agora ele ameaçava tomar posse de seus aposentos, sua energia masculina um contraponto gritante à feminilidade do mobiliário.

Incomodava-lhe que esse vampiro de pouco mais de 200 anos pudesse inspirar tais sentimentos nela, um anjo que exigia respeito daqueles com o dobro de sua idade e que tinha a confiança de um arcanjo. Foi por isso que ela disse, – Você me daria qualquer coisa que eu quisesse? – em um tom mesclado com poder.

Linhas de expressão surgiram nas comissuras dos lábios de Noel. – Não serei escravo de ninguém.

Nimra piscou diante do entendimento rápido e sombrio. Não fez nenhum bem a sua vaidade ver que ele acreditava que ela precisava forçar seus amantes, mas ela conhecia o suficiente sobre sua própria espécie para compreender que o pensamento não era injustificado. No entanto, o fato desse ter sido o primeiro pensamento na mente dele...

Não, Nimra pensou, certamente Raphael teria advertido a ela se Noel tivesse sido abusado dessa maneira. Por outro lado, o arcanjo que possuía poder suficiente em seu corpo para demolir cidades até seus alicerces e destruir impérios fazia suas próprias leis. Ela não podia tomar nada como certo.

– A escravidão, – Nimra disse, virando-se para outro par de portas, – não oferece desafios. Nunca entendi o fascínio.

Quando ele seguiu às suas costas ela teve a sensação de ter uma grande fera em uma coleira, e que essa fera não estava completamente feliz com essa situação. Intrigante, mesmo que picasse seu temperamento que existisse tanto poder nele, nesse vampiro que Raphael enviara em resposta ao seu apelo. Esse, é claro, era o ponto principal—Noel era um homem de Raphael, e este não tolerava fraqueza.

Uma vez dentro da câmara, ela acenou para que ele fechasse a porta atrás de si. Ela não teria pensado em tomar tais medidas um mês atrás, quando confiava completamente em seu povo. Agora... A aflição era algo com que teve que conviver pelos últimos quatorze dias, e não se tornou mais fácil de suportar neste tempo.

Passando pela polida e adorada escrivaninha de madeira que ficava ao lado de uma grande janela, um lugar onde ela muitas vezes se sentava para escrever sua correspondência pessoal, Nimra ergueu as mãos para destrancar as portas de cima do armário que havia contra a parede. As gavinhas onduladas de uma bela samambaia escovaram as costas de suas mãos numa carícia sussurrante quando revelou o que estava embutido na parede atrás do armário; a porta do que parecia ser um cofre simples, mas um que um ladrão nunca seria capaz de arrombar.

Recuperando um pequeno frasco meio cheio por um líquido luminescente de dentro, ela se virou. – Você sabe o que é isso? – ela perguntou ao homem que estava tão imóvel quanto uma pedra a alguns metros dela.

A expressão de Noel era fechada, mas não faltava inteligência naquele olhar penetrante. – Eu nunca vi nada parecido antes.

Tão bonito, pensou Nimra, observando o redemoinho de cores e espuma dentro do frasco quando o inclinou para a luz, o cristal propriamente dito gravado apenas com um simples símbolo que indicava seu nome e finas linhas decorativas em ouro. – Isso é porque este líquido é mais que raro, – ela murmurou. – Ele é criado a partir do extrato de uma planta encontrada na mais profunda, mais impenetrável das florestas chuvosas do Bornéu. – Fechando a distância entre eles, ela estendeu-o na direção dele.

O frasco parecia ridiculamente pequeno em sua grande mão, um brinquedo roubado de uma criança chorosa. Erguendo-o até o nível dos olhos, Noel o inclinou com cuidado. O líquido se espalhou sobre o cristal, fazendo a superfície brilhar. – O que é isso?

– Meia-noite. – Tomando o frasco de volta, ela o colocou sobre sua mesa de trabalho. – Uma gota disso mataria um ser humano, um pouco mais colocaria um vampiro em coma, e dez mililitros é o suficiente para garantir que a maioria dos anjos com menos de 800 anos não acorde por dez horas.

O olhar de Noel encontrou o seu. – Então sua possível vítima não terá a mínima chance.

Ela não se surpreendeu pela conclusão dele—não era nada menos do que se podia esperar, dada sua reputação. – Eu tenho isso há 300 anos. Foi dado a mim por um amigo que pensou que eu poderia precisar um dia. – As comissuras dos lábios dela se ergueram ao pensar no anjo que lhe dera a mais letal das armas como um irmão mais velho humano poderia dar a sua irmã uma faca ou uma arma. – Ele sempre me viu como alguém frágil.

Noel pensou que este amigo não devia conhecê-la direito. Nimra podia parecer como se pudesse se quebrar sob a menor pressão, mas ela não conseguiu manter a Louisiana apesar de todos os outros poderosos na região, incluindo o brutal Nazarach, sendo um lírio murcho. Não sendo assim tão cego ele nunca tirou os olhos dela, mesmo quando ela levou o frasco de volta para o cofre, suas asas tão belas e convidativas diante dele.

Sua beleza tangível era uma armadilha, uma isca para fazer com que os incautos abaixassem a guarda. Noel nunca foi tão inocente assim—e depois do que aconteceu no Refúgio... Se ainda restava alguma inocência nele, ela tinha morrido há muito tempo.

– Duas semanas atrás, – Nimra murmurou, fechando as portas do armário e girando para enfrentá-lo mais uma vez, – alguém tentou usar Meia-noite em mim.

2

Noel conteve o fôlego. – E conseguiram?

O alívio que correu através dele quando ela negou com a cabeça era como uma tempestade devastadora. Ele tinha estado indefeso no Refúgio, amarrado e encurralado quando pedaços de vidro e metal foram empurrados para dentro de sua carne até que ela se regenerasse sobre eles, prendendo os fragmentos e causando uma dor excruciante—e embora ele não tivesse nenhuma lealdade para com Nimra exceto através de seus laços com Raphael, ele não queria imaginá-la com o espírito quebrado e asas amassadas. – Como você escapou?

– O veneno foi colocado em um copo de chá gelado, – respondeu ela, movendo-se para passar um dedo sobre a folha brilhante de uma planta que estava sobre sua mesa. – Ele é insípido e incolor uma vez que misturado a qualquer outro líquido, então eu não notei, não tive nenhuma razão para considerar que qualquer coisa em minha casa pudesse não ser segura para mim. Mas eu tinha uma gata, a Rainha. – A respiração dela se reteve por um segundo cortante e frágil. – Ela pulou na mesa quando eu não estava olhando e tomou um gole da bebida. Ela estava morta antes mesmo que eu tivesse a chance de repreendê-la por seu mau comportamento.

Noel sabia que a tristeza que marcava o rosto de Nimra era muito provavelmente uma tentativa de manipular suas emoções, mas ainda assim ele se viu gostando mais dela por sua tristeza pela morte de sua mascote. – Sinto muito.

Um leve aceno de cabeça, um reconhecimento régio. – Eu testei o chá sem alertar a alguém da corte e descobri que ele continha Meia-noite. – Suave pele morena esticou-se sobre a linha de sua mandíbula. – Se o assassino tivesse conseguido, eu teria estado inconsciente por horas—e os que sabiam sobre meu estado incapacitado poderiam ter vindo e se assegurado de minha morte.

Anjos estavam tão perto da imortalidade quanto era possível neste mundo. Os únicos seres mais poderosos eram os do Grupo dos Dez, os arcanjos que governavam o mundo. A menos que irritassem um membro do Grupo, a morte não era algo com que os anjos tivessem que se preocupar, exceto em circunstâncias muito limitadas—dependendo da quantidade de anos que tinham vivido e de seu poder inerente.

Noel não conhecia o nível de poder de Nimra, mas sabia que se alguém decapitasse um anjo forte, removesse seus órgãos, incluindo o cérebro, e então queimasse tudo, era improvável que o anjo sobrevivesse. Improvável, mas não impossível. Noel não tinha nenhuma forma de saber a verdade sobre isso, mas se dizia que anjos de certa idade e força podiam se regenerar a partir das cinzas de um fogo normal.

– Ou pior, – ele acrescentou suavemente, porque enquanto a morte pudesse ser o objetivo final, muitos dos mais antigos imortais viviam apenas para a dor e o sofrimento dos outros, como se sua capacidade de sentir emoções mais suaves tivesse sido corroída há muito tempo. Ele podia muito bem imaginar o que alguém como Nazarach faria com Nimra se a tivesse sozinha e vulnerável.

– Sim. – Ela virou-se para olhar através das janelas que ficavam ao lado de sua pequena mesa de trabalho—esta tão delicada que se desmoronaria sob um dos punhos de Noel—seu olhar fixo na beleza selvagem dos jardins abaixo. – Só aqueles que são confiáveis o bastante para estar na ala privada e criados cuidadosamente selecionados estão em qualquer lugar perto de minha comida. Devido a esse ato de traição, eu não posso mais confiar em homens e mulheres que têm estado comigo há décadas, senão séculos. – Calmas palavras temperadas por uma ira cortante. – Meia-noite é quase impossível de adquirir até mesmo para os anjos—o que significa que a pessoa que me traiu está trabalhando a serviço de alguém que detém um poder considerável.

Noel sentiu dentro dele uma faísca que pensou ter sido extinta naquela sala encharcada de sangue onde seus sequestradores tinham-no brutalizado por motivo algum, exceto pelo tipo de prazer retorcido que isso lhes dava. Eles podem ter justificado o ato chamando-o de manobra política, mas ele tinha ouvido suas risadas, tinha sentido o negrume que manchava suas almas. – Por que você está me contando isso?

Ela lhe atirou um olhar travesso por cima do ombro. – Eu não preciso de um escravo, Noel — o nome dele carregava um leve acento francês que o transformava em algo exótico — mas preciso de alguém cuja lealdade seja inquestionável. Raphael diz que você é esse homem.

Ele não tinha sido descartado, afinal de contas.

Isso foi um choque para seu sistema, um choque que o trouxe de volta à vida depois de estar andando por aí como um morto-vivo por tanto tempo. – Você tem certeza de que foi um dos seus? – ele perguntou, seu sangue pulsando com força nas veias.

Sua resposta foi evasiva e continha uma silenciosa e vibrante raiva. – Não havia estranhos em minha casa no dia em que Meia-noite foi usado. – Nimra estendeu as asas, bloqueando a luz enquanto continuava concentrada no que havia além das janelas. – Eles são meus, mas um deles foi corrompido.

– Você tem 600 anos, – disse Noel, sabendo que ela olhava sem realmente ver os jardins naquele momento. – Pode forçá-los a dizer a verdade.

– Eu não posso dobrar vontades, – disse ela, surpreendendo-o com a resposta direta. – Esse nunca foi um dos meus dons—e torturar toda minha corte para descobrir um traidor me parece um pouco extremo.

Ele pensou ter ouvido humor negro sob sua raiva, mas com o rosto dela voltado para a janela e seu perfil sombreado por aquela cascata de cachos preto-azulados ele não podia dizer com certeza. – Eles sabem por que eu estou aqui?

Balançando a cabeça, Nimra se virou para ele novamente, sua expressão não traíndo nada, a máscara perfeita de uma imortal. – Eles provavelmente acreditam no mesmo que você—que Raphael te enviou para mim porque você está arruinado e eu preciso de um brinquedo. – Uma de suas sobrancelhas se ergueu.

Ele percebeu que estava sendo repreendido. – Minhas desculpas, Senhora Nimra.

– Tente soar um pouco mais sincero — uma ordem fria — ou seu fingimento falhará miseravelmente.

– Temo que nunca conseguirei ser um poodle.

Para sua surpresa ela riu, e o som foi uma rouca carícia feminina para seus sentidos. – Tudo bem, – disse ela, seus olhos brilhando como pedras preciosas sob a luz do sol. – Você pode ser um lobo em uma guia longa.

Noel se surpreendeu ao sentir um tipo diferente de calor dentro dele, uma brasa que queimava lentamente, misteriosa e potente. Desde que acordou na Medica com o corpo destruído ele não sentia desejo, e chegou a pensar que essa parte sua estivesse morta. Mas o riso de Nimra tinha mexido com seu corpo o bastante para que ele notasse. Era tentador abraçar esse lampejo de calor, manter a brasa acesa, mas ele não permitiria que seu riso ou a carícia requintada de sua feminilidade apagasse a verdade de sua mente—o anjo com asas que pareciam ter sido polvilhadas com joias era letal. E embora ela pudesse estar com a razão neste jogo em particular, ela não era inocente.

Ele ouviu os gritos naquela noite. O pesadelo sempre o surpreendia, embora Noel o estivesse tendo desde que abriu seus olhos na Medica depois do ataque. Porque o fato era que ele tinha perdido a capacidade de gritar depois de algumas horas de tortura, permanecendo consciente só porque seus atacantes fizeram questão de nunca cruzar aquela fina linha. Ossos quebrados, carne dilacerada, queimaduras excruciantes—vampiros podiam aguentar um monte de coisas sem escapar para a fria escuridão da inconsciência.

Ele não se lembrava de gritar mesmo no começo, quando estava determinado a não ceder, mas ele devia ter—pois os ecos disso assombravam seus sonhos. Ou talvez seus gritos soassem dentro de sua mente porque esse era o único lugar que sempre foi completamente dele enquanto sua força e dignidade eram despojadas com perversa violência.

Afastando o lençol molhado de suor quando empurrou para longe as memórias, ele saiu da cama e caminhou até a janela que tinha deixado aberta para permitir que o ar com aroma de madressilvas entrasse. O denso calor dele acariciou seu rosto, agitou seus cabelos, mas não fez nada para resfriar seu corpo superaquecido. Ainda assim, ele continuou ali olhando para a noite negra como tinta e para as silhuetas adormecidas dos jardins e árvores que se espalhavam por todas as direções.

Foi talvez vinte minutos mais tarde, bem quando estava prestes a se virar, que ele vislumbrou asas. Elas não pertenciam a Nimra. Franzindo a testa, ele se inclinou de modo que não estivesse visível a partir do chão e observou. O anjo surgiu das sombras um minuto depois e ficou olhando para a janela de Nimra—por um longo e imóvel momento—antes de seguir seu caminho.

Interessante.

Afastando-se da janela quando não houve mais nenhum movimento, Noel foi para o chuveiro, percebendo então que tinha vislumbreado o homem alto na sala de audiências ontem. O anjo tinha estado à direita de Nimra enquanto ela lidava com inúmeras petições importantes, por isso não havia dúvidas de que ele era parte de seu círculo íntimo. Noel intencionava descobrir tudo sobre ele ainda hoje.

Ainda estava escuro quando saiu do chuveiro, mas ele sabia que não havia nenhum sentido em tentar dormir agora—além disso, sendo um vampiro ele podia ficar sem dormir por longos períodos. Parte dele não sabia por que ele até mesmo tentava encontrar esse descanso. Mesmo nas noites em que não ouvia os gritos, ele ouvia os risos.

Nimra saiu para os jardins na manhã seguinte para descobrir que Noel a tinha superado essa manhã. Ele estava sentado em um banco de ferro sob os galhos de um velho cipreste, seus olhos nas águas cristalinas do curso d'água que serpenteava através de suas terras antes de desaguar em um afluente maior que dava no bayou. Ele estava tão imóvel que parecia ter sido esculpido a partir das mesmas rochas cobertas de musgo sedoso que cercavam a hidrovia.

Nimra andou silenciosamente, com a intenção de tomar um caminho que a levasse para longe dele, pois ela compreendia o valor do silêncio, mas ele ergueu a cabeça naquele momento. Apesar da distância entre eles, Nimra foi capturada pelo azul invernal daqueles olhos—ela sabia que eles tinham sido destruídos durante o ataque que ele sofreu no Refúgio, seu rosto espancado com tanta depravação que ele só foi reconhecido por causa do anel que usava em um dedo quebrado.

Raiva fria e perigosa deslizou por suas veias, mas ela manteve seu tom tranquilo.

– *Bonjour*, Noel. – Suas asas roçaram os cachos de flores rosas e brancas dos arbustos de azáleas de ambos os lados dela, e a umidade do orvalho em suas penas foi uma carícia bem-vinda.

Ele se levantou, um homem grande que se movia com graça predatória. – Você acorda cedo, Senhora Nimra.

E você, Nimra pensou, não dorme. – Caminhe comigo.

– Uma ordem?

Definitivamente um lobo. – Um pedido.

Ele acertou seu passo com o dela, e eles caminharam em silêncio entre as fileiras de flores que oscilavam sonolentemente sob a nebulosa luz matinal, suas pétalas buscando os raios vermelho-alaranjados do sol nascente. Era um hábito seu espalhar suas asas quando estava assim ao ar livre, mas Nimra as manteve recolhidas hoje, preservando uma pequena distância entre si e esse vampiro que era tão contido que ela não podia deixar de se perguntar o que havia debaixo de sua fachada.

Um miado queixoso a fez olhar para debaixo da sebe. – Aí está você, Mimosa. – Ela puxou a velha gata para fora do abrigo verde-escuro de uma planta repleta de pequenas flores amarelas. – O que você está fazendo acordada e de pé assim tão cedo? – A gata cinza, sua pelagem salpicada de branco, a lambeu sob seu queixo antes de se estabelecer em seus braços para outro cochilo.

Nimra estava ciente do olhar de Noel sobre ela enquanto acariciava a pelagem de Mimosa, mas não disse nada. Como um animal ferido, ele não reagiria bem à pressão. Ele teria que vir até ela—se viesse—em seu próprio tempo, em seu próprio ritmo.

– Os tufos em suas orelhas, – ele disse finalmente, olhando para os tufos cômicos que pendiam da cabeça de outra forma polida de Mimosa. – É por isso que você a chama de Mimosa.

Fez-lhe sorrir que ele tivesse adivinhado. – Sim—e porque a primeira vez que eu a vi, ela estava parada perto de um arbusto de mimosa, batendo com a pata nas folhas e então pulando para longe quando elas se fechavam. – Ela tinha conseguido no processo que vários dos fofos dentes-de-leão das flores fossem parar em sua cabeça como uma pequena coroa.

– Quantos animais de estimação você tem?

Ela esfregou Mimosa de novo, sentindo o ronronar da velha gata contra suas costelas. – Só Mimosa agora. Ela sente falta de Rainha, embora ela costumasse cansá-la com suas palhaçadas. Ela era tão jovem.

Noel não estava acostumado a ver anjos agindo de uma forma tão humana. Contudo, Nimra com seus braços preenchidos com o velho felino dava muito essa impressão. – Quer que eu a carregue?

– Não. Mimosa pesa muito menos do que devia—só seu pelo faz com que ela aparente o contrário. – O rosto dela estava solene na quietude sigilosa do amanhecer. – O luto tem feito com que ela não queira comer, e ela viveu tantos anos já...

Foi instintivo aproximar-se para esfregar o dedo na parte de cima da cabeça da gata. – Ela está com você há muito tempo.

– Duas décadas, – disse Nimra. – Eu não sei de onde ela veio. Ela olhou para cima de onde brincava com o arbusto de mimosa naquele dia e decidiu que eu era sua. – Um sorriso lento que atçou as brasas dentro dele até transformá-las em um fogo mais obscuro e ardente. – Desde então ela sempre me acompanhou em minhas caminhadas matinais, mesmo agora quando o frio a incomoda.

O carinho nestas palavras contrariava tudo o que ele tinha ouvido falar sobre Nimra. Ela era temida por vampiros e anjos de todo o país. Até mesmo os anjos mais agressivos passavam longe do território de Nimra—quando tudo levava a crer que seus poderes não eram nada em comparação com os de muitos deles. O que fazia Noel querer saber exatamente o quanto do que via era verdade e quanto era uma ilusão bem praticada.

Ela levantou a cabeça naquele momento e o dourado suave do sol nascente tocou o rosto dela, iluminando seus olhos de topázio, tão brilhantes e luminosos. – Esse é meu momento favorito do dia, quando tudo ainda está cheio de promessas.

Ao seu redor, os jardins começaram a se agitar com a vida quando o céu se acendeu com raias de coloração laranja profunda e um rosa tão escuro que era quase púrpura, e diante dele estava uma bela mulher com asas polvilhadas de pedras preciosas. Um homem poderia render-se a tal momento... Mas foi a própria força do fascínio que lhe fez recuar, lembrar-se dos frios e duros fatos por trás de sua presença aqui. – Há alguém que você suspeite ser o traidor?

Nimra não protestou pela mudança repentina no rumo da conversa. – Não me atrevo a suspeitar que algum dos meus tenha feito tal coisa. – A mão dela se movia sobre a gata adormecida em seus braços, lentamente e com paciência infinita. – É pior do que uma facada no escuro, pois pelo menos então eu teria uma sombra em que me concentrar. Isso... Eu não gosto disso, Noel.

Algo na forma como ela disse seu nome se envolveu em torno dele, uma magia sutil que fez seus escudos se fecharem. Talvez esse fosse o poder de Nimra—a habilidade de motivar as pessoas a acreditarem no que ela quisesse que eles acreditassem. Esse pensamento fez sua mandíbula se cerrar, e cada célula de seu corpo entrar em estado de

alerta pelo perigo que ele estava certo que se escondia atrás da ossatura delicada do rosto requintado dela.

Como se tivesse ouvido seus pensamentos, ela balançou a cabeça. – Tanta desconfiança. – Foi um murmúrio. – Tanta velhice em seus olhos, como se você tivesse vivido mais séculos do que eu sei que viveu.

Noel não disse nada.

Macios cachos cor de ébano brilhavam no mais profundo tom de azul na luz do sol nascente enquanto ela continuava a acariciar Mimosa. – Apresentarei você formalmente ao meu povo esta...

– Eu prefiro encontrá-los sozinho.

Uma sobrelance se ergueu diante sua interrupção, o primeiro sinal verdadeiro de arrogância que ele via. Foi estranhamente reconfortante. Anjos da idade e poder de Nimra estavam acostumados a estarem no controle. Ele teria ficado mais desconfiado se ela tivesse tolerado a interrupção e discordância com a calma imperturbável que tinha mostrado até agora.

– Por quê? – A demanda de uma imortal que dominava um território com mão de ferro.

Mas Noel tinha reencontrado seu caminho após meses na escuridão impenetrável, e ele jamais permitiria que ninguém o empurrasse para fora dele. – Se há um traidor, não faz sentido alienar toda sua corte, – lembrou-lhe ele. – O que vai acontecer bem depressa se você fizer questão de apresentar seu novo... Brinquedo a todos eles.

Ela continuou a observá-lo com olhos cheios de poder.

Talvez outros homens pudessem ter sido intimidados, mas, ilusão ou verdade, Noel estava fascinado pelas camadas que ela lhe mostrava. – Seu povo é realmente tão obtuso, – disse ele, – para aceitar essa estória uma vez que você deixe claro que tenho valor para você?

A mão de Nimra se aquietou sobre o pelo de sua mascote. – Tome cuidado, Noel, – disse ela em uma voz baixa que cantarolava com a real força contida em seu pequeno corpo. – Eu não conquistei meu lugar nesta terra permitindo que qualquer um passasse por cima de mim.

– Isso, – disse ele, sustentando um olhar que era tempestuoso com advertência, – é algo de que nunca duvidei. – Ele jamais se esqueceria de que por trás da delicada constituição e beleza feminina havia uma imortal que diziam ser tão cruel que causava arrepios de terror nos de sua própria espécie.

3

A primeira pessoa que Noel conheceu quando entrou no enorme salão de entrada da casa foi um anjo alto, de olhos e cabelos escuros, que tinha o ar arrogante que Noel associava aos anjos que estavam além de certo nível de poder—mas temperado com um toque de condescendência. – Christian, – disse o anjo, suas asas de um suave branco riscado por alguns afiados filetes negros... As mesmas asas que Noel tinha visto da janela de seu quarto hoje de manhã.

Assentindo, ele disse, – Noel, – e estendeu sua mão.

Christian ignorou-a. – Você é novo na corte. – Um sorriso tão afiado quanto uma lâmina de serra. – Ouvi dizer que você veio do Refúgio.

Noel não perdeu a mensagem implícita—Christian sabia o que tinha sido feito a ele, e o anjo usaria esse conhecimento para torcer a faca mais profundamente quando quisesse. – Sim. – Ele sorriu como se não tivesse captado o aviso ou a ameaça subentendida. – A corte de Nimra não é o que eu esperava. – Não havia opulência ostensiva, nem o miasma do medo.

– Não se deixe enganar, – Christian disse, seus olhos tão duros quanto diamantes, ainda que sua fachada de cortesia ártica nunca caísse. – Há uma razão para que os outros temam os dentes dela.

Noel se balançou preguiçosamente para trás sobre os calcanhares. – Foi mordido?

As asas do anjo se estenderam uma fração, então se cerraram com força. – Insolência só será tolerada enquanto você aquecer a cama dela.

– Então é melhor eu aquecê-la por um longo tempo. – Noel lançou-lhe um sorriso arrogante, imaginando que ele podia muito bem desempenhar seu papel direito.

– Christian está sendo difícil? – A pergunta veio de uma mulher de pernas longas vestindo uma saia preta até os joelhos ajustada e camisa branca que favoreciam sua figura esbelta de curvas graciosas. Combinando as pernas e os olhos inclinados de um turquesa profundo impossível com o dourado de sua pele, ela era atordoantemente bela. Não um anjo, mas uma vampira velha o bastante para que a imortalidade já tivesse feito sua magia sobre o que certamente tinha sido uma tela espetacular para começo de conversa.

Noel aumentou seu sorriso em resposta à piscadela coquete dela. – Creio que posso lidar com Christian, – disse ele, estendendo a mão mais uma vez. – Eu sou Noel.

– Asirani. – Os dedos dela envolveram os seus. Ele permitiu isso, mas não sentiu nada. Ele não sentia nada desde que foi emboscado... Exceto essa estranha e inesperada sensação de agitação despertada pela risada de Nimra.

Soltando a mão de Asirani, ele olhou da vampira para o anjo. – Então, me fale sobre esta corte.

Christian ignorou, enquanto Asirani enganchou um braço no seu e o levou através do enorme salão central que parecia funcionar como sala de audiência quando necessário, mas que de outra maneira era o centro da corte. – Você já se alimentou? – Espessos cílios negros se ergueram, e olhos azul-turquesa olharam significativamente para os seus.

– Temo que a Senhora Nimra não goste de compartilhar, – ele murmurou, pensando nas bolsas de sangue seladas que foram deixadas no frigobar em seu quarto. – Eu agradeço a oferta. – Seja qual fosse seu motivo, tinha sido uma questão de consideração.

O fato era que tirar sangue de um doador humano ou vampiro não era algo que Noel estivesse de alguma forma inclinado a fazer desde que acordou depois do ataque. O Curador-chefe da Medica, Keir, tinha sido muito bom em lhe fornecer sangue ensacado sem fazer perguntas. Talvez a cortesia de Nimra também fosse um resultado da influência de Keir. O curador parecia inspirar um grande respeito entre os anjos—mesmo entre os próprios arcanjos.

– Hmm. – Asirani apertou seu braço, os dedos dela escovando seu bíceps. – Você é uma escolha surpreendente.

– Eu sou?

Um riso gutural. – Ah, e mais esperto do que parece, não é? – Com os olhos brilhando, ela parou ao lado de uma janela, seu rosto voltado para o salão. – Nimra, – ela disse em voz baixa, – não tem um amante há muitos anos. Christian sempre acreditou que, quando ela escolhesse quebrar o jejum, seria com ele.

Noel olhou para o anjo que agora conversava com um velho homem humano, e encontrou-se perguntando por que Nimra não tinha convidado Christian para sua cama. Apesar dele aparentemente ser um aborrecido aristocrata, estava claro que o homem era indiscutivelmente inteligente, e que se movia de uma forma que mostrava que ele tinha treinamento em luta. Não um almofadinha inútil, mas um trunfo.

Assim como Asirani não era nenhuma seguidora de cabeça vazia.

– Todos vocês vivem aqui? – ele perguntou, intrigado que esta corte parecesse ser tão próspera.

– Alguns de nós temos quartos aqui, mas Nimra mantém uma ala que é só dela. – Levando-o até a longa mesa de comida do outro lado da sala, ela largou seu braço para

arrancar uma uva gorda da provisão de frutas e colocá-la na boca. Embora vampiros não pudessem ganhar a nutrição que precisavam da comida, eles podiam digerir e apreciar o sabor—o humm de prazer de Asirani deixou claro que ela gostava de utilizar cada um dos seus sentidos.

Noel não estava interessado em tal sensualidade, mas ele estava se movendo para pegar um par de mirtilos para não se destacar, quando os pelos de sua nuca se arrepiaram. Não por medo, mas em consciência instintiva, primitiva. Ele não ficou minimamente surpreso ao se virar e descobrir que Nimra tinha entrado no salão. Os outros foram varridos da mente dele quando seus olhos se encontraram com o poder e a intensidade dos dela.

– Desculpe-me, – ele murmurou para Asirani, atravessando o chão de madeira brilhante para parar diante do anjo que estava provando ser um enigma irresistível. – Minha senhora.

Seu olhar era impenetrável. – Vejo que você conheceu Asirani.

– E Christian.

Sua boca se apertou levemente. – Eu acho que você não conheceu Fen. Venha.

Ela o levou até o idoso humano que Noel tinha visto com Christian. Ele sentava-se cercado por papéis em uma mesa no canto ensolarado do aposento. Quando se aproximaram dele, ficou claro que o homem era ainda mais velho do que Noel adivinhou primeiramente, sua pele morena coberta por incontáveis rugas. No entanto, seus olhos eram como seixos escuros, reluzentes com vitalidade, e seus lábios ágeis. Estes se ergueram num sorriso quando Nimra se aproximou, e Noel percebeu que a visão do homem estava se deteriorando, apesar do brilho intermitente do seu olhar.

Nimra o deteve com a mão em seu ombro quando ele começou a lutar para se levantar. – Quantas vezes devo te dizer, Fen? Você conquistou o direito de sentar-se em minha presença. – Um sorriso tão vibrante que cortou o coração de Noel. – Na verdade, você conquistou o direito de dançar nu em minha presença, se assim quiser.

O velho riu, sua voz áspera pela idade. – Isso seria um espetáculo, hein, minha senhora? – Apertando a mão dela, ele olhou para Noel. – Você deixou que um homem fizesse de você uma mulher honesta afinal?

Inclinando-se para frente, Nimra beijou Fen em ambas as faces, suas asas escovando inadvertidamente contra Noel. – Você é meu único amor e sabe disso.

O riso de Fen foi seguido por um sorriso sincero, seus dedos tateando a bochecha de Nimra antes de voltarem a cair na mesa. – Eu sou um homem abençoado, de fato.

Noel quase podia sentir a história que corria entre os dois, mas independente de suas palavras, não havia nada amoroso nessa preciosa recordação. Havia em vez disso um

elemento quase de pai e filha entre eles, apesar do fato de que Nimra permanecia imortalmente jovem, enquanto a marcha do tempo tinha alcançado Fen.

Aprumando-se, Nimra disse, – Este é Noel, – antes de voltar sua atenção para Fen. – Ele é meu convidado.

– É disso que eles estão chamando estes dias? – Seus olhos cintilantes se moveram para dar a Noel um exame mais atento. – Ele não é tão bonito quanto Christian.

– De alguma forma, – Noel murmurou, – eu acho que vou sobreviver a isso.

A réplica fez Fen rir daquele jeito seco dos velhos. – Eu gosto dele, Nimra. Você deve mantê-lo.

– Veremos, – disse Nimra, um toque ácido em suas palavras. – Como nós dois sabemos, as pessoas nem sempre são o que parecem ser.

Algo invisível se passou entre o anjo e o ancião naquele instante, com Fen levantando a mão de Nimra para seus lábios e pressionando um beijo nela. – Às vezes, elas são mais. – Os olhos de Fen ergueram-se por um instante para encarar totalmente Noel, e ele tinha a sensação de que as palavras foram destinadas a ele ao invés de para o anjo cuja mão Fen ainda segurava.

Então Asirani apareceu com o som do estalar de seus altíssimos saltos e o momento passou. – Minha senhora, – disse a vampira para Nimra. – Augustus está aqui e insiste em falar com você.

A expressão de Nimra se tornou sombria. – Ele está começando a testar minha paciência. – Dobrando as asas apertadamente contra sua coluna, ela acenou um adeus para Fen e saiu sem uma palavra para Noel, Asirani ao seu lado.

Fen cutucou Noel com uma bengala que ele não tinha visto até aquele momento. – Talvez não seja exatamente o que você esperava, hein?

Noel ergueu uma sobrancelha.

– Se você está se referindo à arrogância, eu sou bem versado nela. Eu trabalhei com os Sete de Raphael. – Os vampiros e anjos a serviço do arcanjo eram imortais poderosos por direito próprio. Dimitri, o líder dos Sete, era mais forte do que um grande número de anjos; ele podia conquistar e manter um território, se assim escolhesse.

– Mas, – insistiu Fen, lábios curvados em um sorriso astuto, – você já experimentou isso em uma mulher? Em uma amante?

– Cegueira nunca foi um dos meus defeitos. – A amarga ironia de suas palavras o fez rir por dentro. Após o ataque, ele nem sequer teve olhos pelo tempo que levou para que sua carne se regenerasse. – Tampouco é o seu, embora me pareça que você prefira dar

essa impressão. – Ele viu a forma como o olhar do ancião tinha se tornado embotado quando Asirani se aproximou.

– Esperto, também. – Fen acenou para uma cadeira diante da dele. Tomando o assento, Noel apoiou o antebraço na reluzente mesa de cerejeira e olhou para a grande área principal. Christian estava em uma profunda conversa com outra mulher, uma beleza curvilínea de cabelos longos e lisos até a cintura e com o rosto mais inocente que Noel já tinha visto. – Quem é essa? – ele perguntou depois de ter adivinhado qual papel Fen desempenhava na corte de Nimra.

A expressão do ancião se suavizou ao dizer com ternura: – Minha filha, Amariyah. – Sorrindo para esta quando ela se virou para lhe acenar, ele suspirou. – Ela foi Transformada aos vinte e sete. Faz bem ao meu coração saber que ela vai viver por muito tempo depois que eu partir.

Vampirismo convertia humanos em quase imortais, mas a vida não era fácil, especialmente nos primeiros cem anos após a Transformação, quando o vampiro estava ao serviço de um anjo. O Contrato de cem anos era o preço que os anjos exigiam pelo dom de poder viver muito tempo além da expectativa de vida mortal. – Quanto resta de seu contrato?

– Nada, – disse Fen, para surpresa de Noel.

– A menos que você a tenha tido antes de nascer, – disse Noel, continuando a observar Amariyah e Christian, – isso é impossível.

– Nem eu sou tão eficiente. – Um riso mucoso. – Eu estive a serviço de Nimra desde que era um rapaz de apenas vinte. Amariyah nasceu um ano depois. Faz cerca de sessenta e cinco anos que sirvo minha senhora—o Contrato foi escrito para levar isso em conta.

Noel nunca tinha ouvido falar de tal concessão. Que o anjo que governava Nova Orleans e seus arredores tenha feito isso dizia muito sobre o quanto Fen significava para ela, e sobre a capacidade de lealdade do próprio anjo. Não era uma característica que ele esperava encontrar em um anjo amplamente conhecido pela dureza de suas punições.

– Sua filha é bonita, – disse ele, mas sua mente estava em outra mulher, uma com asas que tinham sido tão quentes e pesadas contra ele por um momento fugaz mais cedo.

Fen suspirou. – Sim, muito bonita. E com uma alma muito doce. Eu não teria permitido que ela fosse Transformada se Nimra não tivesse prometido cuidar dela.

Amariyah terminou sua conversa naquele instante. – Papa, – disse ela e, ao contrário dos ecos de outro continente que temperavam as palavras de seu pai, o bayou corria misterioso e lânguido em sua voz, – você não tomou café da manhã hoje. Você acha que pode enganar sua Amariyah?

– Ai, menina. Você está me envergonhando na frente do meu novo amigo.

Amariyah estendeu a mão. – Bom dia, Noel. Você é do que mais se fala nessa corte.

Balançando a mão vários tons de pele mais claros que a do seu pai, Noel deu o que ele esperava ser um sorriso fácil. – Coisas boas, tenho certeza.

A filha de Fen balançou a cabeça, e as covinhas que marcaram suas bochechas a fizeram parecer ainda mais inocente. – Temo que não. Christian está, como minha avó teria dito, ‘extremamente contrariado’. Deem-me licença por um momento. – Indo até o aparador, ela encheu um prato antes de voltar. – Você vai comer papai, ou vou contar à Senhora Nimra.

Fen resmungou, mas Noel podia ver que ele estava satisfeito com a atenção. Levantando-se, Noel acenou para seu assento. – Acredito que seu pai prefira mais sua companhia à minha.

As covinhas de Amariyah surgiram novamente. – Obrigada, Noel. Se você precisar de alguma coisa na corte, me avise. – Acompanhando-o por alguns passos, ela sorriu de novo, e desta vez não havia nada de inocente nisso. – Meu pai gosta de me ver como inocente, – ela murmurou em voz baixa, – e assim eu sou para ele. Mas sou uma mulher adulta. – Com essa mensagem nada sutil, ela se foi.

Com o cenho franzido, Noel foi deixar o salão de audiência, contornando uma jovem que entrava com uma garrafa de café fresco. Então, pensando bem... Girando, ele voltou para pegar uma xícara de uma mesinha. – Posso pedir uma xícara? – perguntou ele, certificando-se de manter a voz suave.

As bochechas da criada se coloriram com um belo vermelho, mas ela lhe serviu com mãos firmes.

– Obrigado.

Assentindo, ela abaixou a cabeça e se dirigiu para a mesa principal, colocando a garrafa sobre esta. Ninguém prestou nenhuma atenção nela, e—sua potencial cumplicidade na tentativa de assassinato de lado—isso fez com que Noel se perguntasse o quanto os criados ouviam, o quanto eles recordavam.

Nimra encarou Augustus do outro lado da pequena biblioteca formal de onde ela administrava seus assuntos diários. – Você sabe que não vou mudar de ideia, – disse ela, – e ainda assim insiste.

O grande macho, sua pele de um mogno escuro reluzente, estalou as asas castanho-avermelhadas rajadas de branco, cruzando os braços sobre o enorme peito. – Você é uma mulher, Nimra, – ele trovejou. – É antinatural que esteja sozinha.

Outros anjos do sexo feminino teriam feito algo desagradável a Augustus até agora. A deles não era uma sociedade em que só os homens detinham o poder. O mais poderoso dos arcanjos era Lijuan, e ela era muito mulher. Ou tinha sido. Ninguém sabia o que ela tinha se tornado desde sua “evolução”.

Era a cruz de Nimra que Augustus fosse um amigo de infância, menos de duas décadas mais velho que ela. Nada no esquema das coisas, dada a expectativa de vida angelical. – A amizade, – disse ela para Augustus, – só vai até certo ponto.

O macho idiota sorriu aquele enorme sorriso que sempre a fazia sentir como se o sol tivesse saído. – Eu te trataria como uma rainha. – Descruzando os braços e recolhendo as asas de novo, ele atravessou o aposento. – Você sabe que eu não sou Eitriel.

Seu coração se apertou em um nó doloroso ao som desse nome. Tantos anos se passaram, e a ferida ainda permanecia. Ela não sentia falta de Eitriel, mas sentia pelo que ele tinha lhe roubado, e odiava as cicatrizes que ele tinha deixado para trás.

– Seja como for, – disse ela, esquivando-se agilmente para o lado quando Augustus a teria tomado em seus braços, – eu estou resolvida. Não quero amarrar minha vida à de um homem outra vez.

– Então o que eu sou? – disse uma rouca voz masculina da porta. – Um passatempo insignificante?

4

Surpresa, Nimra se virou para encontrar o olhar azul gelado de um vampiro que não deveria estar ali.

– Quem, – rugiu Augustus ao mesmo tempo, – é ele?!

– O homem que Nimra escolheu, – disse Noel, com o que ela sabia ser desrespeito deliberado em seu tom.

As enormes mãos de Augustus se cerraram. – Eu vou quebrar seu pescoço magro, sugador de sangue.

– Certifique-se de arrancá-lo ou eu vou me regenerar, – Noel replicou arrastadamente, colocando o corpo em posição de combate.

– Basta. – Nimra não tinha nem ideia do que Noel achava que estava fazendo, mas eles teriam que lidar com isso depois que ela resolvesse o problema com Augustus. – Noel é meu convidado, – disse ela ao outro anjo, – assim como você. Se você não pode se comportar como um ser civilizado, a porta está ali.

Augustus realmente rosnou para ela, traíndo os anos que passara como guerreiro na corte de Titus, conquistando e pilhando. – Eu te esperei, e você me joga fora por um vampiro bonitinho?

Nimra sabia que devia ter ficado irritada, mas tudo que sentia era uma exasperada afeição. – Você realmente acha que eu não sei sobre o harém de garotas dançarinas que você mantém naquele seu castelo?

Ele teve a graça de abaixar um pouco a cabeça. – Nenhuma delas é você.

– O passado é passado, – ela sussurrou, colocando uma mão no peito dele e erguendo-se na ponta dos pés para dar um beijo em seu queixo. – Eitriel era amigo de nós dois, e ele traiu a ambos. Você não tem que pagar penitência.

Os braços dele a rodearam, sólidos e fortes. – Você não é uma penitência, Nimra.

– Mas não sou sua estrela-guia, tampouco. – Ela passou a mão nas penas primárias da asa direita dele. Foi um carinho familiar, mas não íntimo. – Vá para casa, Augustus. Suas mulheres estarão ansiando por você.

Resmungando, ele encarou Noel. – Coloque um machucado no coração dela e eu transformarei seu corpo inteiro em um. – Com isso, ele se foi.

Noel ficou observando o anjo até ele desaparecer de vista. – Quem é Eitriel?

Os olhos de Nimra brilharam com raiva quando encontraram os seus. – Isso não é da sua conta. – A porta da biblioteca bateu fechada em uma fria exibição de temperamento. – Você está aqui para um único propósito.

Muito cuidadosamente formulado, Noel pensou, observando Nimra caminhar até as portas de correr que davam para os jardins e abri-las. Qualquer um que possa ter estado escutando chegaria à conclusão óbvia.

– Como eu disse, Noel, – Nimra continuou, – tome cuidado para não passar dos limites. Eu não sou uma donzela para que me proteja.

Saindo para os jardins com ela, ele não disse nada até que chegassem à beira do riacho que corria por seu território, sua água fresca e clara. – Não, – ele concordou, sabendo que tinha passado dos limites. No entanto, ele não conseguia formar um pedido de desculpas—porque não se arrependia por ter interferido. – Você tem uma corte interessante, – disse ele quando teve certeza de que estavam sozinhos, o perfume das madressilvas forte no ar, embora não pudesse ver qualquer evidência da videira.

– Eu tenho? – Com seu tom ainda tocado pela geada do poder, Nimra sentou-se no mesmo banco de ferro que ele tinha usado antes, suas asas abertas atrás dela, filamentos de topázio brilhando ao sol.

– Fen é seus olhos e ouvidos, e tem sido por muito tempo, – disse ele, – enquanto que Amariyah só foi Transformada porque acalma seu coração saber que ela vai viver, mesmo depois que ele se for.

A resposta de Nimra não teve nada a ver com as suas conclusões. – Noel. Entenda isso. Eu nunca posso parecer fraca.

– De acordo. – Fraqueza poderia levá-la à morte. – No entanto, não há fraqueza em ter um lobo ao seu lado.

– Enquanto o lobo não desejar tomar as rédeas.

– Esse lobo não tem tal desejo. – Agachando-se, ele jogava um seixo suavizado do rio para lá e para cá entre os dedos quando voltou ao tema de Fen e Amariyah. – Você é sempre tão generosa com sua corte?

– Fen merecia muito mais do que já pediu, – respondeu Nimra, querendo saber se Noel era realmente capaz de ser seu lobo sem se tornar ávido pelo poder. – Vou sentir falta terrivelmente dele quando se for. – Ela podia ver que tinha surpreendido Noel com sua confissão. Anjos, especialmente aqueles antigos e poderosos o bastante para manter territórios, não foram feitos para serem criaturas de emoção, de coração.

– De quem você vai sentir falta quando ele se for? – perguntou ela, profundamente curiosa com o que estava por trás do inflexível escudo de sua personalidade. – Você tem conhecidos e amigos humanos? – Ela não esperava que ele respondesse, então teve que

esconder sua própria surpresa quando ele fez isso. Somente décadas de experiência tornaram isso possível—Eitriel lhe deixou isso, se nada mais.

– Eu nasci em uma charneca inglesa, – ele disse, sua voz passando a trair o menor indício de um sotaque de tempos atrás.

Ela achou fascinante. – Quando você foi Transformado? – perguntou ela. – Você é mais velho que o normal. – Vampiros envelheciam, mas tão lentamente que as mudanças eram imperceptíveis. As linhas de maturidade no rosto de Noel vieram de sua vida humana.

– Trinta e dois, – ele disse, seus olhos em uma abelha rechonchuda que zumbia sobre o arbusto de amoras pretas carregado com a fruta à direita de Nimra. – Eu pensei que tivesse outra vida diante de mim, mas quando encontrei a estrada interrompida, decidi que dane-se, eu podia muito bem tentar me tornar um Candidato. Nunca esperei ser escolhido na primeira tentativa.

Nimra inclinou a cabeça, consciente de que os anjos teriam lutado para reclamá-lo para suas cortes, este homem com força e inteligência. – Essa outra vida, será que envolvia uma mulher?

– Não é sempre assim? – Não havia amargura em suas palavras. – Ela escolheu outro, e eu não queria ninguém mais. Depois que fui Transformado, zelei por ela e seus filhos, e em algum ponto ao longo do caminho me tornei mais um amigo do que ex-amante. Seus descendentes me chamam de tio. Eu lamento quando eles morrem.

Nimra pensou na selvagem beleza da terra varrida pelo vento em que ele nasceu, e descobriu que ela combinava perfeitamente com ele. – Eles ainda vivem nas charnecas?

Um assentimento, o cabelo dele brilhando ao sol. – Eles são muito orgulhosos, ainda mais orgulhosos da terra que chamam de sua.

– E você?

– A charneca se agarra à sua alma, – disse ele, os ritmos de sua misteriosa e aprazível terra natal na voz. – Eu volto quando ela me chama.

Compelida pelo vislumbre do passado desse homem complexo, ela se encontrou estendendo suas asas ainda mais, e o sol da Louisiana era uma carícia morna em suas penas. – Por que seu sotaque desaparece em uma conversa normal?

Um encolher de ombros. – Passei muitos, muitos anos longe das charnecas, além de uma visita aqui e ali. – Soltando o seixo, ele levantou-se, mais de um metro e oitenta de altura, um musculoso macho com uma expressão que era de repente toda negócios. – Fen, Asirani, Christian, e Amariyah, – disse ele. – Eles são os únicos que têm acesso a você intimamente?

– Há outro, – disse ela, ciente de que o momento tinha terminado. – Exeter é um anjo que tem estado comigo há mais de um século. Ele prefere gastar seu tempo em seu quarto na ala oeste, examinando seus livros acadêmicos.

– Ele vai estar no jantar?

– Vou pedir a ele que participe. – Era difícil pensar que o doce e distraído Exeter quisesse machucá-la. – Eu não consigo suspeitar dele, mas então, eu não consigo suspeitar de qualquer um deles.

– Atualmente, não há nada que aponte para nenhum deles, mas nada pode ser ignorado. – Braços cruzados, ele se virou para encará-la. – Augustus— fale-me sobre ele.

– Não há nada a ser falado. – Fechando suas asas bruscamente, ela levantou-se. – Ele é um amigo que acha que precisa ser mais, que eu preciso que ele seja mais. Isso foi tratado.

Noel podia ver que Nimra não estava acostumada a ser questionada ou pressionada. – Eu não acho que Augustus acredite que foi tratado.

Um sorriso de olhos frios. – Como vimos antes, – disse ela, – coisas como essa não são da sua conta.

– Pelo contrário. – Aproximando-se, ele colocou as mãos nos quadris. – Homens frustrados fazem coisas estúpidas e às vezes mortais.

O indício de uma carranca quando ela se aproximou para escovar uma flor branca minúscula que tinha caído no ombro dele. – Não Augustus. Ele sempre foi primeiramente um amigo.

– Não importa em que você escolha acreditar, os sentimentos dele não são os de um amigo. – Noel tinha vislumbrado fúria desenfreada no rosto do anjo enorme quando Augustus inicialmente percebeu o que ele aparentemente era para Nimra.

Linhas de expressão surgiram ao redor da boca de Nimra. – A questão é inútil. Augustus me visita, mas ele não estava aqui quando Meia-noite foi colocado em meu chá.

– Você disse que confia sua comida a certos serventes, – assinalou Noel, um requintado e sedutor perfume se entrelaçando em suas veias, um que não tinha nada a ver com os jardins. – No entanto, seu foco está claramente em seu círculo íntimo na busca pelo traidor. Por quê?

– Os serventes são seres humanos. Por que eles se arriscariam a uma punição letal? – ela perguntou com o que parecia ser assombro genuíno. – Suas vidas já são tão curtas.

– Você ficaria surpresa com o quanto os mortais arriscam. – Ele passou uma mão por seu próprio cabelo para conter o desejo de estendê-la e enrolar um cacho preto-azulado em seu dedo. Isso continuava a inquietá-lo, a facilidade com que ela o atraía

quando nada tinha penetrado o entorpecimento que havia em seu interior por meses — especialmente quando ele ainda não tinha vislumbrado a natureza do poder que era a base de sua reputação. – Quantos serventes eu preciso ter em conta?

– Três, – Nimra lhe informou. – Violet, Sammi e Richard.

Ele fez uma nota mental dos nomes, então perguntou: – O que você vai fazer hoje?

Evidentemente ainda aborrecida com ele por se atrever a discordar dela, Nimra lhe lançou um olhar que era régia arrogância pura. – Mais uma vez, não é nada que você precise saber.

Ele tinha “apenas” duzentos e vinte e um anos, mas ele passou esse tempo nas fileiras de homens de um arcanjo, e os últimos cem anos na guarda, logo abaixo dos Sete. Ele possuía sua própria arrogância. – Pode não ser, – disse ele, aproximando-se o bastante para que ela tivesse que jogar a cabeça para trás para encará-lo, algo que ele sabia que ela não iria gostar, – mas eu estava sendo educado e civilizado, tentando manter uma conversa.

Os olhos de Nimra se estreitaram um pouco. – Eu acho que você nunca foi educado e civilizado. Pare de tentar — é ridículo.

A afirmação arrancou um riso surpreso dele, e o som áspero e fora de uso fez com que seus músculos peitorais se estendessem de uma forma que não faziam há muito tempo.

Nimra viu-se surpresa pelo impacto do riso de Noel, pela maneira como ele transformou o rosto dele, iluminou o azul de seus olhos. Foi um vislumbre de quem ele era antes do que aconteceu no Refúgio — um homem com uma pitada de maldade nos olhos e a capacidade de rir de si mesmo. Por isso, quando ele angulou um braço em convite, ela deslizou sua mão na dobra do mesmo.

O calor do corpo dele se infiltrou através do tecido fino da camisa que ele usava enrolada até os cotovelos para tocar a pele dela, e seus músculos se moviam sob seus dedos enquanto caminhavam. Por um momento, ela se esqueceu de que era um anjo quatrocentos anos mais velho, um anjo que alguém queria morto, e tornou-se simplesmente uma mulher passeando com um homem bonito que estava começando a fasciná-la, arestas e tudo.

Três dias depois, Noel tinha uma ideia muito boa de como funcionava a corte. Nimra era seu centro indiscutível, mas ela não era uma prima-dona. A palavra “corte” era na verdade um equívoco. Este não era um lugar extravagante com jantares formais todas

as noites e cortesãos vestidos para impressionar, tendo como principal tarefa ficar bonitos e beijar traseiros.

A corte de Nimra era uma unidade altamente funcional, e a capacidade de seus homens e mulheres era evidente. Christian—que não mostrou nenhum sinal de degelo diante da presença de Noel—lidava com os assuntos comerciais diários, incluindo a gestão dos investimentos que mantinham a corte rica. Ele era assistido em determinadas tarefas por Fen, apesar de Noel ter notado que era mais uma relação mentor-aprendiz. Fen estava passando a tocha para Christian, que podia ser mais velho em anos, mas era mais jovem em experiência.

Asirani, por outro lado, era a Relações Públicas de Nimra. — Ela rejeita a maioria dos convites, — a vampira frustrada lhe disse no segundo dia, — o que torna meu trabalho muito desafiador. — No entanto, os convites—vindos de outros anjos, vampiros de alto nível e seres humanos ansiosos por fazer contato com o anjo governante—continuavam a jorrar, o que significava que Asirani se mantinha ocupada.

Exeter, o estudioso, fazia jus à sua reputação. Um indivíduo excêntrico com tufos de cabelo cinza empoeirado que apontavam para todas as direções e asas de um surpreendente amarelo profundo com toques acobreados, ele parecia passar todo seu tempo com a cabeça nas nuvens. No entanto, um olhar mais atento revelou que ele era uma fonte de conselhos e informações para Nimra quando se tratava de política angelical. Fen, em contrapartida, tinha uma grande compreensão das populações vampíricas e humanas.

Era só Amariyah que parecia não ter uma função real além de cuidar de seu pai. — Você continua nesta corte por Fen? — ele perguntou a ela numa noite depois de um raro jantar formal, quando estavam na varanda sob a luz prateada de uma meia lua, o ar úmido se somando aos sons dos insetos que seguiam com seus negócios e à escuridão magnífica do bayou.

A vampira tomou um gole de seu cálice vermelho-sangue, e este cantou aos sentidos de Noel. Mas ele tinha se alimentado mais cedo, portanto a fome não era nada urgente, apenas um zumbido de consciência diante do potente sabor ferroso. Antes, ele teria ignorado o copo na mão dela para se concentrar na pulsação em seu pescoço, em seu pulso, mas o pensamento de colocar a boca na pele dela, na pele de qualquer um, de ter alguém tão perto—fazia todo seu corpo queimar frio, e a fome desaparecer definitivamente.

— Não, — ela disse por fim, lançando a língua para fora para recolher uma gota de sangue de seu cheio lábio inferior. — Eu devo minha lealdade a Nimra pela maneira como fui Transformada, e enquanto não tenho como comparar, os outros dizem que esse é um bom território. Eu já ouvi estórias de outras cortes que fazem os pelos dos meus braços se arrepiarem.

Noel sabia que essas histórias estavam mais propensas a ser verdade do que não. Muitos imortais eram tão desumanos que consideravam os seres humanos e vampiros nada mais que brinquedos para seu divertimento, e governavam usando uma combinação de profundo terror e punições sádicas. Em contrapartida, ainda que os criados e cortesãos de Nimra a tratassem com o máximo respeito, não havia o toque acre do medo, nem a vibração do nervosismo.

E ainda assim... Nenhum governante que possuísse sequer uma veia de bondade dentro de si poderia ter mantido afastados adversários tão brutais quanto Nazarach. Isso o fez questionar a veracidade de tudo que tinha visto até agora, se perguntar se ele estava sendo enganado pelo mais hábil dos inimigos, um anjo que teve seis séculos para aprender seu ofício.

Amariyah deu um passo para mais perto, muito perto. — Você também sente, não é? As mentiras. — Um sussurro. — Os sinais da verdade oculta. — O cheiro dela era profundo e exuberante, quente e sensual, sem nuances sutis.

O perfume audacioso se adequava a sua verdadeira natureza—toda cor, sexo e beleza sem nenhuma preocupação com as consequências futuras. Jovem. Ele sentiu-se velho em comparação. — Eu sou novo nessa corte, — disse ele, embora estivesse perturbado por sua pergunta, por sua implicação. — Estou muito ciente do que não sei.

A curva de seus lábios carregava uma borda viciosa. — E você deve, naturalmente, agradar à sua amante. Sem ela, você não tem lugar aqui.

— Não sou um zero à esquerda, — replicou Noel, consciente de que todos ali deviam ter investigado seus antecedentes até agora. Christian claramente tinha, embora Noel não achasse que o anjo tinha compartilhado o que desenterrou—havia uma espécie de orgulho cerimonioso em Christian que lhe dizia que este estava acima de mexericos—mas ele não era o único com contatos. O caminho mais seguro seria assumir que todo o círculo íntimo conhecia seu passado—o bom e o feio. — Sempre posso voltar ao meu serviço na guarda de Raphael.

Dedos escovando sua mandíbula, quentes e carinhosos. — Por que você saiu?

Ele deu um discreto passo para trás, recuando do toque não convidado. — Eu cumpri meu Contrato há mais de um século, mas continuei com Raphael porque trabalhar para um arcanjo é estimulante. — Ele havia visto e feito coisas incríveis, usado cada pedacinho de suas habilidades e inteligência para completar as tarefas que lhe foram delegadas. — Mas Nimra é... Única. — Isso também era verdade.

Amariyah tentou manter um falso tom leve, mas sua amargura era profunda demais para ser escondida. — Ela é um anjo. As vampiras não são páreo para sua beleza e graça.

— Depende da vampira, — disse Noel, virando-se para as portas abertas da varanda. Seu olhar se fixou na cena que se desenrolava dentro do salão principal — Asirani tocando o braço de Christian em um convite que era inconfundível. Vestindo um cheongsam¹⁵ do mais profundo índigo bordado de ouro, seu cabelo afastado do rosto, a beleza vibrante dela era um incrível contraponto à elegância quase acética de Christian. O macho angelical inclinou-se para ouvir o que ela tinha a dizer, mas ele se portava com uma gravidade antinatural, sem um sorriso em seus lábios.

— Olhe para eles, — Amariyah murmurou, e Noel percebeu que ela tinha seguido seu olhar. — Asirani já tentou ganhar o afeto de Christian, mas ela cai em um pobre segundo lugar quando comparada a Nimra. — Mais uma vez, as palavras dela traziam lâminas ocultas.

— Asirani é uma mulher deslumbrante por direito próprio. — Noel viu quando Christian se afastou das mãos da vampira com implacável gentileza e partiu. A expressão de Asirani se fechou, e sua espinha se tornou uma barra de aço.

Amariyah encolheu os ombros. — Vamos voltar para dentro?

Noel teve a sensação de que ela esperava muito mais apoio para seus pontos de vista do que recebeu dele. — Acho que vou ficar um pouco mais.

Ela saiu sem mais nenhuma palavra, pavoneando-se para o salão principal num brilhante lampejo vermelho de seu justo vestido de seda até os tornozelos, a cascata de cabelos negros acariciando as curvas exuberantes do seu corpo. Ele viu-a caminhar até Asirani, colocar uma mão no ombro da outra mulher, apertá-lo. Quando ela abaixou a cabeça para falar com a vampira, ele sentiu outra presença feminina, esta uma complexa e misteriosa orquídea onde Amariyah era uma chamativa rosa.

¹⁵ Vestido chinês

5

Quando olhou por sobre o balcão, Noel viu Nimra andando de braços dados com Fen por uma avenida de flores noturnas, os passos do homem mais velho lentos e desajeitados em comparação com sua graça, a mão dele trêmula sobre a bengala. No entanto, a maneira como Nimra se ajustava a sua idade e velocidade disse a Noel que isso era algo que faziam frequentemente, o anjo de cintilantes asas marrons e o humano no crepúsculo da vida.

Instigado pelo enigma que ela era, Noel se viu descendo a escada que levava aos jardins para ir atrás dela. Um miado inesperado lhe fez parar no último degrau e olhar para a escuridão, sua visão mais afiada que a de um mortal. Mimosa estava sob um arbusto cheio de minúsculas flores em forma de estrela fechadas durante a noite, seu corpo trêmulo.

A gata intrépida não tinha vindo para Noel nos dias desde que esteve ali, mas essa noite ela ficou no lugar quando ele se abaixou e pegou-a, segurando-a perto do calor de seu peito. — Está com frio, minha velha? — ele murmurou, acariciando-a com uma mão. Quando ela continuou tremendo, ele desabotoou a camisa formal preta e colocou-a contra sua pele. Deixando cair sua cabeça, ela se enrolou contra ele, seus arrepios começando a desaparecer. — Aí está.

Noel continuou a acariciá-la enquanto caminhava para onde Fen e Nimra tinham desaparecido. Mimosa era frágil sob as mãos dele, delicada como sua Senhora. Era estranhamente calmante abraçá-la, e pela primeira vez em um longo tempo Noel voltou a pensar no menino que tinha sido. Ele teve uma mascote também, um grande vira-lata velho que tinha seguido Noel por todos os lados com fidelidade absoluta até que seu corpo sucumbiu. Noel tinha enterrado ele na charneca, encharcando o chão com lágrimas onde ninguém podia vê-lo.

Mimosa se agitou contra seu peito quando ele dobrou a esquina, tendo captado o cheiro de sua Senhora. Nimra estava do outro lado da lagoa prateada pela lua diante dele, suas asas pairando sobre a erva quando ela se curvou para verificar algumas flores adormecidas, um vento preguiçoso moldando o vestido azul-escuro ao corpo dela com a atenção de um amante. Fen sentava-se num banco de pedra deste lado, e a paciência tranquila com que ele a observava carregava sua completa devoção.

Não Fen, Noel decidiu. O velho sempre foi um conspirador improvável na trama para incapacitar ou matar Nimra, mas a expressão em seu rosto esta noite destruiu até mesmo a menor centelha de suspeita. Nenhum homem podia olhar para uma mulher de tal forma e então assistir a luz se apagar para sempre de seus olhos. — Força, coração e coragem, — disse Fen sem se virar. — Não há outra como ela.

— Sim. — Aproximando-se, Noel sentou-se ao lado de Fen com Mimosa ronronando contra sua pele. — Eu acho, — disse ele, seu olhar sobre o anjo que mesmo agora ataçava coisas profundas dentro dele, — que você precisa mandar Amariyah embora dessa corte.

Um suspiro silencioso, a mão dele apertando a bengala. — Ela sempre teve uma inveja dos anjos que eu nunca entendi. Ela é uma mulher bonita, uma quase imortal, e, no entanto tudo o que ela vê são as coisas que não pode ter, que não pode fazer.

Noel nada disse, porque Fen falava a verdade. Amariyah podia ver-se como uma adulta, mas ela era uma criança mimada de muitas formas. — Às vezes penso, — Fen continuou, — que fiz um desfavor a ela ao pedir a Nimra que levasse meus anos de serviço em conta como parte do Contrato de minha filha. Um século de serviço poderia ter lhe ensinado a valorizar o que ela é — pois os anjos a valorizam.

Noel não tinha tanta certeza. Ele tinha visto ontem mesmo Amariyah segurar uma xícara de café na frente de Violet, dizer a pequena criada que ele estava frio e logo derramar o líquido muito deliberadamente no chão. Houve outros atos quando ela achou que ninguém estava vendo, e, além disso, a conversa de hoje à noite. O egoísmo em sua natureza parecia inato, tão imutável quanto pedra. Mas restava ver se ele tinha se tornado letal.

— Foi um gesto de amor seu, — disse ele a Fen quando Nimra se ergueu da investigação que fazia nas plantas e olhou por cima do ombro.

Ele estava familiarizado agora com a forma como sua pele se apertava numa espécie de expectativa ao toque de seu olhar. Eles não tinham feito contato físico de novo desde o passeio no jardim, mas Noel descobriu que, dúvidas sobre a verdadeira natureza dela à parte, seu corpo já não era avesso à ideia de intimidade. Não quando era com esta mulher.

Ele nunca teve uma amante angelical. Não era bonito o bastante para ser perseguido por aqueles anjos que mantinham haréns de homens, e se alegrava por isso. Por outro lado, a maioria dos anjos era muito desumana para a sexualidade crua de sua natureza. Nimra, no entanto, era diferente de qualquer outro anjo que já conheceu, um mistério dentro de um enigma.

Ele viu-a nos jardins mais de uma vez, com seus dedos literalmente na terra. Uma ou duas vezes, quando ele tinha murmurado algo menos sofisticado baixinho, os olhos dela não faiscaram com repreensão, mas sim com humor. E agora, quando ela rodeou a lagoa e veio apoiar a mão no ombro de Fen com o cabelo caindo à sua volta em cachos macios, sua expressão era curiosa de uma forma que ele achou inesperado em um anjo de sua idade e força.

— Está seduzindo minha gata, Noel?

Ele acariciou o corpo adormecido de Mimosa. — Eu é que fui seduzido.

— Certamente. — Uma única palavra envolta em poder. — Eu vejo as mulheres da corte muito animadas com você. Mesmo a tímida Violet se ruboriza quando você está por perto.

A pequena criada tinha se mostrado ser uma fonte de informações sobre a corte quando Noel a localizou nas cozinhas e encantou-a para que falasse com ele. Noel já tinha descartado os outros dois criados da lista de suspeitos após uma sutil investigação—usando seu acesso aos recursos da Torre—tinha revelado que não havia pontos fracos nas vidas de Sammi ou Richard que os tornasse vulneráveis a serem comprados, ou sinais de qualquer enriquecimento súbito. E depois de sua conversa com Violet ele estava absolutamente certo de que ela não tinha nada a ver com a tentativa de assassinato também. Ao contrário da ingenuidade falsa de Amariyah, a de Violet era muito real—apesar da feiura em seu passado.

Fugindo de um padrasto que tinha olhado para ela com interesse demais, Violet tinha desmoronado meio faminta nos arredores da propriedade de Nimra. O anjo estava sobrevoando suas terras, viu a menina e levou-a para casa em seus próprios braços. Ela cuidou de Violet até que esta estivesse saudável, e quando a adolescente se assustou com a ideia de ir para a escola, contratou um tutor para ela. Embora Nimra não tivesse esperado nenhum serviço de alguém tão jovem, a menina orgulhosa insistiu em “ganhar seu sustento” trabalhando todas as manhãs e reservando as tardes para os estudos.

— Eu a adoro, — Violet disse a Noel com lealdade feroz. — Não existe nada que não faria pela Senhora Nimra. Nada.

Agora, Noel ergueu o olhar. — É mais provável que Violet me prepare uma emboscada numa noite escura se me considerar uma ameaça para você do que flerte comigo.

Fen gargalhou. — Ele tem razão. Essa criança adora o chão que você pisa.

— Nós não somos deuses para sermos adorados, — Nimra disse, um olhar perturbado em seu rosto. — Eu não desejo isso dela—ela precisa estender suas asas, viver a própria vida.

— Ela é como um cachorrinho resgatado, — disse Fen, tossindo em um punho trêmulo. — Mesmo se você expulsá-la, atirá-la para o mundo, ela voltará ainda mais obstinadamente para seu lado. Você pode muito bem deixar que ela fique—ela encontrará a própria felicidade mais rápido se for capaz de fazer o que puder para garantir a sua.

— Tão sábio. — Nimra não fez nenhum esforço para ajudar o velho quando Fen lutou para ficar de pé.

Ajuda, Noel entendeu com o passar do tempo, não seria nem acolhida, nem aceita.

A caminhada de volta foi lenta e tranquila, as asas de Nimra escovando a grama diante dele enquanto ela andava de braço dado com Fen. Caminhando atrás deles, Noel sentiu-se completo de uma forma que era difícil de descrever. A noite de Louisiana estava úmida, o ar repleto com o som do coaxar dos sapos e sussurrar das folhas, e o suave som da voz de Nimra ao falar com Fen era como um exuberante oceano que lhe envolvia, embotando suas afiadas arestas interiores, suas partes ainda despedaçadas.

— Boa noite, minha senhora, — disse Fen quando chegaram à pequena casa de campo independente que ele compartilhava com Amariyah. Para Noel, ele disse, — Vou pensar no que você disse. Mas sou um homem velho—ela partirá quando eu não estiver mais aqui, de qualquer forma.

As asas de Nimra fizeram um som farfalhante quando ela as rearrumou antes de se juntar a Noel para a volta para casa. Contornando os cômodos principais em um acordo tácito, eles se dirigiram para a ala pessoal dela—o quarto de Noel ficava perto do dela, na área privativa. — Amariyah pode ter seus defeitos, — Nimra disse por fim, estendendo os braços quando Mimosa se agitou de novo, — mas ela ama Fen.

Noel passou a gata cuidadosamente.

Ronronando feliz nos braços de sua senhora, Mimosa voltou a dormir. Noel refez um par de botões de sua camisa, mas deixou o resto por fazer, pois a noite soprava uma brisa lânguida contra sua pele. — Você sabia que Asirani está apaixonada por Christian?

Um suspiro. — Esperava que fosse uma paixonite, que passaria. — Ela balançou a cabeça. — Christian é muito rigoroso em suas opiniões—ele crê que os anjos devem acasalar somente entre nossa própria espécie.

— Ah. — Isso explicava a intensidade da reação do anjo a Noel. — Não é uma visão comum. — Especialmente quando se tratava dos vampiros mais poderosos.

— Christian pensa que casais anjo/vampiro são indesejáveis, já que esses casais não podem gerar crianças—e nós já temos tão poucas crianças.

Noel pensou nas crianças angelicais no refúgio, tão vulneráveis com suas asas desajeitadas e perninhas roliças, o trinado de suas risadas uma música constante. — As crianças são uma dádiva, — ele concordou. — É algo que você... — Ele parou de falar quando Mimosa fez um pequeno som aflito.

— Desculpe-me, pequena, — disse Nimra, acariciando a gata até que ela se recostasse de novo. — Não vou te apertar tão forte de novo.

Um calafrio transpassou as veias de Noel. Quando Nimra não disse mais nada, ele pensou em deixar para lá, mas a parte dele que estava despertando aos poucos insistiu em se envolver com ela, em descobrir seus segredos. — Você perdeu uma criança.

Foi a gentileza na voz de Noel que reabriu a ferida. — Ele não teve a chance de se tornar uma criança, — disse Nimra, e as palavras eram como cacos de vidro em sua garganta, o sangue se acumulando em seu peito como antes tinha feito aos seus pés. — Meu útero não pôde sustentá-lo, de forma que eu o perdi antes mesmo que ele estivesse realmente formado. — Ela não tinha falado de seu bebê perdido desde aquela noite terrível quando uma tempestade tinha desabado sobre sua casa com fúria implacável. Fen foi o único a encontrá-la, o único que sabia o que tinha acontecido. Eitriel tinha lhe deixado um mês antes, depois de enfiar uma faca direto em seu coração.

— Sinto muito. — A mão de Noel segurou sua nuca, forte e masculina enquanto ele a acariciava de um jeito muito semelhante ao que tinha feito momentos antes com Mimosa. Mas ele não parou em seus cabelos, movendo a mão para a parte inferior das costas dela com cuidado para não tocar a superfície interna de suas asas—essa era uma intimidade a ser dada, não tomada.

Ele pressionou-a contra a base de sua coluna. Ela ergueu a cabeça, assustada. Em vez de recuar, ele inclinou seu corpo em direção ao dela, com Mimosa adormecida entre eles. Ele não tinha o direito de segurá-la de forma tão familiar, nem direito de tocar um anjo de seu poder... Mas ela não o deteve. Não queria detê-lo.

Tinha se passado muito tempo desde que foi abraçada.

Recostando a cabeça no peito dele, a batida de seu coração forte e estável, ela ergueu os olhos para a luz prateada da meia-lua. — A lua era nova naquela noite, — ela disse, a lembrança impressa em suas próprias células para ser carregada por toda a eternidade. — O ar era rasgado pelos gritos de uma tempestade que derrubou árvores e levantou telhados. Eu não queria que meu bebê me deixasse no escuro, mas não havia nada que eu pudesse fazer.

Ele abraçou-a mais forte, seu braço roçando a asa dela. Ainda assim, ele não se afastou, embora todos os vampiros fossem treinados para saber que os anjos não gostavam que suas asas fossem tocadas, exceto por aqueles considerados íntimos. Parte dela, a parte que possuía a arrogância de uma raça que governava o mundo, estava afrontada. Mas a maior parte dela estava silenciosamente satisfeita pela recusa de Noel de seguir as regras numa situação em que elas não serviriam para nada.

— Eu não tive filhos quando era mortal, — ele murmurou, a mão livre movendo-se sobre o cabelo dela. — E sei que é pouco provável que eu tenha agora.

— Improvável, mas não impossível. — Vampiros tinham uma janela de oportunidade de aproximadamente 200 anos após serem Transformados para ter filhos, e estes filhos seriam mortais. Noel havia sido Transformado há duzentos e vinte e um anos. Ela já tinha ouvido falar de uma ou duas crianças que foram concebidas após esse período de tempo. — Você deseja ter filhos?

— Só se a criança for feita por amor. — A mão dele se cerrou em seu cabelo. — E eu tenho crianças que considero família.

— Sim. — O pensamento de crianças dançando e rindo nas charnecas aliviou a dor em seu coração. — Eu acho que gostaria de passar tempo com elas.

— Vou te levar, se você quiser, — ele ofereceu com uma risada, — mas vou avisando—eles são muito, muito selvagens. Os pequenos provavelmente vão puxar suas asas e esperar ser abraçados sob o menor pretexto.

— Uma verdadeira tortura.

Outra risada, seu peito vibrando sob a bochecha dela.

— Você não dorme, Noel. — Ela lhe disse após longos e tranquilos momentos apoiada sobre a batida constante do coração dele, seu corpo grande e quente em torno do dela. — Eu ouço você andando no corredor.

Na primeira noite, ela se perguntou por que ele não deixou a ala principal e foi para os jardins. Só mais tarde ela compreendeu que ele estava atuando como o que ela lhe chamou—seu lobo. Qualquer assassino teria que passar por Noel para chegar até ela. Embora fosse a mais poderosa, sua atitude lhe devolveu um senso de confiança que Meia-noite tinha roubado.

— Vampiros precisam dormir pouco, — ele disse, sua voz distante, porém ele continuou a abraçá-la.

Ela sabia que essa não era a razão pela qual ele espreitava os corredores como um animal enjaulado, mas decidiu se manter em silêncio. Muitas linhas já tinham sido cruzadas esta noite, e haveria consequências, coisas que nenhum deles estava ainda preparado para enfrentar.

Foi no dia seguinte que o coração de Nimra se partiu de novo. Ela estava na biblioteca, trabalhando com seus contatos atrás de pistas a respeito de quem em sua corte poderia ter ligação com alguém que pudesse ter acesso a Meia-noite—algo que ela já tinha verificado antes sem resultados, mas que Noel pediu que ela voltasse a verificar para caso de algo novo ter surgido—quando Violet entrou correndo. Lágrimas riscavam o rosto da garota. — Minha senhora, Mimosa...

Nimra estava correndo ao redor da mesa antes que Violet terminasse de falar. — Onde?

— No jardim, perto do balcão. — Era o lugar preferido da velha gata para tomar sol.

Apressando-se pelos corredores, Nimra correu para o balcão e encontrou Noel e Christian agachados nos últimos degraus. Noel carregava alguma coisa nos braços, e o coração de Nimra se apertou quando reconheceu a carga, sua tristeza atenuada apenas pelo conhecimento de que Mimosa tinha vivido uma vida plena e feliz.

Então Christian viu-a e decolou para pousar no balcão diante dela. — Minha senhora, é melhor que você não...

Nimra já estava voando por cima dele, suas asas abertas, sua tristeza se transformando em um estranho tipo de pânico diante de sua tentativa de impedi-la de ir até Mimosa. Quando ela pousou na frente de Noel, a primeira coisa que viu foi a débil cauda cinzenta que pairava sobre o braço dele. — Eu cheguei tarde demais...

Um miado fraco lhe fez saltar adiante para tomar Mimosa dos braços dele. Ele entregou a gata sem dizer nada. Mimosa pareceu se apaziguar logo que esteve nos braços de sua senhora, sua cabeça apoiada pesadamente contra o peito de Nimra enquanto esta cantarolava para ela. Cinco tranquilos minutos mais tarde e sua amada companheira de muitos anos havia partido.

Lutando contra as lágrimas, pois um anjo de seu poder e responsabilidade não podia ser visto desmoronando, Nimra ergueu a cabeça e encontrou os olhos azuis que estavam endurecidos pela raiva. — O que preciso saber?

6

Ele acenou com a cabeça para o pedaço de carne no chão perto de onde Mimosa gostava de tomar sol. — Terá que ser testado, mas creio que foi envenenado. — Ele centrou sua atenção onde a pobre Mimosa tinha vomitado depois de mastigar a carne. — Violet.

A criada correu para lhe entregar um saco plástico. Aceitando-o, Noel recolheu a carne. — Vou lidar com isso, — ele disse a Violet quando ela tentou pegá-lo das mãos dele.

Assentindo, a criada hesitou, logo subiu os degraus correndo. — Eu vou fazer um pouco de chá para minha senhora.

Nenhum chá acalmaria a fúria no coração de Nimra, mas ela não desonraria o espírito de Mimosa com isso. Segurando sua velha e querida mascote, ela virou-se para caminhar na direção dos jardins ao sul, um paraíso selvagem que tinha sido o playground favorito de Mimosa antes que a idade tivesse cortado suas asas. Ela estava ciente das duas graves vozes masculinas atrás dela, e sabia que Noel tinha ganhado qualquer discussão ocorrida, pois ele apareceu ao seu lado.

Ele não disse uma palavra até que Christian pousou ao lado dele com uma pequena pá na mão. Apanhando-a, ela o ouviu murmurar algo ao anjo antes que Christian partisse com um farfalhar de asas. Ela não fez qualquer esforço para ouvir a conversa, sua atenção focada em aninhar Mimosa o mais suavemente possível. — Você foi uma fiel companheira, — ela disse à gata com sua garganta se apertando. — Vou sentir sua falta. — Alguns—mortais e imortais—a chamariam de idiota por conceder tanto amor a uma criatura com uma expectativa de vida tão efêmera, mas eles não entendiam.

— Nós imortais, — disse ela a Noel enquanto se aproximavam dos jardins ao sul, — vivemos tanto tempo que ficamos cansados, com nossos corações endurecidos. Para alguns, crueldade e dor são as únicas coisas que provocam alguma emoção. — Nazarach, o governante de Atlanta e suas áreas adjacentes era um exemplo disso, e sua casa estava saturada de gritos.

— Um animal é inocente, — disse Noel, — sem malícia ou motivos ocultos. Amar a um é nutrir suavidade dentro de seu próprio coração.

Não era surpresa que ele compreendesse essa verdade silenciosa. — Ela me ensinou muito. — Nimra atravessou o arco de pedra que levava ao jardim secreto que Mimosa tinha adorado. Ela ouviu Noel arfar quando ele viu o emaranhado de rosas e flores silvestres, nogueiras pecãs e outras árvores carregadas de frutos, os caminhos tão cobertos de mato que eram quase intransitáveis.

— Eu não sabia que isso existia. — Ele estendeu a mão para tocar uma extravagante rosa branca.

Ela sabia que ele não sentia choque, mas sim assombro. Como a jovem gatinha que Mimosa uma vez tinha sido, Noel possuía um toque de selvageria dentro dele. — Ela vai gostar de ser parte desse jardim, eu acho. — A garganta dela parecia estar em carne viva, coberta por uma lixa.

Noel seguiu-a em silêncio enquanto ela caminhava através dos caminhos emaranhados para um lugar sob os ramos acolhedores de uma magnólia que se mantinha firme através da tempestade, do vento e do tempo. Quando ela parou, ele ergueu a pá e começou a cavar. Não demorou muito para cavar fundo o bastante para o corpo de Mimosa, mas em vez de pedir a ela que depositasse sua mascote no solo, Noel foi até o arbusto carregado de flores mais próximo. Arrancando punhados coloridos, ele voltou e forrou o fundo da pequena cova.

Nimra não conseguiu segurar as lágrimas por mais tempo. Elas rolaram silenciosamente por seu rosto enquanto Noel repetia o processo mais duas vezes. Quando ele terminou, a cova tinha um tapete aveludado de pétalas rosas, brancas e amarelas, suave como neve recém caída. Ajoelhando-se, Nimra escovou um beijo na cabeça de sua mascote e depositou-a.

As pétalas acariciaram as costas de suas mãos enquanto ela ajustava Mimosa. — Eu deveria ter trazido algo para envolvê-la.

— Eu acho que ela preferiria isso, — disse Noel, despejando mais flores sobre Mimosa. — É um enterro apropriado para uma gata que gostava de vaguear, você não acha?

Ela deu um brusco assentimento e se esticou para puxar várias de suas penas primárias. — Quando ela era uma gatinha, — ela disse para Noel, — Mimosa era fascinada por minhas penas. Ela tentava roubá-las quando eu não estava olhando.

— Ela alguma vez conseguiu?

— Uma ou duas vezes, — disse Nimra, uma risada aquosa escapando dela. — E então corria tão rápido que era como se ela fosse o próprio vento. Eu nunca consegui descobrir onde ela escondia minhas penas. — Com essas palavras, ela colocou as penas primárias ao lado de Mimosa antes de cobri-la com outra camada de pétalas. — Adeus, pequena.

Noel tapou a cova em silêncio, e ela colocou mais flores por cima, junto com uma grande pedra que Noel encontrou no jardim. Eles ficaram ainda por longos minutos ao lado da sepultura, até que Nimra sentiu a carícia do vento ao longo de seus sentidos, suave como um sussurro. Suspirando silenciosamente, ela se virou e começou a refazer o caminho com Noel ao seu lado.

Ele tocou o ombro dela. — Espere. — Apoiando a pá contra a coxa, ele usou os polegares para enxugar as lágrimas de seu rosto. — Aí está, — ele sussurrou, — agora você é Nimra outra vez. Forte, cruel e impiedosa.

Ela se inclinou em direção a seu toque, e quando ele segurou seu rosto nas mãos, quando ele tocou os lábios dela com os seus, ela não lhe lembrou que seu papel era como seu lobo, não seu amante. Em vez disso, ela o deixou saborear sua boca, deixou-o aquecer o lugar frio em seu coração com o calor rude de sua masculinidade.

Quando ele afastou a boca, ela cerrou sua mão na camisa dele. — Mais, Noel. — Foi quase uma ordem.

Negando com a cabeça, ele afastou os cabelos dela para trás com uma ternura que ela nunca tinha sentido de um amante. — Não vou me aproveitar de você. Hoje, eu serei seu amigo.

— Fen tem sido meu amigo por décadas, — disse ela, encaixando seu braço no que ele lhe oferecia, — e nunca se atreveu a colocar sua boca na minha.

— Eu obviamente serei um tipo diferente de amigo.

As palavras leves serviram para acalmá-la, e até o momento em que chegou ao jardim principal ela era o anjo que governava Nova Orleans e seus arredores mais uma vez—rígida, poderosa e invulnerável. — Você descobrirá quem prejudicou Mimosa, — Disse ela a Noel, — e você me dirá. — Não haveria clemência para o agressor.

A primeira coisa que Noel fez depois de escutar Nimra para seu escritório foi sair em busca de Violet. A criada tinha lhe dado um fugaz, mas significativo olhar, quando trouxe o saco plástico—um cujo conteúdo ele tinha confiado a Christian mais cedo, pois precisava estar ao lado de Nimra enquanto ela enterrava Mimosa.

No entanto, ele não tinha dado mais de três passos para fora da ala privada quando Violet entrou no corredor com uma bandeja de chá. — Vi a Senhora Nimra voltar, — disse ela, linhas de preocupação em torno de seus olhos. — Eu poderia...?

— Eu levo para ela, — disse Noel. — Espere por mim aqui.

A adolescente fez uma rápida medida com a cabeça enquanto Noel entrava. Nimra estava parada perto da janela, de costas para a porta. Deixando a bandeja sobre a mesa de café, ele caminhou para ficar atrás dela, suas mãos em seus ombros. — Coma alguma coisa.

— Ainda não, Noel.

Sabendo que ela precisava lamentar em privado, essa mulher forte que tinha coração para amar uma criatura tão pequena e indefesa, ele a deixou com uma carícia fugaz em seus cabelos.

Violet estava meio que se escondendo em uma alcova, seu olhar temeroso. — Se ela me vir, Noel, ela vai saber.

— Quem? — perguntou ele, embora tivesse uma idéia muito boa de quem.

— Amariyah. — A menina se abraçou com força. — Ela pensou que ninguém estivesse na cozinha quando veio, porque eu sempre me escondo quando ela está por perto—ela é má. — Uma respiração soluçada. — Eu a vi pegar a carne, e pensei que fosse estranho, mas não me preocupei realmente com isso.

— Obrigado, Violet, — ele disse, certo de que ela falava a verdade. — Ninguém vai saber que a informação veio de você.

A criada apurou os ombros. — Se você precisar de mim, eu juro que testemunharei perante a corte inteira. Mimosa morrer logo depois de Rainha deve ter partido o coração da minha senhora. Alguns dizem que ela não tem um, mas eu não penso assim.

Noel ficou no corredor por longos minutos após a saída de Violet, considerando a declaração da criada. Ele depositava sua confiança nela, mas a questão é que era a palavra dela contra a de uma vampira. Uma vampira que era a filha do membro mais confiável da corte de Nimra. Amariyah poderia se virar e acusar Violet da mesma coisa.

Era fim de tarde no momento em que escolheu um curso de ação. Saindo da ala privada, ele não foi para o salão de jantar principal, mas sim para a casa de Fen. Como ele esperava, Amariyah estava em casa com o pai. Entrando a convite de Fen, Noel sentou-se com o velho por um tempo, falando sobre tudo e nada.

Quando o assunto Mimosa veio à tona, ele se certificou de que seu olhar encontrasse o de Amariyah. — Eu tenho uma ideia muito boa de quem está por trás desse ato covarde, — disse ele, sem fazer nenhum esforço para esconder seu desprezo. — É só uma questão de quão desagradável essa pessoa tornará tudo.

Pela forma como o rosto de Amariyah ficou lívido, estava claro que ela tinha entendido a ameaça. E se havia algo em que a vampira era verdadeira e boa era em seu amor pelo pai. Seus olhos lhe suplicaram que não trouxesse o assunto à tona na frente de Fen. Desde que Noel não desejava ferir o velho—e porque nunca teria cumprido a ameaça silenciosa—ele pediu licença depois de mais alguns minutos.

— Vou caminhar com Noel um pouco, pai, — a vampira disse, erguendo-se em uma cascata de vívido tecido violeta que parecia tão leve e vaporoso quanto o vento, seu vestido simples deixando nus os braços e flertando com seus tornozelos.

— Vá, vá. — Fen deu uma risadinha. — Apenas lembre que ele pertence a um anjo. Não vá caçar aí.

Pela rigidez do sorriso de Amariyah, ela não gostou do lembrete de seu lugar na hierarquia das coisas. Mas seu tom era leve quando ela disse: — Dê algum crédito aos meus neurônios.

Isso provocou um riso ressequido de Fen, e o peito dele fez um barulho que preocupou Noel. Amariyah foi imediatamente para seu lado. — Papa.

Fen acenou, dispensando a ajuda dela. — Vá, Mariyah.

— Devíamos chamar um médico, — disse Noel, não gostando de como a respiração de Fen estava trabalhosa.

A resposta de Fen foi uma gargalhada, seus olhos escuros brilhando. — Não há nada que um médico possa fazer a respeito da velhice. Sou um homem velho com os ossos de um velho.

Quando Amariyah hesitou, Fen pediu a Noel que a levasse para fora. Noel teria insistido em um médico, mas um olhar para o rosto de Fen lhe disse que esta seria uma batalha perdida; o corpo do ancião podia ter se tornado frágil, mas sua vontade continuava a ser forte como o aço. Tal vontade exigia respeito.

— Até nosso próximo bate-papo, — ele disse a Fen com um aceno quando saiu levando Amariyah consigo.

A filha de Fen guardou silêncio enquanto se embrenhavam na vastidão verde dos jardins, seus passos bruscos, sua espinha rígida. — Como soube que fui eu? — ela perguntou no instante em que estavam em um lugar reservado, sob os ramos de uma velha árvore retorcida de casca castanha escura.

— Isso não importa. O que importa é o porquê disso.

O dar de ombros dela foi gracioso, mas sua beleza foi estragada pela fealdade petulante de sua expressão. — Por que isso te interessa? Sua *Senhora* vai me executar por tirar essa horrível coisa velha de sua miséria, e tudo ficará bem em seu mundo perfeito.

Noel tinha vislumbrado a animosidade inexplicável que Amariyah sentia por Nimra logo que se conheceram, mas esta crueldade era algo inesperado. — Por que, Amariyah? — ele perguntou de novo, pegando uma folha enquanto ela flutuava até o chão.

Deixando escapar um suspiro sibilante, a vampira apontou um dedo trêmulo para ele. — Ela vai viver para sempre, enquanto eu tenho que ver meu pai morrer. — Ela bateu um punho contra o coração. — Ele pediu para ser Transformado, e ela recusou! Agora ele é um homem velho dando seus últimos suspiros, e sentindo dor a cada instante.

Noel não sabia como os anjos escolhiam aqueles que seriam Transformados, mas ele tinha sido parte da guarda sênior de Raphael por tempo o bastante para entender que havia um nível de compatibilidade biológica envolvido. A partir de tudo que ele tinha testemunhado do relacionamento entre Nimra e Fen, estava claro para ele que o anjo teria Transformado Fen se pudesse.

— Seu pai sabe que você se sente assim? — perguntou ele, esfregando o polegar sobre a lisa superfície verde da folha em sua mão.

O rosto dela se contorceu em uma máscara de raiva. — Ele a adora—no que diz respeito a ele, a cadela não faz nada de errado. Ele nem sequer a culpa pelo fato de que está morrendo! Ele me disse que há coisas que desconheço! Essa foi sua justificativa para isso.

Era impossível não se compadecer pela dor que tinha levado Amariyah a tal atitude repugnante, mas isso de modo algum atenuava seu crime ou sua raiva. — E a Meia-noite?

— Eu não fiz nada à meia-noite. — Uma resposta mordaz. — Eu dei a carne para a gata logo depois que amanheceu. Aí está, você tem sua confissão. Leve-me para aquela que segura sua coleira.

A observação sarcástica não teve nenhum impacto. Ao contrário de Amariyah, Noel sabia quem ele era, e embora Nimra pudesse discordar, ele compreendia que mesmo um anjo não podia ficar sozinho. Raphael tinha seus Sete. Nimra teria Noel. Por que, segredos ou não, ele estava ficando cada vez mais convencido de que o que via era a verdade, e a reputação cruel de Nimra a mais engenhosa das ilusões.

Ao invés de levar a filha de Fen para a ala privada, ele colocou-a na biblioteca do térreo, e—vendo Christian—pediu a ele que se assegurasse de que ela continuasse lá. — Pareço ser seu servo? — Uma pergunta glacial.

— Agora não é hora, Christian.

Os olhos astutos do anjo se estreitaram antes que ele concordasse. — Vou ficar de guarda.

Nimra balançou a cabeça estupefata quando Noel disse-lhe a identidade do agressor. — Sabia que ela estava um pouco ressentida, mas nunca teria acreditado que ela fosse capaz de algo parecido.

— Estou convencido de que ela não teve nada a ver com Meia-noite, — Noel continuou em um tom pragmático, mas ela vislumbrou nos olhos dele a mais sombria raiva. — Ela parecia genuinamente confusa quando mencionei isso.

Gelo, sombrio e frio, invadiu suas veias. — Então tenho dois que me odeiam em minha corte; isso coloca minha capacidade de ler meu povo em questão, não é?

— Esta corte possui um coração que falta à maioria. — Palavras ferozes de seu lobo. — Não deixe que Amariyah e os de sua laia roubem o que você construiu aqui.

Ele estendeu a mão. E esperou.

Eu nunca posso parecer fraca.

Ainda assim, ela estendeu a mão e deslizou-a na quente e áspera dele, querendo sentir-se “humana”, mesmo que por apenas alguns poucos instantes antes que tivesse que se tornar um monstro. Os dedos dele se enroscaram nos seus, um pequeno ato de posse. Ela se perguntou se ele tentaria forçar uma reivindicação agora, quando ela não poderia aceitá-la, mas ele largou sua mão no instante em que chegaram aos corredores onde poderiam encontrar outras pessoas, observando com seus afiados olhos azuis ela se tornar Nimra, a governante, mais uma vez.

— Fen sabe? — perguntou ela, não desejando semelhante dor para o amigo.

— Eu não disse a ele.

Nimra assentiu. — Bom.

Nenhum deles falou de novo até entrarem na biblioteca, e Noel trocar um rígido aceno de cabeça com Christian antes que o outro anjo saísse. Fechando as portas, Noel ficou de costas para elas enquanto Nimra caminhava para enfrentar uma Amariyah taciturna diante da lareira em desuso, mas que estava disposta com pinhas e flores secas. A obra tinha o dedo de Violet.

A vampira falou antes que Nimra pudesse dizer uma palavra, seu tom desafiante. — Meu pai não teve nada a ver com isso.

— Sua lealdade a Fen é um mérito, — disse Nimra, certificando-se de que sua voz não traísse nada, — mas este é um ato que não posso perdoar, nem mesmo por ele. — Ela não tinha a intenção de ser cruel, mas também não poderia ser misericordiosa. Porque uma vampira como Amariyah veria essa misericórdia como uma fraqueza, o que lhe incitaria a atos cada vez mais depravados. — Você tomou uma vida, Amariyah. Uma pequena vida, uma pequena luz, mas uma vida, no entanto.

Amariyah cerrou as mãos em punhos nas laterais de seu vestido diáfano, puxando-o firmemente para perto das coxas. — Então você pode explicar minha morte para ele. — Um riso amargo. — Tenho certeza de que ele vai te perdoar, assim como ele perdoou o fato de você ser a razão de sua própria morte.

O peito de Nimra se apertou com angústia, mas ela manteve as emoções fora de seu rosto, tendo tido séculos de experiência em esconder seu verdadeiro eu quando

necessário. — Você não vai morrer, — disse ela em um tom gelado vindo de seu sombrio e poderoso coração. — Ou você não deveria, a menos que tenha feito mais coisas do que se sabe.

Verdadeiro medo cintilou nos olhos de Amariyah pela primeira vez, e o suor irrompeu de sua testa. — O que você vai fazer comigo? — Nessa pergunta estava o súbito conhecimento de que havia um motivo para que Nimra fosse temida até mesmo pelos mais brutais.

Fechando a distância entre elas, Nimra tocou com os dedos a mão da vampira com uma suavidade que escondia uma arma de tal brutalidade, que o mero vislumbre desta havia transformado seus inimigos em uma ruína trêmula. — Isso.

Embora Noel não visse nada, não sentisse nada, Amariyah começou a tremer, então a convulsionar, seu corpo caindo no chão em uma selvagem cacofonia de membros e dentes batendo. Quando ela finalmente se aquietou, seus olhos continuaram fechados, e gemidos escapavam de sua boca enquanto os ossos dela vibravam como se ela estivesse com muito frio.

— Cada vez que eu faço isso, — disse Nimra, seu olhar assombrado enquanto ela olhava para a mulher caída, — arranca um pedaço de mim.

Recolhendo uma Amariyah violentamente trêmula, Noel a colocou no sofá e puxou uma colcha de caxemira para cobri-la. — Ela está sangrando um pouco onde parece ter cortado o lábio — ele usou um lenço de papel de uma caixa próxima para limpá-lo — mas por outro lado parece bem a nível físico. — Ele sentiu um lampejo de compreensão acerca do motivo por trás da reputação de Nimra, mas este sussurrou para longe antes que ele pudesse agarrá-lo.

Nimra não disse nada, caminhando para ficar diante das grandes janelas que davam para os jardins, suas asas cintilantes se arrastando pelo reluzente piso envernizado de madeira. Não conseguindo, e não querendo, deixá-la tão só e distante, ele foi se juntar a ela. Mas quando pôs a mão em sua nuca, induzindo-a a se inclinar contra ele, ela resistiu. — É por isso que Nazarach me teme, — ela murmurou, mas não disse mais nada.

Ele poderia ter pressionado, mas escolheu ficar ao seu lado ao invés disso, sabendo que ela não cederia, não amoleceria até que estivesse pronta. Pagando sua própria penitência, ele pensou, embora Amariyah tenha sido a única a causar perdas irreparáveis.

7

Levou dois dias para que Amariyah acordasse. Por respeito a Fen, Nimra havia decretado que nenhuma palavra sobre o assunto nunca chegasse a ele, e tanto Violet quanto Christian juraram segredo. Noel não temia que nenhum deles quebrasse sua palavra. Violet era mais que leal, e Christian, apesar de seu ciúme, era honrado até a medula. O próprio Noel tinha dito a Fen que Amariyah havia sido enviada para fora do estado em uma missão para Nimra, e que ela provavelmente estaria cansada quando voltasse.

Noel estava com a vampira quando ela finalmente acordou. O olhar dela era vazio e os ossos se sobressaíam contra a pele que estava opaca e sem vida. — Qualquer outra pessoa que se atrevesse a tal ato, — ele disse a ela, — estaria na rua agora, mas porque seu pai não sabe sobre o que você fez, você poderá continuar aqui.

— Mas, — ele acrescentou, — coloque um pé fora da linha e vou garantir pessoalmente sua morte verdadeira. — Foi uma coisa dura a se dizer, mas sua própria lealdade pertencia a Nimra, e mais que isso, ele conhecia o predador que vivia sob a pele de cada vampiro, e tinha vislumbrado uma escuridão retorcida em Amariyah que gostava de causar dor naqueles que eram impotentes para revidar.

Seja o que for que a vampira ouviu em sua voz—ou talvez por um eco de seu castigo—houve medo se esgueirando pelo rosto dela. — Meu pai é a única razão pela qual eu ainda estou aqui, — ela sussurrou, sua voz rouca. — Vou sair da casa desse monstro no segundo que ele se for.

Nimra estava à janela de sua sala de estar privativa, observando o progresso instável de Amariyah para casa através do crepúsculo. Christian tinha feito arranjos para que Fen estivesse fora, então Amariyah teria tempo para se recompor. — Fen é muito inteligente, — ela disse ao homem que havia entrado sem bater. — Não estou certa de que ele vá aceitar a estória de uma viagem de negócios uma vez que veja seu aspecto esquelético. — Sangue e sono iriam reviver Amariyah, mas levaria horas.

— Christian acabou de me mandar uma mensagem dizendo que providenciou um atraso na cidade—eles vão pernoitar.

— Ótimo. — Ela manteve-se de costas para ele, sabendo que ele tinha perguntas que mereciam respostas. Não porque era seu lobo, mas porque ele havia se tornado mais, se tornado algo que ela nunca esperou.

Então ele disse, — Eu trouxe um pouco de comida.

Voltando-se quando Amariyah desapareceu de vista, ela encontrou aquele olhar tão surpreendentemente brilhante na penumbra de quando o dia dava lugar à noite. — Você acha que vai simplesmente me cansar até que eu faça as coisas do seu jeito?

— Claro que sim. — Um sorriso inesperado que queimou o frio que havia permanecido em suas veias desde o castigo, fazendo seu corpo se lembrar de que ela não era apenas um ser de terrível poder, mas uma criatura feminina. — Eu sou um homem, afinal.

Sabendo que estava sendo encantada, mas incapaz de resistir, ela foi com Noel para a sala de jantar informal—onde ele tinha deixado uma bandeja cheia de frutas, sanduíches e biscoitos. — Esta não é uma refeição digna de um anjo, — disse ela quando ele puxou uma cadeira.

— Eu vejo seu sorriso, minha senhora Nimra. — Um beijo em sua nuca, uma quente intimidade que ela não lhe havia permitido tomar.

— Você anda por um caminho perigoso, Noel.

Ele esfregou os polegares pelos tendões que desciam da nuca dela, seu toque firme e seguro. — Nunca fui alguém que toma o caminho fácil. — Lábios contra sua orelha, seu corpo grande e sólido a rodeando enquanto ele deslizava as mãos para baixo até apoiá-las nos braços da cadeira. — Mas primeiro você tem que comer.

Quando ele foi se sentar ao seu lado, erguendo uma fatia suculenta de pêsego para os lábios dela, ela devia ter lhe lembrado de que não era uma criança. Um anjo poderia resistir sem comida por um longo tempo e não sofrer nenhum efeito negativo. Mas os últimos dias tinham causado feridas dentro dela e Noel, com sua rude ternura, falava a uma parte sua que não havia visto a luz desde séculos antes de Eitriel.

Inexplicável que fosse esse vampiro ferido tão intrinsecamente a ter um impacto tão profundo sobre ela... Ou talvez não. Porque para além das sombras no azul, ela vislumbrou a esperança cautelosa de um lobo brutalizado.

Então ela permitiu que ele a alimentasse com o pêsego, logo com fatias de pera e bocados de sanduíche, seguidos de um delicioso biscoito de chocolate. Em algum ponto ao longo do caminho ela acabou sentada com os joelhos pressionados contra a cadeira dele, com as pernas de Noel cercando as suas. Ela estendeu as mãos sobre as coxas dele, sua força sólida como uma rocha que se flexionava rígida e bela sob seu toque.

Outras partes dele também estavam rígidas.

Mas apesar dos olhos dele pousarem em seus lábios e de seu polegar limpar migalhas que não estavam lá, ele não tentou levá-la para cama, este lobo que começava a se envolver em sua vida de uma forma que nenhum homem jamais ousou tentar.

Noel não dormiu naquela noite, pois sua mente estava cheia de ecos do mal, do riso daqueles que o tinham degradado até que ele fosse menos que um animal.

— Está feito, — Raphael disse a ele depois que tudo estava terminado, seu rosto impiedoso no julgamento, as asas brilhando com o poder. — Eles foram executados.

Naquela época, Noel disse — Bom, — com um prazer cruel, mas agora ele sabia que só a vingança nunca seria o suficiente. Seus atacantes tinham-no marcado de uma forma que nunca poderia ser apagada.

— Noel.

Erguendo bruscamente a cabeça ante a familiar voz feminina, ele descobriu que Nimra tinha saído para o corredor por onde ele caminhava em uma vã tentativa de escapar do riso. — Eu te acordei. — Era bem depois da meia-noite.

— O sono é uma indulgência para mim, não uma necessidade. — Brilhantes olhos cor topázio resplandeciam com estrias âmbar, vívidos contra o creme de sua fluida toga grega cinturada. — Eu ia passear pelos jardins.

Noel combinou seu ritmo com o dela. Ela não disse nada até que chegaram às belamente misteriosas sombras do bosque, onde um arroio se originava. — Um imortal tem muitas lembranças. — A voz dela era uma carícia íntima na noite, suas palavras pungentes com um conhecimento antigo. — Mesmo a mais dolorosa delas desaparece com o tempo.

— Algumas lembranças, — disse ele, — estão encravadas em nós. — Assim como o vidro tinha sido encravado em sua carne. Assim como... outras coisas tinham sido encravadas em seu corpo. Suas mãos se cerraram.

A asa de Nimra roçou o braço dele. — Mas é uma lembrança que você deseja que brilhe como uma joia, que esteja sempre na vanguarda?

— Eu não posso controlar isso, — Noel admitiu por entre uma mandíbula tão cerrada que ele podia ouvir seus ossos moendo uns contra os outros, abafando os segredos sussurrados na noite quente da Louisiana.

O olhar perspicaz do anjo se cravou no seu sob a carícia prateada da lua. — Você vai aprender. — Havia extrema confiança na voz dela.

A risada de Noel foi dura. — Sim? O que te faz ter tanta certeza?

— Porque esse é quem você é, Noel. — Dando um passo adiante, ela ergueu a mão para tocar seu rosto, as asas dela se arqueando nas costas.

Quando ele estremeceu com o contato, ela não recuou. — O que foi feito a você, — ela disse, — teria destruído outros homens. Mas não te destruiu.

— Eu não sou mais quem eu era.

— Nem eu. — Nimra abaixou sua mão, e ele descobriu que não gostava do beijo da noite em sua pele agora que tinha sentido a suavidade desta. — A vida nos muda. Desejar o contrário é inútil.

A sinceridade pragmática de suas palavras o afetou mais do que quaisquer suaves palavras tranquilizadoras. — Nimra.

Ela olhou para ele com aqueles olhos desumanos. — Meu lobo.

Tão deslumbrante, ele pensou, tão perigosa. — Há outros jeitos de aliviar o impacto de uma lembrança. — Foi uma decisão súbita, primordial. Muito tempo—ele tinha estado se escondendo no escuro por muito tempo.

Nimra sabia o que Noel estava pedindo, e sabia também que, se aceitasse, ele não seria um amante fácil—seja no ato ou em seu feitio depois. — Eu não tenho um amante, — ela murmurou encarando os ângulos de seu rosto rude, — há muitos anos.

Noel não disse nada.

— Muito bem.

— Tão romântico.

Houve uma margem sombria nas palavras dele, mas Nimra não tomou isso como algo pessoal. Assim como o lobo do qual ela o chamava, ele ainda podia lhe mostrar os dentes. A confiança era um bem precioso, um que precisava de tempo para se desenvolver. Paciência era algo que Nimra tinha aprendido há muito tempo. — Romance, — disse ela, virando-se para voltar para casa, — é uma questão de interpretação.

Nada veio do homem ao seu lado, não até que eles estivessem atrás das portas fechadas de sua suíte. — Não importa qual seja a interpretação, — ele advertiu, seu corpo contido por um rígido autocontrole que disse a ela que ele caminhava sobre a mais finas das bordas, — não é o que eu vou te dar hoje à noite.

Tocando o queixo dele com os dedos, ela permitiu que o desejo, tão intenso e viciante em suas veias, se mostrasse em seu rosto. — E não é o que eu preciso. — O que ela fizera com Amariyah tinha sido justo, mas isso a marcou como sempre acontecia. Esta noite ela precisava se sentir como uma mulher, não como o monstro desumano que Amariyah tinha lhe acusado ser.

Uma mão forte agarrou o pulso dela. — Sexo por sexo?

A raiva de Noel, sua dor, era uma lâmina afiada que cortava e rasgava, mas Nimra era feita de material resistente. — Se eu quisesse isso, teria aceitado Christian em minha cama há muito tempo.

Gelo azul se transformou em meia-noite quando Noel cerrou sua mão. De repente, o pulso de Nimra estava em sua boca, em sua pele. — Você tem fome, — ela sussurrou enquanto seu sangue cantava pelo assombroso toque deste vampiro.

O olhar de Noel se voltou para a pulsação no pescoço dela, e ele esfregou a batida com o polegar. — Não tenho me alimentado da veia há meses. — Foi uma rude admissão. — Eu iria rasgar sua garganta.

— Eu sou imortal, — ela lembrou-lhe quando Noel soltou seu pulso para envolver os dedos ao redor de sua garganta. — Você não pode me machucar.

Uma risada que soava como vidro quebrado. — Há maneiras de se ferir uma mulher que não tem nada a ver com algo tão simples como a dor.

E ela soube. Entendeu o que tinha que fazer. Afastando-se para entrar em seu camarim, ela voltou com um longo lenço de seda. — Então, — disse ela, entregando-lhe a faixa azul pavão, — eu vou ter que confiar em você. — Ao dizer essas palavras, ela encontrou sua humanidade—era a mulher que oferecia isso a ele, não um ser com um dom terrível.

A mão de Noel se apertou ao redor do suave tecido. Era um símbolo, nada mais, pois Nimra tinha poder mais do que o suficiente para conseguir escapar se quisesse. Mas que ela tivesse entregado isso a ele significava que Nimra tinha visto as partes quebradas que ele não queria que ninguém visse... E ainda assim ela olhava para ele com uma vagarosa apreciação feminina. — Sem amarras, — disse ele, deixando o lenço flutuar para o chão em sua elegância azul. — Nunca nenhuma amarra.

— Como você disser, Noel. — Encarando seu olhar com uma promessa própria, ela estendeu as mãos até os broches em seus ombros, abrindo-os. Sua toga cintilou sobre o corpo dela antes de formar uma poça aos seus pés, deixando Noel sem ar.

Ela podia ser pequena, mas tinha curvas exuberantes e encanto feminino, e o suave bronzeado de sua pele só era interrompido por um triângulo de renda na junção de suas coxas. Seus seios eram cheios e pesados contra seu corpo esguio, os mamilos escuros e, neste momento, convertidos em duros cumes. Estendendo as asas em convite, ela esperou.

A escolha era dele.

Como você quiser, Noel.

Uma afirmação tão simples. Um presente tão poderoso.

Estendendo a mão, ele segurou o peso erótico de um seio e teve a satisfação de sentir um tremor percorrer a pele dela. Isso despertou a parte dele que tinha entrado em um sono entorpecido quando seus agressores o transformaram em um pedaço de carne, esmagado e quebrado. Hoje à noite essa parte, a que havia o convertido num aventureiro que conquistou montanhas e fez as mulheres suspirarem de prazer, rugiu para a superfície.

Foi instintivo enfiar a mão em seu cabelo, colocar a boca na dela, exigir entrada. Ela se abriu para ele, enigmática, quente e doce, seu poder uma lambida tão deliciosamente feminina contra seus sentidos quanto o corpo sob seu toque. Puxando-lhe, ele deslizou a mão do seio até o queixo dela, mantendo-a no lugar enquanto explorava cada centímetro da boca que ele sonhava em provar há mais tempo do que ela pensava.

Ele queria ir devagar, traçar cada curva e ponto de prazer, mas o pulso dela batia num ritmo sedutor contra seus sentidos, convidando-o a tomar o que ele não tomava há meses. Rodeando seu pescoço com a mão, ele esfregou o polegar sobre o convidativo pulsar. Suas mãos apertaram a cintura dele, mas ela não fez nenhuma objeção quando Noel começou a traçar um caminho de beijos até o lugar que era um canto de sereia para o vampirismo que era tão parte dele quanto seu desejo por ela.

Lábios contra sua orelha. — Beba de mim, Noel. É um presente dado livremente.

Ele nunca foi homem de se alimentar indiscriminadamente. Quando não tinha uma amante, ele recorreu aos amigos, pois a alimentação não precisava ser uma coisa sexual. Desde o ataque ele não tinha podido suportar estar de forma tão íntima com outro ser. Mesmo agora, com esta mulher que despertava sua fome em todos os sentidos, e ainda que sua ereção fosse um cume duro em suas calças, ele disse, — Eu não posso tornar isso agradável. — Não porque perdeu a capacidade, mas porque ele não estava pronto para a conexão forjada pelo êxtase sexual que seu beijo poderia conceder... Para a vulnerabilidade que vinha com permitir que outro ser de qualquer espécie incursionasse nele.

Ela arqueou o pescoço em uma resposta silenciosa.

Com seu sangue pulsando no mesmo ritmo que o dela, ele envolveu-a com os braços, e seus dedos roçavam as asas dela enquanto ele beijava o lugar antes de perfurar a delicada pele com suas presas. O sangue dela foi uma investida erótica contra seus sentidos, um golpe de incrível poder. A fome nele, a escuridão que havia se convertido em raiva furiosa durante os eventos no refúgio, subiu à superfície, exultando-se em seu sabor. Ela saturou seus sentidos, o afogou em sensações, e apesar de suas palavras anteriores, ele era homem o bastante para desejar que ela sentisse o mesmo.

Agindo por puro instinto, ele bombeou prazer em seu sistema enquanto tomava seu sangue, e sentiu que o corpo dela se arqueava, estremecia—ele não tinha poupado nada, não tinha parado em uma simples estimulação. Ela se desfez nos braços dele, seu sangue pecaminoso com o sabor de seu desejo. Entorpecido pelo puro prazer, ele descobriu que tinha enfiado a coxa entre as dela e espalmado as mãos em suas costas, seus dedos tocando as sensíveis bordas internas das asas dela, seus seios esmagados contra o peito dele.

Mas quando ele deteve sua gula para lambar as pequenas feridas e fechá-las, Noel descobriu que não se incomodava por tê-la deixado ficar tão perto—e não apenas fisicamente. Talvez fosse porque ela cedeu-lhe o controle do qual ele necessitava... Ou talvez fosse simplesmente porque era Nimra.

Nimra jazia desossada nos braços de Noel, consciente de que ele lambia a pele do seu pescoço para curar as marcas causadas por suas presas. Ela não disse a ele que não se preocupasse—afinal a punção se curaria sozinha em minutos—porque era um prazer inesperado saber que ele queria cuidar dela, este homem que tinha deixado seu corpo tremente com um êxtase diferente de qualquer outro que já experimentou, mesmo quando sua própria carne estava dura e tensa contra o abdômen dela.

Ele acariciou-a com o nariz antes de levantar a cabeça, e esse afeto foi mais um ato inesperado, um sinal do homem oculto por trás das sombras de seu pesadelo. Enquanto ela se deleitava com a sensação, ele acariciou o meio das costas dela, roçando o ponto sensível onde as asas brotavam de suas costas. — Assim está bom? — ele murmurou, e havia algo diferente nele que fez sua pele se retesar sobre a carne, e suas coxas se cerraram diante da rude intrusão.

— Sim. — Nenhum anjo permitiria que alguém além de um amante confiável o acariciasse de tal forma. — Você não tem medo? — Nimra perguntou, ecos de seu próprio passado oleoso e sombrio escorregando por através de seus tremores de prazer. — Você viu o que fiz com Amariyah.

Noel continuou com suas suaves carícias. — Você fez o que fez com reflexão e cuidado. Você não é uma mulher caprichosa.

Ela tinha lhe dado seu sangue e corpo, mas as palavras dele eram tão preciosas quanto. — Me alegre de que me veja assim. — Era estranho estar ali sem roupas nos braços de um homem que ainda usava sua armadura de algodão e jeans, e ainda assim lá estava ela, se não contente, então estranhamente em paz.

Então Noel falou, e suas palavras prometiam estilhaçar a paz e transformá-la em um nada. — Você vai me falar sobre seu poder?

8

— O que você diria se eu te dissesse que esse é um segredo que quero guardar?

Nada mudou em sua expressão. — Sou paciente.

Rindo de sua arrogância, mesmo quando algo muito antigo dentro dela permaneceu quieto e imóvel, ela ergueu os dedos para tocar o rosto dele, mas os deixou cair no meio do caminho. — Gostaria de mostrar a você, Noel, mas não. — Isso seria uma violação para este homem que tivera seu livre-arbítrio despojado dele pelos monstros que tinham manchado o Refúgio com seus crimes, independente do fato de que ele não sentiria nenhuma dor, só o prazer de derreter os ossos que havia derramado sobre ela. — Eu devolvo, — ela sussurrou. — Eu devolvo o que foi feito a outros.

— Prazer por prazer, — disse Noel, compreendendo imediatamente. — Dor por dor.

Um assentimento solene. — Não é o ato em si, mas a *intenção* por trás dele que determina o que alguém sentirá quando eu usar meu poder.

Isso fez com que Noel mudasse a forma como lhe segurava, movendo-a para perto da proteção de seu corpo. Sim, ela era um anjo poderoso, mas fosse o que fosse que seu dom exigia dela, isso a atormentava. — É por isso que Nazarach te deixa em paz. — O outro anjo era famoso por sua crueldade.

A voz de Nimra era severa quando veio. — Tivemos uma reunião quando assumi esse território. Ele pensou que poderia me controlar. Ele nunca mais voltou nas minhas terras.

Noel sentiu os lábios se curvarem em um sorriso selvagem. — Bom.

O corpo de Noel ainda estava vibrando com o sabor de Nimra no dia seguinte. O sangue dela continha tal poder que ele sabia que não teria necessidade de se alimentar de novo por uma semana... Embora houvesse diferentes tipos de necessidade, Noel pensou quando começou a repassar o arquivo que Nimra tinha enviado para ele naquela manhã. Era uma lista de pessoas que ela sabia que tiveram acesso à Meia-noite e que poderiam desejar lhe fazer mal.

No entanto, a partir do que Noel sabia sobre as pessoas na lista, e pelo que ele foi capaz de descobrir através de Dimitri quando ligou para o líder dos Sete de Raphael,

nenhuma delas tinha deixado evidências que apontassem para elas, especialmente tendo-se em conta como era difícil encontrar Meia-Noite. O fato de que a gata de Nimra tivesse morrido, entregando o jogo, apontava para um amador. Claro, havia também o velho ditado de que o veneno era a arma de uma mulher.

Amariyah tinha convencido a Noel com sua confusão, e Asirani— independentemente dos sentimentos não correspondidos que tinha por Christian— parecia leal. Mas Noel não iria riscá-la da lista sem uma maior investigação. Sabendo que a vampira costumava chegar cedo ao pequeno escritório que tinha no andar de baixo, ele decidiu ver se podia encontrá-la. Ele estava no corredor que levava ao escritório dela quando ouviu sussurros baixos e furiosos. Foi instinto o que lhe fez suavizar seus passos.

— ...apenas ouça. — Suave, feminina. Asirani.

— Isso não vai mudar nada. — O tom severo de Christian. — Não quero te machucar, mas não tenho tais sentimentos por você.

— Ela nunca vai te ver da forma como você quer. — Não amargurada, quase... triste.

— Isso não é da sua conta.

— É claro que é. Ela pode ser a nossa senhora, mas ela também é minha amiga. — Uma exalação que transmitiu sua frustração. — Ela joga com Noel, mas isso é porque ele é um vampiro. Não há chance de um relacionamento sério.

— Eu estarei aqui quando ela estiver pronta para esse relacionamento.

Noel se aproximou até poder ver o casal refletido em um velho espelho que ficava do outro lado do corredor. Asirani, deslumbrante em um vestido tubinho verde esmeralda, seu cabelo preso de forma a deixar nu o pescoço, estava balançando a cabeça com uma expressão solene, enquanto um Christian vestido de preto e branco parecia uma estátua romana. Quando a vampira virou-se como se fosse entrar em seu escritório, Noel refez seus passos e se afastou do casal.

A opinião que Asirani tinha sobre sua relação com Nimra não era nenhuma novidade. Muitos anjos tomavam vampiros como amantes, mas relacionamentos duradouros eram muito mais raros. O fato de que vampiros e anjos não pudessem ter filhos juntos era uma das razões mais fortes para isso. Mas apesar do que Asirani acreditava, Nimra não fazia jogos. Por agora, ela pertencia a Noel. E quanto ao futuro—a principal prioridade dele era garantir sua segurança.

Esse pensamento lhe trouxe de volta a Asirani.

Não havia como não notar o carinho em seu tom quando ela tinha falado sobre Nimra, nem a inconfundível veia de empatia neste. Decepção também, junto com um toque de raiva—ambas dirigidas a Christian, mas nem sequer um indício do tipo de

ressentimento que ela precisaria sentir para querer Nimra morta. Tudo isso o deixava sem nenhum suspeito viável.

Christian podia ser um canalha, mas ele tinha engolido seu antagonismo e colaborado com Noel no que se referia aos interesses de Nimra. Exeter tinha passado séculos ao lado dela, e Fen décadas. Ele não podia imaginar a nenhum dos dois desenvolvendo um ódio profundo por ela sem que Nimra estivesse ciente da mudança. Quanto aos dois servos mais velhos, estes tinham provado ser dedicados acima de tudo.

Franzindo a testa, ele saiu para o dia que nascia em busca de Nimra, pois havia algo que não tinha considerado, e era exatamente o que poderia ter a resposta. Ele meio que esperava encontrá-la junto ao túmulo de Mimosa, mas no meio do caminho para os jardins selvagens onde a mascote dela foi enterrada algo o fez olhar para cima... E o que ele viu roubou seu fôlego.

Ela estava impressionante contra o escuro céu cinzento riscado pelos dourados, laranjas e rosas da aurora, suas asas iluminadas por trás por um suave resplendor, seu corpo ágil sendo perfeitamente exibido pelo fino vestido de seda bronze em camadas enquanto o vento lhe beijava a pele. Apoiando-se no tronco liso de uma jovem magnólia, ele se entregou à beleza dela. Ver as asas dela totalmente estendidas, o cabelo chicotear em seu rosto enquanto ela planava sobre as correntes de ar lembrou a Noel do Refúgio, a remota cidade que foi seu lar por tanto tempo.

Ele tinha sido atribuído ao reduto angelical após cumprir seu Contrato de cem anos, quando tinha escolhido continuar a serviço de Raphael. Lá ele tinha sido parte da guarda que ajudava a resguardar as propriedades do Arcanjo no Refúgio, assim como zelar pelos vulneráveis, aqueles que eram a razão da existência da cidade escondida nas montanhas. No entanto, ele logo foi recrutado para um esquadrão móvel que se encarregava de tarefas em todo o mundo.

Nova York, onde Raphael tinha sua Torre, tinha sido uma maravilha para um rapaz que saíra do ermo selvagem das charnecas. Com seus arranha-céus e ruas repletas de humanidade, ele tinha estado ao mesmo tempo oprimido e extasiado. Kinshasa tinha despertado a alma de explorador que vivia dentro dele, a parte que o levava a se atrever a aceitar o desafio do vampirismo em primeiro lugar. Paris, Beirute, Liechtenstein, Belize, cada lugar tinha falado com ele de uma forma diferente... Mas nenhum tinha cantado a música suave e sensual que o território Nimra sussurrava à sua alma.

Uma carícia de asas cintilantes contra o céu matizado, asas que cortavam o ar com uma facilidade de tirar o fôlego. O coração dele se apertou, e ele se perguntou se ela sabia que ele estava observando, se ela voava para ele. Uma fração de segundo depois, ele vislumbrou outro par de asas e seu humor enegreceu.

Christian voou por sob e ao redor de Nimra, como se estivesse convidando-a para dançar. Sua envergadura era maior do que a dela, e seu estilo de voo menos gracioso, mais

agressivo. Nimra não respondeu ao convite, mas tampouco pousou. Em vez disso, enquanto Noel observava os dois anjos voarem pelo céu, um atravessando o caminho do outro, e às vezes parecendo cronometrar seus giros e mergulhos para evitar o outro por milímetros.

Raiva fervia em suas veias.

Não era fria, rígida e inflexível como fora por muito tempo, mas quente, enriquecida por um primitivo ciúme masculino. Ele não tinha asas, nunca seria capaz de seguir Nimra naquele campo de jogo. Rangendo os dentes, ele cruzou os braços e continuou a assistir. Talvez ele não pudesse segui-la, mas se Christian achava que isso lhe dava a vantagem, ele não conhecia Noel.

Profundamente perturbada de um jeito como não se sentia há décadas, desde o dia em que soube da traição de Eitriel, Nimra tinha ido buscar consolo nos céus. Ela não encontrou respostas no amanhecer sem fim, e agora percebeu que estava sendo observada pelos mesmos olhos que tinham causado sua inquietação. Foi uma compulsão voar para ele, para mostrar-lhe seu poder, sua força.

Noel havia tomado apenas seu sangue, não seu corpo, na quente escuridão da intimidade da noite, e ainda assim ele a tinha tocado muito profundamente. Ela tinha estado preparada para oferecer uma trégua, para encontrar um pouco de paz para si mesma. Mas de alguma forma ele tinha envolvido as fortes gavinhas do lobo ao redor de seu coração. Nimra não sabia com certeza se apreciava a vulnerabilidade. Isso não tinha nada a ver com as cicatrizes deixadas por Eitriel, e tudo a ver com a força da atração que sentia pelo vampiro que se aproximava cada vez mais à medida que ela voava para a terra.

— Bom dia, Noel, — disse ela, recolhendo as asas quando seus pés tocaram a terra.

Em resposta ele atravessou o terreno, seus passos devorando a distância. E então ele beijou-a. Ávidos, severos e vorazes, seus lábios eram uma queimadura contra os dela, sua mandíbula áspera contra a pele. — Você é minha, — disse Noel quando ele finalmente lhe permitiu respirar, seus polegares esfregando as maçãs do rosto de Nimra. — Eu não compartilho. — Uma declaração possessiva vinda do núcleo do homem que ele era, seu verniz de civilidade arrancado.

A crua intensidade dele era uma chama contra seus sentidos, mas ela revestiu sua voz com gelo. — Você acha que eu iria traí-lo?

— Não, Nimra. Mas se esse almofadinho não parar de flertar com você, sangue será derramado.”

Apartando-se das mãos dele, ela deu um passo para trás. — Como a governante deste território, tenho que lidar com muitos homens. — Se Noel acreditava que tinha o direito de estabelecer limites para ela, então ele não era o homem que ela achava que fosse.

— A maioria dos homens não quer dormir com você, — disse ele em uma cortante réplica. — Reservo-me o direito de apresentar meu punho aos rostos de quem queira.

Os lábios dela ameaçaram se curvar. Cru, aberto e verdadeiro, este sinal de posse era algo que ela podia aceitar. Ele não era sobre uma disputa pelo poder, mas uma exibição territorial. E Nimra era velha o bastante para não esperar que um vampiro da idade de Noel agisse de uma forma mais moderna.

— Nada de derramamento de sangue, — disse ela, inclinando-se para frente para embalar a bochecha dele, reivindicando sua boca com um beijo suave. — Christian é um membro útil de minha corte.

Vinte minutos mais tarde, Noel encostou-se à parede ao lado da escrivaninha de Nimra e observou-a caminhar até o armário onde guardava Meia-noite. As asas dela eram uma exótica tentação, e estender a mão para tocá-las era um impulso ao que ele só resistiu porque nenhum deles estava no clima para jogos.

Menos de meio minuto depois, ela se virou, e o frasco de Meia-Noite parecia delicado mesmo em suas mãos esguias. Indo até a janela, ela o ergueu para a luz. Uma escuridão se arrastou como uma sombra furtiva por seu rosto. — Sim, — ela murmurou finalmente, — você estava certo. Não há tanta Meia-noite quanto deveria ter.

Ele não queria ter estado certo. — Tem certeza?

Um assentimento que fez com que a luz do sol reluzisse em seu escuro cabelo preto-azulado. — O frasco é cingido por círculos de ouro. — Ela passou os dedos ao longo destas linhas finas. — Não é nada além de um desenho decorativo, mas eu me lembro de olhar para o frasco quando ele me foi dado e pensar o que alguns fariam por essa quantidade minúscula de Meia-noite—chegava até a terceira linha de ouro.

Noel se agachou perto da janela enquanto ela segurava o frasco na altura do peitoril. Levou alguns momentos para que o fluido viscoso se assentasse. Quando isso aconteceu, tornou-se evidente que este agora oscilava *entre* a segunda e terceira linha. Ele deu um suspiro.

— Eu queria que você estivesse errado, Noel. — Deixando o frasco de Meia-noite nas mãos dele, Nimra atravessou a sala arrastando as asas sobre o tapete âmbar e azul. — O fato de que o assassino entrou em meus aposentos e levou isso significa duas coisas.

— A primeira, — disse Noel, colocando o frasco dentro do cofre e fechando-o, — é que ele ou ela sabia que isso estava aqui.

— Sim—eu posso contar os que sabiam disso com os dedos de uma mão, e não usar todos os dedos. — Desolação em cada palavra. — A segunda é que isso significa que não há outro anjo poderoso envolvido nisso. É apenas ódio.

Noel não tentou consolá-la, pois sabia que não poderia haver conforto—não até que a verdade fosse descoberta, e os motivos do assassino expostos à luz do dia. — Nós precisamos trazer um investigador forense aqui para verificar se há alguma impressão digital no frasco ou no cofre que não deveria estar lá.

Nimra olhou para Noel como se ele estivesse falando uma língua estrangeira. — Um investigador forense?

— Este é o século XXI, — ele provocou brandamente, seu peito doendo pelo sofrimento que ela logo teria que esconder, tornando-se mais uma vez o anjo que governava este território, cruel e desumana. — Essas coisas são possíveis.

Os olhos dela se estreitaram. — Ria de mim por sua conta e risco. — Mas ela não resistiu quando ele puxou-a para seus braços.

Noel correu a mão por suas costas, por sobre a intensa calidez de suas asas. — Posso conseguir alguém em quem possamos confiar.

— Ter tal pessoa entrando em minha casa—não é algo que me agrada. — Ela ergueu a cabeça, aqueles seus olhos incríveis férreos com a determinação. — Mas isso deve ser feito, e logo. Christian começou a questionar sua presença aqui além do que pode ser explicado por ciúme, e Asirani te observa bem de perto.

Almofadinha ou não, Noel nunca tinha menosprezado a inteligência de Christian. A única surpresa era que tinha levado todo esse tempo para que o anjo se desse conta—sem dúvida os sentimentos dele por Nimra tinham nublado seu julgamento. Quanto à Relações Públicas de Nimra... — Asirani me observa para se assegurar de que eu não te faça mal.

Nimra empurrou o peito dele, seu tom frio quando ela disse, — E você não tem medo de que eu te faça mal?

Sim. Atraente e perigosa, ela o tinha forçado a despertar do estado letárgico em que estivera desde a tortura. Suas emoções estavam em carne viva, eram novas e muito vulneráveis. — Eu sou seu escudo, — ele disse em vez de expor a profundidade de sua suscetibilidade a ela. — Se isso significa receber um golpe para te proteger, farei isso sem a menor hesitação. — Porque Nimra era o que os anjos de sua idade e poder frequentemente não eram; forte, com um coração que ainda batia, e uma consciência que ainda funcionava.

Ela embalou o rosto dele em suas mãos, tal intensidade em seu olhar que este era uma carícia. — Vou te contar um segredo, Noel. Nenhum amante me apoiou em todos os meus séculos de existência.

Isso foi um golpe direto em seu coração. — E quanto a Eitriel?

Deixando cair as mãos, Nimra virou a cabeça em direção à janela. — Ele não é ninguém. — Suas palavras eram definitivas, uma ordem silenciosa de um anjo habituado à obediência.

Noel não tinha a intenção de permitir que ela ditasse os limites da relação deles. — Esse ninguém, — disse ele, enfiando as mãos na magnífica seda que eram seus cabelos e forçando-a a encontrar seu olhar, — caminha entre nós.

Nimra fez menção de se afastar. Ele a manteve no lugar. Com uma expressão sombria de irritação, ela disse, — Você sabe que eu poderia me soltar.

— No entanto, aqui estamos nós.

9

Ele era impossível, Nimra pensou. Um homem assim não seria nenhum tipo de companheiro manejável—não, ele iria exigir, pressionar e tomar liberdades além das que lhe cabiam. Ele dificilmente a trataria com o respeito devido à sua posição e idade.

De alguma forma, para surpresa da sua parte que possuía séculos de arrogância, a ideia a seduzia ao invés de repelir. Ser desafiada, pôr sua determinação contra a desse vampiro que foi forjado em um cadinho que teria trucidado a outros homens além da redenção, dançar a mais antiga das danças... *Sim*.

— Eitriel, — ela disse, — foi o que um humano poderia chamar de meu marido. — Anjos não se casavam como faziam os mortais, não se uniam uns aos outros com tais laços. — Nós nos conhecíamos há cerca de 340 anos.

A carranca de Noel era retumbante. — Isso dificilmente faz dele um “ninguém”.

— Eu tinha 200 quando nos conhecemos...

— Um bebê, — interrompeu Noel, suas mãos apertando os cachos dela. — Os anjos não são autorizados a deixar o Refúgio até chegarem aos cem anos.

Ela ergueu uma sobrancelha. — Solte meu cabelo, Noel.

Ele abriu as mãos. — Sinto muito. — Dedos suaves acariciaram o couro cabeludo dela. — Malditamente incivilizado de minha parte.

Foi inesperado que ele a fizesse querer sorrir quando ela estava prestes a expor a parte mais terrível de sua vida. — Nós dois estamos cientes de que você nunca será Christian.

Os olhos dele brilharam. — Quem está andando por um caminho perigoso agora?

Com os lábios se curvando, ela disse, — Não um bebê, mas sim uma mulher muito jovem. — Devido à sua longa expectativa de vida, os anjos amadureciam mais lentamente que os mortais. No entanto, aos 200 ela tinha a forma e o rosto de uma mulher, e tinha começado a espalhar suas asas, a ter uma melhor compreensão de quem se tornaria um dia.

— Eitriel foi meu mentor no início. Estudei sob sua tutela enquanto ele me ensinava o que significava ser um anjo que poderia governar um dia, ainda que eu não me desse conta disso naquele momento. — Só mais tarde ela entendeu que Raphael tinha visto sua força crescente e tomado medidas para se assegurar de que ela tivesse a formação adequada.

A mão de Noel se fechou em sua nuca, quente e áspera. — Você se apaixonou por seu professor.

As lembranças ameaçaram rolar sobre ela feito uma avassaladora onda, mas não foi o eco de seu ex-amante que fez seu peito se encher com tal dor que nenhuma mulher, mortal ou imortal, nunca deveria ter que experimentar. — Sim, mas não foi até mais tarde, quando essa relação era permitida. Eu tinha 490 anos. Por um tempo, nós fomos felizes. — Mas a relação deles foi sempre a de professor/aluno. — Depois de três décadas de relacionamento, meu poder começou a crescer exponencialmente e fui designada ao território da Louisiana. Levou mais dez anos para que minha força se consolidasse, mas quando isso aconteceu eu tinha há muito superado Eitriel. Ele ficou... infeliz.

Continuando a acariciar sua nuca, Noel fungou. — Um dos meus amigos mortais é psicólogo. Ele diria que esse Eitriel tem problemas de insuficiência—aposto minhas presas que ele tinha um pau pequeno.

A risada de Nimra surpreendeu a si mesma. Mas esta desapareceu muito cedo. — A infelicidade dele envenenou nossa relação, — disse ela, recordando os silêncios intermináveis que tinham partido seu coração, mas que mais tarde ela reconheceu serem birras petulantes de um homem que não sabia como lidar com uma mulher que já não olhava para todas as suas ações com adoração. — Não foi nenhuma surpresa quando ele me disse que tinha encontrado outra amante. — Mais fraca. Mais jovem. — Ele disse que eu tinha me transformado numa “criatura” em que não suportava tocar.

A expressão de Noel se tornou sombria. — Canalha.

— Sim, ele era. — Ela havia aceitado isso há muito tempo. — Nós nos separamos então, e creio que teria me curado depois que a dor tivesse passado. Mas...— seu sangue se transformou em gelo — o destino decidiu rir de mim. Três dias depois que ele partiu, eu descobri que estava grávida.

Ela viu no olhar de Noel que ele reconhecia o valor dessa dádiva singular. Os nascimentos angelicais eram raros, tão raros. Todas e cada uma das crianças eram estimadas e protegidas—mesmo por aqueles que de outra forma seriam inimigos. — Eu não teria escondido tal alegria de Eitriel, mas precisava de um tempo para chegar a um acordo com isso antes de contar a ele.

— Isso nunca veio a acontecer. Meu bebê... — ela sussurrou e pôs a mão sobre o ventre, — não era forte. Keir estava frequentemente comigo durante o primeiro mês depois que percebi que carregava uma vida em meu ventre. — O curador era o mais reverenciado entre a raça angelical. — Mas ele recebeu um chamado na noite em que comecei a sangrar. Só um pouco... Mas eu sabia.

Noel murmurou algo vulgar e rude em voz baixa, virando-se para enfiar as mãos pelos próprios cabelos antes de girar numa dessas inesperadas explosões de movimento e puxá-la para seus braços. — Diga que não estava sozinha. *Diga-me.*

— Fen, — disse ela, seu coração se apertando ao pensar em como seu velho amigo se tornara tão frágil, a chama de sua vida começando a vacilar ao menor sinal de vento. — Fen estava lá. Ele me segurou através da terrível escuridão daquela noite, até que Keir pôde vir. Se eu pudesse ter convertido Fen, eu faria isso num piscar de olhos, mas não posso. — Lágrimas embargavam a voz dela. — Ele é meu amigo mais querido.

Noel ficou paralisado. — Ele pode andar livremente por esses aposentos?

— É claro. — Ela e Fen nunca tinham voltado a ser senhora e vassalo depois da noite tempestuosa em que seu bebê tinha sangrado para fora dela. — Conversamos aqui para não sermos interrompidos.

As mãos de Noel apertaram os braços dela. Franzindo o cenho, Nimra ia pressioná-lo para que dissesse a ela em que estava pensando quando a implicação de sua pergunta atingiu-a.

— Não Fen. — Ela se arrancou de seu abraço. — Ele não me machucaria mais do que mataria Amariyah.

— Eu, — disse Noel, — não tenho nem ideia de como esse cofre funciona, muito menos qual é a combinação. Eu nem sequer sei por onde começar. Mas Fen... Ele sabe muitas coisas sobre você. Como a data em que perdeu seu bebê, ou o dia em que seu filho teria nascido.

As palavras suaves foram uma apunhalada em sua alma. Porque ele estava certo. Há cinco décadas, ela tinha mudado a combinação para o dia em que seu bebê teria nascido. Não tinha sido uma escolha consciente—a data foi a primeira coisa que lhe veio à mente, pois estava incorporada a sua consciência. — Não acredito nisso. — Havia gelo em sua voz enquanto ela lutava com a angústia que ameaçava despedaçá-la. — E não vou permitir que esse investigador forense venha aqui.

— *Nimra.*

Ela o cortou quando ele teria continuado. — Vou falar com Fen. A sós. — Se seu velho amigo tinha feito isso, ela precisava saber por quê. Se ele não tinha—e ela não podia se fazer acreditar que ele fosse capaz de tal traição—então não havia motivos para que ele fosse tocado pela fealdade da suspeita. — A menos que você ache que ele vai se levantar e me apunhalar enquanto me sento diante dele?

Noel não fez esforço algum para esconder sua irritação, mas tampouco a deteve quando ela se dirigiu para a porta. Exeter estava esperando para falar com ela no fim das escadas, assim como Asirani, mas Nimra balançou a cabeça em uma acentuada negativa, não confiando em si mesma para falar. Nada estaria bem em seu mundo até que ela descobrisse a verdade, por mais terrível que esta fosse.

Fen não estava em casa, mas ela conhecia seus lugares favoritos, assim como ele conhecia os dela.

— Ah, — ele disse quando ela o encontrou em um banco de pedra banhado pelo sol às margens da lagoa, seus olhos quase negros e solenes. — A tristeza se assenta nos seus ombros novamente. Eu pensei que o vampiro te fizesse feliz.

Noel tinha se deixado ficar para trás logo que Fen ficou à vista, dando a Nimra a privacidade da qual ela precisava. Abatida, ela se sentou ao lado de seu velho amigo, suas asas drapejadas sobre a grama atrás deles. — Eu tenho guardado um segredo de você, Fen. — Ela disse, seu olhar em uma libélula que zumbia sobre os lírios. — Rainha não morreu por um problema de coração, mas porque ela bebeu um veneno que estava destinado a mim.

Fen não respondeu por um longo momento imperturbado pelo vento, em que a lagoa brilhou como um espelho sob as largas folhas verdes dos lírios d'água. — Você estava tão triste, — disse ele, por fim. — Tão, tão triste por dentro, onde quase ninguém podia ver. Mas eu sabia. Mesmo quando sorria, mesmo enquanto governava, você lamentava. Tantos anos lamentando.

Lágrimas queimavam atrás dos olhos de Nimra quando a mão enrugada de Fen se fechou sobre a sua, onde esta jazia no banco entre eles. — Eu me preocupava com quem cuidaria de você quando eu tivesse partido. — A voz dele era sussurrante devido à idade, e seus dedos possuíam um tremor que fazia com que o coração dela se apertasse. — Pensei que a tristeza te afogaria, tornaria você uma presa fácil para os carniceiros.

Uma única lágrima riscou o rosto dela.

— Só queria te dar a paz. — Ele tentou apertar a mão dela, mas sua força não era mais o que fora quando ele chegou à sua corte, um homem com uma provisão infinita de energia. — Partia meu coração te ver assombrando os jardins enquanto todo mundo dormia, tanta dor presa dentro de você. É arrogante de minha parte fazer tal afirmação, ridículo também, mas... Você é minha filha tanto quanto Mariyah.

Ela virou sua mão, envolvendo seus dedos ao redor dos próprios. — Você me considera tão frágil, Fen?

Ele suspirou. — Temo ter aprendido lições erradas de minha outra filha. Ela não é forte. Nós dois sabemos disso.

— Não haveria mais ninguém para protegê-la depois que eu me fosse.

— Não. No entanto, eu mesmo assim não podia suportar sua tristeza. — Balançando a cabeça, ele virou-se para encará-la. — Eu soube que havia cometido um erro terrível no dia seguinte, quando você enfrentou o mundo com força e coragem mais uma

vez, mas então Rainha já estava morta. — Arrependimento pesava em cada palavra. — Sinto muito, minha senhora. Vou aceitar qualquer punição que considere pertinente.

Ela apertou a mão dele, a emoção sufocando-a. — Como posso te castigar por me amar, Fen? — A ideia de machucá-lo era um anátema para ela. Ele não era um assassino, simplesmente era velho e temia pelas filhas que deixaria para trás. — Não deixarei Amariyah se afogar, — prometeu ela. — Enquanto eu respire, vou cuidar dela.

— Seu coração sempre foi generoso demais para uma mulher que exerce tanto poder. — Fazendo um som cacarejante com a língua, ele balançou um dedo artrítico. — É bom que seu vampiro tenha sido talhado de madeira mais dura.

Desta vez foi Nimra que balançou a cabeça. — Tais ideologias mortais, — disse ela, sua alma doendo ante o conhecimento de que a perda se aproximava cada vez mais a cada batida de coração. — Eu não preciso de um homem.

— Não, mas talvez você devesse. — Um sorriso tão familiar, seria terrível quando ela já não pudesse vê-lo. — Você não pode ter deixado de notar que os anjos que conservam sua... humanidade através dos tempos são aqueles que têm companheiros ou amantes junto a eles.

Foi uma declaração astuta. — Não morra, Fen, — ela sussurrou, incapaz de conter sua tristeza. — Você estava destinado a viver para sempre. — Ela fez seu sangue ser testado três anos depois dele chegar à sua corte, pois já estava ciente de que este era um homem em quem podia confiar que não lhe trairia ao longo do tempo. Mas os resultados foram negativos; o corpo de Fen rejeitaria o processo que convertia mortais em vampiros, rejeitaria com tal violência que ele morreria ou se tornaria irremediavelmente louco.

Fen riu, sua pele semelhante a um pergaminho sob a dela. — Estou bastante ansioso pela morte, — disse ele com um sorriso que fez seus olhos brilharem. — Finalmente vou saber algo que você nunca soube, e que talvez nunca saiba.

Isso fez com que seus próprios lábios se curvassem. E enquanto o sol se movia através do preguiçoso azul do céu, enquanto o doce aroma de jasmim pairava no ar, ela se sentou com o homem que poderia ter sido seu assassino, e lamentou pelo dia em que ele já não se sentaria com ela perto dos lírios d'água com as libélulas zumbindo ao redor.

Esse dia chegou muito mais cedo do que ela poderia ter imaginado. Fen simplesmente não acordou na manhã seguinte, morrendo com um sorriso tranquilo no rosto. Ela o enterrou com as mais altas honras, em um túmulo ao lado de sua amada esposa. Mesmo Amariyah pôs de lado sua inimizade por esse dia, comportando-se com maior graça, ainda que seu rosto estivesse devastado pela dor.

— Adeus, — Amariyah disse a Nimra depois que Christian, com sua voz pura e bela, terminou de cantar uma comovente despedida para um mortal que fora amigo de anjos.

Nimra encontrou os olhos da vampira, estes tão parecidos com os do pai, e ainda assim tão diferentes. — Se alguma vez precisar de alguma coisa, você sabe que tem apenas que me ligar.

Amariyah deu a ela um sorriso tenso. — Não é preciso fingir. Ele era o único vínculo entre nós. Ele já se foi. — Com isso, ela se virou e partiu, e Nimra soube que essa era a última vez que veria a filha de Fen. Não importava. Ela tinha arrumado as coisas — Amariyah não estaria nunca sem amigos ou desamparada em caso de necessidade. Nimra faria isso por Fen... Pelo amigo que nunca voltaria a aconselhá-la com uma sabedoria que nenhum mortal deveria possuir.

Uma mão grande deslizou na dela, a pele desta mais áspera do que a sua própria. — Venha, — disse Noel. — É hora de ir.

Foi só quando ele enxugou sua bochecha com o polegar que ela percebeu que estava chorando, lágrimas que só vieram depois que todos tinham deixado o túmulo. — Vou sentir falta dele, Noel.

— Eu sei. — Deslizando a mão por seu braço, ele pôs o dele sobre seus ombros e abraçou-a, seu corpo proporcionando um refúgio seguro para a tristeza que se derramava dela em uma angustiante torrente.

Nos dias seguintes à morte de Fen, Noel começou a descobrir exatamente o quanto o velho fazia por Nimra. De velar por seus interesses quando se tratava dos moradores vampiros de Louisiana a garantir que a corte se mantivesse em equilíbrio, Fen havia sido o centro mesmo enquanto ele mesmo se situava nas bordas. Com sua perda houve um momento de certa confusão, enquanto todo mundo tentava descobrir seu lugar no esquema das coisas.

Christian, é claro, tentou assumir o controle, mas estava claro desde o princípio que ele era arrogante demais para jogar os sutis jogos políticos que Fen tinha manejado com tanta facilidade... E que Noel começou discretamente a manejar. Político ele não era, mas ele não teve problemas para deixar qualquer ideia de patente de lado para fazer as coisas. Quanto ao seu direito de estar na corte, ele não tinha pedido permissão a Nimra para permanecer lá, não tinha pedido permissão a ninguém.

Ele simplesmente ligou para Dimitri e disse, — Eu vou ficar.

O vampiro, que detinha mais poder do que qualquer outro vampiro que Noel conhecia, não tinha ficado satisfeito. — Sua transferência para a Torre já está programada.

— Cancele.

Silêncio, então ele disse com sombria diversão, — Se Nimra alguma vez decidir que você é muito problemático, terei um lugar esperando por você.

— Obrigado, mas não vai ser necessário. — Mesmo se Nimra tentasse se livrar dele, Noel não tinha nenhuma intenção de engolir nada disso. Ela estava extremamente vulnerável agora, e sem Fen aqui para proteger seus segredos daqueles que poderiam usar sua dor para lhe fazer mal, alguém tinha que proteger suas costas. Com essa ideia em mente, ele começou a fazer exatamente isso, usando os membros da corte, antigos e novos, em benefício de Nimra.

A perspicaz e leal Asirani foi a primeira a adivinhar. — Sempre soube que não tínhamos visto o verdadeiro Noel, — disse ela com um brilho nos olhos, então passou para ele um pequeno arquivo. — Você precisa lidar com isso.

O “isso” acabou por ser um relatório sobre um grupo de jovens vampiros de Nova Orleans que estavam agindo por conta própria após se inteirarem sobre a distração causada pelo luto de Nimra. Noel estava na cidade ao anoitecer. Todos os vampiros tinham menos de cem, e não eram páreo para ele—mesmo juntos. Noel não era apenas mais velho; ele era incrivelmente forte para sua idade. Tal como acontecia com os anjos, alguns vampiros ganhavam força com a idade, enquanto outros chegavam a um ponto e estagnavam lá.

Noel tinha se tornado cada vez mais forte desde que foi Transformado, o que era parte do motivo pelo qual tinha sido recrutado para a guarda diretamente abaixo dos Sete de Raphael. Quando os vampiros provaram ser estúpidos o bastante para pensar que podiam enfrentá-lo, ele desatou sua energia reprimida, sua fúria protetora por não poder proteger Nimra da dor da perda de Fen, sobre os idiotas.

Depois que eles estavam sangrando e derrotados diante dele num beco que já tinha conhecido dias melhores e que era iluminado apenas pelo fraco resplendor amarelado de um poste próximo, ele cruzou os braços e ergueu uma sobancelha. — Vocês acharam que ninguém estava olhando?

O líder do pequeno bando gemeu, e seu olho estava adquirindo um bonito tom de roxo. — Foda-se, ninguém disse nada sobre a merda de um executor.

— Cuidado com a boca. — Noel teve a satisfação de ver o homem empalidecer. — Isso foi uma advertência. Da próxima vez, não vou me segurar. Entendido?

Um mar de assentimentos.

Noel voltou a seus próprios aposentos nas primeiras horas da manhã, enquanto o mundo ainda estava escuro. Ele tomou banho, envolveu uma toalha ao redor dos quadris e se dirigiu a seu quarto com a intenção de conseguir algumas roupas. O que ele realmente queria fazer era ir até Nimra. Ela não dormia desde a morte de Fen, portanto estaria nos jardins, mas o hematoma desvanecendo em sua bochecha, onde um dos vampiros tinha conseguido atingi-lo com uma cotovelada, poderia alertá-la sobre o que ele estivera fazendo. Ele queria um pouco mais de tempo para se estabelecer em seu novo papel antes... — Nimra.

Sentada na beira da cama com as asas estendidas atrás dela e vestindo uma longa e esvoaçante toga do mais profundo azul, ela se parecia mais com o anjo que governava um território do que havia parecido em dias. — Onde você esteve, Noel?

10

— Nova Orleans. — Ele não mentiria para ela.

Um cenho franzido. — Eu vejo.

— Você quer os detalhes?

— Não, não esta noite. — O olhar dela se deteve nas linhas úmidas de seu corpo antes que ela se levantasse da cama, suas asas varrendo os lençóis. — *Bonne nuit*.

Ele não a tinha tocado intimamente desde a noite em que se alimentou dela, tão quente e doce, mas agora ele cruzou o quarto para detê-la, colocando as mãos sobre o sedoso calor de seus braços, o peito dele contra suas costas... contra suas asas. — Nimra. Quando ela permaneceu quieta, ele afastou um cacho cor de ébano de seu cabelo para pressionar os lábios em seu pulso.

Estirando as mãos para trás, ela tocou o rosto dele com os dedos. — Você tem fome?

Uma simples pergunta que o fez cambalear com sua generosidade, mas que não lhe surpreendeu. Não agora que ele conhecia a verdade sobre a mulher em seus braços. — Fique. — Beijo após beijo ao longo da linha delgada do pescoço dela, um prazer delicado que fez a pele dela se apertar e seu próprio pulso se acelerar. — Deixe-me te abraçar esta noite.

Uma pausa momentânea em que Noel sabia que ela estava ponderando se deveria ou não confiar nele em seu estado tão profundamente vulnerável. Quando ela se virou para encará-lo, quando permitiu que ele a tomasse em seus braços, a levasse para sua cama, ela fez girar uma chave em um canto escuro e escondido de sua alma, uma parte dele que não tinha visto a luz do dia desde os eventos que quase lhe tinham destruído. Mas eles não tinham. E agora, ele estava acordado.

A necessidade de Nimra por Noel era uma dor profunda e implacável, mas ela lutou contra a urgência de tomar, de exigir deste macho cativante com feridas que demorariam muito para realmente se curarem. Então os olhos dele se encontraram com os dela quando Noel se colocou sobre ela, seus dedos acariciando a curva sensível de sua asa, e havia uma intensidade neles que ela nunca vira antes. — Coloque suas mãos em mim, Nimra. — Uma ordem.

Uma que ela estava feliz em aceitar. Correndo o pé sobre o dorso da panturrilha dele, o que fez com que a toga se deslizasse por sua perna, ela começou a explorar as cristas e vales de seu corpo tão duro, tão masculino. Ele estremeceu sob o toque dela, seu fôlego quente contra seu queixo quando ele a roçou com os dentes, seu pênis se pressionando com flagrante demanda contra o abdômen dela.

Nenhum amante civilizado, esse.

— Você é um homem bonito, — ela sussurrou enquanto fechava os dedos sobre a rígida evidência de sua necessidade.

Um rubor escureceu as maçãs do rosto dele. — Uh, tudo que você disser.

— Tão complacente, Noel? — Ela apertou-o, deleitando-se com a macia pele aveludada que cobria tal poderoso aço. — Não sei se acredito em você.

Um gemido. — Você tem sua mão em meu pau. Se me chamasse de imbecil esquisito eu concordaria com você. *Só. Não. Pare.*

Seu prazer desavergonhado fez todo o corpo dela se derreter. Nimra não só continuou com as carícias íntimas, ela começou a chupar e beijar o pescoço dele até que Noel fechou sua boca na dela, seu tenro controle se transformando em selvagem sexualidade. Exigente e agressivo, ele empurrou o pênis contra seu aperto no mesmo ritmo em que investia com a língua em sua boca.

As mãos dele empunharam sua toga no mesmo instante, erguendo-a até que ela estivesse amontoada em sua cintura. Os dedos de Noel estavam sob a renda que a protegia um instante depois, fazendo com que ela se arqueasse, gritasse em seu beijo. Considerando esse grito uma aceitação, ele arrancou a renda e acariciou-a até que estivesse tremulamente pronta, então afastou sua mão. — Basta. — Uma palavra rouca contra os lábios dela, coxas ásperas e duras separando as suas.

Nimra envolveu as pernas em torno dos quadris de Noel quando ele se inclinou para frente e reclamou-a com um único movimento primitivo. Arqueando-se, ela se agarrou a ele, cravando as unhas nos músculos cobertos de suor de suas costas. Quando ela sentiu a boca de Noel se fechar sobre o pulso em seu pescoço, um tremor sacudiu-a por inteiro, pois o local estava insuportavelmente sensível. *Sim.* Ela segurou com uma mão o cabelo dele, mantendo-o com ela. — Agora, Noel.

Os lábios dele se curvaram contra sua pele. — Sim, minha senhora Nimra.

Um prazer penetrante irradiou do ponto de onde ele bebia dela, enquanto seu corpo, suas mãos, empurravam-na cada vez mais para a borda. Então os dois fluxos de prazer se chocaram e Nimra voou... Para chegar ao clímax nos braços de um homem que a olhava com uma impetuosa ternura que ameaçava fazê-la acreditar que a eternidade não precisava ser encharcada de solidão.

Três dias depois, Nimra encontrou-se franzindo o cenho para Asirani. — E não houve mais problemas? — Ainda que ela pudesse acreditar que seus confrades anjos não tivessem prestado particular atenção à morte de um mortal, os vampiros da região lidavam com Fen há muito tempo, e compreendiam o papel que ele desempenhara. Era difícil crer que eles não tinham tentado nada enquanto ela estivera devastada pela dor.

Asirani evitou seus olhos. — Não se pode dizer isso.

Nimra esperou.

E esperou.

— *Asirani*.

Um suspiro resignado. — Você está falando com o vampiro errado.

Em vez de ir atrás do certo, Nimra decidiu fazer sua própria sondagem. O que ela descobriu foi que “alguém” tinha gerenciado a morte de Fen com tal habilidade que suas repercussões foram poucas e manejadas em questão de horas. No que concernia ao mundo exterior, as décadas de serviço de Fen tinham sido esquecidas assim que ele se foi, e sua morte uma mera inconveniência ao invés da dor dilacerante que havia destroçado seu peito, enchido seus olhos de lágrimas.

Mais tarde naquele dia, ela descobriu que sua fama de ser um anjo a quem não se devia atravessar tinha de fato *aumentado* durante o tempo em que esteve de luto por seu amigo. — Por que tenho uma carta de desculpas do líder dos vampiros de Nova Orleans? — ela perguntou a Christian. — Ele parece acreditar que estou a um passo de executar todo seu beijo de um jeito bem desagradável.

— Os vampiros dele se comportaram mal, — foi sua resposta. — Isso foi resolvido. — Sua expressão acética e fechada disse a Nimra que isso era tudo que ela conseguiria.

Intrigada tanto por seu desafio quanto pela percepção de que Noel e Christian pareciam ter chegado a algum tipo de entendimento, ela finalmente encurralou o homem responsável por um jogo político que tinha, ao que tudo indicava, sido jogado sem nenhuma da sutileza de Fen—e que ainda assim tinha conquistado excelentes resultados. — Como, — perguntou ela a Noel quando o encontrou nos selvagens jardins ao sul, — você adquiriu o título de meu executor?

Ele saltou de sua posição ajoelhada com uma expressão nitidamente culpada—e jovem—no rosto. — Soava bem.

Quando Nimra tentou olhar além dele, para o que estava escondido sob a sombra de um arbusto carregado de pequenas flores rosas e brancas, ele moveu-se para bloquear

sua visão. Franzindo o cenho, ela bateu a carta de desculpas contra suas pernas. — O que você fez em Nova Orleans?

— Os vampiros não aprenderam a lição na primeira vez. — Um olhar frio. — Tive que ser criativo.

— Explique.

— Você já ouviu falar da palavra 'delegar'? — Um olhar firme.

Os lábios de Nimra se curvaram, pois a governante que havia nela reconhecia em Noel um tipo de força que era rara... E que qualquer mulher gostaria de ter ao seu lado. — Como minhas ações estão indo?

— Pergunte a Christian. Ele tem um computador no lugar do cérebro; e eu tinha que dar a ele alguma coisa para fazer.

Inesperado que ele partilhasse o poder depois de tomá-lo tão rápido e sem derramar sangue. — Há algo que eu precise saber?

— Os sabujos de Nazarach estiveram bisbilhotando há cerca de uma semana, mas parece que eles tiveram que voltar para casa. — Ele deu de ombros como se não tivesse tido nada a ver com isso.

— Eu vejo. — E o que ela via era maravilhoso. Este homem forte, tão semelhante a um líder, tinha se colocado a seu serviço. Diferentemente de Fen, Noel tinha acesso a sua intimidade, e mesmo quando ela esteve mais vulnerável não houve sussurros venenosos no escuro, só um prazer luxuriante que abrandou a cortante perda.

Antes que Nimra pudesse formar palavras a partir da feroz cascata de emoções em seu coração, ela ouviu um distinto e curioso “miau”. Com o coração aos pulos, ela tentou ver o que estava atrás desses grandes ombros de novo, mas ele girou para bloquear sua visão enquanto se agachava. — Você devia ficar quieto, — ele murmurou enquanto se levantava e virava-se para encará-la.

As duas pequenas bolas de pelo nos braços dele—comicamente coloridas com manchas brancas e pretas—encostaram as cabeças em seu peito, obviamente cientes de que este lobo só ladrava quando se tratava de inocentes.

— Oh! — Ela estendeu a mão para coçar uma pequena cabeça e teve os gatinhos despejados em seus braços. Torcendo-se e retorcendo, eles se acomodaram contra ela. — Noel, eles são lindos.

Ele fungou. — Eles são vira-latas do abrigo local. — Mas sua voz carregava uma tenra diversão. — Achei que você não se importaria de ter mais dois desgarrados.

Ela esfregou a bochecha contra um gatinho, e riu do choramingo de ciúmes que o segundo fez. Umas vidas tão minúsculas e frágeis podiam dar tanta alegria. — São meus?

— Pareço um homem de gatos? — Pura afronta masculina, seus braços cruzados sobre o peito. — Vou arranjar um cachorro—um cachorro bem grande. Com dentes afiados.

Rindo, ela soprou um beijo para ele, sentindo-se mais jovem do que havia se sentido em séculos. — Obrigada.

Seu cenho se desfez. — Mesmo o Sr. Almofadinha esboçou um sorriso quando um deles tentou cravar as garras em seu sapato.

— Oh, não. — Christian era tão vaidoso sobre essas suas botas reluzentes. — Criaturas terríveis. — Eles esfregaram as cabeças no queixo dela, querendo brincar. — Será bom ter mascotes de novo, — disse Nimra, pensando em quando Mimosa era jovem, e em Rainha. As lembranças eram agridoces, mas preciosas.

Noel se aproximou, estendendo a mão para esfregar as costas do gatinho com uma orelha branca e outra preta. O outro, ela notou, tinha as duas brancas com pontas pretas. — Temo que haja uma condição associada a esse presente.

Ao escutar a nota sombria em sua voz, ela colocou os gatinhos no chão, sabendo que eles não se afastariam muito da caixa de papelão onde pelo visto estiveram cochilando. —Diga-me, — ela sussurrou, olhando para aquele austero rosto masculino.

— Temo, — disse ele, abrindo a mão para revelar um anel dourado com um coração de âmbar, — que a parte humana arcaica de mim exija esse vínculo, afinal.

O âmbar era usado muitas vezes por mortais e vampiros que estivessem em um relacionamento. Nimra nunca tinha usado âmbar por homem nenhum. Mas agora, ela levantou a mão e deixou que ele deslizasse o anel em seu dedo. Era um peso leve, e era tudo. — Espero que você tenha comprado um par, — ela murmurou, pois ao que parecia ela também não era civilizada o bastante para não exigir um vínculo.

Não quando se tratava de Noel.

O sorriso dele era um pouco torto quando pôs a mão no bolso para pegar um anel masculino, este mais grosso e com uma peça de âmbar não polido, onde no dela havia uma delicada filigrana com a pedra polida. — Perfeito.

— Nós não vamos poder ter filhos. — Noel disse as palavras solenes enquanto ela deslizava o anel em seu dedo com uma felicidade que vinha do fundo da alma. — Eu sinto muito.

Uma emoção pungente tocou os sentidos de Nimra, mas não houve tristeza. Não diante de uma eternidade colorida por um selvagem azul translúcido. — Sempre haverá aqueles como Violet que precisem de um lar, — respondeu ela, esfregando o polegar sobre o anel dele. — Poderão não ser sangue do meu sangue, mas coração do meu coração eles serão.

Eliminando a pequena distância entre seus corpos, Noel correu os dedos pela asa esquerda dela, um lento deslizar que sussurrava sobre posse. Da mesma forma que os braços que ela deslizou por seu peito até envolvê-los em seus ombros faziam. Não houve palavras, mas nenhuma era necessária, pois o metal do anel dele estava quente contra sua bochecha quando Noel segurou seu rosto.

Seu lobo. Seu Noel.

Fim

ANGELS' DANCE

1

400 ANOS ATRÁS

Ela tinha visto impérios se erguerem e reinos ruírem, rainhas virem e irem, arcanjos entrarem em batalha e afogarem o mundo em rios de sangue. Ela tinha registrado o nascimento de Raphael, registrado, também, o desaparecimento de sua mãe Caliane e a execução de seu pai Nadiel.

Ela tinha visto seus alunos levantarem voo séculos após séculos, partindo para o mundo com sonhos em seus corações e sorrisos em seus rostos. Ela tinha lido as cartas que eles mandaram de terras longínquas, de florestas densas com chuvas torrenciais, desertos sem fim e ventos implacáveis. E ela tinha celebrado as raras e alegres vezes em que eles se tornaram pais de alguns pequeninos.

Tudo isso ela experimentou dos picos escarpados e beleza estonteante do Refúgio, ela, uma anja presa à terra, suas asas nunca feitas para voar. O primeiro milênio depois de seu nascimento tinha sido complicado, o segundo, decepcionante. Agora mais de metade do terceiro havia se passado, e com o espectro de outra guerra devastadora sendo uma sombra no horizonte, ela sentia apenas uma lúgubre aceitação.

— Jessamy! Jessamy!

Saindo do limite do abismo onde ela estava, olhando para um céu azul cristalino que ela nunca tocara, ela atravessou a terra rochosa com passos rápidos para encontrar uma criança na frente dela, as asas da menina se arrastando pelo chão. — Cuidado, Saraia. — Ela ajoelhou e pegou o pequeno e robusto corpo dominado por asas do tom de chocolate puro, listradas com filamentos de bronze que cintilavam sob a luz do sol das montanhas.

O bronze refletia tanto a cor da pele de Saraia quanto o seu cabelo—bagunçado em torno de seu rosto, o laço que sua mãe tinha, com toda a certeza, feito com todo o cuidado, em cima do seu ombro.

Desolada, a garotinha jogou seus braços em torno do pescoço de Jessamy com uma exuberância notável. — Você tem que vir! — Bochechas coradas, olhos brilhantes, o aroma de doces grudentos e a efervescente excitação. — Você tem que ver!

Jessamy tem sido uma professora de jovens anjos por mais de 2000 anos e um sorriso terno de uma criança ainda tinha o poder de iluminar sua essência como se seu corpo estivesse sob uma cascata de luz, alegria e iluminação.

Jogando fora a melancolia que tinha jogado o peso sobre seus ombros enquanto ela via uma armada de anjos mergulharem e planarem ecoando, através do desfiladeiro denteado, que passava através do centro do Refúgio, ela deu um beijo na bochecha suave de Saraia e se levantou, levando a criança com ela.

As asas de Saraia abraçaram o braço de Jessamy, com suavidade e cuidado, mas o peso era uma coisa que Jessamy podia suportar com facilidade. Era apenas a sua asa direita que estava torcida e inutilizada, uma feiura ímpar em um local de poder e beleza perigosa. O resto dela era forte como o de qualquer anjo. — O que eu preciso ver, doçura?

Saraia a levou para a sessão do Refúgio que era chefiada pelo arcanjo Raphael, e para a área onde as armas ficavam guardadas e a sessão de treinamento. Jessamy franziu o cenho. — Saraia, você sabe que não pode ficar aqui. — Os riscos podem ser letais para um anjinho incerto da capacidade de suas asas e equilíbrio.

— Illium disse que poderíamos ficar dessa vez. — A explicação saiu apressada. — Eu pedi, eu juro.

Sabendo que Illium nunca iria colocar a criança em perigo, ela continuou.

Entretanto, não eram as asas distintas do jovem anjo de um azul surpreendente e único que ela viu quando ela virou para o canto a frente da sala de madeira sem janelas e o campo de treinamento, de terra batida que ficava em frente, mas as asas escuras de um anjo com um corpo muito mais musculoso, seu cabelo esplêndido, de um vermelho tão puro, que parecia uma chama, sua mão segurando uma espada. O aço tiniu quando essa espada chocou-se com outra, que estava nas mãos de Dimitri, o segundo no comando de Raphael.

O braço de Jessamy apertou instintivamente o corpo de Saraia.

Dimitri poderia não ser um anjo, mas o vampiro era *poderoso*, o mais confiável dos conselheiros de Raphael. E o mais letal também. Mas o anjo grande com suas asas cinza que remetiam a algumas belas aves de caça, com listras brancas que podiam ser vistas no cinza quando ele as abriu pra se equilibrar, estava conduzindo o vampiro para uma sessão brutal de combate. Pés descalços e peitos desnudos, a pele deles brilhando de suor.

Dimitri vestia pantalonas pretas, enquanto o anjo estava trajando algo que a lembrava daquilo que os homens de Titus, o arcanjo, vestiam, o tecido grosso preto em torno de seus quadris, sendo atado por um cinto grosso de couro da mesma cor, cujo tamanho dava no meio de suas coxas. Somente quando ele se mexia, que ela percebia que a vestimenta era pesada, como se a primeira camada do tecido fosse composta de folhas de metal batido e não somente de pano... parte de uma armadura guerreira, ela percebeu. Ele simplesmente escolheu não vestir o peitoral metálico ou os braços e as pernas da armadura.

Era impossível não olhar para aquelas pernas, não assistir ao contrair e relaxar do músculo bruto entre a pele dourada coberta com uma tênue camada de pelos que se espalhavam sobre a pele e brilhavam sob o sol. Então ele mudou de posição novamente e os olhos dela voaram para a magnífica largura dos seus ombros, seu poder primitivo, uma ferocidade controlada que despertava uma fascinação selvagem e inesperada em Jessamy.

— Quem, — ela disse para Ilium, quando o anjo de olhos dourados alcançou para pegar Saraia e erguê-la na cerca em frente a ele ao lado de seus amigos, — é aquele e por que ele está duelando com Dimitri? — mesmo quando ela falava, ela não tirou os olhos do anjo, que parecia que estava em casa no quarto dos fundos de uma taverna vampira rústica.

As asas de Ilium acariciaram as dela enquanto ele repousava seus braços na cerca. Era um ato exageradamente familiar, mas Jessamy não o repreendeu. Não havia segundas intenções em seu toque, mas uma afeição nascida na infância – para ele, ela seria sempre a professora que tinha ameaçado amarrá-lo em uma cadeira se ele não parasse quieto e começasse a ler seu livro de História.

— Galen, — ele disse, — é um do povo de Titus.

— Isso não é uma surpresa. — Titus era um arcanjo guerreiro, nada mais familiar para ele do que o interior de uma batalha sangrenta e furiosa – esse Galen também era feito para o combate e de combate, em uma mistura de músculos e força bruta.

Força estava em grande evidência enquanto ele bloqueava um golpe e golpeava ao mesmo tempo para alcançar o joelho de Dimitri. O vampiro resmungou, praguejou, e desviou por pouco de um golpe com a face da lâmina de Galen que sem dúvida alguma teria causado um hematoma severo. Então, eles não estavam realmente tentando matar um ao outro.

Colocando um braço ao redor de Saraia quando a garotinha aplaudiu, Ilium continuou. — Ele quer uma transferência para o território de Raphael.

Agora ela compreendeu. Raphael tinha se tornado um arcanjo a apenas centenas de anos atrás. Sua corte, como estava, era apenas uma unidade emergente. O que significava que tinha espaço para aceitar e integrar os fortes que pudessem se ver entediados ou subutilizados em suas próprias cortes. — Raphael não está preocupado com ele ser um espião? — Os arcanjos que comandavam o mundo, a formação da Cadre dos 10, eram implacáveis na busca por seus interesses.

— Como se Raphael não tivesse seus próprios espiões para assegurar que Galen não fosse um espião. — Ilium disse com um sorriso tão contagiante, que ela despendeu um esforço enorme para manter uma face rígida da mesma forma quando ela o estava disciplinando quando criança, — ele não é mentiroso. Eu não acho que ele sabe o significado da palavra “entrelinhas”.

Um golpe certo com a face da lâmina contra a bochecha de Dimitri, um chute no estômago e de repente, Galen tinha a vantagem, a ponta de sua espada tocando a jugular de Dimitri enquanto o vampiro estava deitado no chão e respirando pesadamente: — Eu me rendo.

O olhar fixo de Dimitri, o predador impiedoso dentro do vampiro aparentemente muito sofisticado, prendeu-se ao de Galen. Mas sua voz, quando saiu, parecia um ronronar lânguido como uma tarde de verão. — Você tem sorte que as crianças estão assistindo.

Galen não fez nada, nem recuou, seu foco era absoluto.

Os lábios de Dimitri se curvaram: — Bárbaro sangrento, eu me rendo.

Afastando-se, Galen esperou que Dimitri se levantasse para levantar sua espada e dar um golpe curto em sua cabeça, sinal de respeito entre dois guerreiros. A resposta de Dimitri foi inesperadamente solene. Jessamy tinha a impressão que esse novo anjo, com seu corpo como um ariete e asas grandes e poderosas tinha passado em algum tipo de teste.

— Eu acho que você quebrou minhas costelas — Dimitri esfregou o machucado arroxado se formando no caramelo de sua pele.

— Elas vão sarar, — os olhos de Galen se levantaram, observaram a platéia e grudaram em Jessamy.

Verdes claros, quase translúcidos, aqueles olhos a deixaram completamente sem ar; eles as observaram com uma intenção resoluta. A força de seu poder aprisionado era desconcertante, mas eram os lábios dele que faziam com os nós das mãos dela ficassem brancos, de tanto que ela as apertava. O único detalhe suave em uma face tão rígida, aqueles lábios, que despertavam pensamentos, chocantes e brutos, para atingi-la em cheio em sua mente. Ela não respirou até que Dimitri dissesse alguma coisa e Galen se virasse; o vermelho sedoso de seu cabelo desgrehado balançando com o vento.

Galen observou a mulher alta e quase dolorosamente magra ir embora com suas mãos dadas com duas das menores da outrora platéia, outras crianças correndo em volta dela, suas asas esfregando a terra, quando eles se esquecem de levantá-las. Ele nunca tinha visto um anjo que parecesse frágil. Um único engano com um de seus grandes punhos e ele a quebraria em centenas de pedaços.

Atendo-se a esse pensamento, ele desviou da visão dela se retirando, uma das asas dela parecendo estranhamente torcida nessa distância e caminhou com Dimitri para dentro do ecoante vazio do salão, onde eles limpavam e guardaram suas lâminas. Illium entrou logo depois, suas asas de um azul tão perfeito que Galen nunca tinha visto. O anjo era jovem, apenas 115 anos, em relação aos 275 anos de Galen e parecia uma peça linda de frivolidade, o tipo de homem que só estava nas cortes para decoração.

— Você me deve a adaga dourada que você trouxe de volta do território de Neha.
— As palavras de Illium foram diretamente para Dimitri, com um brilho em seus olhos.

Baixando o cenho, Dimitri resmungou. — Você vai ter. — Um olhar para Galen. — Ele apostou que você me derrotaria.

Galen imaginou se o anjo mais jovem tinha apostado nele sem motivo algum, mas ele tinha aproveitado para ganhar de Dimitri ou se ele tinha algum conhecimento que Galen não percebeu. Não, ele pensou quase instantaneamente. Illium não poderia ser o espião chefe de Raphael – deixando de lado o fato que era improvável que ele tivesse construído a rede de contatos necessária, levando em consideração a sua idade, ele parecia muito extravagante para a tarefa.

— Você foi um bom oponente, — ele disse para Dimitri, fazendo uma nota mental para observar Illium com mais cuidado – homens como Dimitri não se juntavam com lindas e inúteis borboletas. — Eu geralmente posso intimidar a maioria com apenas força bruta. — Dimitri não tinha somente falhado em ser intimidado, mas ele tinha lutado com uma graça provinda da prática.

O vampiro inclinou sua cabeça, seus olhos escuros aparentando preguiça, se você não observasse por baixo da superfície. — Com certeza um elogio do mestre de armas que Titus deve estar furioso por estar perdendo.

Galen negou com a cabeça. — Ele tem um mestre de armas – e Orios mereceu sua posição. — Lá não haveria lugar para Galen, exceto como subordinado de Orion. Galen não tinha se sentido mal em assumir essa posição quando ele alcançou a maturidade, ciente que Orios era o melhor lutador e melhor líder. Mas as coisas mudaram quando Galen ficou mais velho e mais experiente, seu poder aumentando a uma taxa que ultrapassou e muito seus colegas. — Orios estava feliz quando eu disse a ele o meu desejo de deixar a corte de “Titus”.

— Os homens estão ficando confusos sobre quem devem seguir como líder, — o mestre de armas disse, sua pele quase negra brilhando sob o sol africano. — Teria me custado muito se fôssemos forçados a nos combater para decidir essas questões. — Um grade aperto no ombro de Galen. — Eu espero que nunca sejamos inimigos em combate. De todos dos meus alunos, você foi o que voou mais alto.

Galen fez com que Orios soubesse do seu próprio respeito para com ele, que nunca escondeu conhecimento de seus alunos, não importasse o quanto Galen ameaçou tomar sua posição, e eles tinham se separado em bons termos. — Titus simplesmente está tomando uma postura para ganhar concessões de Raphael.

— Um jogo de tolos, — Illium disse, passando sua mão sobre a lâmina que Dimitri estava usando. — Raphael não é menos arcanjo por estar a menos tempo no Cadre. — Deixando sair um suspiro depois de cortar a palma de sua mão, ele fechou os dedos como

se estivesse para socar algo. — Por que você não observou as cortes de Charisemnon ou de Uram? Eles são mais audaciosos e fortes, com mais homens ao seu comando.

Galen jogou seu cabelo suado para trás, pensando que ele deveria se lembrar de cortá-lo – ele não podia ter sua visão comprometida. — Eu preferiria ser um soldado de segundo escalão na corte de Titus do que trabalhar sob as ordens de Uram ou Charisemnon. — Titus podia ser bruto em uma ocasião ou outra, podia ser rápido para ficar com raiva e mais rápido ainda para declarar guerra, mas ele tinha honra.

As mulheres não eram brutalizadas quando suas tropas marchavam em batalha e as crianças não eram machucadas. Se um homem lutava somente para proteger seu lar, ele merecia misericórdia, para Titus que apreciava a coragem. Qualquer lutador que quebrava as regras do arcanjo era sumariamente arrastado e esquartejado, os pedaços de carne que alguma vez tinham estado em seu corpo, estavam pendurados em árvores como amostras.

Enquanto o estilo de Raphael era completamente diferente, sua raiva era como uma lâmina fria que cortava com precisão, comparado com a raiva indiscriminada de Titus, no século em que ele se tornou um dos Cadre, Raphael também tinha mostrado o tipo de honra que não permitia que ele subjugasse os fracos e indefesos.

— Tem lugar nessa corte para mim? — ele perguntou, rude, porque era assim que ele era. Ele era filho de dois guerreiros, tinha crescido em uma corte guerreira. As formalidades da civilização nunca foram parte de sua educação, e enquanto ele estivesse percebendo a efetividade de uma língua ferina, essa era uma habilidade que se encaixaria nele quanto uma qualidade tão bem quanto um florete delicado que cortaria fora sua mão.

— Raphael não mantém uma corte, — Dimitri disse sacando uma lâmina brilhante de um suporte na parede e jogando em direção ao teto do salão sem nenhum aviso.

Illium voou como se ele tivesse sido disparado de uma arma, tirando a lâmina do ar e jogando para Dimitri com o mesmo ritmo. O vampiro agarrou pelo cabo um pouco antes de atingir seu rosto. Arreganhando seus dentes em um sorriso ferino, para um sorridente Illium, ele disse: — Não vejo motivo para pessoas bonitinhas ficarem voando por aí sem fazer nada.

Galen observou Illium pousar com uma precisão que ele nunca havia visto, a beleza das asas do jovem que não escondiam a força muscular necessária para fazer aquela manobra, e percebeu que o outro anjo dava a impressão de ser um ornamento bonito e divertido de propósito. Ninguém suspeitaria de alguma intenção perigosa vinda dele.

A resposta de Illium para a sua avaliação cândida foi uma reverência tão graciosa e ornamentada, que faria com o que os cortesãos de Lijuan ficassem orgulhosos, suas asas se abriram em uma demonstração impressionante. Você gostaria de uma adaga em sua garganta para o café da manhã, senhor? O tom era puramente aristocrático, com uma pitada de ironia, misturando uma espécie de flerte.

— Você o deixa sozinho? — Ele perguntou, já calculando as vantagens em potencial das habilidades de Illium.

— Raramente.

2

Não foi até o tempo abafado depois do amanhecer na manhã seguinte que ele viu a alta, magra anja novamente. Ela caminhou sozinha ao longo do caminho de mármore que levava às portas da grande biblioteca no Refúgio, desaparecendo e aparecendo fora da névoa enquanto ela passava do outro lado das colunas que guardavam a estrutura.

Ela carregava o que parecia ser um livro pesado em seus braços, seu cabelo marrom castanho brilhando trançado em uma longa cauda pelas costas, o vestido - de algum material fino azul céu que ecoava a névoa – rodopiando e sussurrando em torno de seus tornozelos como um amante familiar. Sem entender por que ele fez isso, ele mudou de direção para interceptá-la, o vento fresco e frio contra sua pele quando ele cortou o ar.

Um grito mudo, um suspiro assustado, conforme ele pousou na frente dela.

Dobrando as asas, ele disse: — Eu vou levar isso, — e tomou o volume de borda dourada de suas mãos antes que ela pudesse recuperar o fôlego e recusar.

Ela piscou, grossos, cílios curvados caindo sobre os olhos de um marrom exuberante, a cor segurando um calor que o lembrou do pigmento misto finamente usado por um artista que já tinha visitado a corte de Titus. — Obrigada. — Sua voz era uniforme, embora seu pulso batesse na garganta, uma delicada batida contra a pele cremosa acariciada com uma pitada de sol. — Você não está com frio?

Ele usava apenas um simples par de calças feitas de um material resistente, no qual ele poderia lutar com facilidade, emparelhado com botas robustas. Sua espada estava presa ao longo de sua coluna vertebral, as tiras de couro cruzam seu peito. — Não, — Disse ele, consciente, que ele parecia o bárbaro que Dimitri o tinha chamado, tanto mais próximo de sua beleza etérea. — Você acorda cedo, minha senhora.

— Jessamy. — A única palavra trouxe seus lábios a sua atenção. Macios e cheios o suficiente para tentar, eles teriam dominado o rosto dela se não fosse por aqueles olhos escuros atraentes com o mistério indizível. — Quando eu te ensinei, Galen? Eu não consigo me lembrar.

Curvando seus dedos na mão dele, ele lutou contra a vontade de estender a mão, esfregar as linhas que haviam se formado entre suas sobrancelhas. Ela era uma criatura muito bela para ele, o toque dele muito áspero. E ainda assim ele não ia embora. — Por que você deveria ter me ensinado alguma coisa?

Outro piscar de olhos, mais linhas. — Eu ensino a todos os nossos pequeninos, tenho feito isso há milênios. Você deve ter sido um dos meus alunos, você é tão jovem.

Em seus 275 anos nesta terra, ele tinha andado na batalha e banhado em sangue, sentiu o beijo quente de um chicote em suas costas, o impulso frio de uma faca em seu intestino, mas nunca tinha sido chamado de criança até este momento. — Passei minha infância na corte de Titus. — Era uma coisa incomum para uma criança crescer fora do Refúgio, mas ninguém teria ousado prejudicar o filho de dois guerreiros, um menino que o próprio Titus havia colocado sob sua proteção. — Eu tive um tutor, — acrescentou ele, porque ele não gostava da ideia dela pensar que ele era um ignorante selvagem.

— Eu me lembro agora. — Voz de seda líquida de Jessamy derramando sobre ele em uma carícia não intencional. — Seu tutor era um ex-aluno que eu recomendei para o cargo, ele me disse que foi ensinado sozinho.

— Sim. — Titus não queria que a suavidade feminina de suas filhas afetassem o desenvolvimento de Galen.

— Uma vida solitária.

Ele deu de ombros, porque ele sobreviveu e ele cresceu forte - ele foi um lutador capaz numa idade em que a maioria dos anjos ainda eram considerados crianças. Talvez ele não tivesse tido os companheiros habituais, mas era tudo o que sabia, e uma vida que o moldou no homem que era hoje. Esse homem queria curva-se, cheirar o perfume na curva do elegante pescoço de Jessamy. — Eu vou acompanhá-la o resto do caminho, — Disse ele, em vez de ceder ao impulso primitivo.

Jessamy caiu em passo ao lado do grande—e fisicamente bastante esmagador— anjo, suas asas levantaram do chão com tanta facilidade, sem esforço, ela sabia que não era uma escolha consciente, mas a formação afiada de um guerreiro. Ninguém jamais se equivocaria com ele usando suas asas, este homem que tinha olhado para o livro que ele segurava como se fosse algum objeto estranho. — Você lê? — Ela perguntou sem pensar.

O incrível, vermelho requintado de seu cabelo brilhava com gotículas de névoa que havia coletado nas costas quando ele balançou a cabeça, e ela se perguntou se a cor iria manchar sua pele um sol glorioso que ela deveria tecer seus dedos através da espessura do mesmo.

— Eu posso, — Acrescentou quase secamente, — mas não há muito uso para ele no meu mundo. — Um roçar inesperado de calor através de suas maçãs do rosto. — Minhas habilidades de leitura estão... enferrujadas na melhor das hipóteses.

Jessamy não entendia como alguém poderia viver sem palavras, sem história... mas então, ela havia sido sepultada no Refúgio há milênios. Se ela também tivesse asas tão magníficas como Galen, talvez—embora parecesse uma coisa totalmente impossível—ela

não teria se importado tanto por palavras, também. — Eu não posso voar, — Ela encontrou-se dizendo, porque ela o tinha envergonhado, e ela não era sua intenção. — Isso me dá muito tempo para ler.

Galen não se virou, não olhou para a asa torcida que significava que ela nunca iria tomar vôo. Keir, o maior curador, tentou curá-la milhares de vezes ao longo dos anos, enquanto a sua força cresceu com a idade, mas a asa esquerda sempre formou na mesma forma distorcida, independentemente de quantas vezes ela foi quebrada e reposta, ou cortada e permitida voltar a crescer. Até que ela tinha tido o suficiente. Não mais. Não mais.

— Sua incapacidade de voar, — Disse Galen, mesmo quando ela lutou contra o eco doloroso de uma decisão que havia quebrado seu coração, — é óbvia.

Sua boca se abriu. Ninguém nunca tinha sido tão cruel sobre sua deficiência. A maioria das pessoas preferia fingir que não existe, e ela não os empurrava para reconhecê-lo. Qual era o ponto de causar desconforto àqueles ao seu redor? E aos seus pupilos—e aqueles como Illium, que tinham sido uma vez seus pupilos—que só tinham conhecido ela como Jessamy, que tinha uma asa torcida e que eles tinham que se comportar, porque ela não poderia persegui-los pelo céu. Tudo o que tinha a fazer era dar um passo fora da sala de aula e levantar seu braço, e até mesmo a criança mais desobediente voltava para a terra imediatamente.

Este, no entanto, ela pensou, olhando de soslaio para o grande homem que ela não poderia imaginar como um garoto solitário fazendo o seu caminho em um corte cheio com o ressoar de lâminas e os gritos de combate, teria feito exatamente o que quisesse.

— Você nasceu desse jeito? — ele perguntou, sem cortesia como a borda de um machado maçante.

Jessamy decidiu que ele não estava sendo rude, pelo menos não de maneira proposital. Sutilesa—como Illium tinha dito, não parecia estar no vocabulário de Galen. — Sim.

— Eles dizem que Keir é um talentoso curandeiro.

— Ele é... Ele fez o seu melhor. — E ele culpou a si mesmo quando ele falhou. Ela não culpa Keir. Nem ela culpa sua mãe—que achava difícil olhar para a criança que ela deu à luz, embora não por falta de amor.

— Sua culpa é muito grande. — Olhos de idade jovem de Keir, sua voz potente em camadas com emoção. — Ela não vai ouvir quando eu digo a ela que não há necessidade para isso. Nada do que ela fez ou deixou de fazer causou a deformação da sua asa.

A mãe de Jessamy não quis ouvir a sua filha também, não por muito tempo. Mesmo agora, havia uma espécie assombrada de dor no rosto de ossos finos de Rhoswen nas raras

ocasiões em que Jessamy a pegou olhando a asa malformada de sua filha. Raro... e ficando cada vez mais raro como o silêncio angustiante entre elas, criado de todas as coisas que não disse, se transformou em uma parede preta impenetrável.

As pesadas portas de madeira para a biblioteca surgiram da neblina naquele instante, tão impenetrável em sua maior parte, o ouro que embutia as requintadas esculturas esperando o beijo do sol a brilhar. Alcançando, Galen abriu uma das portas, as cordas de músculos no braço flexionando e deformando de uma forma que tinha feito a sua boca secar, com o coração batendo com força contra as costelas.

Abalada pela profundidade e pela rapidez de sua resposta—inequivocamente física e carnal—ela desviou o olhar e estendeu a mão para o livro.

— Você não come? — ele perguntou, deslizando o livro para seu abraço, um olhar áspero em seus olhos conforme ele corria seu olhar sobre seu corpo.

O pulso escuro da atração se transformou em irritação acentuada. Como uma jovem mulher, ela tinha tentado fazer tudo em seu poder para colocar mais carne em seus ossos, sem sucesso. Isso era simplesmente como ela estava destinada a ser. — Não, — Ela disse, gelo em seu tom de voz: — Prefiro morrer de fome, — e seguiu até a biblioteca, certa de que o homem irritante tinha sido criado por lobos.

Não foi muito tempo depois, da chama do sol ter queimado a névoa para revelar as manchas brilhantes de metais preciosos incorporados nos edifícios de mármore do Refúgio, que Galen viu as asas distintas de Illium varrendo sobre o desfiladeiro. O anjo mais jovem dirigiu-se para as nuvens e através das montanhas, onde ninguém e nada viveu.

— Uma mulher, — Disse Dimitri ao lado dele, o vento levantando seu cabelo negro de seu rosto para revelar uma "perigosa beleza masculina", ou assim Galen tinha ouvido dizer por mais de uma mulher, anjo e vampiro. O que Galen viu foi um tipo cruel de força, força que exigia respeito.

— Mortal, — O vampiro acrescentou.

Galen pode não saber como falar com as mulheres fora de outros guerreiros, mas ninguém nunca o havia acusado de ser estúpido. — Você se preocupa por ele.

O olhar de Dimitri permaneceu nas nuvens onde o anjo tinha desaparecido. — Os mortais morrem, Galen.

Galen deu de ombros. — E nós também. — Os mortais os chamavam imortais, mas anjos e vampiros poderiam morrer—só tomava um grande esforço. — Será que ela o faz feliz?

— Sim. Muito.

Galen não pediu para elaborar. Ele conhecia imortais que tinham caído para os mortais, visto como eles choraram quando os vaga-lumes vidas brilhantes foram extintas. Ele nunca tinha sentido tanta profundidade do amor, mas ele podia compreender a dor. — Jessamy, — disse ele, sua mente em uma mulher que não era mortal, mas cuja forma esbelta parecia muito vulnerável para a sua paz de espírito, — ela tem um amante?

A elegância sofisticada de Dimitri quebrou ao revelar espanto. - O quê?

— Jessamy — Ele repetiu pacientemente. — Ela tem um amante?

— Ela é a *Preceptora*.

— Ela também é uma mulher. — E se os homens ao seu redor tinham sido estúpidos demais para perceber, Galen não ia perder o sono por isso.

Uma pausa assustada, um aceno de cabeça de Dimitri que tinha mechas azuis escuras brilhando ao sol. — Não, — o vampiro finalmente respondeu, — ela não tem um amante, tanto quanto eu sei.

— Bom.

Dimitri continuou a olhar para ele. — Você percebe que ela tem mais de 2.500 anos de idade, fala pelo menos uma centena de línguas, e tem um profundo conhecimento do Cadre que vem com ela para aconselhamento e informação?

Galen não tinha nenhuma dúvida de que tudo era verdade. — Eu não pretendo entrar em um concurso de inteligência com ela. — Não, ele queria ela de uma forma muito mais primal.

Dimitri soltou um suspiro. — Isso deve ser interessante.

Eles assistiram vários anjos voar seu caminho para fora das cabanas que ladeavam o desfiladeiro, a luz fazendo suas asas brilhar e reluzirem. — Confiança, — disse Dimitri quando o último deles se levantou no céu azul cerúleo, — é merecida.

— Entendido.

— Por enquanto, você vai ficar no Refúgio, encarregado de treinar os jovens que se juntaram a Raphael.

— Eles dizem que Lijuan gosta dele, — Disse ele, citando um dos membros mais antigos do Cadre.

— Ela não pode usar cobras como Neha, — Dimitri murmurou numa voz despida de qualquer vestígio de civilização, até que era uma lâmina nua, — mas Lijuan não é menos venenosa.

Galen pensou sobre o que ele sabia de Lijuan, percebeu que não era muito. — Essa informação não foi compartilhada comigo na corte de Titus. Se vou ser um verdadeiro mestre de armas, eu preciso saber de políticas que possam informar táticas.

O sorriso de Dimitri era lento. — Nesse caso, você deve conversar com Jessamy.

Cruzando os braços, Galen encontrou o olhar inocente do vampiro. — Devo fazer isso?

— O que muitos não sabem é que além de ser a Preceptora, Jessamy mantém nossas histórias. Eu diria que não há ninguém melhor se você quer aprender as sutilezas da política que sustentam e mantêm o equilíbrio no Cadre.

alén sabia que Dimitri se divertia, apontando-o na direção de Jessamy, mas agora ele tinha uma razão para estar em sua companhia. No entanto, ele disse, — Você esqueceu que eu sou bem capaz de matá-lo?

— Foi um golpe de sorte, Bárbaro. — O Vampiro enfiou a mão pelo cabelo, disse: — Suas habilidades como mestre de armas podem ser necessárias mais cedo do que você imagina, — Em um tom muito mais grave. — Alexander começou a acumular seu exército, ele nunca acreditou que Raphael deveria ter se tornado Arcanjo em uma idade tão jovem, e agora parece que ele está disposto a usar a força para impor a sua vontade.

Alexander era o Arcanjo da Pérsia, tinha governado por milhares e milhares de anos. — Ele é mais forte do que Raphael. — Idade tinha afiado seu poder para um brilho penetrante.

A expressão de Dimitri era inescrutável. — Vamos ver.

Galen perguntou-se se Dimitri lhe dissera da guerra iminente só porque já estava sendo sussurrado entre a população. Não era segredo. Mas então, como o vampiro tinha deixado claro, a confiança era conquistada. Galen esperava nada menos. — Ele vai ter espiões no território de Raphael, no Refúgio e por fora.

— Claro. Assim mantenha seus olhos abertos.

Os olhos de Galen estavam totalmente abertos naquela tarde enquanto voava sobre os edifícios brancos reluzentes que abraçavam a paisagem da escarpada montanha da fortaleza, depois de ter seguido Jessamy para uma casa pequena na borda mais distante do território do Refúgio de Raphael. Para uma mulher que era tão amada por crianças e adultos tanto pelo que ele tinha aprendido hoje, ela escolheu viver em relativo isolamento. Sua casa era separada dos outros por um muro irregular de pedra, e acessível apenas a partir do ar, ou ao longo de uma única trilha estreita.

Descendo para pousar na frente do quintal pavimentado com ladrilhos de cinza azul e delicado espumante, as painéis de barro ao longo dos lados repletos de flores da intrépida montanha em branco, amarelo, vermelho e índigo, ele teve a sensação de ser uma grande besta pesada enquanto dobrava suas asas perfeitamente à sua volta. Mas sentir-se fora do lugar não foi suficiente para detê-lo em sua busca por esse anjo com sua beleza requintada, e os olhos densos de segredos.

Quanto ao aspecto físico—ele não podia mentir. Ele era um homem com apetites crus e Jessamy falou com cada um. Tinha sido uma necessidade egoísta que o levou a fazer a pergunta que a tinha irritado. Ele queria ter certeza de que ela não iria quebrar sob a força do seu toque. Alguns poderiam dizer que ele estava sendo presunçoso ao supor que ela sequer permitir-lhe a cortejá-la, muito menos acariciar aquela pele cremosa com as mãos ásperas e endurecidas constante de armas trabalho, mas Galen não acreditava em ir para a batalha sem a intenção de ganhar.

Avançando em direção à porta aberta, ele estava prestes a chamar o nome dela quando ouviu algo estalar, seguido de um grito feminino aterrorizado. Frio esfriando as brasas no seu sangue, ele correu para dentro, tirando a sua espada enquanto ele entrava. O barulho tinha se originado na parte de trás da casa e quando ele sentiu o tapa do vento sobre o corpo dele, ele sabia que a porta do outro lado estava aberta para a queda íngreme abaixo, uma queda forrada com picos brutais de pedra.

Não teria significado nada se tivesse sido outro anjo... mas Jessamy não podia voar.

3

Ele entrou para ver a luta dela com uma sombria onda de determinação contra um vampiro que a tinha apoiada quase no vazio da porta aberta escancarada, gotas de vermelho escuro correndo ao lado de seu rosto.

Uma raiva súbita e fria.

Rugindo um grito de batalha, ele pulou e atacou o agressor dela para jogá-lo na parede tão forte que fez algo nele quebrar com um estalo audível. Ele agarrou Jessamy com o outro braço no mesmo movimento e chutou a porta fechada. — Fique, — ele ordenou, colocando-a em uma mesa e puxando para fora a sua espada quando sentiu o movimento de ar em suas costas.

Dentes arreganhados, um dos ossos do ombro perfurou através de sua camisa e brilhava um branco enfraquecido no ar, o vampiro gritou em desafio sangrento e cortou uma linha de fogo pelo peito de Galen com uma pesada faca de caça. Galen ignorou o corte e a cabeça do outro homem estava então saindo de seu pescoço para pousar no chão com um baque úmido no instante seguinte, o sangue jorrando para pulverizar a parede enquanto o corpo do homem tinha espasmos antes de entrar em colapso.

Droga.

Jessamy provavelmente iria fazê-lo limpar isso, ele pensou, vendo o cadáver que continuava a se contorcer. Os vampiros eram quase-imortais, mas—independentemente dos movimentos esporádicos do corpo—eles não poderiam sobreviver a decaptação. Ainda assim, ele tornou a morte certa andando por cima e empurrando sua espada através do coração do vampiro morto, cortando-o em pequenos pedaços dentro de seu peito.

Só então ele se virou para a mulher que estava na mesa, rosto branco e olhos enormes. Tendo limpado a espada na roupa do vampiro, ele deslizou na bainha em suas costas e atravessou a distância entre eles para colocar as mãos em cada lado do corpo da pequena Jessamy. — Olhe para mim.

Olhos castanhos nervosos encontraram os dele. — Você tem sangue em você.

Amaldiçoando interiormente a evidência de violência cruel, a violência que era parte integrante de sua vida, mas sem dúvida uma estranha para ela, ele a teria atraído para cuidar dela—mas ela tirou algum tipo de lenço de seda ao redor de sua cintura e começou a limpar o rosto dele. Aquilo carregava seu perfume.

Bloqueando seus músculos, ele ficou no lugar. Seus olhos caíram para a graciosa curva do pescoço dela e as tiras que seguravam o corpete de seu vestido, o nó amarrado

em sua nuca, flâmulas de tecido caindo graciosamente pelas costas. Uma única gota de sangue manchava o azul, mas seu vestido havia escapado de outra forma do dano.

— Pronto? — ele perguntou quando ela deixou cair sua mão, levantando a sua própria ao mesmo tempo para angular o rosto dela para a luz para que ele pudesse examinar o corte em sua têmpora. Já se curando. Bom. Mas ele pegou emprestado o seu lenço para limpar as manchas de vermelho que enfureciam ele, o cheiro de seu sangue um fio vivo, apesar da carnificina.

Pegando o pano quando ele devolveu, ela estendeu a mão para percorrê-la sobre seu peito. — Você tem alguma camisa?

Apreciando o toque macio muito ao contrário do toque dos outros guerreiros que poderiam ter costurado lesões perigosas nas batalhas para que ele pudesse continuar a lutar, ele disse, — Sim. Para ocasiões formais. — Embora na corte de Titus, mesmo naquelas ocasiões não tinha sido necessária muitas vezes o uso de uma camisa.

Jessamy riu... logo antes de seu rosto se escolher. Reunindo-a em seus braços, ele acariciou uma mão sobre suas costas enquanto ela envolveu seus próprios braços em volta do pescoço dele e soluçou. Ele teve o cuidado de evitar a área sensível onde suas asas nasciam de suas costas, as penas lá um magenta, rico e evocativo que desaparecia no corado, então no puro creme no corpo de suas asas. Roubar essa intimidade seria desvalorizar o seu valor, ele iria esperar até que Jessamy o convidasse ao toque.

Sua respiração, áspera e quente, tocou em sua pele enquanto ela tentava se aproximar ainda mais. Cutucando o seu caminho entre os joelhos dela, as saias gossamer¹⁶ de seu vestido se encolheram ao redor deles, ele a embalou apertada. Tão esguio era o seu corpo, tão terrivelmente frágil. Mas não ósseo, ele agora percebia, por toda a aparência dela de magreza dolorosa. Era como se o seu próprio quadril fosse tão fino que a carne sobre ele só precisava ser a mais gentil das camadas. Havia uma graça sensual nela, requintada e bonita.

— Ele não pode te machucar agora, — disse ele em seu ouvido quando os soluços se acalmaram, seu cabelo macio como pêlo debaixo da sua mão, contra o seu rosto.

Uma respiração soluçada antes de ela sentar-se de novo, puxando a dignidade em torno de si mesma como um escudo. — Obrigada. — Olhando para baixo, ela corou pela forma em que seus joelhos se espalhavam em cada lado de suas coxas.

Ele se afastou para que ela pudesse fechar as pernas, arrumar suas saias. Bárbaro ou não, ele entendia que, como um guerreiro precisava de sua arma, Jessamy necessitava do seu orgulho. — Quem era ele?

¹⁶ Um tipo de tecido

— Eu não sei, — ela disse, enxugando as lágrimas até que seu rosto não tinha nenhuma evidência da tempestade emocional que acabara de passar. — Ele entrou na casa enquanto eu estava na cozinha, eu pensei que era um dos meus alunos. Eles sabem bater, mas os menores às vezes se esquecem.

— Ele disse alguma coisa?

— Que eu sabia demais, — disse Jessamy, obrigando-se a voltar para o pesadelo. — Eles não podiam correr o risco. — O vampiro tinha caído sobre ela antes que ela percebesse a importação de suas palavras. Impulsionada pelo instinto, ela conseguiu cortar ele com a pequena faca em sua mão antes de ele bater a cabeça contra a borda da porta, ele tinha aberto um rasgo, ofuscando-a o suficiente que ele quase conseguiu empurrá-la para fora, nas rochas implacáveis abaixo.

Jessamy tinha mais de dois mil anos, e, embora não fosse a mais forte de sua espécie, ela não estava em forma fraca — a queda não a teria matado, mas a teria quebrado em tantos pedaços que ela teria levado anos, talvez uma década, para se recuperar. Nesse ínterim, ela teria ficado muda e parada como se estivesse morta. Muito tempo para quem não queria que os seus planos expostos para trazê-los à fruição. — Você me salvou de uma dor terrível.

Mesmo enquanto falava, ela esperou que Galen fosse repreendê-la por sua residência ser em um penhasco, quando ela não podia voar. Como poderia explicar-lhe que ela tinha a fome perfurante em sua alma pelo céu, como seus irmãos, a mesma necessidade de voar? Sua casa estava tão perto como se ela pudesse chegar às nuvens. No entanto, a recriminação esperada não veio deste guerreiro que tinha acariciado-a com as mãos surpreendentemente suaves, a voz baixa e profunda contra sua orelha. Em vez disso, ele franziu a testa, sua atenção em seu agressor. Quando ele se afastou da mesa, ela teve que morder o lábio inferior para impedir-se de implorar a ele para ficar.

A crueza da sua necessidade a embalou. Ela tinha estado sozinha por décadas antes mesmo que ela atingisse a marca de cem anos o que constituía a idade adulta entre os anjos. Era muito incomum para um anjo pedir a emancipação como um adolescente, mas a presença constante da culpa da sua mãe tinha sido uma mortalha que ameaçava sufocar Jessamy. Keir tinha falado com Caliane por ela — em cuja seção do Refúgio ela tinha nascido, convencendo o arcanjo que Jessamy era madura o suficiente para tomar conta de si mesma.

Ao longo dos anos, a sua solidão havia se tornado algo que ela abraçou, como uma grande parte dela como sua asa torcida e olhos castanhos. Mas, hoje, ela não queria nada mais do que ser abraçada, ser protegida pelo grande estranho que agora estava indo até os bolsos do seu agressor com eficiência sombria. Ela deveria ter saltado de onde ele a colocou, ordenando-lhe que ela "ficasse" como se ela fosse um animal de estimação ou um saco de batatas, mas a verdade era que ela não tinha certeza de que suas pernas a suportariam.

— O que você encontrou? — Ela perguntou quando ele retirou algo do bolso do vampiro.

Levantando-se, ele caminhou até entregá-la o pedaço de papel. Ela abriu, sentiu seu batimento cardíaco estremecer. — É uma hora e um lugar. Minha casa, a esta hora do dia— eu muitas vezes venho para casa para comer alguma coisa antes de ir para a biblioteca para trabalhar. — Isso acontecia nas manhãs que ela normalmente ensinava, embora ela tenha, por vezes, mudado as lições para a tarde, especialmente quando os dias nasciam escuros e frios. As crianças nunca queriam acordar.

— Então, — disse Galen, flexionando o ombro enquanto ele colocava uma mão sobre a mesa, ao lado de seu quadril, o calor primordial desconhecido dele, mas não indesejado, — alguém ou sabia, ou observou-a tempo suficiente para conhecer os seus padrões.

Seus olhos pousaram no corpo do vampiro morto. — Que desperdício.

— Ele fez a escolha dele. — Com essas palavras impiedosas, Galen olhou para o corpo de novo, na parede manchada de vermelho escuro congelando. — Eu vou limpar isso, mas, primeiro, tenho de informar Dimitri. Vamos voar até ele.

— Não. — Ela empurrou seus ombros quando ele foi pegá-la em seus braços.

A carranca de Galen tornou o verde pálido de seus olhos em mares tempestuosos. — Eu não vou deixá-la.

— Não é isso. — Sua resistência a ser carregada para voar teve sua gênese na agonia de uma realização que ela tinha há muito tempo, que cada gosto do céu só aprofundava a contusão de sua perda. Nem mesmo o melhor dos amigos jamais poderia levá-la para voar por quanto tempo ela achasse necessário. — Eu não vôo com ninguém.

— Eu não vou deixar você aqui sozinha. — A voz profunda, uma parede inflexível de músculos.

— Eu vou ficar bem. — Seus olhos patinaram longe da ruína sangrenta do cadáver. Combatendo a bÍlis queimando sua garganta, ela disse: — Eu vou esperar no jardim da frente.

Galen bufou, colocou as mãos na cintura, e pegou-a para que então seus dedos dos pés ficassem pendurados acima do solo. Agarrando seus ombros, o calor dele queimando as palmas das mãos, ela disse: — O que você está fazendo? — A voz ofegante.

Ele respondeu carregando-a para fora da cozinha—para seu silencioso obrigada—e para o pátio pavimentado que ela havia cercado usando vasos coloridos que se derramavam em uma cascata de flores silvestres. Onde ele finalmente colocou-a em seus pés e olhou. — Espere.

— Fique. Espere, — ela murmurou para as costas largas dele quando ele caminhou para dentro, fazendo seu melhor para ser insultada — mas a verdade era que ele não tinha apenas a salvado de uma agonia inimaginável; ele tinha feito ela se sentir segura o suficiente para que ela chorasse... e então ele segurou-a com uma ternura doce, áspera. A raiva não era o sentimento dominante que ela sentia por Galen.

Quando ele voltou com suas sandálias e se apoiou em um joelho para deslizar-las para seus pés, suas asas de um cinza escuro rico contra as pedras da calçada, ela começou a dizer que ela poderia fazer isso sozinha. Mas Galen, como ela já havia começado a aprender, era uma força irresistível quando ele queria alguma coisa, e ele tinha os pés dela nas sandálias momentos depois, a pele de suas mãos calejadas, o contato íntimo de uma forma que fez seu abdômen cerrar. Levantando-se, pegou a mão dela, colocando-o em sua própria.

— Vem.

Ela não quebrou a segurança de propriedade, vestígios do terror que sentiu enquanto ela lutava para não ser jogada para dentro das mandíbulas serrilhadas do desfiladeiro continuava a sussurrar frio e oleoso em suas veias. — Minha vizinha mais próxima, Alia, é por ali. — Ela apontou para o caminho estreito entre as rochas à frente. — Eu vou ficar com ela, enquanto você busca Dimitri.

Galen teceu seus dedos quentes e fortes com os dela, espalhando uma asa protetora atrás dela, ao mesmo tempo, as penas que compunham as estrias brancas brilhantes com fios escondidos de ouro branco.

Lindo.

Galen falou sobre o topo do seu pensante devaneio. — O seu pai a levava voar?

Dor torceu através de seu coração e ela intensificou seu ritmo em um esforço inútil para superar a questão. — Não me pergunte essas coisas.

— Eu deveria simplesmente ignorar o fato de que sua asa está torcida?

— Titus tem modos, — disse ela, enfurecida com a facilidade com que ele perfurou na mais antiga, mais dolorosa das feridas que marcaram ela. — Por que você não tem?

A asa de Galen roçou suas costas, pesada e quente, mas suas palavras foram impiedosas. — Eu acho que as pessoas daqui andam na ponta dos pés em torno de você sobre o assunto da sua asa, e você permite que façam isso.

Tentar puxar sua mão da dele era como tentar removê-la de uma rocha sólida. — Eu posso andar o resto do caminho por conta própria. — A casa de sua vizinha estava agora à vista. — Vai, informar Dimitri.

Em vez de obedecer, ele continuou a andar e ela teve que se mover com ele ou arriscar ser arrastada. — Eu pensei que você tinha mais coragem do que isso, Jessamy.

Ela queria bater nele. Chutá-lo. Machucá-lo. O desejo era tão diferente do que ela era que ela se forçou a dar um passo mental de volta, tomar em uma profunda respirada o ar fresco da montanha. — Eu tenho mais coragem do que você jamais vai entender, — disse ela quando eles chegaram a uma parada na frente da casa de Alia, suas costas duras com orgulho.

Como ele se atreve dizer isso para mim? Como ele se atreve?

Desta vez, quando ela puxou, ele soltou sua mão, e ela fez seu caminho para a porta. Sua coluna sentiu-se presa por ela saber que ele tinha uma visão tão perfeita da asa que tinha imposto coragem nela quando a maioria dos anjos eram bebês risonhos, mas ela não vacilou, não hesitou. E ela não olhou para trás.

Dimitri olhou para o corpo, depois para o respingado vermelho-escuro de sangue na parede. — Como está Jessamy?

— Bem. — Tão zangada com ele que seus ossos tinham cortado fortemente contra a pele polvilhada a ouro que ele queria provar com a boca, o impulso primitivo. Tão primitivo quanto o desejo que ele tinha de varrer com a mão a extensão exuberante de suas asas, a suavidade de suas penas, uma requintada tentação—até que ele pegasse uma pena sedosa de sua casa, escondida com cuidado na palma da mão. — Uma vez que o choque do ataque passar, ela vai querer saber a razão por trás disso.

— Essa é a questão, não é? — Dimitri focado no rosto do vampiro morto. — Ele não é um de Raphael, mas alguém vai reconhecê-lo. Eu vou fazer um esboço ser divulgado.

Galen assentiu, andou para fora com Dimitri. — Jessamy vai querer voltar para sua casa. — Desde a cachoeira de flores, a cor creme densa dos tapetes, até os desenhos das crianças emoldurados e pendurados com cuidado, esse lugar carregava a marca dela—uma mulher não se afasta facilmente de um lugar no qual ela tornou tanto seu. — Eu prometi a ela que eu ia limpar tudo.

— Eu vou cuidar disso, mas não vai estar pronto para ela até amanhã. — Os olhos escuros se ligaram em Galen. — Ela precisa de um vigia sobre ela.

— Sim. — Não havia necessidade de voluntários para a tarefa quando ambos sabiam que ele não permitiria outro guerreiro perto dela quando ela estava tão vulnerável. — Você não tem medo que eu poderia estar por trás de tudo isso? — Ele era o elemento desconhecido, o estranho.

— Não. — A única palavra resoluta. — Você não é o tipo de homem que atacaria a uma mulher vulnerável. E, — o vampiro acrescentou, — se você tivesse orquestrado isso, ela não estaria mais respirando—ela estaria despedaçada, pedaços sangrentos na parede do desfiladeiro.

Galen se encolheu interiormente, mas Dimitri estava certo em ambos os casos. — Eu vou me certificar que ninguém a alcance. — Quer ela gostasse da sua proteção ou não.

4

O pôr do sol sussurrando no horizonte quando ele retornou para Jessamy, uma pequena bolsa com suas coisas na mão. — Meu castelo, — ele sugeriu, — seria o lugar mais seguro para você. — A abertura de seu ambiente atual fazia a parte de trás de seu pescoço coçar.

Balançando sua cabeça, no entanto ela disse. — Alia já tinha me oferecido um quarto.

— Ela tem um filho. — Ele tinha vislumbrando os brinquedos espalhados no telhado, onde um anjo jovem curioso podia escolher para brincar. Compreensão correu rápida e escura cruzando o rosto de Jessamy, se infiltrando nos profundos olhos marrons dela. — Sim, é claro. Eu nunca colocaria uma criança em perigo.

— Os adultos são jogo justo?

Ela respirou, segurando uma mão serrada em seu abdômen. — Você realmente acredita que haverá outro atentado contra minha vida? — Foi uma expressão quanto uma pergunta, mas ela sabia que ela já estava ciente da provável resposta. Suas próximas palavras confirmaram isso. — Há uma pequena sala na biblioteca equipada com uma cama. Eu posso ficar lá.

Ele deu um curto assentir. — Muito bem.

Jessamy não confiou no acordo imediato de Galen, mas ele não empurrou para mudar de ideia quando ele a acompanhou de volta a biblioteca, um silêncio, a presença ao seu lado pronta para a batalha. Seu olhar manteve-se em cada pequeno detalhe ao seu redor até que sua vigilância protetora estava pulsando contra a sua pele.

— Veja, — ela disse quando eles alcançaram a sala na biblioteca, seu peito, como se sua respiração tivesse sido roubada. — sem grandes janelas e somente uma porta. — Ninguém seria capaz de chegar a ela uma vez que ela trancasse aquela porta do outro lado.

Dando um silencioso assentir em seguida verificando as paredes para garantir sua espessura e estabilidade, ele a permitiu fechar a porta atrás dele. Tremendo, ela caiu na cama estreita que significava para os estudiosos que queriam encontrar um pouco de descanso. Tinha sido o prolongado choque do ataque, ela pensou. Ela era tão velha e tão sensível para reagir com essa estranha mistura de medo e alegria por causa daquele homem. Especialmente um homem que tinha deixado ela praticamente cega com a raiva não muito tempo atrás.

Aliviada com a explicação, ela pegou um livro da mesa do outro lado da cama, abrindo-o na primeira página. Foi uma fração de momento mais tarde que ela ouviu o raspar da bota de Galen enquanto ele se movia do outro lado e percebeu tardiamente que ele pretendia ficar com ela através da noite. Porque essa era a única forma de proteger alguém nessa sala – a biblioteca tinha muitas saídas e entradas para ele vigiar de qualquer outra localização.

Ela sabia que ele não sofreria danos. Ele era um anjo. Um poderoso, independente de sua idade—alguns anjos nunca aumentavam seu poder depois de alcançarem a idade adulta, enquanto outros, como Jessamy, ganhavam-na de forma incremental. Galen, pelo contrário, era um daqueles que estava aumentando em grandes volumes, parte da razão pela qual ele tornou-se um bom candidato para ser uma arma mestre para os arcanjos—uma noite em pé sem dormir não custaria nada a ele. Ainda assim a culpa retorceu-se dentro dela, uma dura lâmina. Ele tinha salvado sua vida, sangrado por ela, ela estava sendo infantil sobre compartilhar seus aposentos, onde ele podia descansar melhor, porque ela nunca tinha vivido com um homem em qualquer sentido.

Mais de dois milênios, e ela tinha permanecido sem um homem tão perto.

Não tinha sido uma escolha no começo. Tinha simplesmente acontecido. Ela era tímida e autoconsciente sobre sua asa disforme, tinha se escondido na biblioteca. Mais tarde, quando ela tinha adquirido confiança o suficiente em suas habilidades para andar mais alto, ela tinha sido abordada. Não havia muitos é claro, mas havia o bastante que tinha sido mais do que uma única opção.

Na época, jovem e ainda insuportavelmente sensível sobre sua asa apesar de sua confiança exterior, ela acreditava que os homens a tinham convidado por pena, que cada um faria o papel de pretendente apenas tempo suficiente para aliviar sua consciência. Então ela tinha repudiado eles antes que eles pudessem fazer o mesmo com ela. Ela sabia que ela estava certa sobre as motivações de pelo menos um daqueles que tinha tentado cortejá-la. Mas os outros... talvez ela estivesse errada. Mas uma coisa era indiscutível – em breve se tornaria “conhecido” que Jessamy preferia sua paz, que ela era uma estudiosa e professora. Todo mundo tinha esquecido que ela era também uma mulher, com esperanças e sonhos de um companheiro, uma família, uma casa que não fosse sempre tão silenciosa quando a noite caía em um suave sussurro. Ela tinha tentado muito duro esquecer a verdade de si mesma porque isso machucava muito menos.

— *Eu acho que você tem mais coragem do que isso, Jessamy.*

Suas unhas cortaram sua palma. Odiando sua vida naquele momento, uma vida que ela tinha construído tijolo por tijolo, até que ela tinha sepultado a si mesma, ela levantou, pegando a pequena bolsa que Galen tinha empacotado suas coisas—com uma inesperada, desconcertante coisa que ele fez—e puxou a porta aberta. — Sua casa, — ela disse, antes que sua coragem a abandonasse, — seria mais fácil para vigiar?

Galen deu um pequeno assentir, o vermelho puro de seu cabelo deslizando sobre a testa antes que ele empurrasse para trás com uma mão impaciente. — É uma parede no desfiladeiro. Sem entradas. Sem andares.

Então ela teria que permitir a ele voar com ela para baixo em seus braços.

Continuando a observá-la, Galen adicionou. — Não é muito distante, — o mar selvagem de seus olhos disseram a ela que ele viu muito mais. — Um batimento cardíaco ou dois para voar.

Suor caiu por sua espinha e ela teve que engolir antes que ela pudesse pronunciar as palavras num som de raspagem grosso. — Tudo bem.

Galen não disse nada até que eles estivessem na beira do penhasco com a visão do magnífico perigo do desfiladeiro. — Segure-se, — ele murmurou, pegando-a e colocando-a contra ele um braço apoiado em suas costas, a outra sob suas coxas, — e pense em todas as palavras ruins que você sabe e quer chamar-me.

Prazer surpreendente encheu todo seu riso... apenas quando ele saiu do penhasco e inclinou-se em direção a sua casa, suas asas uma criação surpreendente de luz e sombras sobre elas. O vento puxou seu vestido, brincando com seu cabelo, tinha seu estômago caído para a quantidade infinitesimal de tempo que eles estavam no ar. Quando eles pousaram, ela olhou para cima com seus lábios ainda curvados para encontrar Galen olhando para baixo para ela, um lento sorriso desenhado em seu rosto. — Você não está com medo.

— O que? — Soltando sua bolsa no chão, ela esperou que ele a soltasse—mesmo quando ela mal resistia à urgência para usar sua proximidade para empurrar seu cabelo para trás dele, os fios uma vez mais escovando seus cílios. — Não. Não é essa a razão para eu não voar.

Galen continuou a examiná-la com aqueles olhos de gelo e primaveira, até que ela tivesse a resposta, para confessar um segredo tão terrível e profundo, ela nunca tinha antes falado isso para ninguém, nem mesmo para Keir, que a tinha conhecido há milênios. — É por essa razão que eu quero muito isso.

Vulnerabilidade bateu nela na esteira da confissão, um soco no estômago que a teria amassado se ela não tivesse sido amparada em um braço aquecido, forjado a ferro. — Solte-me. — Ela não podia suportar ver a pena que marcava as duras linhas de seu rosto.

— Desde que eu já sei o teu segredo, — Galen disse antes, esfregando seu queixo contra seu cabelo, — você quer ir voar?

O coração de Jessamy parou. — Só faria a fome pior, — ela sussurrou, levantando a mão para alisar atrás aquele grosso, sedoso cabelo da cor do brilhante coração da montanha ao por do sol.

— Eu posso voar por horas sem vacilar. — Ele a colocou mais perto, o vento batendo nele queimava sua pele, infundindo seu sangue. — E, — ele murmurou, mantendo seu olhar, — você estará mais segura no ar do que em qualquer outro lugar.

Isso a aterrorizou, o que ele estava oferecendo. Não apenas suas asas... mas a emoção fundida que ele não fez nenhum esforço pra esconder. Não tinha nada haver com pena. — Galen.

Inclinando sua cabeça, ele falou tão perto, era quase um beijo, seus lábios apenas um sopro dos dela própria. — Segure-se firme. — E então ele deu um passo para trás fora da borda de sua casa.

Ela gritou quando ele caiu fora, e isso foi metade prazer, metade choque de surpresa. — Eu não quis dizer, 'sim'! — seus braços travados ao redor de seu pescoço.

Fingindo não escutar, ele mergulhou e espiralou abaixo da mássica parede do mesmo desfiladeiro que tinha enviado terror dentro de suas veias mais cedo naquele dia. Não agora. Não com o aperto inquebrável de Galen. Uma estonteante emoção correu através de seu sangue e ela encontrou a si mesma rindo de novo. Ele era como um de seus pupilos, ignorando-a na esperança que ela esquecesse a reprovação que ela tinha exprimido que ia dar.

E nisto, ele estava provavelmente certo — por que Galen podia voar.

Depois voou para baixo até que eles estavam varrendo apenas um pouco acima do rugido do rio, ele deslizou ao longo da água. O spray beijou seus pés descalços, seu rosto, e ela esfregou seu rosto contra seu pescoço em espontâneo afeto. Mergulhando sua cabeça, ele deu a ela o mais frenético sorriso antes de voar para cima e para cima e mais alto até que eles estivessem alto no algodão não substancial das nuvens, o espumante mineral salpicava os edifícios do Refúgio escondido atrás das montanhas extensas que eram uma barreira natural impenetrável para aqueles sem asas, a terra abaixo uma selvagem tapeçaria que ela tinha visto pela última vez há muito tempo atrás, quando ela era criança... e seu pai tinha carregado-a dentro do céu.

— Obrigada, Pai.

— Você é meu bebê, Jessamy. Eu faria tudo para ouvir você rir, ver esse bonito sorriso.

Seu pai a amava. Como sua mãe. Mas sempre havia tanta tristeza atrás de sua expressão feliz quando eles retornavam a terra, até que Jessamy não podia mais suportar isso. Então ela tinha aterrado a si mesma. Sua decisão tinha sido enfrentada com tristeza, mas isso tinha passado. Às vezes, por agora, seus pais eram capazes de esquecer sua deficiência, e tratavam ela simplesmente como sua filha, estimada e com resultados que faziam eles brilharem com orgulho.

Uma folha de luz brilhante espalhou as sombrias memórias como seixos de joias.

Ela olhou para baixo para ver o lago um espelho perfeito refletindo o por do sol em toda sua devastadora glória, a água um caldeirão de fogo, o céu um lambar de chamas.

Lábios roçaram sua orelha, uma quente respiração. — Você quer aterrissar?

Ela balançou sua cabeça, nunca esperando tocar a terra novamente. Mergulhando para baixo para navegar num vento preguiçoso, Galen os levou para mais longe, até que ela estivesse viajando sobre áreas que ela nunca tinha visto com seus próprios olhos, somente ouvido dos outros. Sua alma absorveu ao máximo a visão, a sensação—o ar crispando contra suas bochechas, o vento brincalhão—chão árido finalmente tinha sua sede apaziguada. A beleza e grandeza disso roubaram sua respiração, e Galen ainda voou, mostrando a ela maravilha após maravilha, suas asas incansáveis. Não havia luz no céu, as estrelas brilhando como pedras preciosas lapidadas aéreas quando ela suspirou, tão mais cheia de alegria que mais uma gota a faria estourar. — Sim. Nós podemos ir para casa agora. — Lampiões de ouro brilhavam nus em poucas janelas quando Galen voou de volta para sua casa, o calmo Refúgio, seu batimento cardíaco estável.

Pousando, ele colocou-a de pé. Ela o agarrou e as pernas vacilaram, a sensação de seu grande corpo já não tão estranho e intimidador—embora isso tenha sido uma mentira da mais alta ordem para dizer que ele não a afetava. Não havia uma única parte de seu próprio corpo que não estivesse acordada pela respiração dele, todos seus movimentos. — Obrigada, — ela sussurrou, mãos ainda estendidas no peito masculino que ela queria afagar e acariciar. Ele balançou sua cabeça, recusando sua gratidão. — Eu quero meu pagamento.

Foi a última coisa que ela tinha esperado ouvir. — O que? — Sua pele, estava tão quente, ela queria esfregar-se contra ele como um gato.

— Pelo voo, — ele disse, puxando-a mais perto com suas mãos nela. — Eu quero meu pagamento.

Duro, ele era construindo tão duro e forte. — Se eu recusar? — estava tornando-se difícil falar, respirar. Um lento sorriso que suavizou a brutalidade das linhas masculinas de seu rosto. — Não recuse, Jessamy.

Um murmúrio de persuasão a envolveu em inquebrável vínculo, a vibração de suas palavras um estrondo contra sua palma. Assustada, ela afastou as mãos que tinham voltado acariciar sobre a resistente força dele, mas ele não a deixou ir. — Um beijo, — ele disse em uma baixa, profunda voz que parecia como a mais decadente seda sobre sua pele. Um pouco áspera... no entanto oh tão requintada. — Apenas um.

Como se ela estivesse encantada pela sua voz, levou um momento para suas palavras penetrarem. Choque, dor, raiva, tudo rugiu para a superfície. — Eu não preciso de sua pena. — Ela puxou suas mãos. Ele não se moveu.

— Solte-me.

— É um insulto você não me dar, Jessamy. — Seu tom era um que ela nunca tinha ouvido dele. — Mas desde que eu feri você mais cedo, nos declararei quites. — Com isso, ele deixou-a ir e entrar na casa, esperando somente que ela fosse para dentro acender a luz, e puxou a pesada porta de madeira fechada.

Parado ali observando ele mover-se ao redor da sala com graça muscular, acendendo outras lanternas até a casa brilhar com calor, a pele e o cabelo dourado de Galen, ela sabia que, conduzida por um instinto de autoproteção que tinha se tornado uma segunda pele, ela tinha se comportado mal. Galen quis dizer o que ele disse e disse o que ele significava. Ela não tinha o direito de julgá-lo de encontro ao exemplo dado pelos mais fracos, homens sem valor.

Mãos apertando a alça de sua bolsa, ela tentou pensar em como fazer as pazes, não conseguia calar-se para encontrar palavras, estabelecer-se para ver se ele estava muito zangado para falar com ele. — Você não tem muitas coisas. — O banco a sua esquerda, uma pequena mesa, um tapete espesso com almofadas de aspecto confortável num canto das pedras polidas no chão.

— Eu preciso de pouco, — ele disse, sem frieza no seu tom. — Mas há uma cama por lá. — Ele acendeu mais lâmpadas enquanto ele acenou com a cabeça a parte de trás da casa. Aproximando-se, ela viu o “quarto” que era no outro canto da única sala, mas uma com uma pesada cortina que podia ser puxada de um lado a outro por privacidade. A cama era tão grande, como se convinha a alguém do tamanho de Galen.

— Eu estou tomando sua cama, — ela disse, um estranho desconforto em seu sangue que não tinha nada haver com o roubo de seu descanso.

Ele deu de ombros. — Eu não tinha planos de dormir. — Deixando-a ao lado da cama, ele caminhou de volta para a sala de estar, e deslizou sua espada e chicote. O movimento do couro em meio a sua pele bronzeada capturou seu olhar, segurando-o, o movimento dos músculos sob ele—

Enrubescendo quando ele olhou para cima e pegou-a olhando, ela puxou a cortina fechada e, chutou suas sandálias, sentou-se na cama. Ela não podia recordar-se de ter reagido de tal forma a um homem, até que ela não soubesse quem era ela mais, essa mulher que foi dominada pela emoção nua, cujo sangue corria tão quente, cujas mãos ainda guardavam a marca impressa de um firme peito masculino.

Talvez ela pudesse sentir tanta necessidade quanto uma garota, mas ela não pensava isso. Naquela época, ela ainda estaria caminhando com sua cabeça abaixada, raiva e rasgada por uma inveja que tinha a feito sentir-se uma criatura odiosa.

Seu peito doeu.

Ela desejou que ela pudesse voltar para aquela solidão, autoconsciente garota que disse a ela que estaria tudo bem, que ela tinha construído uma vida para si mesmo que

daria a ela contentamento. Suas mãos em punhos. Não, talvez ela não desejasse voltar — o que a garota queria ouvir de “contentamento” quando ela sonhava por abrasadora alegria e ardente paixão?

Aquele desejo não tinha morrido tanto como sendo esmagado pelo peso da verdade. Oh, ela percebeu quando ela tinha ficado mais velha que ela podia encontrar um amor se ela também escolhesse alguém que ensinaria a ela os segredos que flertava nos olhos e nos lábios de outras mulheres, mas ela tinha também entendido que como qualquer relacionamento — mesmo se houvesse desejo verdadeiro envolvido — seria um temporário. Acabaria no instante que seu amante entendesse que ela estava ligada ao Refúgio.

Ao contrário dele, ela nunca poderia voar além das montanhas, nunca viveria do outro lado do mundo — porque os anjos não podiam ser vistos como fracos. Mortais tinham uma veneração pela raça angelical que os impedia de tentar a insurreição que só poderia terminar na morte de milhares. Um anjo tão imperfeito... sacudiria as fundações da veneração, levando a um derramamento de sangue como se os mortais pensassem ver nela uma verdade sobre a raça angelical que não existia. Jessamy era a única de uma espécie.

Melhor, ela tinha decidido a um longo tempo, muito melhor do que ela aliviar sua fome dolorida como ver o mundo através das páginas dos livros, do que incitar mortais dentro de um ato que mancharia o chão de vermelho escuro. Quanto a intimidade... sua mão apertou as folhas novamente, na cama de um anjo diferente de qualquer outro, um que atitava as coisas nela que não poderiam ser permitidas, não se ela fosse sobreviver ao milênio vindo.

Porque seu belo bárbaro, também voaria um dia para longe, deixando-a para trás. E ainda ela levantou puxando a cortina para o lado, e andou levemente de pés descalços para a sala de estar... onde Galen, não vestia nada além daquelas calças de um material marrom, suas asas mantidas fechadas em suas costas. Enquanto ela observava, ele abaixou, veias elevaram-se em seus braços enquanto seus músculos tensos, abaixavam, repetidas vezes.

— Você já é forte, — ela disse, seus olhos persistindo no feixe e lançaram-se de um descaradamente poderoso corpo que fez borboletas girarem em seu estômago. — Por que fazer isso?

— Um guerreiro que se considera o melhor, — ele disse, nunca pausando a sua ação, — é um tolo que logo será morto.

Uma resposta franca para um homem franco. Ele não era como os estudiosos com quem ela passava a maioria de seu tempo, não era sequer como os letais arcanjos. Raphael, com seu poder aperfeiçoado a um limite cruel, era tão diferente deste homem como ela era de um anjo como Michaela — as intrigas, governante inteligente de um pequeno território

cujo a força se tornou tão aguda, Jessamy tinha certeza que a deslumbrante imortal estava na iminência de se tornar do Cadre.

— Você devia descasar, — ele disse quando ela não replicou.

Ela fez uma careta. — Eu sou mais velha do que você, Galen. — Não importava se ela parecia frágil, ela podia ficar longos períodos sem dormir. — Talvez seja você o único que deve descansar depois deste esforço.

Um suave engate no ritmo de músculos e tendões, uma pequena pausa enquanto ele capturava seu olhar com olhos de algo raro, pedras preciosas que pareciam ver dentro de sua alma.

— Você está me convidando para cama Jessamy?

5

— Não. — Isso saiu um coaxar, e ela estava tão frustrada com ela mesma por deixá-lo provocá-la que ela disse: — Eu não sou uma criatura carnal, — suas palavras fizeram uma mentira pelo calor sonolento que permanecia em seu agora mesmo.

Empurrando para cima e para os seus pés em um movimento suave que desmentia a maior parte de seu corpo, Galen empurrou o cabelo para trás. Em seguida, ele deu um passo para frente. Outro. E outro. Até que ela pensou que ele iria apoiá-la contra a parede... mas ele parou com uma única respiração entre eles, o escuro, quente potente cheiro dele sobrecarregou seus sentidos. — Você tem certeza? — Estendendo a mão, ele passou a mão sobre o arco da sua asa direita, a realidade distorcida deixada escondida por trás da queda de cabelos.

— Mesmo na corte de Titus, — Disse ela, lutando contra o prazer torturante que ameaçava ondulando sobre a pele, — aquilo teria sido um ato inaceitável. — Era um toque permitido apenas para um amante.

Mãos ao seu lado, mais uma vez, ele levantou uma sobrancelha. — Se você não é uma criatura carnal, — um desafio: — isso não significa nada.

— A sensibilidade dessa região nasce, não só da base de impulsos. — Isso a assustou, o quanto ele a fez necessitar, como facilmente ele quebrou as defesas construídas ao longo da eternidade sem fim de sua existência. Ele não tinha a compreensão do que ele estava pedindo.

Dois mil e seiscentos anos, ela tinha estado sozinha e presa no Refúgio. Ela tinha que encontrar uma maneira de sobreviver, para se tornar mais do que um fantasma que permaneceu nas bordas da vida de outras pessoas. Ela fez-se—em alguém que era respeitado por adultos e amado pelas crianças que ela ensinou. Não era uma vida gloriosa, mas era uma vida muito melhor do que a existência dolorosa de sua juventude.

Para arriscar a pequena felicidade que tinha encontrado por saltar para o desconhecido, confiando que esse guerreiro, esse estranho que não era um estranho, ia pegar ela? Foi uma coisa terrível de se perguntar... mas mesmo enquanto ela pensou isso, ela sabia que poderia muito bem estar disposta a pagar o preço para ter a chance de conhecer Galen de corpo e alma. Porque este homem, ele não se limitou a olhá-la. Ele a viu.

— E ainda, — Disse ele, em resposta a seu argumento, quando ela tinha quase esquecido o que ela disse, — é uma carícia compartilhada entre os amantes da paz. — Com isso, ele caminhou até sentar-se no banco ao lado do qual ele deixou sua espada e, pegando a arma, começou a limpá-la com um pano macio.

Ela queria sacudi-lo, esta grande pedra de homem que pensava que estava certo em tudo. — Você acha que você ganhou? — *Você sabe o que está fazendo para mim, entende as rupturas que você está criando?*

Suaves, lentas batidas sobre o metal reluzente. — Eu acho que nós precisamos descobrir o que você sabe que é tão importante, que alguém iria buscar sua vida por isso.

O frio que ela quase conseguiu superar invadiu seus ossos novamente. Esfregando os braços, despidos pelo desenho de seu vestido simples, ela entrou na pequena área da cozinha e começou a abrir os armários. Se Galen cozinhava ou não, um dos anjos encarregados de manter o quartel dos guerreiros abastecido teria provido do necessário. Ela encontrou farinha, mel, manteiga em uma jarra de refrigeração. Um pouco mais de caça e tinha frutas secas e ovos. — Você tem madeira para o forno?

Galen se levantou em resposta, e caminhando para um canto oposto de onde ela estava na cabana, chegou a um cesto para trazer duas pequenas toras, que colocou no forno. Um pouco de estopa, e o fogo foi aceso, a porta fechada. Projetado para as cabanas, a fumaça do fogão iria desabafar na garganta, enquanto o calor permaneceria dentro. Anjos não sentem frio como mortais fazem, mas o calor era sempre bem-vindo nas montanhas.

Voltando a sua espada, Galen continuou a limpar a lâmina já antiga, mas ela podia senti-lo olhando para ela, a sensação quase de um toque físico. — O que você está fazendo? — O mais leve indício de alguma suave emoção.

Saudade?

Ela foi rejeitá-lo, hesitou. Ele tinha sido criado em uma corte guerreira—tinha aquele pequeno menino alguma vez feito um tratamento, ou ele tinha sido considerado um guerreiro em treinamento desde o berço, ensinado apenas disciplina e guerra? — Um bolo com frutas secas, — Disse ela, sacudindo a idéia, porque sua mãe com certeza esbanjou carinho com ele—se ela sabia de uma coisa, era que os anjos adoravam seus bebês. Jessamy pode não ser capaz de viver com a culpa de Rhoswen, mas ela nunca duvidou do amor de sua mãe.

— Seria melhor se a fruta tivesse encharcado durante a noite, — continuou ela, coração acalmando, — mas eu não quero esperar. — Pegando a chaleira em cima do fogão, ela derramou um pouco da água já quente nos damascos secos, bagas, e fatias de laranja. — E eu sei muitas coisas, Galen, — Disse ela, forçando-se para enfrentar o pesadelo, porque não ia desaparecer. — Eu sou a guardiã de nossas histórias. — Um milhão de fragmentos de tempo, mais, que existia dentro de sua mente.

Levantando-se para colocar a sua espada em um suporte na parede, Galen começou a se esticar lentamente no centro da sala, enquanto eles conversavam. Ela percebeu que ela o interrompeu antes, estava feliz, pois significava que ela poderia vê-lo agora. Não importa o que ela argumentou, o que ela sabia ser a escolha segura, ela era

uma mulher que sofria por algo que poderia quebrá-la para sempre... e ele era um homem bonito.

— Mas, — Disse ele, girando em um movimento que teve seu abdômen cerrando apertado, os filamentos de ouro branco em suas asas brilhantes à luz do lampião, — nós só precisamos prestar atenção ao que poderia influenciar algo importante no momento presente.

Concentre-se, Jessamy. — Há sempre milhares de pequenas políticas que acontecem entre os poderosos. — Ninguém que não estava imerso nesse mundo poderia compreender as profundezas labirínticas de alguns dos que se passaram. Que a fez pensar: — Se você está a ser a arma mestre de Rafael, você deve saber tudo isso. — Sucesso o levaria dela, do Refúgio, mas ela nunca iria ficar no caminho desta magnífica criatura.

— Dimitri sugeriu que eu viesse a você.

— Ele estava certo, — Disse ela, se perguntando se Galen tinha a personalidade de absorver o que ela tinha a dizer. Ela não cometeu o erro de pensar nele estúpido. Não, ela tinha falado com várias pessoas conhecedoras do território de Titus nas primeiras horas depois que ela sentiu pela primeira vez o impacto daqueles olhos que a fez lembrar-se de uma jóia incomum chamada heliodor, curiosos de uma forma que ela não tinha, então estava pronto para aceitar.

Um pouco de direção sutil e ela soube que Galen não era considerado apenas um mestre estrategista, mas um homem capaz de construir a lealdade e os principais exércitos em solo inimigo e sair vencedor. Titus estava furioso por ter perdido ele, embora Orios não estava—um verdadeiro elogio de um mestre de armas considerado o melhor do Cadre.

No entanto, a mente de Galen, a partir do que tinha aprendido dele, era um lugar de linhas cortadas limpas, de bons e maus, tons de cinza poucos e distantes entre si. Ele iria sangrar por aqueles que deram a sua lealdade e, uma vez dada, essa lealdade seria duradoura.

A mulher que ele tomasse como sua própria, nunca, nunca teria medo de traição.

Conscientemente relaxando seu controle sobre a colher de pau que ela estava usando para mexer a mistura, ela respirou fundo, mas ele falou antes que ela pudesse. — Nós não precisamos nos concentrar nas pequenas intrigas. — Ele abriu as asas, cruzou-as de volta em forma legível. — Deixando de lado quaisquer ligações pessoais que você tem com outros anjos, sua posição em si é considerada sagrada, dado o impacto que sua perda teria sobre as crianças—inimigos reunir-se-iam para vingar qualquer dano feito a você. Ao acaso de tal represália, as apostas devem ser altas.

Ela parou no processo de despejar a mistura dentro de um pequeno pote que era a única coisa que ela encontrou para assar dentro — Você está certo. — Ela tinha tanto

conhecimento dentro dela, às vezes ela se perdia dentro dele. — A agressão planejada de Alexandre contra Raphael é, sem dúvida, a coisa mais importante acontecendo no presente.

— No entanto, não é segredo, — Disse Galen, seus movimentos mostrando uma graça selvagem que ela não teria acreditado possível de um homem tão grande. — Então, se o seu conhecimento está ligado a Alexander, deve incidir sobre um aspecto oculto.

— Se assim for, o próprio Alexander pode não ter conhecimento do assalto planejado, — Disse ela, certa além de qualquer dúvida. — Ele consideraria um insulto ao seu orgulho me encurralar em minha casa de uma forma tão brutal. — Se Alexander a queria morta ou incapacitada, um de seus assassinos teria tranquilamente, tomado de forma eficiente o cuidado disso—ela nunca sentiria um instante de medo.

O aceno de Galen foi firme. — Concordo. Quem mais?

— Eu vou pensar sobre isso. — A explosão de calor do forno queimou sua pele quando ela abriu para colocar o pote dentro, mas era o calor tranquilo dentro dela que era o mais perigoso—porque *isso*, estar com Galen, falando com ele como se tivessem passado muitas noites fazendo o mesmo, era o tipo de intimidade emocional que ela desejava. — Alexander me surpreende com sua intransigência sobre Raphael. — Ser um arcanjo era ser Cadre. Era tão simples e tão imutável quanto isso. — Ele nunca antes foi razoável a este grau.

— Raphael é muito mais forte do que deveria ser para a sua idade, — Disse Galen, pegando capa da espada que ele tinha deixado no banco e pendurando-a. — Titus disse abertamente que ele tem o potencial de levar o Cadre.

— E Alexander considera esta a sua posição. — Enquanto o arcanjo *era* um grande líder, ele também tinha a arrogância de um ser antigo do poder, teria considerado qualquer sussurro um desafio.

— Mas, — Ela disse, despejando água quente para um chá depois que ela terminou de limpar-se, — não podemos descartar Lijuan. — O mais velho dos arcanjos após Alexander, Zhou Lijuan tinha cometido atrocidades que tinham gelado Jessamy para gravar no segredo das histórias que ela guardava de cada membro do Cadre. — Ela parece ter uma parcialidade por Raphael, mas suas intrigas são profundas.

— Seus soldados estão espalhados por todo o seu território, sem nenhuma indicação de que eles estão planejando acumular para um assalto.

Deixando o chá em infusão, ela olhou para cima, conforme Galen empurrou o cabelo para trás novamente. — Você precisa cortar isso.

— Eu queria fazer isso na noite passada. — Tirando a faca em seu cinto, ele cortou fora um pedaço.

— Galen!

Um olhar questionador.

Enfurecida, ela pegou a faca dele. — Sente-se antes de destruir todo esse cabelo glorioso. — A cor era tão vibrante, que parecia brilhar com a vida.

Ele obedeceu com suspeita mansidão, sem dizer uma palavra enquanto ela aparou o cabelo com cuidado. Foi só quando ela estava a meio caminho feito que ela percebeu que estava em pé no meio de suas coxas separadas, sua respiração aquecendo-a através do tecido fino do vestido. Um calor lânguido enrolando os dedos dos pés, ela terminou e deu um passo para trás. — Pronto, — ela disse, a voz rouca. — Você pode limpar.

Ele ficou em pé em vez disso, seu rosto todo em linhas duras, contundentes, seu corpo escovando o dela... e seu polegar esfregando o seu lábio inferior. O toque puxava em coisas apertadas e baixas em seu corpo, até que ela doía, sua respiração vindo em arfadas macias.

Galen se comportou por muito mais tempo do que ele se pensava capaz de se comportar onde Jessamy estava preocupada. Ele tinha voado com ela tão confiante e feliz em seus braços, imaginou ela dormindo em sua cama, e deleitou-se na presença dela, enquanto ela enchia sua cozinha com o calor. Levou toda a sua força de vontade para não colocar as mãos em seus quadris enquanto ela estava entre suas coxas, e derrubá-la em seu colo.

Agora...

Sua pele era delicada sob a aspereza da sua própria, a respiração doce, e seus lábios quando ele os alegou se separaram em um suspiro suave. A mão apertando em suas costas, ele forçou-se a não enfiar a língua em sua boca, para não pilhar. Parte dele estava esperando por ela para empurrá-lo, e quando ela não o fez, ele teve que lutar contra um rugido de satisfação selvagem. Em seu lugar, ele pressionou o queixo e inclinou sua boca mais completamente sobre a dela, seu pênis empurrando contra o tecido da calça e na curva suave de seu abdômen.

A vibração em seu peito, a mão magra espalhando sobre sua pele quando Jessamy subiu na ponta dos pés para acompanhar sua boca. Gemendo com a sensação de seus seios, altos, tensos esfregando sobre o peito, ele lambeu a língua pelos lábios, querendo saber que ele era bem-vindo antes dele varrer para devorar, para saborear. Suas unhas se cravaram em sua pele, uma pequena mordida que fez todo o seu corpo pulsar... antes dela o empurrar, virando a cabeça ao mesmo tempo.

Congelando, ele tirou a mão do rosto dela e deu um passo para trás, sem fazer nenhum esforço para esconder a saliência de sua excitação. — Devo me desculpar?

Jessamy deu-lhe um olhar incrédulo daqueles olhos castanhos manchados de prazer... Então ela riu, a cor vibrante dele enchendo sua cabana, afundando nos ossos. Mas o riso desapareceu entre uma respiração e outra, sua expressão traiu uma frieza dura antes dela piscar e ele foi confrontado com elegância quente de novo, tão gentil, tão impecável. — Eu sou a única que deveria pedir desculpas, — disse ela, ajeitando o vestido que não precisava ser ajeitado.

Seus olhos se estreitaram. — É porque eu não sou instruído?

— Não! — Ela estendeu a mão, deixou-a cair no meio do caminho. — Não, Galen. — Angústia escureceu seus olhos, fez seu rosto pálido.

Ali. A fraqueza, uma fenda em sua armadura, ele poderia usar para bater o seu caminho dentro. Exceto, por vezes, era melhor permitir que o seu adversário acreditasse que ela tinha ganhado. — Talvez eu não seja instruído, — Disse ele, rapidamente limpando a área onde ela tinha cortado o cabelo, — mas eu entendo que eu preciso saber o que você pode me ensinar. Você vai?

Jessamy não se sentiu tão confusa desde que ela era uma criança. — Eu—é claro, — Disse ela, a resposta instintiva. — Talvez à noite depois de ter você ter tomado conta de seus próprios alunos.

Um aceno. — Então, Alexander, talvez Lijuan. Qualquer outra pessoa que pode achar o seu conhecimento problemático?

Ela observou em silêncio enquanto ele caminhou para as almofadas na sala de estar e deitou com as mãos sob a cabeça, olhando para um teto que brilhava com os minerais incorporados na pedra. Apenas isso, ela pensou, raiva fervendo em suas veias, ele passou por um beijo que a havia despertado além da necessidade, além do querer. Uma lambida mais e ela teria lhe permitido desnudá-la empele, afagar essas grandes mãos em qualquer lugar e em qualquer lugar que quisesse, prende-la contra a parede de pedra, se ele assim o desejasse... exceto que parecia que apenas um deles tinha sido tão profundamente afetado.

Querendo sacudi-lo e beijar o caminho dela através de toda a amplitude musculosa de seu peito, ao mesmo tempo, suas emoções empurrando entre um extremo e outro, ela passou a tomar assento no banco, quando ele disse: — É mais confortável aqui, — em um baixo ronronar de um tom.

Foi um desafio, sem dúvida sobre isso.

Os ombros definiram e estreitou os olhos, cruzou a distância entre eles para pegar um assento contra a parede. Isso a colocou no canto, mas havia espaço mais que suficiente para que ela não se sentisse constrangida. Conforme o cheiro doce e picante do bolo encheu a cabana, ela manteve os olhos voltados para frente, em vez do homem ao lado dela.

— Há também Michaela, — Disse ela. A beleza da anja era uma lenda, tanto que cega as pessoas para seu capricho e o poder absoluto que ela carregava em seus ossos. — Se ela tem uma vulnerabilidade, ela pode não querer que ele conheça tão perto de sua entrada no Cadre. — Jessamy não conseguia pensar em nada que pudesse causar Michaela tal preocupação, mas ela iria pesquisar seus arquivos quando o dia clareasse. — Há uma falha em sua teoria.

A sensação de movimento, a carícia de um quente, perfume masculino que fez sua respiração parar.

— Nenhum arcanjo, — Disse ela, — ou poderoso imortal, teria enviado um vampiro solitário se ele ou ela queria garantir a minha morte. Teria sido muito mais eficaz ter uma equipe de anjos me pegando enquanto eu caminhava para a minha casa e me deixando cair no desfiladeiro.

O corpo inteiro de Galen ficou imóvel, como se sua própria respiração foi suspensa. Foi então que ela percebeu que ela estava olhando para ele de novo. Não só olhando, mas admirando. Linda, criatura irritante. Aquele que poderia beijar e esquecer em um piscar de olhos, quando a pele dela continuava a queimar com o eco sensorial do toque dele, quando seu gosto—seu sabor tão selvagem, *tão masculino*—permanecia ainda em seus lábios.

— Jessamy?

Presa pelo silêncio, o timbre intenso, ela disse: — Sim?

— Eu digo isso porque eu acredito em dar o aviso justo. — Sua voz infiltrava partes dela que não deveria ter sido capaz de chegar, elas estavam tão bem escondidas, tão ferozmente protegidas. — Eu sou muito bom em tática. Eu sei quando recuar, quando acalmar meu oponente em uma falsa sensação de segurança... e quando lançar um golpe final vitorioso.

6

Tomando um trêmulo suspiro, ela levantou-se supostamente para verificar o bolo. — Eu estou numa campanha para ser ganhadora, Galen.

Sua raiva de sua existência limitada—e sua visceral resposta para Galen—exceto, flertar com o que ele estava oferecendo era pura loucura. Quando Galen espalhasse suas asas e voasse do Refúgio à serviço de Raphael, talvez por uma década, talvez por um século, isso a machucaria. Ela sabia que quando ela saiu do quarto, estava disposta a arriscar. Mas seu beijo... oh, esse pecaminoso, adicional beijo tinha perigosamente mudado a balança.

Se ela permitisse isso ir mais longe, não apenas a machucaria quando ele saísse. A quebraria. — Não desperdice seus esforços comigo. — *Eu tenho vivido uma eternidade como eu sou, um anjo terrestre. Não me mostre um vislumbre do que eu poderia ser, somente para roubar isso.*

Galen não disse nada em resposta, mas ele comeu o bolo com apreciação descarada quando ela o declarou pronto, e sentou em silêncio enquanto ela lia em voz alta o livro que ele tinha apanhado em sua bolsa—como ele tinha sabido que ela não podia viver sem livros, sem palavras, esse guerreiro bárbaro? Mais tarde, ela começou a ensiná-lo o complexo poder estrutural do Cadre e, assim do mundo.

Foi uma estranha, adorável noite, um preguiçoso sonho.

Jessamy não queria o nascer do dia, mas o fez — em um espetacular toque de cores através do céu. Voando para sua casa.

Galen caminhou com ela através da cozinha. Tinha sido meticulosamente limpa em sua ausência, até que ela quase podia acreditar que tinha imaginado o arco pulverizado de vermelho mais escuro.

— Você deseja ficar aqui, Jessamy?

— Sim. — A noite tinha ido, e com ela, a imagem que poderia destruí-la. Esta casa era seu paraíso, anos de cuidado em sua construção, e ela não permitiria ser contaminada ou roubada.

Galen assentiu, virando-se para voltar para o pátio. — É defensável se você cooperar com seu guarda.

— É claro. — O pavimento de pedras estava quente debaixo de seus pés quando eles saíram para a manhã mais uma vez, o beijo do vento do pouso de um anjo de asas negras a uma pequena distância, legal. — Jason. — Galen falou várias palavras tranquilas para Jason antes de voltar sua atenção para Jessamy. — Ele vigiará você nesse dia. Eu voltarei para dizer a você uma vez que seja seguro para você lecionar. — Com isso, ele espalhou suas asas e levantou para o céu, uma criatura de puro poder cru... uma que caçou aqueles que teriam silenciado na mais cruel forma.

Um farfalhar de asas.

Puxando sua atenção para o agora céu vazio, ela disse — Eu tenho que pegar um livro para você, — para Jason, esse anjo que era um daqueles outros que ela não tinha ensinado — ele tinha simplesmente aparecido no Refúgio um dia como um jovem crescido.

Jessamy nunca tinha perguntado a Jason qual era sua vida antes que ele chegasse no Refúgio, mas ela sabia que tinha marcado ele, danificado seu crescimento emocional, na medida em que ele tinha dificuldades de formar laços de união. Havia uma solidão intensa nele que ressoava com ela mesma, mas o anjo enigmático mantinha sua distância até mesmo das mulheres que teriam permanecido com ele tendo em conta o menor incentivo, preferindo cortejar as sombras.

— Obrigada. — A luz ricocheteou brilhante pelo cabelo que ele usava apenas um pouco acima dos ombros, os fios de ébano cortados em camadas que sombreava linhas perfeitas de seu rosto e o turbilhão das dramáticas misteriosas tatuagens que cobriam o lado da mão esquerda. — Os vampiros que atacaram você foram rastreados até a corte de Alexander. Seu povo nega qualquer conhecimento das ações do homem.

— Qual é sua opinião? — ela perguntou, porque Jason—apesar de suas cicatrizes, ou talvez por elas—tinha uma forma de ver através do coração das coisas, sem cegar-se pelo preconceito ou emoção. De muitas maneiras, ele era o oposto de Galen, tão sutil e astuto quando Galen era categórico e direto.

— *Eu sei quando recuar, quando acalmar meu oponente para uma falsa sensação de segurança... e quando lançar um ataque final, golpe vitorioso.*

Ela tinha dito a ele para não desperdiçar seus esforços com ela, mas profundamente na mais secreta parte dela havia uma pequena voz imprudente que queria que ele empurrasse, prosseguisse, forçando seu caminho por meio das barreiras defensivas que ela tinha colocado em seu caminho. Perigoso, seria arriscado partir o coração ao dá-lo para ele de qualquer forma, no entanto por ser tão desejado, devia valer a pena à agonia de ir.

— Eu acho, — Jason disse, sua voz deslizando dentro de sua consciência como fumaça escura, — que a corte de Alexandre diz a verdade nisso. Ela tinha sua cavalaria de assassinos. Mesmo o pior deles é dez vezes melhor do que o vampiro executado por Galen.

— Raphael sabe ser cuidadoso? — Como Protetora de suas histórias, Jessamy devia ter sido uma parte neutra na guerra iminente, mas ela tinha uma quedinha em seu coração pelo mais jovem arcanjo. Ele tinha um sorriso encantador quando um garoto... pelo menos até a loucura inexorável de seu pai, e a terrível decisão de sua mãe— acabar com a vida de seu companheiro que ela amou com cada respiração de seu corpo.

Mesmo quando isso se tornou claro em uma idade muito jovem que seu poder ultrapassou ela própria, Raphael sempre, sempre, tratou ela com respeito. Embora ele, também estivesse mudando. Talvez fosse inevitável a fria arrogância que veio com tal poder. Cada vez que ele retornava para o Refúgio, ela via menos do garoto que ele tinha sido, e mais da letal criatura que era um do Cadre.

— Dimitri, — Jason disse em resposta a sua pergunta, — tem a certeza que nenhum espião é capaz de chegar perto o suficiente para causar preocupação.

— E você tem garantido que Raphael tenha seus próprios espiões na corte de Alexander.

Jason manteve seu ponto de silêncio, seu rosto—marcado pelas assombrosas curvas e linhas das tatuagens que ele nunca tinha explicado, e que poderia ser tanto um tributo ou um lembrete criado pela requintada dor—permanecendo sem mudar sua expressão, mas ela conhecia ele a muito tempo para ser enganada.

Segurando seu olhar, ele disse, — Galen não tem uma esposa, nem amante, nem tem feito promessas a outras.

Ela tinha há muito tempo deixado de se surpreender por como Jason sabia o que ele sabia, mas suas palavras fizeram ela tomar fôlego, seus batimentos aceleraram. — Eu sou tão transparente? — ela perguntou, sentindo-se vulnerável, exposta.

— Não. — Uma pausa. — Mas Galen tornou óbvia sua pretensão.

Acariciando seus dedos sobre as penas cremosas tocadas com uma leve pitada de rubor que ele tinha roubado, Galen considerou o que ele tinha aprendido por Dimitri sobre a lealdade do vampiro morto. Alexander estava dificilmente envolvido, mas alguém em sua corte tinha um assunto a resolver com Jessamy. O problema, é claro, era que o território de Alexander era vasto, sua corte um formigueiro espalhado. Não seria fácil diminuir o alvo—mas Jessamy estava segura, permaneceria protegida tanto tempo quanto fosse necessário.

Galen não confiava facilmente, mas ele conhecia Jason antes dele chegar ao Refúgio, vendo a sombra nublada do anjo lutar com aquela estranha espada preta dele, uma letal,

violenta tempestade. Era a única razão para ele ter deixado Jessamy aos cuidados de outro anjo. Ele tinha toda a intenção de ser o único de plantão à noite.

Nenhum outro homem ia sentar em sua cozinha e observar ela se mover com uma graciosa economia de movimentos enquanto ela cozinhava... e lutando para não olhar para ele. Cada olhar roubado tinha sido uma carícia, uma rachadura na parede de sua armadura. Ele queria puxá-la nivelada contra sua rígida ereção, dizer a ela que poderia tocá-lo tantas vezes quanto ela desejasse, e que seria seu escravo se ela iria usar sua boca, também.

Em todos os lugares.

Prometendo que ele um dia deslizaria sua mão sobre aquelas sutis curvas, aquela sedosa pele, enquanto ela se contorcia embaixo dele, impotente em seu prazer, ele deslizou a pena de forma segura e bateu suas asas. Estava quase na hora de levantar voo com um grupo de guerreiros de Raphael que tinha parado no Refúgio, o primeiro passo para avaliar sua disponibilidade para a batalha.

No entanto, um alto, esbelto anjo com pele de exuberante ébano e asas estampadas semelhantes a uma borboleta famosa por seu laranja e preto marcantes pousou no caminho em frente a ele antes que ele pudesse levantar. — Senhor. — Dobrando suas asas, ela inclinou sua cabeça em um pequeno, respeitoso arco, sua juba de cachos trançados próximo a sua cabeça.

— Eu não sou mais seu comandante, Zaria.

Pequenos dentes brancos brilharam em um travesso sorriso, covinhas se formando em ambas as bochechas. — No território de Raphael ou no de Titus, você é meu comandante. Augustus concorda.

Ele esperava que alguns dos que ele levou o seguiriam, mas não tinha esperado isso de guerreiros experientes, ambos dos quais mantinham altos postos no exército de Titus. — Você é bem vinda, — ele disse, segurando seu antebraço em uma saudação familiar, — mas você terá que provar sua lealdade a Raphael. — Um erguer de sobrancelha. — Você acha que eu sou uma espia? — Nenhum insulto, somente a curiosidade que fazia dela uma vigia tão talentosa.

— Eu acho que ser mestre de armas tem mais nuances do que eu jamais antes compreendi. — Ele assentiu para ela segui-lo de volta para a fortaleza—ela era muito perigosa em sua força para não ser levada imediatamente para a presença de Dimitri. — Como está Orios?

— Contente. Orgulhoso como um pai. — Outro sorriso cintilante. — Titus é um javali ferido dividido entre o orgulho e fúria por ter sido destituído de sua habilidade, mas os flutterbies sabem como acalmá-lo.

Crianças são raras, tão raras entre os imortais, e Titus não tinha nenhuma de seu sangue, mas ele tinha adotado as crianças de seus guerreiros que tinham caído em batalha, dando aos pequenos uma vida que tinha resultado em torná-las mimadas, adultos indulgentes que eram ainda assim doces por natureza. — Eles têm sua utilidade. — Foi só quando ele e Zaria estiveram dentro das frias paredes de pedra da fortaleza que ele disse, — Meus pais?

— Seu pai mantém um olho nas forças de Alexander.

Galen tinha esperado o máximo; seu pai era o segundo de Titus.

— Sua mãe — Zaria deliberadamente tocou sua asa com a pedra, como se testando a textura — começou a treinar uma nova safra de recrutas.

Tanae tinha que ter conhecimento da decisão de Zaria de desertar—era esperado e observado como consequência da partida do comandante—e, no entanto ela não enviou nenhuma mensagem com a olheira. Seu pai, Galen nunca tinha esperado qualquer coisa além de sua educação de guerreiro, mas ele tinha passado décadas tentando ganhar uma palavra de apreço de sua mãe... durante todo o tempo sabendo ser a busca um esforço inútil.

O fato que importa era que Tanae era uma anomalia entre a espécie angelical. Uma guerreira, talentosa e orgulhosa, ela nunca tinha querido uma criança. Para seu crédito, ela tinha criado Galen com escrupuloso cuidado, e enquanto os flutterbies tinham tentado fazer dele um mimado animal de estimação—uma tentativa que ele tinha repudiado com feracidade infantil—foi sempre Tanae que ele se esforçou para impressionar. Até que ele tinha entendido que sua indiferença não era fingida para estimulá-lo a maiores alturas. Isso corria no interior dos ossos.

A realidade tinha partido o coração do garoto que ele tinha sido.

— Eu precisarei voltar para a corte de Titus para ter minha retirada formal, — Zaria disse, seu tom dizendo a ele que ela não tinha achado nada estranho dessa questão. — Eu posso levar uma carta de volta para seus pais.

O menino ferido que ele tinha sido há muito tempo atrás, substituído por um homem que nunca tinha se escondido de qualquer coisa, sem importar o quão devastadora. — Não, há necessidade. — Tão distante dessa corte que sua mãe chamava de casa, ele podia finalmente dar a Tanae uma única coisa que ela sempre quis—a liberdade para esquecer que ela já tinha sido obrigada a desprezível fraqueza pela criança que ela tinha carregado em seu ventre.

— **Keir venha,** — **Jason disse, um instante antes seu rosto de curandeiro apareceu** na porta de entrada da sala da biblioteca onde Jessamy sentava-se. Velhos olhos em uma jovem face, o esbelto, gracioso corpo de um dançarino, Keir era o curandeiro mais talentoso da espécie angélica, seus pés tão finos que eles eram quase femininos...mas ninguém jamais o confundiria com uma mulher.

Entrando em pé tão silencioso quanto aqueles felinos passando ao redor de seus tornozelos, ele tomou o assento em frente a ela, o ouro marrom de suas asas precipitando-se para baixo para beijar o espesso tapete em tons de cobre. — Olá, Jason. — O gato pulou para cima para sentar na mesa ao lado dele enquanto ele falava, uma pequena fumaça cinza Uma esfinge com olhos de um dourado luminoso.

— Keir. — O anjo de asas negras sussurrava à distância e fora da sala, puxando a porta fechada atrás dele.

— Eu me preocupo sobre nossa bela Jasin, — Keir disse, seu olhar na pesada laje de madeira atrás de onde Jason estava de guarda. — Quando você sobrevive ao que eu suspeito que ele tenha, não há realmente nada a temer.

A mão de Jessamy fechou em punho no amarelo pálido de seu vestido, sua mente circulando em torno do pânico silencioso que tinha colorido suas intenções com Galen. — Isso não é um dom?

Keir balançou sua cabeça, seu cabelo de seda negra roçando seus ombros. — Nós devemos todos ter algo a temer, Jessamy. — O felino ronronou enquanto ele acariciava com dedos finos através de seu pelo. — Enquanto todos nós devemos ter algo pelo que esperar. Jason não tem nada.

— E um homem assim, — Jessamy sussurrou, — não tem nenhuma razão para continuar vivendo. — Preocupação perfurou sua alma pelo anjo que tinha uma voz tão assustadora que rivalizava com a de Caliane, cuja música vinha em forma de lágrimas de seu coração. — Raphael, — ela disse, sua voz tremendo com alívio. — Jason tem dado sua lealdade para ele, e Raphael não deixará ele ir.

— Sim. Há algo a ser dito para aquele jovem arrogante. — Um leve sorriso, porque Keir tinha um favorito, também. — Então, eu ouvi que o grande brutal Raphael tem admitido que seu mestre de armas esteja cortejando você.

Jessamy ergueu sua cabeça. — O conhecimento de Jason, eu entendo, ainda que eu não possa explicar. Mas você tem trabalhado na Medica por dias. — Uma frágil recém-nascido, a primeira criança nascida no Refúgio por cinco longos anos, era interesse do comandante Keir. — O bebê? — Keir tinha proibido visitantes—pela sala de cura teriam estado escondidas asas de outra forma.

— Seus gritos furiosos me chamam profundamente na noite; ela pode ser pequena, entretanto ela não gosta de ser ignorada. Eu prefiro pensar que nossa fada será uma

guerreira. — Olhos faiscantes com luz que era exclusivo de Keir, ele inclinou-se sobre a brilhante mesa de madeira. — Quanto ao seu brutal — você o permitiu voar com você. Você acha que ninguém notaria

Jessamy engoliu. — Não pode ser, Keir.

— Por quê?

Forçando seu punho a abrir, ela considerou aquele quente olhar de inclinação marrom, arrancando a casca de sua ferida mais cruel. — Eu acho que ele verdadeiramente me quer — a memória da dura ereção empurrando em seu abdômen, sua boca tão faminta nela mesma, sua mão agarrando sua mandíbula com possessividade masculina — e eu não negarei a profundidade de minha própria atração. — Tal palavra era tênue, para expressar a selvageria daquilo que Galen despertava nela.

— Ainda assim algo está prendendo você.

— Mesmo sabendo que eu estou pensando muito à frente, — ela disse, esfregando uma mão sobre seu coração em uma tentativa inútil de imobilizar a dor interior, — Eu não posso evitar imaginar sua amargura quando ele perceber que estar comigo significa ter suas asas cortadas, sua linhagem acabada. — Pois Jessamy nunca submeteria uma criança a sorte de uma dolorosa existência que ela tinha aguentado. — Eu não serei o peso que arrasta ele para fora dos céus.

O tom de Keir foi suave quando ele replicou, suas palavras sem misericórdia. — Galen não parece ser um homem que não tem coragem. Isso que você diz ser sobre ele me faz pensar menos de você, velha amiga.

Gelo desceu em sua espinha, as dolorosas palavras de Keir ecoaram o que Galen disse no parapeito de sua área. — Você está me chamando de covarde, — ela disse num rouco sussurro. — Você está dizendo que eu estou me escondendo atrás de minha asa.

7

— **Eu não disse isso, mas você ouviu isso.** — Alcançando do outro lado da mesa, ele fechou sua mão sobre a dela, sua pele suave, tão diferente do outro homem de toque muito mais áspero. — É assim que você vê a si mesmo?

Emoção sufocou sua garganta, rasgou seu peito, tornando sua voz rouca. — Eu estou tomando a decisão certa; você deve ver isso. Se eu segui-lo e ele me rejeitar, eu não poderia suportar isso. — Nem quando isso a estava irritando, enlouquecendo, o magnífico bárbaro, um homem que olhava ela como se fosse linda, despertando sonhos que ela tinha enterrado tão fundo que ela podia sobreviver e estar a contento, não uma criatura ressentida comida com inveja.

A expressão de Keir era tenra. — Todo mundo aprende a sobreviver a um coração partido. — Soltando sua mão, ele levantou-se e inclinou-se sobre as costas da cadeira, seus braços ao redor de seu pescoço, esfregando sua bochecha contra seu cabelo. — Sua desvantagem é que você não teve que enfrentar isso no início, quando você era mais jovem, mais resistente. Agora, doce Jessamy, eu acho que você está com medo.

Engolindo um nó na garganta, ela colocou sua mão sobre o músculo flexível de seu braço. — Eu não deveria estar com medo? Minha vida não foi semelhante à vida dos outros que podem tocar o sabor do céu. — Seus anos de aprendizagem para viver com uma desolação, uma sensação de dolorosa perda sem outro anjo que pudesse entender, tinha feito dela quebrada por dentro. — Eu não ganhei minha paz?

Os lábios de Keir roçaram sua bochecha, a essência dele uma carícia lânguida. — Você nunca quis paz, minha querida. A única questão é, você é forte o bastante para alcançar o que você quer, sabendo que o contentamento pode ser alcançado através de terrível tristeza?

A porta abriu o eco prolongado de suas palavras finais, para revelar não Jason, mas Galen, olhos de mar verde com incandescente fúria. — Você está livre agora para ensinar na escola, — ele disse. — Illium e Jason estarão presentes para garantir a segurança de ambos, você e seus estudantes. — Com um curto pronunciamento, ele se foi.

Sua mão apertou o braço de Keir. — Ele acha que nós estamos juntos. — Seria fácil permitir a ele acreditar em sua mentira, uma mulher que tinha traído seu amor com um beijo escaldante, uma centelha de olhares ocultos.

Seu estômago revirou; suas entranhas enervadas. — Deixe-me, Keir. — Quando seu amigo a soltou, ela levantou, sacudiu a saia de seu vestido. — O medo é como metal na língua—eu sei, conheço ele, mas uma fração de tempo, e eu ainda estou certa que se eu aceitar seu termo, isso destruirá uma parte de mim quando ele sair.

Keir estendeu a mão para dobrar seu cabelo atrás da orelha. — Nós todos estamos um pouco quebrados. — Silêncio. Potente. — Ninguém passa pela vida com um coração inteiro. — Seus olhos, cheios de sabedoria muito profunda para pertencer a um homem de somente trezentos anos, lhe disse que viu sua alma, saboreando o sal de sua solidão.

Mas o que nem mesmo os olhos de Keir não podiam ver, ela pensou enquanto ela saía da biblioteca, Jason uma silenciosa sombra ao seu lado, era que seu coração não estava inteiro. Ele tinha quebrado muito, tempo atrás—a primeira vez que ela tinha olhado para cima para o céu e percebido que isso estava para sempre fora de seu alcance. A coragem que estava levando ela a estender a mão novamente era um aperto firme em seu peito, serrilhando as bordas dos sonhos despedaçados remanescentes.

Galen colocou ambos os vampiros no chão usando a fúria de chutes e golpes rígidos com a ponta de sua lâmina. — Você cometeu o mesmo erro duas vezes, — ele disse, esperando somente até que seus olhos se focassem após o tapa da lâmina. — Eu dei a você um aviso. — Segundo aviso não existe em seu mundo.

Esforçando-se para seus pés, os dois concordaram. Um limpou o sangue do canto de sua boca. Mas nem hesitou quando ele exigiu que eles atravessassem o exército novamente. Desta vez, eles estavam tão ocupados tentando não cometerem o primeiro erro, eles cometeram um diferente. Percebendo que ambos os homens estavam exaustos, ele puxou seus golpes e pediu uma parada. — Vá, — ele disse. — Trabalhem consigo mesmos e um contra o outro amanhã. Dias depois, nós treinaremos mais uma vez.

Os vampiros mais jovens hesitaram. — Nós queremos ficar melhores. — Seus companheiros assentiram. Impressionando os dois que não tinham corrido depois da surra que ele tinha dado neles, ele forçou a si mesmo a falar após a raiva que era uma tempestade violenta em seu corpo. — Vocês serão. Eu quero que vocês sigam os passos que eu mostrei a vocês do início de novo e de novo até que os movimentos sejam uma segunda natureza. — Galen tinha passado incontáveis horas fazendo exercícios, sabia seu valor. — Parte do combate é ser capaz de reagir sem pensar—você precisa treinar seus músculos para lembrar.

Os vampiros restantes, em seguida, fizeram várias perguntas inteligentes, determinação em larga escala em seus rostos.

Ignorando sua audiência que ele tinha desde que ela tinha entrado em um elegante fluído amarelo, ele pegou sua espada e começou a passar através de uma complicada rotina que teria deixado seu oponente em pequenos pedaços em um piscar de olhos. Pessoas frequentemente subestimavam sua velocidade por ele parecer grande e pesado. Em verdade, o único do povo de Raphael que podia ser mais rápido, ele pensou, era Illium.

— Eu terei uma aula de bebês desapontados se você me forçar a esperar mais. — Sua voz era calma, mas rasgou o ar através da sala como unhas em sua pele.

— Diga o que você quer e saia. — Ele forçou a si mesmo a retardar seus movimentos como se ele pudesse ouvi-la após o chicotear de sua lâmina.

Silêncio.

Se ela pensou que ele pararia por ela, ela estava muito enganada.

— Então — um suave murmuro — este é o outro lado de sua determinação e lealdade. Absoluta teimosia determinada. — Uma risada ondulou. — Eu estou contente que você tenha uma falha.

Galen apertou sua mandíbula porque ela estava certa. Ele era teimoso, uma tenacidade que ele tinha feito uma vantagem, mas uma que tinha frequentemente colocado ele em apuros quando uma criança. E ele tinha uma tendência para segurar sua raiva, mas ela era justificada aqui. Jessamy tinha permitido a ele provar seus lábios, permitido a ele acreditar que ele podia cortejá-la, quando ela pertencia já a outro homem.

Parando com a ponta da lâmina num fio de cabelo de seu pescoço, ele rosnou, — Isso foi uma coisa singularmente estúpida de se fazer. — Vir por trás dele nunca foi uma boa ideia.

Nem medo, nem um pedido de desculpas nos olhos de marrom exuberante que ele quis ver suaves e preguiçosos em sua cama. — Eu sei que você me ouviu.

Ele abaixou a lâmina, colocando distância entre eles, o calor, o cheiro de terra dela ameaçava comprometer sua honra mais uma vez. — O que você deseja dizer, Senhorita Jessamy?

O coração de Jessamy bateu pela fúria nua no rosto de Galen. Músculos inteiros pesados e a brilhante pele, ele fazia ela pensar em coisas que não eram nem um pouco civilizadas. E medo... sim, permaneceu, mas não dele. Disso, o que ela estava prestes a fazer. Isso poderia bem ser lembrado como o maior erro da sua vida, mas ela sabia não haver outra escolha. Não o quanto a destruiu Galen ter pensado nela desleal.

— Keir, — ela disse, e viu a gema de pedra verde fundir-se, — é meu amigo. Meu melhor amigo. Ele tem sido isso por centena de anos. — Continuando a falar quando ele não fez nada mais que piscar, muito menos amenizar, ela continuou. — Ele convidou-me para sua cama uma vez, há muito tempo atrás. Ele me queria para tal experiência íntima —. Isso tinha sido um gesto sincero de um jovem curador que não podia achar uma forma de curar sua amiga. — Mas eu disse não—se eu compartilhar a cama de um homem, isso será por paixão, não menos.

Ainda sem resposta da raivosa, teimosa criatura que fascinava tanto ela. Percebendo que ele estava tão fundo em sua ira para ouvi-la—sim, seu temperamento era

outra falha—ela virou-se e saiu. A última coisa que ela ouviu foi o zumbido de sua espada cortando através do ar mais uma vez, viciosa e precisa.

Encharcado em suor e com os músculos dos ombros doendo de segurar suas asas tão apertadas em suas costas, Galen finalmente parou de mover-se quando Illium entrou na sala.

O anjo assobiou. — Eu quero saber? — Ele olhou diretamente para as lâminas embutidas nas paredes.

— Eu estava praticando meus arremessos. — Puxando suas lâminas uma por uma, ele começou a empilhá-las em cima da mesa. — Você é rápido. Eu preciso praticar tentando prendê-lo.

— Basta pedir, — o anjo disse sem hesitação. — Ninguém jamais conseguiu —. Voando até algumas das lâminas superiores e arrancando-as fora, ele derrubou-as na mesa. — Jessamy terminou sua lição, então Jason está escoltando-a de volta para casa— eles provavelmente estão lá agora. Ele vai manter a vigilância até alguém o liberar. Eu posso—

— Não.

Olhos dourados com pontas de cílios negros mergulhados em azul de repente olhando para os seus quando Illium veio para um pouso preciso na frente de Galen. — Eu gosto de você, Galen, mas eu amo Jessamy. Machuque-a e eu estriparei você.

Galen olhou o anjo de cima a baixo. — Bluebell, você não poderia me pegar nem se eu estivesse de olhos vendados e tivesse ambas as duas mãos atadas atrás de minhas costas.

— Bluebell? — Illium moveu seus olhos. — O que é isso, Bárbaro. — Atirando duas das facas para Galen, ele pegou as duas para ele próprio.

E então eles estavam movendo-se. Ele tinha estado certo. Illium era mais rápido do que ele. Muito mais rápido. O anjo de asas azuis podia também fazer coisas no ar que devia ter sido impossível, exceto que Galen tinha cortes em suas costas e contusões em seu peito para provar que não eram. Mas ele estava mais do que segurando as suas próprias... esperando só até que Illium fizesse um movimento confiante demais para prendê-lo no chão com uma lâmina através do topo de sua asa, onde a ferida se curaria pela manhã.

Amaldiçoando com a criatividade inesperada de alguém tão censurável, Illium olhou para Galen. — Você armou para mim.

— Eu tive que avaliar o quão rápido você era, o que você traz para as forças de Raphael. — Percebendo que o outro anjo, ele levantou sobre seus pés. — Você farpa, Bluebell.

Illium amaldiçoou em rápido fogo Grego. Galen replicou tal como Francês azul, ordenando ele a voltar para mais sessões para melhorar a técnica que estava quase perfeita exceto por uma coisa. — Você é muito arrogante. Precisa ter algum sentimento derrubado dentro de você.

Illium xingou mas concordou em retornar — Então eu posso derrubar você sobre sua bunda.

Separando-se do anjo uma vez que eles alcançaram o penhasco, ele voou para sua casa para limpar-se e trocar-se antes de voar de volta para a direita onde os raios de sol brilhavam no céu em inúmeros tons de sombras douradas e laranja, com a mínima margem de rosado. Lembrando a ele das penas que ele tinha secretamente segregado para longe com tal cuidado, as penas que ele tinha sido incapaz de descartar mesmo quando ele tinha pensado que o lindo rosto de Jessamy era de uma mentirosa.

Isso ainda borbulhava nele, a raiva que tinha ganhado a superfície quando ele vira o curandeiro com os lábios tocando sua pele, seu rosto elevado com sua absoluta confiança. Galen não tinha o direito de esperar nada semelhante dela depois de tão curto conhecimento, mas a lógica disso não importava, porque ele fez.

Pisando nos azulejos cinzas e azuis brilhantes com manchas de elementos escondidos nas luzes escuras laranjas, ele trocou de lugar com Jason com um curto aceno, esperando até o outro anjo começar a voar—suas asas escuras, uma dramática silhueta contra a cascata de cores—caminhou para dentro da casa de Jessamy, trancando a porta atrás de si.

— Jason, você — Olhando para cima onde ela sentava-se atrás de uma harpa, a grossa seda de seu cabelo cascadeando sobre um dos ombros, seu vestido agora um verde sálvia claro que se curvava mais baixo sobre seu peito do que o vestido que ela usava mais cedo, o sorriso de bem vindo de Jessamy desapareceu, sua expressão tornou-se cuidadosa, solene. — Galen.

Torcendo algo dentro dele porque sabia que ele tinha colocado aquele olhar em seu rosto. — Eu tenho um temperamento, — ele disse, porque tinha que ser dito. — Um terrível.

Seus dedos dançaram sobre os fios da harpa com requintada graça, enchendo o ar com uma onda de música, pura e doce. — Eu vi você praticando, os parceiros de luta—você lutou como se você não tivesse emoções, um homem totalmente contido. Aquilo foi por quê?

Permanecendo em pé, ele cruzou as mãos atrás das costas quando a urgência de agarrar seu cabelo e inclinar sua cabeça para que ele pudesse tomar sua boca com posse primitiva, enquanto ele moldava os delicados montes sugeridos por suas roupas, ameaçando dominá-lo. — Meu pai disse-me em uma idade muito jovem que se eu não aprendesse a lidar com isso, isso me consumiria.

— Seu pai era um homem sábio. — Outra melodia da música. — Sente. Ou você planeja pairar sobre mim até que eu submeta-me?

Ninguém que tenha visto ele naquele temperamento tinha jamais ousado provocá-lo antes. Ele não estava certo como ele sentia-se sobre isso, mas ele permitiu a si mesmo baixar sua guarda agora que ela tinha aceitado ele em seu espaço e—tirando sua espada e arnês¹⁷—tomou um assento no grande sofá em frente e a esquerda dela. — Eu me tornei lenda pelo profundo controle. Ninguém testemunhou minha raiva em mais de um século.

O som metálico da música, parou.

— Você diz tais coisas, Galen...e eu não estou certa de como responder. — Dor vulneravelmente torcendo ao redor do coração de Jessamy. Ele a marcaria, este homem que marcaria ela tão fundo e verdadeiramente que tornaria-se uma cicatriz. Mas ela tinha feito sua escolha, não permitiria ao medo roubar isso dela. — É tempo para outra lição sobre o Cadre. — Ela continuou a tocar, notando como seus ombros relaxaram quando os sons líricos enchiam o ar.

Verificando o arnês de sua espada com ausente atenção, ele assentiu. — Está tornando-se claro para mim quão mais eu preciso aprender.

Ele era um aluno cooperativo, sua mente rápida e ágil. Na conversa, descobriu-se que ele não falava simplesmente Grego e Francês com a fluência de um nativo, mas também as línguas miríades da Pérsia e África. Fascinada e querendo nenhuma distração enquanto eles falavam, ela parou de tocar para deslizar na cadeira na mesa de jantar. Ele passou para a próxima dela no mesmo instante, fazendo uma perceptiva pergunta após uma perspicaz questão. A maioria das pessoas, ela pensou, muito provavelmente subestimava sua inteligência por causa da facilidade com armas e guerra, a forma que ele falava, e vestia—ou não vestia.

Era impossível não acariciar a rigidez plana da parte superior de seu corpo com seu olhar quando ele sentava tão próximo, suas asas espalhadas sobre as costas de sua cadeira, o pesado calor desse silencioso toque. A possessividade do ato não estava perdida nela, mas ela encontrou a si mesma espalhando suas próprias asas uma fração, porque assim sussurraria contra as dele.

¹⁷ Uma espécie de cinto onde se porta a espada nas costas.

— Eu sou somente um homem. — Era um murmúrio surdo, seus olhos na sua boca. — Se você continuar a jogar comigo assim, eu esquecerei que eu vim desculpar-me por meu comportamento, e agirei de um modo que deixará você com raiva de mim sobre tudo novamente.

Seus lábios estavam inchados, seus seios apertados, mas ela achou a inteligência para dizer, — E quando eu ouvirei suas desculpas?

Mudando seu foco, ele sustentou seu olhar com olhos que ela sabia que nunca esqueceria, nem se ela vivesse mil anos. — Eu sinto muito por duvidar de sua honra, Jessamy. — Uma pausa. — Eu não sinto por desejar separar a cabeça de Keir de seu corpo.

— Galen! — Risos borbulharam para fora dela, brilhantes e inesperados e tão reais que isso trouxe lágrimas aos seus olhos. — Oh, você é um bárbaro.

Suas bochechas vincadas, uma mão subindo para brincar com seu cabelo, girando os fios ao redor de um dedo espesso. Quando ele puxou, seu estômago caiu, mas ela inclinou-se para frente.

Ela esperou sentir sua boca na sua própria, mas ele angulou seu rosto e escovou seus lábios sobre o topo de sua bochecha. Tremendo, ela curvou sua mão ao redor de sua nuca, a sensação dos tendões e músculos movendo-se sob o calor de sua pele uma íntima sedução enquanto ele continuava a escovar beijos para baixo no limite de seu rosto, até ele alcançar seu pescoço.

— *Oh.*

8

Ele acariciou o lugar que ele tinha beijado, a pele tão sensível que a rajada quente de sua respiração fez seus dedos enrolarem. Uma fração de minuto depois, o prazer e o poder dele foram substituídos por um choque de ar quando Galen moveu a si mesmo dela e pegou sua espada em um único movimento selvagem. Tentando acalmar sua respiração ofegante, ela olhou ao redor de sua forma preparada para batalha. Um instante depois, uma passada soou no caminho à frente, seguido por uma batida.

— Espere — Galen disse quando ela teria levantado. — Deve ser uma armadilha.

Ele desapareceu no instante seguinte, movendo-se com ameaça predatória para receber um visitante que podia significar seu dano. De pé, ela procurou por uma arma para ajudá-lo se necessário, e pegou uma pequena estatueta quando ela ouviu sons de vozes masculinas numa conversa. Reconhecendo a segunda voz, ela colocou a estatueta no lugar e saiu para o corredor. — Raphael.

O arcanjo com seus olhos de um azul impossível e cabelo de seda da meia noite era a pura beleza masculina. Próximo a ele Galen estava todo rígido, bordas ásperas, um guerreiro que não tinha perdido nada de sua força bruta em face da força de Raphael. Ele observava com olhos frios enquanto o arcanjo caminhava em frente para tomar as mãos que ela estendia.

— Meu povo está cuidando bem de você, Jessamy?

— Sempre. — Avançando, ela deu um beijo em sua bochecha, mas preocupada tinha que perguntar, — O que você está fazendo aqui? — Alexander era plenamente capaz de usar a ausência de Raphael para forçar seu caminho dentro do novo território selvagem.

— Alex, como Illium chama o pomposo Alexander — uma centelha de humor — está atualmente em reclusão com sua concubina favorita, e parece não ter vontade de deixar o seu palácio. Eu avisarei se ele ou seu exército parecer estar se preparando para mover-se.

Algo sobre o relatório de Alexander cantou uma nota ácida a ela, uma harpa de corda danificada, mas ela não conseguia uma razão para isso. Abandonando o pensamento para o presente quando isso ficou frustrantemente fora do alcance, ela soltou as mãos de Raphael. — Eu estou contente por sua visita. Venha, conte-me de sua região.

Enquanto eles sentavam e falavam, Galen ficou de guarda na porta da frente. Nem um olhar nem palavra dele traíram ao seu arcanjo o que ele e Jessamy estavam tornando-se um do outro... e uma semente de dúvida floresceu em sua mente. Sua reticência podia

ter nascido de qualquer número de razões, incluindo o fato que Raphael estava certamente aqui para avaliar o homem que podia ser seu mestre de armas, mas ela continuou rodando em volta de uma única horrível conclusão dolorosa.

Vergonha.

Ele teria levado ela voando, mas isso podia ser explicado como um presente dado por pena. Ele não tinha realmente feito *nada* em público que faria as pessoas falarem, considerando-os como um casal. E isso era uma imagem feia quando ela considerou-a sem as vendas dos olhos da esperança—sua asa deformada e suas finas aristas de moldura, emparelhadas com o poder primitivo de Galen e crua masculinidade.

Não, ela pensou, *não* atrás da raiva de si mesma. Ela tinha que parar com isso. Galen não merecia ser taxado por tais medos que guiavam suas suspeitas. Ele nunca tinha mentido para ela, nem mesmo sobre seu temperamento. Querendo rir da tontura de seu alívio, ela prometeu a si mesma que faria as pazes com seu bárbaro.

Galen observava em silêncio enquanto Raphael desejava a Jessamy uma boa noite antes de assentir para Galen e levantar dentro das estrelas brilhantes contra o céu da noite tão puro, era ébano. Galen entendeu o silente comando. Um mestre de armas mantinha considerável poder e influência na corte dos arcanjos, e Raphael daria a posição para ninguém em quem ele não confiava em todos os níveis—amanhã, Galen seria julgado.

Ele não sentiu nenhuma ansiedade. Ele conhecia sua própria força, sabia que ele não falharia. E ele sabia que seria julgado por sua vez por Raphael, por aquele que era o homem por quem ele levantou sua espada por séculos para vindouros, talvez até o fim de sua vida imortal. Não havia nenhuma chance para um guerreiro.

O olhar de Jessamy monitorou o arcanjo até suas asas desaparecerem dentro das montanhas, e ele podia quase sentir a ponta afiada de sua fome. Isso o irritou que ela não tinha perguntado para ele o que ela necessitava, mas ele moderou sua resposta—teria tempo para entender que ele voaria por ela para qualquer lugar que ela quisesse ir, se eles tivessem palavras ásperas entre eles ou tenras.

Ele estendeu sua mão. — Venha.

Ela hesitou.

Recusando-se a deixar algo ir quando vieram para este complexo, à amável mulher que era um mistério que o compelia, ele diminuiu a distância entre eles. — Você ainda não me perdoou por minha raiva?

— Você se desculpou. — Um sorriso puxou os lábios que ele queria sugar e morder, mas ela não veio para seus braços.

— Então o que? Eu não sou o mais sensível dos homens — uma fraqueza que ele tinha percebido há muito tempo atrás — então você deve fazer isso claro.

Seus olhos arregalaram-se. — Você é sempre tão brusco?

— Não. — Ele poderia jogar jogos—ele tinha crescido na corte dos arcanjos, depois de tudo. — Mas eu não tenho gosto de jogos, não gostaria de jogar nunca com você.

Alcançando, ela espalhou sua mão sobre seu coração, o toque foi direto para sua ereção. — Você tem uma forma de destruir meus escudos. — Acariciando com seus dedos seu corpo com uma gostosa concentração, seus cílios obscurecendo a expressão de seus olhos, ela moveu-se peto o bastante para seus corpos alinharem-se.

Sua rígida ereção empurrou exigente na curva de seu abdômen.

— *Galen.*

— Jessamy. — Quando ela não rompeu o contato íntimo, abraçando ainda mais perto, ela ondulou seus dedos dentro de seu cabelo, querendo empurrar, urgente ela colocou sua boca em sua pele. — Você está me seduzindo para obter seu próprio caminho.

Um rouco sorriso. — É muito prazeroso. — Outra afável carícia. — Eu acredito que eu devo ter muitos pensamentos maus frequentemente.

Percebendo que ele tinha sido espancado, ele decidiu por uma estratégia de recuo—por hoje à noite. — Tudo bem, mantenha seus segredos, minha Jessamy. — Mudando seu agarre sem aviso, ele girou a em seus braços.

— Galen!

Três poderosas batidas de asas e eles estavam no ar, os braços de Jessamy travados ao deros de seu pescoço, seu corpo escondido em seu corpo. — Você não pode apenas me agarrar dentro de um voo toda vez, — ela disse, mas ela estava sorrindo.

— Eu sempre voarei com você. Não importa o que aconteça.

Ela, em paz pela resposta, aninhou o rosto em seu pescoço. Seu toque era bem vindo, sua fuga de sua declaração não, mas esta noite estava tão bonita para estragar com argumentos, e então ele varreu com ela através da brilhante paisagem do Refúgio, e em direção ao oeste. Quando ele voou dentro das correntes de ar com seu leve peso em seus braços, o que ele sentiu não era algo que poderia nomear. Era simples ali, um silencioso, profundo conhecimento, um sendo de inexorável retidão.

Foi muito depois que ele levou-se para baixo para pousar na escarpa com vista para o Refúgio, as luzes dentro das casas como milhares de vagalumes no escuro, a maioria das residências ainda acordada. — Essa é a minha vista favorita, — ele disse, tomando uma posição atrás dela, seus braços ao redor de seus ombros. Suas asas suaves e quentes entre eles, as penas sedosas contra sua pele.

Continuando a segurá-la com um único braço, ele usou da outra mão para acariciar em linhas circulares da asa que nunca tinha se formado corretamente, sentindo ela enrijecer. — Eu uma vez perdi minha perna, — ele contou a ela, não quebrando o toque. — Eu era jovem—ela levou anos para crescer de volta. O mesmo poderia acontecer de novo em batalha. Você me repudiaria?

A rigidez não diminuiu. — Não é o mesmo, Galen. — Um tipo de dor correu em suas palavras. — Eternidade é um longo tempo para viver quebrada e mal formada.

Ele não a fez o insulto de desconsiderar o sofrimento que a havia forjado. — Muitos teriam escolhido o Sono. — Décadas, séculos, até milênios poderiam passar enquanto um anjo Dormia. — Você sempre escolheu viver.

— Eu não sou corajosa, — ela sussurrou. — Eu apenas não queria dar àqueles que têm pena de mim a satisfação de me verem desistir da vida. — Virando em seus braços, ela envolveu seus próprios braços ao redor de sua cintura, pressionando sua bochecha em seu peito. — Eu não quero ser vista como uma fraca.

Uma mão em sua nuca, por baixo da queda quente de seu cabelo, a outra mão na parte de baixo de suas costas, ele inclinou sua cabeça para falar com os lábios roçando sua orelha. — Muitos jovens guerreiros tem ido para batalha com a mesma motivação. Não há vergonha no medo que conduz. — Ele ampliou sua posição para saboreá-la ainda mais perto, e ele pensou, que, talvez, ela tinha mostrado a ele uma parte secreta de si mesma. — Eu fui, — ele disse, revelando o mesmo dentro de si, — um daqueles jovens guerreiros.

Tanae tinha sempre sido tão firme em sua coragem, e Galen nunca tinha quis envergonhá-la. — Minha mãe olhava-me com nojo quando o sangue, as feridas e o horror de minha primeira batalha tinham me esvaziado o estômago, e eu não sabia como contar a ela que eu nunca tinha experimentado o verdadeiro medo até aquele momento. Em vez disso, eu aprendi a ser mais duro, melhor, mais forte.

— Sua mãe... ela parece um severo capataz. — Foi uma declaração hesitante.

— Ela é uma guerreira. — Galen não tinha outra palavra, porque as palavras que ele já tinha falado descreviam a alma de Tanae.

As mãos de Jessamy agora o acariciavam, o toque suave e cuidadoso sobre suas asas, e ele estava assustado ao perceber que ela estava tentando confortá-lo. Era uma sensação estranha. Ninguém nunca o tinha mimado depois que ele rosnou para os flitterbies, determinado a tornar-se difícil.

Jassamy provavelmente não lidaria bem com um rosnado, então ele suportou a suave carícia. — Jessamy?

— Hummm?

Primeiro a mão em seu cabelo, ele inclinou a cabeça para trás. — Eu vou beijá-la agora.

Enquanto as estrelas piscavam sobre suas cabeças, pedras de gelo iluminadas com o frio fogo, ele tocou sua boca de um modo que ele quis desde a primeira vez. Ele exigiu a entrada e ela se abriu para ele, a suavidade dela para devastar. Mistério, era como isso o sabor de Jessamy. Doce e escuro e com profundidade que teria levado um homem de vida imortal a explorar. Agarrando seu queixo com sua mão livre, e angulando ela apenas como ele gostava e então ele a devorou.

Um empurrão pequeno, uma dica de dentes.

Ouvindo, ele deu a ela um simples instante para respirar depois ele saqueou sua boca novamente, sua sensualidade uma lenta deliciosa brasa ardente que tinha suas unhas cravadas em sua nuca, sua língua acariciando contra sua curiosidade carnal.

Ele gemeu e inclinou seu corpo, o espalhar de suas asas boqueando a visão do Refúgio enquanto ele se ocupava com a suave curva de seu bumbum e a levantava para aninhar no cume rígido de sua necessidade.

— Galen. — Ofegante.

Ele estava movendo-se muito rápido. Mas quando ela esfregou seus lábios sobre os dele, lambendo sua língua para prová-lo, teria levado um homem mais forte do que Galen a resistir a ela.

Galen estava surpreso por encontrar Raphael na sala de prática na manhã seguinte, tirou as largas calças pretas presas por um cinto de tecido grosso amarrado ao lado. Isso lembrou a Galen das engrenagens usadas pelos homens de Lijuan quando eles vinham ocasionalmente para treinar com Titus, os dois arcanjos mantinham uma relação de relativa cordialidade nesse século.

Ele usava calças de um material durável marrom hoje, juntamente com sua bota favorita, sua espada na sua posição habitual posicionada ao longo de sua coluna vertebral. Agora ele removeu suas botas e espada. — Você me executará se eu imobilizar você no chão?

Os lábios de Raphael curvados pela questão prática. — Eu não sou Uram, Galen. Eu suponho que eu sou mais como Titus nisto—eu quero homens que não tenham muito medo de mim para me dizer a verdade.

Galen tinha pensado muito. Essa era a razão dele estar aqui. — Mão a mão, sem armas.

— Eu concordo

Um sussurro de azul cintilou na visão periférica de Galen quando Illium entrou, Galen, espalhando suas asas para voar e pousar em uma viga. Dimitri não estava muito longe no Refúgio—ele tinha ido, Galen tinha percebido, para manter o território de Raphael enquanto o arcanjo estava aqui. Jason também havia desaparecido, tendo deixado uma mensagem para Galen sobre quais guerreiros podiam ser confiáveis com a segurança de Jessamy.

Tão importante quanto ela era para ele, Galen não teria colocado fé até mesmo na astuta avaliação de Jason, exceto que ele já tinha decidido pela metade dos homens e mulheres na lista—ainda que ele os permitisse protegê-la enquanto ele atendia suas obrigações. — Sim?

Raphael deu um único aceno de cabeça.

Eles se reuniram no meio do quarto, dois homens com estilos de luta completamente diferentes. Galen era uma força bruta que tinha somente graça o suficiente que ele podia surpreender o adversário, enquanto Raphael era pura elegância letal. Ao contrário de quando ele estava lutando com um inexperiente adversário, Galen usou suas asas, e então o fez Raphael. Tomou uma força incrível para realizar uma decolagem vertical curta sem expor suas próprias partes vulneráveis, mas Galen tinha aprendido a fazê-la por meio da prática constante e incansável. Raphael, por sua vez, parecia fazer isso instintivamente.

O respeito pelo arcanjo cresceu mais profundo em Galen quando Raphael quase o derrubou, torcendo-se para bloquear um golpe, e recalculando seu ataque. O arcanjo era sangue frio o suficiente para traçar estratégias, guerreiro o bastante para ter prazer na dança. Galen teve o pensamento repentino por meio de que esta era a verdade de Raphael embaixo do verniz da sofisticada civilidade, então ele não apenas trabalharia para o arcanjo; ele devia realmente servir.

Batendo violentamente o arcanjo na terra, ele foi para imobilizá-lo, mas Raphael já tinha ido, tendo rolado e levantado pra vir por trás de Galen... exceto que Galen estava girando para encontrar o ataque, suas braços impulsioneados para o alto um para o outro, cotovelos e bíceps travados.

— Impasse! — Illium gritou.

Diversão coloriu a expressão de Raphael, embora continuasse a manter a posição tensa. — Eu iria concordar.

Assentindo, Galen deu um passo para trás ao mesmo tempo que o arcanjo. — Bem jogado.

— Você é melhor do que o povo de Titus deixou-me acreditar. — Um brilho de implacável azul. — Eu acho que ele está esperando que você vá retornar para sua corte.

— Eu fiz minha escolha. — Ele começou a acalmar-se, consciente de Raphael fazendo o mesmo ao lado dele. — Se não há lugar para mim aqui, não é para a corte de Titus que eu iria.

— Onde, então?

Galen considerou suas opções. — Não há muitos para quem eu possa optar levantar minha espada, menos ainda que são fortes o suficiente pra considerar uma ameaça. Elijah encabeçaria a lista. — O arcanjo era mais velho do que Raphael, mas não perdia para a poderosa crueldade no entanto. — E entretanto, ele tinha uma mestre de armas que ele confiava e respeitava.

— Você tem o potencial para governar dentro do vasto território dos arcanjos, — Raphael disse, reassentando suas asas enquanto trazia a si mesmo um impasse. — Por que não peticionar ao Cadre uma mudança de status?

Galen, também, chegou a um impasse. — Eu sou um mestre de armas. — Isso era uma canção para seu sangue.

Pegando um conjunto de facas, Raphael deu a elas para Galen depois pegou um lugar para si próprio. Quando ele ergueu suas sobranceiras, Galen sorriu e olhou para cima. — Vamos ver quão rápido você realmente é, Bluebell.

— Bluebell? — O arcanjo sorriu enquanto Illium jurou vingar-se, e então a primeira faca estava voando de sua mão.

Vinte facas mais tarde—dez de cada—Illum sorriu de sua posição elevada. — Oh, ambos perderam. — Falso desapontamento, embelezado com suspiros teatrais. — Pobre, pobre coitadinhos.

— No caso de você esquecer, eu sou um arcanjo, — Raphael lembrou o irreverente anjo, seu tom seco.

Illum sorriu, sem arrependimento. — Quer tentar de novo? Eu me moverei extra lento—você são ambos muito mais velhos, depois de tudo. — As últimas espadas foram um sussurro conspiratório.

Galen olhou para Raphael. — Como é que ele sobreviveu tanto tempo?

— Ninguém pode pegá-lo.

Enquanto Illum sorriu e tentou chegar a Raphael para empenhar-se em uma aposta, Galen sentiu um senso absoluto de retidão. Essa, essa era sua paz, com estes guerreiros ligados juntos por mais do que medo ou subserviência, mas mais do que tudo, com a mulher que tinha marcado ele com a promessa erótica de seus beijos.

Ele perguntou-se quando Jessamy perceberia o que tinha feito.

9

Jessamy disse, — Saraia —, em um tom inflexível.

— Sinto muito, Jessamy. — Puxando as asas caídas para cima, Saraia procurou por Jessamy para elogiar.

Ela sorriu. — Boa garota.

Satisfeita, Saraia continuou lendo a passagem que lhe tinha sido atribuída.

Jessamy sabia que seus pupilos pensavam que ela era impiedosa pelo modo que ela constantemente lembrava-os de levantarem suas asas, mas o fato era, seus ossos ainda estavam formando. Quanto mais esforços eles colocavam em suas tarefas, mais fortes eles cresciam, até o peso de suas asas tornarem-se quase sem peso.

No entanto, apesar de sua correção, sua mente não estava completamente com as crianças. Parte dela permanecia nos braços de Galen, sua boca queimando com a marca dele mesmo. Quando ele ofereceu para voar com ela, ela tinha sentido tal culpa pelo terrível pensamento que tinha rastejado dentro de sua mente mais cedo, mas Galen certamente não tinha se incomodado com seus esforços para desculpar-se silenciosamente.

— *Você está seduzindo-me a seu próprio modo.*

Um sorriso tonto mais adequado para uma adolescente ameaçou se romper em seu rosto.

— Jessamy?

Olhando para cima, ela viu Saraia olhando para ela com um hesitante sorriso, o livro fechado.

— Bom trabalho, — ela disse, arrastando a si mesma para o presente, e para estas preciosas almas que precisavam aprender o que ela tinha a ensinar a eles. — Você tem uma adorável forma de ler.

— Agora, — ela disse, uma vez que Saraia tinha voltado para seu firme, mas confortável banquinho no círculo de jovens, os estudantes mais velhos de Jessamy já tinham suas lições, — É hora da nossa discussão. Vocês todos pensaram em um assunto para discutir?

Uma mão ergueu-se, balançando freneticamente.

— Sim, Azec?

Os olhos vinho escuro do garoto brilharam enquanto eles encontravam os dela, a desobediência neles tão aparente que ela teve que lutar contra o riso. Estes que lembravam a ela os de Illium—a quem ela teve que ameaçar com consequências desastrosas mais de uma vez quando ele não se concentrava em sua lição. Ele sempre tinha beijado sua bochecha mais tarde e se desculpado com tal sinceridade, um pequeno executor de travessuras.

— Senhorita Jessamy, — Azec disse, sobretudo vibrando com entusiasmo, — você gosta do novo anjo, o grandão?

— Galen, — a garota próxima a ele forneceu num sussurro baixo. — Minha mãe disse que seu nome é Galen.

Jessamy, piscou, tão assustada que ela somente pode dizer, — Por quê?

Azec levantou, suas asas espalhadas, e as mãos atiradas vitoriosamente no ar. — Porque você estava beijando ele!

Risos ecoaram ao redor da sala, enquanto Azec sentava com um brilhante sorriso, satisfeito que ele tinha superado todos os seus colegas. Mas seu status elevado não durou muito.

— Eu vi, também! — outra garota gritou. — Acima do penhasco. — Chutando suas pernas, ela sorriu para Jessamy, sua queda de cachos dourados presa para trás com um belo laço lilás. — Eu poderia dizer que era você por causa de suas asas, — ela disse com a nua e crua honestidade da juventude.

De repente, Jessamy lembrou-se de como Galen tinha bloqueado a visão dele com suas próprias asas quando as coisas tornaram-se quentes—ele *sabia* que suas silhuetas seriam visíveis para certas áreas do Refúgio, tinha que ter percebido que o beijo estaria por toda a cidade angelical pela manhã. Ela tinha estado, ela percebeu, habilmente flanqueada. Não é de admirar que tantas pessoas tivessem olhado para ela com secretos sorrisos em seus lábios essa manhã. Não sorrisos maliciosos, mas sorrisos cheios de satisfação.

Todos aqueles rostos na frente dela.

Sua alegria por ela quebrando algo em seu interior, algo quebradiço, um duro escudo. — Eu beijei Galen, — ela admitiu, porque não poderia mentir e esperar manter sua confiança.

Azec e Saraia ambos falaram ao mesmo tempo, suas vozes embaraçadas na inocência lúdica. — Você fez isso?

— Sim. — Até ela não conhecia a apaixonada, estranha exigente que ela tinha se tornado.

Depois de ter pegado mais de um olhar especulativo dirigido em seu caminho enquanto ele caminhava através da seção de artesanato do Refúgio mais tarde aquele dia, Galen reprimiu de volta um sorriso de primal satisfação. Ninguém tinha qualquer dúvida sobre sua reivindicação quando ele veio até Jessamy.

Illium bateu na porta da casa quando ele tinha deixado eles, olhos de um dourado profundo estreitaram-se quando seu olhar caiu em Galen. — Deve ser melhor para sua saúde não olhar como se tivesse visto um passarinho verde quando você ver Jessamy perto.

Galen mostrou os dentes. — Um homem tem o direito de declarar seu namoro. — E deixar claro que quem ficar no caminho seria estripado.

O anjo de asas azuis balançou sua cabeça. — Bárbaro, está declarando e em seguida batendo o ponto em casa como um clube.

Logo em seguida, eles ouviram um leve — Está aberta — de dentro da casa.

Seguindo o vento assanhado no corredor, eles saíram para um terraço com corrimão menor que se pendurava sobre o desfiladeiro, parecendo estar suspenso contra o cerúleo azul do céu. O anjo que sentava com suas costas para a casa, seu rosto e mãos raiados com vermelho e azul e amarelo, uma tela encharcada de cor no cavalete na frente dele, era criado de peças quebradas de luz.

Suas asas eram diamante brilhante, refletindo e quebrando os penetrantes feixes de luz do sol; seus cabelos a mesma pálida, paradoxalmente deslumbrante sombra; seus olhos, quando ele virou para olhar sobre seu ombro, estilhaçou para fora das pupilas negras em fragmentos cristalinos azul e verde. Uma escultura em gelo, exceto pelo fato de que sua pele manteve o calor dourado provavelmente fazia dele um objeto de desejo, embora ele fosse jovem ainda.

Elevando-se no instante que viu que Illium não estava sozinho, o anjo adotou uma postura respeitosa ao lado de seu cavalete, a pintura azul de seu rosto uma primitiva pintura.

— Galen, este é Aodhan. Ele serve Raphael. — Illium fez uma introdução com uma graciosa reverência que não teria estado fora de lugar no palácio de Neha, a Rainha dos Venenos. — Aodhan, — o anjo continuou, — conheça o novo mestre de armas de Raphael.

— Senhor.

As pessoas de Raphael, Galen pensou, não se encaixavam em nenhum padrão previsível... exceto um. — Sua casa está bem situada, — ele disse, considerando a silenciosa, lealdade implacável que ele tinha sentido em ambos Dimitri e Illium. Um

arcanjo que inspirava tal fidelidade em homens de força era de fato um poder que Alexander devia temer.

As asas de Aodhan farfalharam quando ele moveu-se para juntar-se a Galen na beira do terraço. — A luz, — ele disse, um tímido sorriso em seus olhos, — É perfeita para pintar.

Tímido talvez, Galen pensou, mas inteligente e, pela forma que movia-se, altamente capaz em algum tipo de combate. — A lâmina, — ele murmurou. — Florete? — A delicada, mas mortal espada se encaixaria nos movimentos graciosos do anjo.

Mas Aodhan balançou sua cabeça. — Muita luz para mim. Eu prefiro uma lâmina mais sólida. — Ele empurrou seu cabelo para trás, deixando uma lista vermelha em sua testa e costas. A cor brilhante.

— Você voltou para o Refúgio esta manhã? — Ele daria ao jovem anjo um momento para descansar, após que ele quisesse vê-lo na sala—como mestre de armas, ele conheceria as forças e fraquezas de todas as pessoas de confiança de Raphael.

— Sim. Eu tenho agido como um mensageiro neste último ano.

— Você é muito jovem para a tarefa.

— Foi-me dado dispensa especial, — Aodhan começou, apenas quando suas asas de ouro branco varreram para baixo do céu para terra no terraço, o vento da descida de Raphael soprou o cabelo de Galen de volta em seu rosto.

— Vocês estão todos aqui, — o arcanjo disse, dobrando suas asas apertadas para suas costas. — Bom.

Pego pelo tom de sua voz, eles convergiram em torno dele.

— É hora de eu retornar para meu território, — Raphael disse. — Parece que Alexander está se agitando. Galen, você vem comigo.

Frio em suas veias. Ele sempre soube que ele seria necessário se a guerra chamasse ao lado de Raphael. Exceto — Nós não podemos deixar Jessamy desprotegida. — Sua fúria reacendeu quando ele lembrou o quão ela tinha chorado contra seu peito, sua força, intensamente privada de Jessamy.

— Aodhan, Illium, e Jason, quando ele retornar hoje a noite, terão certeza que ela nunca estará em qualquer perigo. — Raphael olhou os outros dois anjos, receberam imediatos acenos. — Jessamy é uma mulher de inteligência—ela não será tola de se colocar em alguma forma de perigo.

Galen sabia isso. Ele também sabia que ela era sua para proteger. — Devo falar com você sozinho?

— Illium, Adohan.

Os dois anjos varreram para fora do terraço pelo silencioso comando, suas asas dando uma brilhante amostra de luz brilhante e selvagem azul contra a pedra irregular da garganta quando eles tentavam voar fora um ao lado do outro.

— Você cortejou Jessamy, — Raphael disse, sua atenção em Galen, o poder incrível que corria em suas veias quase uma presença visível. — Ela entende o mundo como muitos não o fazem, reconhecerá a razão que você não pode permanecer no Refúgio nesse momento.

Galen balançou a cabeça, determinado a lutar por isso. — O voo para seu território é longo e exigirá que nós mudemos o ritmo constantemente. — Ao contrário do jogo de Illium e Aodhan, seria sobre resistência. — Um passageiro leve não nos atrasará.

Os olhos de Raphael escureceram com surpresa. — Jessamy não deixará o Refúgio.

— Não. — Mãos nas costas, ele agarrou o pulso de cada lado com o outro. — Jessamy *não pode* deixar o refúgio.

A imobilidade do arcanjo não era nada mortal, nada que um anjo comum pudesse imitar. Eram total e completamente dele mesmo. — Você me envergonha, Galen, — ele disse finalmente, os filamentos dourados em suas asas pegando a luz solar. — Tantos séculos eu conheço ela, e jamais nem uma única vez eu perguntei se ela gostaria de visitar outras terras.

— Jessamy, — Galen disse, — não é uma mulher que compartilha seus pensamentos mais íntimos com o mundo. — Era um presente ver através do diáfano, véu impenetrável de sua composta graça.

Raphael deu a ele um olhar oblíquo. — E ela já compartilhou eles com você?

— Não, mas ela irá. — Galen não estava se mexendo, não estava ainda mudando sua mente, e ele não estava deixando ela para trás. — Illium disse que eu tenho toda a sutileza de um urso com um taco duro, mas ursos com tacos alcançam resultados.

Raphael riu; entretanto, suas palavras foram praticas. — Você é o único que Jessamy tem mesmo permitido voar com ela quando uma adulta, mas se você pode ganhar sua cooperação, nós podemos alternar. Nós saímos próximo ao amanhecer.

Enquanto Galen voava fora do terraço não muito tempo depois, o vento ondulou através de seu cabelo, ele pensou no que ele tinha dito para Raphael, considerando cada faceta dele. Jessamy era uma mulher de sonhos e paixões secretas, de camadas ocultas e mistérios íntimos. Ele se perguntou se ele mesmo verdadeiramente a conhecia. A ideia de sempre estar do outro lado fazia a dor disparar para baixo em seu queixo cerrado, mas independentemente de seu comentário para Raphael ela não era uma inimiga que ele

poderia conquistar com força bruta. A campanha para conquistar Jessamy deve ser uma coisa sutil.

Pousando em frente à escola, ele viu a porta fechada e percebeu que a aula devia ter acabado. Ele estava se preparando para voar para a biblioteca quando uma pequena criatura com brilhantes cabelos do sol desceram do céu num torto movimento. Pegando-a para impedi-la de cair na terra, ele manteve-a afastada dele com ambas as mãos ao redor de sua cintura, e fez uma careta. — Sua técnica de voo é falha.

Grandes olhos castanhos com cílios da mesma luz sombreada quanto seus cachos olharam para ele. — Você é o grande, anjo da Jessamy.

Anjo da Jessamy.

Decidindo que ele poderia lidar com a invasão das pequenas criaturas—porque mais duas tinham conseguido aterrissar ao redor dele—ele colocou a menina de pé ao lado de seus amigos. — Por que você está aqui? A escola está fechada.

Era um dos garotos que replicou. — Nós estamos autorizados a jogar no parque. — Ele deslizou a mão para Galen numa relação de confiança que fez algo ir quente e apertado para sua garganta. A criança era uma espécie desconhecida para ele—ele tinha passado sua vida com guerreiros, mesmo quando era ele mesmo bebê.

— Você jogará conosco? — a menina perguntou, inclinando sua cabeça para trás em um esforço de encontrar seu olhar... tão para trás que o peso de suas asas a derrubou.

Abaixando-se, ele puxou-a para cima com uma mão. — Não, eu acho que todos vocês precisam de uma aula de voo.

E foi assim que ele passou o tempo que ele não tinha treinando três excitados bebês que seguravam suas mãos quando não era a sua vez de voarem, e que chamavam ele de anjo de Jessamy. — Eu estou deixando o Refúgio, — ele contou a eles depois, para desaparecer sem aviso que teria sua confiança traída. — E estou levando Jessamy comigo.

Tristeza anulou o brilho em seus cintilantes olhos. O lábio inferior da menininha vacilou. — Você a trará de volta?

Agachando-se diante deles, ele deu um solene assentir, porque ele entendeu o que ele estava pedindo. — Sim, mas agora está na hora de Jessamy voar.

Seguindo para a biblioteca depois que as crianças consentiram que ele podia “pegar emprestada” Jessamy por enquanto, ele sentiu o sussurro da sala de aprendizagem tentando encobri-lo. Agarrando, rasgando. Ele estava tão fora de lugar aqui quanto ele estaria na cama de Jessamy, grande bruto que ele era... mas que importava pouco. Nem quando ela olhou para cima do livro que estava lendo, a tinta fluía graciosamente através da página, e sorriu. — Aí está você, homem desonesto.

Fechando uma mão em punho no cabelo dela, ele reivindicou um beijo, o contato corrido de bocas fundidas. — Eu tenho algo para perguntar a você, — ele disse, tomando outro gole do sabor de sua boca enquanto ele abria seus dedos contra a sensível superfície dentro de suas asas.

— Humm?

Ele contou a ela da viagem que eles fariam, viu sua expressão deslizar entre a paixão confusa e a alegria estonteante, descrença, e finalmente desespero.

10

— É impossível, — ela sussurrou por último. — A distância... até mesmo você não pode carregar-me tão longe.

— Eu posso carregar você para qualquer lugar que você queira ir. — Esta era a razão pela qual ele era tão forte, tão grande—ele tinha nascido para ela. — Apenas se houver necessidade, Raphael solicita que você o siga para voar por você, também. — Galen confiava no arcanjo—nunca colocaria a vida de Jessamy nas mãos de um homem em quem ele não acreditasse que lutaria até a morte para proteger aquela vida.

A garganta de Jessamy moveu quando ela engoliu, seus dedos emocionados em suas asas. — Ninguém quer um anjo mal formado no mundo externo. — A declaração era sombria, o rico marrom de seus olhos sem brilho. — Os mortais não podem ver-nos como fracos.

Ele odiava como ela descrevia a si mesma, mas ele tinha previsto a sua preocupação, discutido os detalhes do território de Raphael com o arcanjo. — Há uma instalação mortal perto da Torre, — ele disse. — Porém a tal distância eles precisariam de uma visão de águia para vislumbrar você. Nenhum mortal trabalha na torre por si mesmo, e não há terra aberta significativa em torno dela, então você não ficará presa em seu interior.

A resposta de Jessamy foi um sussurro travado. — Eu—eu me acostumei a usar o Refúgio, como os limites de minha existência. — Os elegantes ossos de seu rosto cortaram contra a pele quando ela inclinou a cabeça com o pensamento, seus cabelos caindo suaves e abundantes sobre seus ombros. Estendendo a mão ele brincou com os fios, enrolando eles ao redor de seus dedos, enquanto ele enroscava eles ao redor de seu punho quando ele a tinha debaixo dele.

Não, ele não era o mais civilizado quando isso vinha para Jessamy. A maravilha que isso era, ele estava começando acreditar que ela não se importava.

Jessamy queria aproveitar o vento batendo no guerreiro que tinha invadido seu santuário. Sua coxa musculosa estava perto o suficiente para tocar, o calor de suas asas sedutoras embaixo de sua palma, suas penas absurdamente sedosas. Ainda que a terrível alegria que ela sentia pelo presente dele ao deitar-se antes com ela não silenciava sua penetrante consciência dele, essa arma de um homem que estava de alguma forma tornando-se dela.

— *Eu posso carregar você para qualquer lugar que você queira.*

Ninguém jamais tinha oferecido tal liberdade a ela. Ninguém jamais tinha lutado para mostrar a ela o mundo. E ela sabia que ele devia ter lutado. Porque antes de Galen, ninguém a tinha visto além da asa torcida e a fome interior. A única coisa que ela nunca tinha tido em conta que se sua decisão de dançar com ele era essa, ele a levaria com ele quando ele saísse. Coração rasgado aberto, ela olhou para cima para pegá-lo a observando, sentiu seu estômago apertar-se. Mas ela não se envergonhou. Ao invés disso, ela moveu a mão que ela tinha em suas asas para o músculo tenso em sua coxa.

Seu corpo ficou rígido.

Deslizando seu olhar sobre a dureza primitiva dele, ela acariciou mais uma vez antes de levantar... e mover-se entre suas pernas. Acariciando seu rosto quando ele inclinou-se em direção a ela, suas mãos em seus quadris, tão grandes e quentes, ela iniciou um beijo pela primeira vez. Não era tão difícil quanto ela tinha imaginado que seria, não com um parceiro tão entusiasmado que ela encontrou a si mesma presa entre duas coxas musculosas enquanto sua respiração lhe foi roubada.

Quando as mãos de Galen cerraram-se em seu vestido, ela sabia que devia pará-lo—a biblioteca não estava de maneira nenhuma deserta durante o dia—mas ela não o fez. Ao invés disso, ela colocou os braços em volta do pescoço dele e pressionou seus seios no peito de ferro aquecido dele, esfregando-se para amenizar sua súbita necessidade selvagem. Um gemido profundo de Galen, sua mão desapertando e apertando novamente em suas saias. — Isso é um sim?

Usando sua boca para saborear a linha grossa de seu pescoço com a fascinação de uma mulher que queria explorar cada pequena parte dele, ela atraiu a escura, essência inalteravelmente masculina dele para dentro de seus pulmões. — Sim e obrigada.

Galen ficou imóvel, suas mãos fecharam sobre seus braços para empurrá-la para longe de seu belo corpo esculpido.

— Galen?

Sua mandíbula em uma linha brutal, ele disse, — Você entende que você pode estar voando para uma guerra?

Por tal liberdade, ela pagaria qualquer preço. — Sim.

— Nós sairemos amanhã de manhã.

— As crianças—

— Você deve conhecer pessoas que poderiam intervir para continuar sua educação enquanto você está fora.

— É claro. É sobre seus espíritos que eu estou preocupada. — Seria insuportável alcançar seu sonho sabendo que ela tinha partido os corações das crianças atrás.

— Fale para as pequenas criaturas—alguma coisas me diz que elas entenderão.

Com isso, ele saiu da biblioteca. Sem adeus, sem beijo. Arrogante, confusão bárbara de um homem. Um que ela estava começando, muito simplesmente, adorar. — Mau-humor, arrogância e tudo. — Seu riso veio das profundezas dela, da garota que ela tinha sido uma vez.

Aquele riso reapareceu de novo quando ela falou para as crianças. As “pequenas criaturas” de fato entenderam. Não apenas isso, elas a advertiram para ser cuidadosa com estranhos e ter certeza de enviar a eles cartas com muitas mensagens. Uma centena de doces, fortes abraços em seguida, ela desceu o caminho para a casa de seus pais... e embora ela tentasse tão duramente manter-se nisto, o sorriso desapareceu.

— Este Galen é forte? — Rhoswen perguntou, preocupação nua nesses olhos que ela tinha transmitido para sua filha.

— Sim. Minha confiança nele é absoluta.

— Perdoe-me, Jessamy. — Rhoswen acariciou sua bochecha. — Uma mãe nunca deixa de cuidar de seus filhos. Eu gostaria que nós pudéssemos ter dado a você isso—

— Você me deu tudo em seu poder. obrigada.

— Minha bela menininha. — Uma hesitação, como se Rhoswen quisesse falar outras palavras, mas como sempre, ela manteve seu silêncio.

Coração cheio de amor e dor, Jessamy saiu do abraço de sua mãe. Em seguida, seu pai beijou sua têmpora e a apertou o suficiente para deixá-la com hematomas.

— Eu amo você, — ela sussurrou para ambos, e então ela virou-se e afastou-se, um nó em sua garganta. Ao olhar para trás conseguiu ver as lágrimas, brilhando como diamantes, marcando o rosto de Rhoswen.

O sol era apenas uma miragem no horizonte na manhã seguinte quando Galen levantou dentro do ar com Jessamy em seus braços. Suas pernas, longas e mais finas, estavam sobre seus braços, vestida com grossas meias de lã do mais puro preto, sua túnica—o calor das folhas de outono—terminando logo acima dos joelhos. Era estranho ver Jessamy em outras roupas do que os longos vestidos graciosos que fluíam ao redor dela quando ela caminhava, e ele poderia dizer que ela não estava muito confortável em seu vestuário, mas isso era praticamente pelo longo voo.

Ele e Raphael não carregavam nada além das armas que eles tinham amarrados. Como cada arcanjo, Raphael tinha “a jornada de descanso”, estações espalhadas por todo o mundo, abastecidas com todo tipo de comida, roupas, armamentos de reposição. Era uma regra tácita de que nenhuma localização era para jamais ser comprometida ou utilizada como um local de emboscada, cada anjo era bem-vindo a usar a estação. Entretanto, Raphael tinha tido a certeza de sua segurança por colocar guardas em pontos remotos. Cada par servindo por uma temporada antes de retornar para o Refúgio, garantindo que nenhum time fosse sempre muito isolado.

Jessamy mudou uma fração de segundo, os músculos de suas asas movendo-se contra seus braços. Ele não tinha a beijado essa manhã, vendo os vincos de frustração cavados em sua testa. Ele não podia saber o que o impedimento custava a ele, mas a única coisa que ele nunca aceitaria de Jessamy era sua gratidão. Seria uma morte lenta.

— Teimoso, — Jessamy disse, sua respiração, sua respiração um beijo arejado contra seu pescoço, — tem um terrível temperamento, arrogante, com uma tendência para estar de mau-humor. Suas falhas estão crescendo.

Espremendo-a, ele mergulhou suas asas, a fazendo gritar, apertando-a para manter ao redor de seu braços. — Pare com isso. — Era um riso de censura, a suavidade de sua boca pressionada em agonia em sua pele doce.

De frente para eles, Raphael varria para baixo e para cima e fora de vista ao longo do jovem, vale verde, explorando na frente. As asas do arcanjo brilhavam no nascer do sol, seu voo tão suave enquanto não criava nenhuma única ondulação no ar. Em seguida ele tinha ido, deixando Galen e Jessamy com o céu para si mesmos, as nuvens suaves baforadas brancas que ele deliberadamente voava dentro.

Jessamy correu seus dedos através dos filamentos insubstanciais. — Oh Galen. Eu estou tocando nuvens. — A maravilha nela fez tudo valer a pena, até mesmo a dor que poderia ainda vir... quando Jessamy encontrasse o coração de asas, e voasse para longe dele.

Ele devia ter pensado adiante, devia ter compreendido as consequências de seu primeiro sabor de liberdade verdadeira. É claro que ela seria agradecida ao homem que a tinha levado dentro do céu, mas mesmo que ele soubesse isso desde o início, ele ainda teria feito tudo em seu poder, lutado com o arcanjo, para permitir que Jessamy tocasse nuvens. Seu egoísmo era apenas uma coisa pequena—ele queria que ela precisasse dele, quisesse ele, por ele mesmo. Ninguém em sua vida tinha jamais se preocupado com ele só porque ele era Galen.

— Você está planejando ignorar-me o caminho todo, sua besta teimosa? — Jessamy murmurou enquanto eles saíam para o azul ininterrupto do céu mais uma vez, a paisagem esverdeada abaixo intercalada com o brilho serpenteante da água.

Percebendo que ele não tinha nenhuma vontade de resistir a ela quando ela brincou com ele com tal carinho inesperado, ele disse, — É um longo vôo — tentando uma pequena provocação de si mesmo, quando ele nunca tinha feito tal coisa. — Se nós usarmos nossa conversa agora, a etapa final será mortalmente silenciosa.

Sua risada embaraçada ao redor dele, envolvendo-o com redes sedosas que podiam ainda fazê-lo sangrar. — Eu nunca ficarei sem palavras, Galen.

— Então me diga algo, — ele murmurou, roubando esse tempo com ela. Sem importar-se o que aconteceria uma vez que eles chegassem ao território de Raphael, ela era sua por essa jornada e ele não era tão orgulhoso para fingir que ela cuidava dele da maneira que ele necessitava dela.

— Conte-me sobre Alexander. Eu tenho estudado ele, mas nunca o vi.

— Alexander, — ela disse pensativamente, — é o mais velho dos arcanjos. Caliane sozinha era mais velha do que ele, e ela desapareceu quando Raphael era um jovem.

Jessamy nunca esqueceria o som assustador da canção de Caliane enquanto ela balançava afagando seu bebê. O arcanjo tinha tido a mais pura voz... tão bela que ela tinha encantado a população adulta de duas cidades prósperas dentro do mar em uma tentativa bem sucedida para evitar a guerra. Exceto que isso tinha significado a morte de cada uma daquelas pessoas, e mais tarde, da maioria de suas crianças.

Era como se o choque e tristeza tivessem escavados os pequenos para fora, transformando-os em conchas mudas que respiravam—até que um dia, eles começaram a enrolarem-se e morreram. Jessamy nunca esqueceria a história escura que ela tinha sido forçada a escrever aquele ano, os esboços que ela tinha colocado dentro das páginas como um testamento silencioso pelo terrível preço pago pelos inocentes...esboços de cem, mil, bebês embrulhados com carinho para o enterro.

Morte por coração partido, Keir disse quando ele retornou para o Refúgio, seus olhos assombrados. *Mortos de tanta tristeza como imortais nunca saberão.*

— Alexander, — ela continuou, sua garganta apertada com o eco das memórias tão dolorosas quanto quando elas tinham sido formadas, — é também um homem bonito. — Cabelo dourado, olhos de prata, e com um perfil cinzelado, seu corpo aperfeiçoado na guerra, há uma sensação de perfeição física para Alexander antes mesmo de você chegar a beleza austera de suas asas—de um puro, prata metálico. — Ele é, de fato, tão impactante que eu creio que Michaela espera carregar seu filho.

Galen riu. — Ela aspira o nascimento de um filho ou filha na imagem de dois dos mais belos anjos no mundo?

— Sim, mas eu não acho que ela terá sucesso—independentemente do fato que ele já tinha um filho, Alexander não é como outra de suas conquistas. — Ele era muito

inteligente, via além das linhas requintadas do rosto de Michaela a fria ambição dentro de seu coração. — Ele uma vez me disse que seria semelhante a copular com uma aranha negra que come seu macho.

Jessamy tinha sempre respeitado Alexander por sua perspicácia, embora ela não concordasse com sua postura em relação a Raphael. — Por que, — ela disse, — você não tenta uma posição na corte de Alexander? — Titus e Alexander tinham estilos diferentes de regras, mas eles eram ambos homens de guerra.

— Sua idade e poder ameaçam cegá-lo para a realidade do mundo em mutação, — Galen respondeu. — Se Alexander for bem sucedido em seus objetivos, nós ficaríamos para sempre presos no tempo, vagalumes no âmbar.

Jessamy não podia discordar. Alexander tinha dito algo semelhante para ela em sua última visita. — *Estou velho demais para esse mundo.*

Suas palavras tinham sido um contraste surpreendente com a perfeição eterna de sua aparência. Mas isso não era tudo o que ele tinha dito. Franzindo a testa com o pensamento, ela seguiu os fragmentos da conversa para suas raízes em um diálogo que teve lugar acerca de dois anos atrás.

— *Eu estou cansado. Jessamy. — Olhos de prata brilhante, eles nunca pertenceriam a um mortal. — Cansado de guerra, cansado de derramamento de sangue, cansado de política.*

— *Você pode escolher a paz. — Ela tinha tocado-o como ela devia ter Raphael—Alexander era, muito, muito mais velho do que ela, apesar de tudo ele às vezes buscava seu conselho. — Não há necessidade de levantar um exército contra Raphael como eu sei que você está considerando.*

Um leve sorriso que não tinha humor. — Paz é uma miragem...mas sim, talvez você esteja certa em seu conselho. Talvez seja a vez de Raphael.

Tomando uma respiração quando ela percebeu a importância da memória, ela compartilhou com Galen. — Ninguém suspeita ou espera que Alexander levante suas armas. — Mesmo que ela tenha tomado suas palavras como um devaneio ocioso, esquecer assim que a ânsia pela batalha brilhou mais uma vez.

O vermelho opulento de seu cabelo chicoteando sem seu rosto, Galen angulou a si mesmo para que não tivesse nenhum perigo dela ser impactada pelo vento. — No entanto seu exército se juntou até agora.

Jessamy examinou cada faceta da memória, cada sutil mudança da expressão de Alexander, mas o fato era, era uma memória entre milhares, centenas de milhares, podiam nada significar. — Ele é um arcanjo, — ela disse. — eles podem ser imprevisíveis.

Galen começou a descer do céu em um lento deslizamento. — Nós temos que alcançar a primeira estação—Raphael querará ouvir de suas lembranças.

O pouso foi impecável, as poderosas asas de Galen. Ele não tinha resistido quando ela alcançou para massagear seus dedos através de seus ombros. — Você está cansado? — Não era bom para ele, mas ela não queria estar nos braços de ninguém que não Galen.

Um balançar de sua cabeça, seu rosto angulou em direção para onde Rapahel estava falando com os guardas. — Venha.

Ela esperou até que eles estivessem sozinhos com Raphael dentro da grande cabine da cúpula para falar. O arcanjo de olhos azuis queimou em direção a ela e ela se perguntou se a impressionante força era um prenúncio das coisas que vinham. Caliane tinha o poder de rasgar a mente de outros anjos, e Raphael era, em muitas formas, filho de sua mãe.

— Jason, — o arcanjo disse em um aparente *non sequitur*¹⁸, — tem sido frustrado por temporadas. Ele foi capaz de chegar a um das pessoas dentro dos estábulos de Alexander; e obteve um pedaço de conhecimento das fofocas dos servos e soldados quando eles frequentavam as tabernas, mas ele não pode chegar em ninguém da corte de Alexander em si mesmo. Mas, ele não tem sido capaz de encontrar uma forma de ver Alexander em público, na tentativa de julgar seu estado de espírito.

As asas de Galen farfalharam quando ele as arrumou. — Isso não é incomum. Na corte de Titus seria impossível se infiltrar, e Alexander é um guerreiro, também.

Balançando sua cabeça, Jessamy colocou sua mão em sua asa. — Não. Alexander há muito tempo tem uma diretiva de andar e voar entre suas tropas uma vez a cada cinco dias. Ele a cumpre com chuva ou sol, granizo ou neve. Ele tem sempre conduzido a frente.

— A ironia, — Raphael continuou, — é que eu tirei meu exemplo de Alexander neste assunto. Ainda que Jason não tenha o visto aparecer para satisfazer a dúvida da memória recente. — O arcanjo caminhou para os limites da cabine. — Enquanto a palavra nas tabernas é de que sua concubina favorita, eu suponho que de verdade, ele estava escondido com seus generais, em uma tentativa deliberada para assegurar que nada poderia ser adquirido de sua estratégia de batalha”.

— Isso continua a ser uma possibilidade. — Galen esfregou seu queixo. — Mas Alexander também tem um filho. Seu mestre de armas, Rohan.

Os olhos de Raphael encontraram os de Galen. — Sim. E Rohan é bem capaz de montar uma campanha de batalha.

O sangue de Jessamy tornou gelo, quando ela registrou as implicações da sugestão de Galen. Se Alexander estivesse morto... mas não, como poderia isso ser possível? Somente outro arcanjo poderia ter matado ele, e tais assassinatos eram sempre eventos

¹⁸ *Non sequitur* (expressão [latina](#) para "não se segue") é uma [falácia lógica](#) que acontece quando uma conclusão não se segue das suas [premissas](#). Em um *non sequitur*, a conclusão pode ser verdadeira ou falsa, mas o argumento é falacioso porque há falta de conexão entre a premissa inicial e a conclusão. Existem diversas variações de *non sequitur*, e outras falácias lógicas se originam dele, tais como a [afirmação do consequente](#) e a [negação do antecedente](#)

catastróficos que enviavam tremores através do mundo—arcanjos não morriam facilmente. Eles levavam pessoas e lugares com eles. Nenhum veneno, nenhum sigilo

Oh não.

11

— **Somente um arcanjo pode matar outro arcanjo,** — **ela sussurrou.** — Mas se ele foi traído por alguém em quem confiava, ele poderia ser enterrado. — Tal horror tinha acontecido apenas uma vez, muito antes mesmo que Lijuan tinha nascido.

Cortado em pedaços depois de ser emboscado no sono por aqueles que considerava amigos, o corpo do arcanjo tinham sido espalhado e enterrado nos cantos mais distantes da terra. Mas arcanjos poderiam se regenerar mesmo das cinzas. Desta vez, a parte que poderia regenerar todo o homem foi enterrada em uma cordilheira funda que era agora território de Uram.

Essa cordilheira já não existia, e nem quem deu mesmo uma única gota de sangue relacionado com aqueles que tinham enterrado o arcanjo, a carnificina tão absoluta que ninguém em *sã consciência* jamais ousaria tal ato novamente. Ela engoliu em seco, continuou. — Eu não acho que Rohan seria desleal a seu pai, — eles que tiveram um verdadeiro laço pai e filho, — mas se Alexander está desaparecido, Rohan pode muito bem estar executando a campanha de batalha, certo de que seu pai, em breve ascenderá.

— Jessemy está certa, — Raphael murmurou. — Mas, se Alexander, de fato, está desaparecido há muito tempo, então é provável que ele esteja morto. — Um lembrete de que um arcanjo regenerado em uma velocidade que nenhum anjo comum poderia compreender, e que nada poderia mantê-lo contido, terra ou rocha ou água. — Se ele caiu em *anshara* por algum motivo—continuou Raphael, nomeando a mais profunda cura de dormir—e foi entregue a um inimigo arcangélico, mesmo Alexander pode ter sido incapaz de combater uma explosão de fogo de anjo direto para o coração.

A capacidade de criar fogo de anjo, Jessamy sabia, era um raro dom e um letal. Caliane havia possuído, mas seu filho não ... ainda não, o seu poder crescendo em uma taxa muito rápida para prever qualquer coisa. — Tanto quanto eu sei, quatro do Cadre podem chamar o fogo de anjo.

— Será que o vencedor não reclamará o território de Alexander? — Disse Galen.

— Pode não ter sido pelo território. — Raphael soltou um suspiro. — Há alguns no Cadre que iriam encontrar prazer e diversão no jogo, na morte, e em assistir a desintegração resultante.

Uma sensação terrível floresceu na boca do estômago de Jessamy. Ela gostava de Alexander, mas ele era um Ancião, com uma presunção de Ancião. Ele era inteligente, poderia ser gentil na maneira ausente de um ser de tal poder, liderou também seu povo. Isso a adoeceu, imaginá-lo morto com tal maldade dissimulada. Mas isso não era o pior de tudo—se um arcanjo estava morto ou desaparecido, e ninguém tinha informado a

totalidade do Cadre, então seu território estava atualmente sob o domínio de um anjo que não tinha o direito de governar.

Isso não era apenas política—era um fato brutal. Arcanjos governavam porque eles tinham o poder vicioso para controlar os vampiros que eram seus servos. Sem um arcanjo no comando, as chances de o mais violento dos Feitos tornando-se feral, impulsionado pela fúria irracional de fome de sangue, eram catastróficas.—Toda a população de mortais de sua região poderia ser dizimada em poucos dias. Horror foi um gosto de ferro escuro em sua língua.

— Isso também explica por que um vampiro veio para matá-la. — As palavras de Galen foram tão contidas que ela sabia que ele estava lutando contra a raiva. — Pelo menos uma parte ds Feitos notou e percebeu a verdadeira razão por trás da provável ausência de Alexander.

A mente de Jessamy esvoaçou mais uma vez para a memória dessa conversa inesperada com Alexander. — Havia um vampiro com ele quando ele visitou—ela ficou perto da porta, enquanto falamos, estava no alcance da voz. — Um homem alto, criatura de olhos azuis e pele de ébano. — O contraste surpreendente de olhos azul gelo contra a pele escura era a razão pela qual a mulher tivesse permanecido tão firmemente incorporada em sua memória.

— Ela era um membro sênior da sua corte. — Aquele que só poderia ter virado traidor. — Se ela está por trás disso, ela pode vê-lo como uma rebelião contra a servidão exigindo em troca de ser tornada em um vampiro—de uma centena de anos de duração — mas uma vez que ela virar a chave...

Raphael completou seu pensamento. — Ela vai aprender por que os arcanjos são tão impiedosos com alguns de seus irmãos.

Galen e Raphael começaram a falar em como eles poderiam confirmar a possibilidade de Alexander estar morto. Mas Jessamy, andando para lá e para cá, continuou pensando que algo não estava certo. Raphael estava correto sobre o seu cenário sepultado ser improvável, dado o tempo que passou, mas mesmo que Alexander tivesse sido emboscado, a sua morte ainda não teria sido uma coisa tranquila. Ele era um Ancião.

No entanto, ninguém havia relatado qualquer devastação e, certamente, Jason teria notado tal destruição em terras do Arcanjo. Dormindo ou acordado, Alexander — Ele pode ter escolhido para dormir, — ela disse, as palavras saindo antes que ela conscientemente completasse o pensamento.

Os homens pararam no meio da palavra, franziram a testa, antes de Raphael balançar a cabeça. — Ele tinha que saber se ele fizesse isso, sem aviso prévio, causaria caos não só no seu território, mas em todo o mundo.

— Não, se ele confiou em seus comandantes, especialmente Rohan. — Galen fez uma careta para o chão, sua mente claramente em outro lugar. — Ele pode muito bem ter ido dormir em um local secreto, deixando instruções para o Cadre ser informado, uma vez que não havia chance de alguém traçar seu paradeiro.

Um pouco do enjoo no estômago de Jessamy se acomodou, porque ela podia ver Alexander fazendo exatamente isso. Anjos em Sono eram invioláveis. Era uma de suas leis fundamentais. Mas nenhum arcanjo jamais opta por dormir em um lugar onde seus inimigos podem encontrá-lo enquanto ele estava vulnerável.

— Rohan, — Raphael disse, asas queimando, — é forte, talvez forte o suficiente para acreditar que ele pode governar a despeito de qualquer instrução que Alexander deu. — Sua raiva era um brilho para fora de suas asas, uma queimadura de gelo que augurou nada de bom. — Se ele realmente foi tolo o suficiente para fazer isso, sua arrogância vai levar o povo de Alexander a serem massacrados.

Jessamy pensou nas vezes em sua história, quando o tipo de anjo não tinha entendido a profundidade da sede de sangue que vivia dentro dos Feitos, mas eles tinham aprendido. O custo foi pago nas vidas de milhares de mortais.

— O Cadre deve ser informado. — Palavras frias. — Eu vou voltar para o Refúgio e ter Illium voando para Titus e Charisemnon.

— Você deseja que eu voe para Neha e Lijuan ? — perguntou Galen, nomeando os outros dois arcanjos perto do território de Alexandre.

Raphael balançou a cabeça. — Não, Lijuan tomará isso como um insulto, se eu não informá-la sozinha. Eu quero que você continue em direção ao meu território. Se estivermos errados e Alexander *está* vivo, acordado, e elaborando estratégias, então devemos estar prontos para seu ataque. — Seu olhar caiu sobre Jessamy, a crueldade nele arrepiando, embora soubesse que não era dirigido a ela. — Você está mais segura com Galen do que no Refúgio.

— Eu vou atrasá-lo, — disse ela, prática, porque a tristeza não era útil em uma situação tão grave. E Galen... Galen tinha prometido voar onde quer que ela queira ir, então ela teria a chance de tocar as nuvens novamente. — Eu posso ficar aqui. Nenhum vampiro poderia chegar a este local.

— Há uma pequena possibilidade de que o vampiro que a atacou estava trabalhando para Rohan—e o filho de Alexander tem anjos sob seu comando. — A asa de Galen escovou a dela, um forte, íntimo peso. — Nós não podemos correr o risco.

— Ele está certo, — disse Raphael. — Você é muito importante para o Refúgio. — Com isso, ele acenou para Galen. — Vá o mais rápido que puder. Dimitri tem a situação sob controle, mas eu não gosto da imagem que pinte—se Rohan fica sabendo do fato que

o Cadre sabe do desaparecimento de Alexander, ele poderia entrar em pânico para se mover mais rápido. — A pausa disse mil coisa. — Eu lhe dou a minha confiança, Galen.

— Majestade. — A única palavra que fez a lealdade de Galen clara como cristal.

Galen queria dar a Jessamy um presente, mas este vôo foi uma marcha difícil pelos céus. À medida que a noite encobertou-os na escuridão de veludo, as estrelas brilhantes em cima, ele sabia que ela doía para eles aterrissarem, para que ela pudesse olhar com admiração. — Depois de feito isso, — ele murmurou em seu cabelo, — vamos viajar novamente.

Sua resposta foi um beijo pressionado em sua mandíbula, sua trança escovando seu antebraço. — Eu adoro você, Galen.

As palavras ameaçaram desfazer cada um de seus votos para ter mais dela do que a gratidão que iria destruí-lo lentamente gota a gota. — Isso é permitido, — disse ele, ao invés de rasgar a ferida que ela inconscientemente infligiu.

O riso de Jessamy enrolou em volta dele conforme eles continuaram a voar. Sobre cordilheiras gemendo sob o peso da neve sem fim, e os rios rugindo do trovão de passagem da água. Sobre pequenas aldeias empoleiradas nas rochas, e habitações dispersas sobre alastradas pastagens. Em toda a beleza selvagem do mar batendo, parando nas raras pequenas ilhas no azul infinito, e uma vez nas praias de areia branca de uma lagoa intocada. Sobre florestas primitivas e novos caminhos, até que eles estavam indo em direção à forma de nuvem perfurando uma torre subindo do agreste da terra em torno dele.

Eles chegaram apenas quando outro dia amanheceu e parecia como se a estrutura, formada de pedra e madeira e vidro, estava em chamas, um brilhante pilar visível de todas as direções. Foi uma conquista impressionante e uma declaração impressionante. Raphael entendeu claramente que, para alguns, o poder tinha que ter uma forma física.

Aterrissando na ampla cobertura, no telhado reto, ele estabeleceu Jessamy em seus pés e dobrou suas asas antes de encontrar o olhar escuro de Dimitri onde o vampiro estava esperando por eles. — Quaisquer desenvolvimentos? — ele perguntou, ciente que Raphael tinha que ter um relé configurado que podia mover informações a velocidades que nenhum mortal acreditaria.

— O Cadre está convergindo no território de Alexander.

— Tão depressa? — Os olhos de Jessamy se arregalaram quando ela esticou as pernas, mas não suas asas. Foi por isso que Galen tinha feito um pretexto para pousar

antes do sol nascer—ele queria que ela tivesse a privacidade de exercer os músculos. Que ela não tinha escondido dele quando ela fez isso, era outra raiz cavando em seu coração.

— Parece, — Dimitri disse, — que ninguém no Cadre viu Alexander por duas temporadas pelo menos—prova o suficiente para eles tomarem as preocupações de Rafael sério.

Dimitri abriu a porta para Jessamy, esperou até que estivessem dentro da torre antes de continuar. — A demanda tem sido feita para o arcanjo mostrar a si mesmo.

— Seu filho tem tropas prontas. — Galen teve uma excelente idéia de seu número e força, dada à informação que Raphael tinha compartilhado com ele depois que o primeiro arcanjo chegou ao Refúgio. — Ele pode se envolver em vez de cumprir.

— Neha e Uram estão pertos e moveram seus exércitos dentro.

Era, Galen sabia, um ato significativo. Arcanjos não interferem nos assuntos dos outros no Cadre, ou até mesmo em guerras particulares travadas entre arcanjos. No entanto, se Alexander estava morto ou em repouso, seu território não poderia ser autorizado a entrar em colapso de fúria de sangue e de violência, e independentemente de suas falhas, o Cadre poderia, e faria, trabalhar efetivamente como uma unidade, quando necessário. — Quanto tempo antes que possamos esperar uma resposta?

Dimitri olhou para Jessamy.

— Se, — disse ela, formando linhas entre as sobrancelhas, — Alexander está vivo e acordado, ele não hesitará em usar a força violenta para repelir os outros de seu território. Quanto mais o tempo passa, mais certo se torna que ele não está mais no comando.

Dimitri acenou para a porta, a elegância escura de seus movimentos impressionantes. Jessamy poderia apreciar isso, apreciá-lo, mas ela não sentiu nenhuma atração para esta criatura masculina sensual. Seu corpo estava em sintonia com outro, o quente cheiro de terra de Galen impresso em sua pele, o profundo timbre de sua voz que ela queria ouvir enquanto eles abriam suas asas na cama. De alguma forma, com Galen, ela esquecia que era aleijada, esquecia a feiura de sua asa e simplesmente existia.

— Jessamy, você tem tempo para se trocar, descansar um pouco. Seu quarto deve ter tudo que você precisa. — A voz de Dimitri interrompeu seus pensamentos. — Eu gostaria que você se juntasse a nós depois, mas vamos falar de guerra. — A questão era silenciosa.

Jessamy era uma historiadora, alguém que estava nos bastidores e assistiu. Ela não interferia. Mas houve momentos em qualquer vida, quando um descanso teve que ser tomado, um lado escolhido. — Eu vou, — disse ela, encontrando os olhos verdes de heliodor.

Se eles fossem ficar juntos, então sua lealdade tinha que ser de Galen.

O dia passou em uma fúria de planejamento e ação concordante, e não foi até depois do sol que Jessamy encontrou Galen de pé no telhado, suas asas sustentadas com disciplina de guerreiro, conforme ele olhava para os vôos dos anjos, deixando a torre em perfeita formação. Eles eram a primeira onda de defesa, sentinelas e mensageiros experientes o suficiente para patrulhar as fronteiras. Dimitri já tinha uma tripulação de esqueleto fazendo a tarefa, mas tinha retido a maioria, assim Galen poderia pessoalmente avaliar a prontidão dos homens e mulheres de Rafael.

Abaixo da sombra da noite de asas batendo em um ritmo suave e rápido marchava um exército de vampiros, uma guarda de terra que se movia em um ritmo nítido para assumir posições defensivas em uma distância que Dimitri e Galen haviam determinado que daria uma ótima proteção, sem comprometer a Torre de defesas.

Apesar das centenas de pares de asas que cortavam o ar, a massa de vampiros no chão, a noite estava estranhamente silenciosa. Era uma escuridão sussurrando, ela pensou, um presságio que pairava sobre suas cabeças. Logo, ou Alexander iria retaliar contra a invasão de suas terras pelo Cadre, ou ele não iria... e eles saberiam.

Jessamy esperava que ele Dormia, pelo o mundo que não estava preparado para perder para sempre a profunda sabedoria de um Ancião.

— Você é a única pessoa que me chama de sábio. — Os olhos prata de Alexander, tão desumano que ele estava além até mesmo de sua raça de longa duração. — Todo mundo acredita que eu sou um ser de violência e de guerra.

— Você é os dois, Alexander. Você sempre foi. — Ela tinha lido as histórias, sabia o que muitos haviam esquecido. Em tempo passado, Alexander tinha intermediado paz, salvou o mundo do horror inimaginável. — Eu acho que, se o teste voltasse — nem argumentos mesquinhos ou batalhas engendradas no orgulho e poder, mas uma verdadeira questão do bem e do mal, — Você estaria do lado da direita.

Um leve sorriso. — Você é tão jovem, Jessamy. Tola, muitos diriam.

— Será que eles não o chamaram o mesmo quando você se colocou entre dois Anciões rivais?

Sua risada soou profunda e real, a fusão de prata. — Venha, minha jovem. Caminhe comigo e me conte contos de quando eu era um jovem temperamental.

Sorrindo com a lembrança agora agri-doce, ela se inclinou contra Galen, este homem que iria quebrar seu coração em inumeráveis pedaços se ele alguma vez optar por dormir. — Isto não é, — disse ela quando os anjos desapareceram de vista, os vampiros devorados pelas florestas verdes escuras que beiravam a Torre, — como você imaginou que sua vida no serviço de Raphael iria começar.

Ele passou um braço em volta da cintura dela, prendendo suas asas em suas costas. — Eu sou o que sou, Jessamy. — Palavras quietas. — A guerra e as armas sempre serão uma parte da minha vida.

— Eu sei, eu não estou compelida para um homem fantasia, Galen. — Talvez isso, pensou, contra toda a esperança, fosse a causa da distância sutil que ele colocou entre eles, a distância que doía. Se assim for, ela poderia acabar com isso. — É você que eu vi desde o começo, *você* que eu quero.

Espalhando suas asas em suas costas, em um movimento de proteção que se tornou intimamente familiar, Galen colocou sua mão em seu cabelo. A posse que era inconfundível, mas ele não a beijou, não a tinha beijado toda a viagem. E, no entanto o calor sonolento em seus olhos, a dureza flagrante de seu corpo quando ela se apertou perto, disse que queria ela como ele sempre quis. — Fale comigo, homem teimoso.

Cílios caindo sobre os olhos tão belos, ela se perguntava como que ela não tinha caído imediatamente para eles quando eles se conheceram. — Eu quero você com todo meu fôlego. — Sem adornos. Brutalmente honesto. Galen. — Mas a gratidão não é o que eu preciso de você. — Tocando seu rosto com ternura inesperada, ele disse: — Se isso é tudo o que você sente, vai me cortar em dois, mas isso não vai me impedir de ser o melhor amigo que você nunca vai ter. Em qualquer lugar, Jessamy. Eu sempre vou voar para qualquer lugar que você queira ir.

As palavras, do seu voto, reverberavam dentro dela, mas ela manteve o silêncio, sem saber o que dizer. Como ela poderia não ser grata por tudo o que ele tinha feito? Não apenas o dom de voar, mas para forçá-la a acordar, para realmente viver novamente.

— Não há dívida entre nós, nenhum compromisso que você deve sentir-se obrigada a honrar. — As palavras de Galen eram duras, seu toque segurando uma gentileza difícil. — Você está livre.

12

A noite passou com lentidão dolorosa. Incapaz de dormir e arrastando sua asa direita no chão como uma de suas cargas, Jessamy entrou na biblioteca da Torre no momento cinza antes do pincel do amanhecer riscar o céu. Uma lâmpada quinada dentro, e o homem que estava junta a lareira, uma taça na mão, era mais alto do que ela, esbelto da mesma forma, e não tinha asas em suas costas. — Senhorita Jessamy, — ele disse em um tom lânguido que era um ronronar sobre sua pele.

Perigo, ela pensou, mantendo sua distância. — Você tem uma vantagem.

— Ainsley a seus serviços.

— Ainsley? — De nenhuma forma isso se encaixava ao vampiro cujo a voz também era um convite ao pecado.

Seus lábios curvaram para cima, a luz da lâmpada acedendo o vermelho rubi líquido em sua taça de um brilho cintilante. Sangue.

— Esta é a razão pela qual eu costumo matar pessoas que usam meu nome dado, — ele murmurou. — A maioria me chama de Trace¹⁹.

Um nome estranho. Seus olhos adquiriram uma forma ágil novamente, fazendo a conexão. — É isso o que você faz?

Um assentir fácil. — É um país selvagem aqui fora. Muitas coisas se perdem. Eu as encontro. — Bebendo o sangue, ele continuou a sustentar seus olhos com olhos que deviam ter sido do mais escuro verde ou ininterrupto ébano. — Você é uma mulher alta.

Sim, ela era. Mesmo entre a espécie angélica. Embora em pé próxima a Galen, ela sentia positivamente pequena. E ele a tomasse dentro de seus braços... — O que você está fazendo na biblioteca a esta hora da manhã? — ela perguntou, resistindo a necessidade de esfregar uma mão fechada sobre seu coração para aliviar a dor interior.

Trace trouxe a mão de seu lado para revelar um livro. — Poemas. — Um olhar quase tímido daqueles olhos que não tinha dúvidas de que persuadiram mais do que uma mulher em viciante decadência.

Jessamy repensou sua primeira impressão—que ele era perigoso era indiscutível, mas ele era também um homem que não prejudicaria uma mulher. Ele gostava muito delas. — Poemas?

¹⁹ Jessamy pergunta se é isso que ele faz, porque o nome escolhido significa rastreador.

Um lento sorriso vincado em suas bochechas. — Você gostaria de ouvir?

Nenhum homem jamais tinha pedido para ler para ela poesia. Mas então, sua vida inteira mudou. Então ela disse, — Muito bem, — e cruzou o tapete em direção a ele.

Eles sentaram oposto um ao outro, e, colocando sua taça para baixo, Trace leu para ela assombrosos poemas de amor e perda e paixão em uma rica, evocativa voz destinada à sedução. Foi apenas depois do terceiro poema que ela percebeu que ela era o alvo.

Assustada, ela olhou aquele rosto de afiados, belos ângulos, que se chocava com o sedoso cabelo preto, aquela esbelta forma que ela estava certa que poderia mover rápido como uma chicotada quando necessário, e se perguntou sua motivação. — Há outras mulheres na Torre, — ela disse quando ele fez uma pausa para respirar.

Um olhar através de seus cílios, seus olhos revelavam ser o mais profundo verde que ela jamais tinha visto. — Eu sei que é bem cheio, mas eu quero correr meus dedos sobre sua pele desde a primeira vez que eu vi você no Refúgio. — Uma outra pausa, sua leitura mais aberta e francamente sensual. — A única razão que eu não cortejei você ainda foi porque me foi dito por mais de uma pessoa que você prefere solidão, e isso afligia você de se aproximar.

— Eu vejo. — Suas palavras causaram um tremor dentro dela, radicalmente modificando seu mundo. Era uma coisa considerar que talvez ela tenha sido a causa de seu próprio isolamento, outra reconhecer isso. — Você percebeu que minha asa não é o que deveria ser, — ela disse, e era uma questão dentro de um comunicado.

Um encolher de ombros, fluído e gracioso. — Você notará que eu não posso voar ainda. — Terminando o líquido em sua taça, líquido que cantava com ambas vida e morte, ele disse, — Conte-me, você pertence a ele?

Não havia necessidade de perguntar o que ele quis dizer. — Se eu pertencer? — ela disse, em vez de responder, porque o que ela tinha com Galen era precioso, privado.

— Eu posso ser muitas coisas, — ele murmurou, — mas eu não roubo mulheres... ao menos não aquelas que não querem ser roubadas.

— É hora de eu ir. — A noite e esta manhã tinha atirado todas as coisas que ela sabia em uma confusão—não era o momento para ela estar trocando palavras com um vampiro que era claramente um expert na arte da paquera.

— Até a próxima vez que nos encontrarmos, minha cara. — A escura promessa seguiu-a enquanto ela deixava a biblioteca e subiu para o telhado, e saiu para o ar fresco da manhã. Se Trace falou a verdade—e ele não tinha razão para mentir—então podia muito bem ser que outros homens se aproximassem dela agora que eles sabiam que ela estava aberta a ideia de um namoro ou relacionamento.

— *Se isso é tudo o que você sente, me cortará em dois, mas não poderá me parar de ser o melhor amigo que você jamais teve...Você está livre.*

Seu coração se apertou pelo pensamento de nunca saborear o beijo de Galen novamente, mas não importava se isso a faria sangrar por dentro para aceitar seu decreto, ele estava certo nisto. Se ela cedesse à necessidade profunda insaciável dentro dela, a necessidade aberta pelo nome de Galen, e fosse para ele agora, o espectro de gratidão sempre estaria entre eles. Isso machucaria, corroeria e destruiria. Não, ela pensou, unhas cravadas em sua pele, ela não faria isso, não para Galen, e não para ela mesma.

O primeiro raio de sol bateu no horizonte naquele instante, seus dedos dourados cintilando o mundo para a vida.

A palavra veio dois dias depois.

— Alexander dorme — Dimitri disse, juntando-se a ela e Galen onde eles estavam no alto da varanda da Torre, — em uma localização conhecida somente por ele.

— O vampiro que atacou Jessamy? — Galen perguntou, com uma expressão sombria.

— Um assistente de Emira, a sua vampira — um assentir em direção de Jessamy — descrita como estando com Alexander no dia que você falou. Emira era uma das guardas de elite.

— Isso me surpreende, — ela disse, distraidamente colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. — O povo de Alexander é leal.

— Emira era, também, mas sua lealdade era de Alexander e ela considerou seu dever cumprido o dia que ela soube que ele estava seguro em seu lugar de Sono. — Os olhos de Dimitri encontraram os de Jessamy, a escuridão neles impenetrável. — Ainda, eu acho que ela teria sua paz assegurada se ela acreditasse que Rohan cumpriria sua promessa para Alexander—de informar o Cadre da decisão de seu pai. Quando ela percebeu que ele não tinha a intenção de fazer, ela endureceu sua decisão de não servi-lo.

O cabelo de Galen estava inflamado pela luz do sol caindo sobre ele. — Está certo, então—Rohan tentou tomar o território?

Dimitri assentiu. — Nunca percebemos que os vampiros sob seu comando estavam planejando uma insurreição. A única coisa que preocupava Emira era que alguém se tornaria desconfiado sobre a ausência contínua de Alexander.

— Uma preocupação necessária. — Jessamy balançou sua cabeça. — Sem a tentativa de assassinato, quem sabe eu jamais teria recobrado a memória de minha conversa com ele.

— Entretanto, isso surgiu, — Dimitri disse, — o resultado final é o mesmo. Sem Alexander, a região não é mais estável. O Cadre está atualmente trabalhando em um regime interino até que outro anjo receba plenos poderes.

— Michaela, — Jessamy disse calmamente. — Ela está no limite. — Ninguém sabia qual era a linha divisória, mas todos eles sabiam quando um anjo estava a alcançando. Um arcanjo teria nascido naquele momento de mudança, e eles eram tão diferentes de anjos quanto os mortais eram de vampiros.

Nenhum dos homens disse nada, sua atenção além do céu sem nuvens, onde os anjos mergulhavam e voavam em treinamento para uma guerra que não aconteceria—pelo menos não desta vez. Seus próprios olhos, entretanto, permaneciam no corpo musculosos do bárbaro que a tinha beijado, a cortejado, prometido voar com ela para qualquer lugar que ela quisesse ir...e ela se perguntava quem ele era para ela.

Galen viu Jessamy rindo com aquele a quem chamavam Trace no dia seguinte, e teve que se virar antes que ele cedesse à necessidade primitiva de bater na pele do vampiro magro. Um ou dois socos bem no lado daquela bonita mandíbula, naquelas costelas ossudas, e o homem quebraria como cerâmica.

— Eu estou supreso que Trace ainda esteja respirando, — Dimitri disse quando eles caminharam através da grama pisoteada afastando-se da Torre. — Você não me parece o tipo de homem que compartilha.

Galen não respondeu até que eles tivessem quase chegado ao esquadrão angelical que esperava por ele. — Ele faz Jessamy sorrir. — Era a única resposta que ele podia dar, a única resposta que importava.

A resposta de Dimitri foi calma, suas palavras sussurrando idade e dor. — Amor tem uma forma de esmagar um homem até nada restar. Seja cuidadoso.

As palavras de Dimitri reverberaram em sua mente, prevendo um futuro que ele não queria imaginar, Galen espalhou suas asas em uma chamada silenciosa de atenção, e levou o esquadrão para o céu para uma broca de combate aéreo, enquanto Dimitri trabalhava com os vampiros. Mais tarde, eles mesclariam os dois grupos, tendo certeza que eles poderiam funcionar como uma unidade elegante de batalha.

O povo de Raphael era bom o bastante para não ser massacrado se eles tivessem ido para guerra—mas nenhuma delas teria surgido sem perda maciça de vida. Agora que eles

tinham tempo, Galen queria estabelecer uma base sólida, garantindo que a próxima batalha não destruiria as forças de Raphael, deixando ele vulnerável para o segundo ataque.

— O trabalho nos levará inverno adentro, — ele disse para Jessamy no fim do dia, a escuridão laranja do pôr do sol no céu. — Será muito perigoso voar então. — Os anjos não sentiam frio como os mortais faziam, mas voando através da pesada neve incessante que caía em algumas partes do caminho para o Refúgio poderia deformar as asas dos anjos, batendo ele na terra. Dependendo da idade do anjo e a natureza dos ferimentos, a queda poderia ser fatal — imortalidade não era um dom igual, levava tempo para tornar-se pedra.

Independentemente, seria um voo desconfortável, interrompido quando tivesse neve e granizo. — Se você deseja voltar para o Refúgio, eu posso voar de volta e retornar aqui antes da neve. — Ele sabia que isso era uma coisa grande para perguntar a ela — permanecer no território de Raphael para uma volta completa das estações do ano, entretanto ele a queria com ele, mesmo se ela não fosse mais sua. O pensamento era um enorme punho de granito em seu peito, uma pesada, coisa brutal.

— Eu não direi que não é um pouco esmagador estar no mundo, — Jessamy disse lentamente, — mas eu acho que eu tenho mais força do que eu sabia. Eu gostaria de ficar.

— Você tem certeza? — ele perguntou, porque ele não queria sua infelicidade, nem Jessamy.

— Sim. — Inclinando sua cabeça para trás, ela observou o brilho da paleta do céu, listado tão vibrante quanto o casco do tigre. — Até o céu é selvagem aqui. — Um sorriso secreto que puxou o núcleo primitivo dele.

Mas ele não a seguiu quando ela afastou-se, não rasgou o vampiro que veio ao seu encontro membro a membro. Em vez disso, ele voou longe e distante, até o céu que era infinitamente azul e ele podia quase esquecer que ele deixou Jessamy com outro homem.

Jessamy sentiu-se cada vez mais forte enquanto a primavera passava para o verão, uma flor abrindo no sol. Enquanto ela estava no telhado, observando as brocas no ar abaixo, seus olhos seguiam a sólida forma de asas cinzentas estriadas de um homem que nunca deixaria seus pensamentos, se ela estava acordada, ou dançando no escuro aquecido dos seus sonhos.

Galen voava no centro da unidade, sem dúvidas dando ordens naquela voz calma que trabalhava mais eficazmente do que qualquer grito. Ela viu o rosto de outro anjo se iluminar visivelmente por algo que Galen disse, e sabia que ele tinha dado uma de suas raras palavras de louvor. Tais palavras nunca eram floreadas. Às vezes todo guerreiro

recebia um breve aceno de cabeça, mas essas pequenas ações e palavras significavam o mundo para eles, porque todos e cada um sabiam que isso era um elogio merecido. Galen não fazia falsos elogios.

Ainda que ele dissesse que era bonita.

Dois dias atrás, ela enrolou-se dentro de seu abraço e ele a levou a uma exploração abrangente do território de Raphael, esta indomável terra de montanhas e florestas, água e céu. Ela tinha visto a matilha de lobos perseguindo uma manada de veados pastando; rindo maravilhada quando um casal de águias se juntou a ela e Galen para uma longa, distância preguiçosa; falando entre o campo de margaridas, arrojadas e alegres.

Tinha sido a primeira vez que ela tinha pedido a ele para voar desde que ela tinha chegado nesta cidade em expansão, e tinha vindo a se sentir em casa, o cheiro dele familiar o suficiente para machucar. Ela não queria liberá-lo quando eles voltaram para a Torre, e ele tinha segurado ela uma fração de segundo muito longa, também. Mas apesar de sua necessidade ter sido crua, sem ocultação, ele recuou, afastando-se. Seus lábios formigavam com uma fome que tinha começado a agarrar-se em seus ossos.

— *Doce Jessamy.*

A seda de Trace ronronou sussurros em sua mente, lembrando-a da noite passada. Apesar do fato de que Galen tinha a deixado livre, ela sentia a traição intensamente—e ainda que ela soubesse que devia aceitar o beijo do vampiro. Sem sangue, somente um simples jogo de bocas. Trace era um expert em sensualidade, e isso tinha sido uma prazerosa experiência, mas seu coração não tinha batido em garganta; seu sangue não tinha borbulhado. Tudo que ela tinha sido capaz de pensar era, *Ele parece errado.*

Naquele instante, ela tinha entendido qualquer homem, além de Galen pareceria errado.

Trace não era tolo. Recuando, ele tinha colocado seus dedos embaixo de seu queixo e levantado seu rosto. — Então, — ele tinha dito naquela voz que significava o pecado na meia noite, — você pertence a ele. — Um sorriso perverso. — Ainda bem. Eu não fantasio de ter meus ossos quebrados em minúsculos pedaços.

Pegando uma pena que flutuava de cima para baixo, ela viu que era branca estriada com ouro. *Raphael.* O arcanjo tinha voltado tarde na noite passada, passando horas à luz de vela com Galen e Dimitri em seus estudos. Estava claro para ela que Galen estava se tornando uma parte cada vez mais integrante da Torre de Raphael. Havia uma chance que ele não ia querer retornar para o Refúgio.

Se ele não...

Jessamy não sentiu nada, apesar da alegria da liberdade que tinha lhe permitido ver o mundo, voar os céus, mas o Refúgio era sua casa. Seus livros estavam lá, as histórias que

ela era responsável de manter. E oh, como ela sentia falta das crianças. Não havia nenhuma criança na Torre. Uma onda de vento, penas de ouro branco no limite de sua visão quando Raphael dobrou suas asas. — que você escreverá em suas histórias sobre meu território?

— Este é um lugar tão selvagem, e com muitas promessas, como você. — Ele era um arcanjo, mas ele também tinha sido um de seus pupilos uma vez, e às vezes, ela achava que ela esquecia e falava com ele desse modo.

Os lábios de Raphael curvaram-se, mas uma dureza cada vez maior em seus olhos—tão azuis, tão extraordinários—que machucavam. Isso o estava mudando. A política. O poder. — As terras de Alexander?

— Estável por agora.

— E você? — Seus olhos pousaram em um perfil que estava se tornando cada vez mais ferozmente bonito, até, ela sabia, um dia em breve, nada lembraria o garoto que ele tinha sido.

— Eu tenho um território para ser consolidado. — Ele aproximou-se, pegou suas mãos. — Você sempre será bem-vinda neste território, Jessamy—o quarto que você ocupa é seu.

Ele viu muito, ela pensou, mas então, isso era o porquê dele ser um arcanjo. — O Refúgio é onde eu pertença.

— Você tem certeza? — Ele angulou sua cabeça em direção ao esquadrão de anjos agora mergulhando e cortando o ar rarefeito das nuvens.

Seguindo seu olhar, ela não observou o esquadrão, mas seu comandante. Sua alma doía com inexorável necessidade, mas ela sabia que não era o momento ainda. — O coração, — ela sussurrou, — pode ser uma coisa frágil. — E este amor que crescia entre ela e Galen, mesmo em seu silêncio, era até mais.

13

Galen observava enquanto Trash deixava a Torre, vestindo uma roupa de vigia verde manchada de marrom. O vampiro era bom—Galen podia perceber nenhum traço dele uma vez que ele tinha se misturado à floresta. Mas Trace não era o único que tinha notado Jessamy agora que ela tinha saído de seu isolado poleiro no Refúgio.

Galen observou, não interferiu... e derrubou Dimitri na terra regular de base.

Limpando o sangue de um lábio cortado após seu último round, o vampiro balançou sua cabeça. — Eu devo ser um masoquista, para voltar para isso.

— Não, você é apenas determinado a ser o melhor. — A verdade era, o vampiro era uma competição real. Galen saiu com cortes e machucados mais frequentes do que nada, e Dimitri ainda tinha conseguido ferir suas asas uma ou duas vezes. Eles estavam aprendendo um com o outro, tornando-se combatentes mais mortais. Derramando água sobre sua cabeça usando um uma jarra deixada ao lado do balde com líquido fresco, claro, Galen empurrou para trás o cabelo molhado e disse, — Eu preciso ficar longe por um dia, talvez dois. — Ele confiava em Dimitri agora, sabia que o vampiro, juntamente com o próprio Raphael, vigiariam Jessamy, sabendo que nenhum homem ousaria prejudica-la.

— Outro anjo que voar com ela — a expressão de Dimitri era vigilante — exceto que ele tem medo que você o matará.

O jarro quebrou sobre a força de seu aperto. Ignorando o sangue, ele espalhou suas asas em preparação para voar. — Eu nunca a enjaularia.

Alcançando o céu, ele parou do nada, voando duro e rápido para ir à beira do penhasco. Vários esquadrões passaram por ele, mas nenhum tentou interceptá-lo, como se fossem capazes de sentir o humor negro que tinha praticamente engolido tudo. Voando como se ele estivesse lutando por sua vida, ele corria as correntes de ar até o céu ser um vazio sombrio de todos os lados, a terra escura e arborizada debaixo dele.

Solidão.

Depois de crescer como ele tinha, ele tinha acreditado em si mesmo emparrado de tal dor, invulnerabilidade para os cortes invisíveis que podiam estripar. Mas o garoto faminto de amor que ele tinha sido, ele ainda existia dentro do homem, e ambas as partes dele sangravam sem cessar ao sentir que Jessamy o deixaria em milhares de pedacinhos. Mergulhando para o chão e a beira do pequeno riacho, ele permitiu a si mesmo parar, respirar, pensar. Exceto que seus pensamentos mantiveram-se girando de volta para a mesma coisa—Jessamy nos braços de outro.

Raiva arrancou dele um selvagem rugido que saiu, tendo sido mantido dentro por um longo tempo. O frio do outono não se estabeleceu em seus ossos enquanto ele dava voz para sua fúria, não fazendo nada para acalmar a febre de seu sangue. E quando ele subiu no ar novamente, ele sabia que ele estava indo de volta. Se ele visse Jessamy voar com outro homem, ele não mataria, não se comportaria selvagemmente, mesmo se isso o matasse.

Ele simplesmente observaria, tendo a certeza que outro anjo não a machucaria.

Mas quando ele voltou, a Torre estava quieta, a maioria das salas desprovidas de luz. Ninguém, exceto os sentinelas, voava no céu na medida em que os olhos podiam ver, e quando ele foi para o silencioso pouso no terraço do outro lado do quarto de Jessamy, ele encontrou a porta aberta. Ele lutou consigo mesmo e perdeu, entrou—para ver ela caminhando em direção a ele, como se ela estivesse estado prestes a sair para o terraço.

— Galen! — Uma mão subindo para seu coração, ela parou, o verde enevoadado de seu longo vestido de mangas compridas escovando seus tornozelos com beijos suaves.

Ele percebeu que ele tinha estado mentindo para si mesmo. — Eu voarei com você. — Isso saiu como um resmungo. — Eu dou a você minha espada que eu a levo a qualquer lugar que você queira ir. Por que você não me pede? — Em vez de aceitar a oferta de alguém que não fosse tão forte, não poderia levá-la longe, mantê-la segura?

Um pausa, e ele pensou que ela estava segurando a respiração, medo? Guerreiros de sangue tinham fraquejado em seu temperamento e ele tinha lançado isso para única pessoa que importava mais do que qualquer coisa. Seus músculos travaram, ele foi de volta para fora para a saída, mas ela o parou com um simples, — Não se atreva a deixar-me assim outra vez, Galen. — Sem medo. Fúria.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Você saiu sem me dizer. — Seguindo através do fino tapete Persa vermelho e dourado, ela empurrou seu peito com as mãos, a ação não teve nenhum impacto em sua estabilidade ou equilíbrio, mas enviou um choque através de seu sistema emocional. — Eu tive que achar Dimitri.

A própria ira de Galen ardia. — Eu não estava ciente que era necessária minha presença. — Ou mesmo notada.

Jessamy nunca tinha lidado com muitos homens a nível íntimo. As duas últimas temporadas tinham sido uma revelação. Ela tinha sido flertada, cortejada e até mesmo beijada. Nada disso enfurecendo a parede de um homem que pensava que ele já tinha o direito sobre ela. — Se alguém devia estar reclamando sobre ser ignorada, — ela disse, — devia ser eu.

— Deixe-me sozinho com Trace por um momento apenas, — Galen disse, palavras acaloradas de modo algum tranquilas ou contidas. — Eu o fixaria no chão com minha espada, rasgando seus membros finos fora.

— Muito romântico. — Ela resistiu ao impulso de chutá-lo. — Eu estou tão brava com você. — Por ensiná-la sobre paixão, para somente deixá-la morrer de fome, por mostrar a ela o céu, apenas para usar aqueles céus para evitá-la, por ser tão teimoso e tão *macho*! — Você não devia estar aqui. Vá embora.

Um farfalhar de asas, aquele grande corpo de repente mais próximo. — Você está brava comigo?

O calor dele penetrou seus ossos, ameaçando derreter sua raiva fundida em desejo, mas ela reuniu suas forças para manter-se firme. — Muito.

— Bom.

Sua boca caiu aberta... e ele a tomou, aproveitando-se, sua língua lambendo intimamente contra a dela mesma como se ele ignorasse as preliminares exigidas a uma matéria, úmida, um beijo de boca aberta. Pernas sobre a fivela, ela agarrou-se aos seus braços espessos em um esforço para ficar em pé. Galen fez um baixo, profundo som em seu peito pelo contato, e deslizou um braço ao redor de sua cintura, prendendo ela a ele como se invadindo. Isso não era nenhuma tenra carícia, nenhum toque de amante gentil. Era um ataque primitivo em seus sentidos, uma necessidade áspera que somente seria satisfeita com sua rendição absoluta.

Agarrando-se ao seu pescoço com uma das mãos, ela achatou a outra sobre a batida disparada de seu coração, o ritmo acelerado de uma tatuagem que combinava com ela própria. E abaixo... a dureza dele se projetava exigente contra seu abdômen, apenas limitada pela sua calça e seu vestido. Ofegante de novo, ela encontrou sua boca tomando-a ainda mais completamente. A maior parte da paixão completamente banhada em desespero do que técnica, ela acariciou sua língua no interior de sua boca.

De repente, absolutamente imóvel.

E então ela estava sendo esmagada e erguida até que sua boca estava alinhada com a dele e ele estava devorando-a como se ela fosse uma iguaria que ele tinha esperado uma vida inteira para saborear. Uma mulher teria que ter um coração de pedra para permanecer inalterada, e Jessamy não era nada perto de uma pedra quando se tratava de Galen. Ela sugou sua língua, lambeu seus lábios, usando seus dentes em lúdicas mordidas que fizeram seu peito retumbar contra seus seios, seus mamilos apertados, duros pontos.

Um braço travado contra sua cintura, Galen moveu a outra mão para baixo para sentar prioritariamente na curva de seu quadril, antes de abaixar para acariciar suas curvas inferiores, seu toque firme, extremamente possessivo. Ofegante, ela quebrou o beijo

para fitar o olhar tornar-se uma profunda fumaça de esmeralda. Seus lábios estavam machucados de seus beijos devastadores, sua pele corada com calor. E sua mão...

— *Galen.*

Ele aninhou-se em seu pescoço, continuando a moldar e acariciar ela com um escandalizar meticuloso. — Vamos voar.

— Sim. — Ela queria estar sozinha com seu bárbaro.

O ar era fresco contra sua pele, a noite silenciosa, mas ela não cometeria o erro de pensar que eles eram os seres solitários estando fora daqui, não até Galen voar para longe além da Torre e em direção as montanhas, o mundo abafado em torno deles. Pousando na pequena clareira gramada cercada de majestosas e altas árvores, ele deslizou-a para baixo seu corpo com erótica deliberação, seu vestido girando ao redor emaranhado com suas pernas enquanto seu corpo exigia que ela se esfregasse mais forte contra ele.

Ela foi afastar os fios de cabelo que tinham lambido através de seu rosto, mas ele já estava fazendo isso, sua pele áspera contra ela. Virando seu rosto, ela pressionou seus lábios em sua palma. — Se você desaparecer assim novamente, eu baterei em você com suas próprias pernas.

— Você é uma mulher terrível, Jessamy.

Movendo-se gentilmente para ele para provocar, ela ficou na ponta dos pés e falou contra sua perigosa, apaixonada boca. — Você, Galen. Eu quero você. *Somente* você. — Não se importando se ela não tinha tido uns cem diferentes amantes, ela sabia o que ele era para ela—*tudo*. Se ela tinha encontrado ele no amanhecer de sua existência, ou no fim, não teria mudando aquele simples, imutável fato.

Movendo ambas as mãos para seus lábios, ele os alinhou do peito aos pés. — Eu devia esperar, eu sei. — Sua respiração travou em sua garganta, seu coração apertou.

— Mas eu não posso. — Uma confissão primitiva.

Uma única batida depois e ela estava arqueando em seus beijos mais uma vez, braços balançando duros com os músculos segurando ela mais perto, seus seios esmagados contra seu peito nu, suas coxas escancaradas até que ela estava situada entre elas.

Possuída.

Seduzida.

Amada.

Se qualquer parte dela já não pertencia a ele, tonou-se sua quando ele embalou seu rosto em suas mãos, e sussurrou. — Diga-me para parar, Jessamy. — Era o pedido de um homem que tinha perdido o controle.

Destruiu ela que o mestre de armas conhecido por sua calma sob a mais brutal pressão sentia tanta fome por ela. — Eu não quero que você pare. — Correndo seus dedos no fogo líquido de seu cabelo, ela puxou sua cabeça para baixo.

Quando ele disse que eles deviam voltar para a Torre, para que ela não tivesse que deitar na grama, ela acariciou sua mão para baixo nas rígidas linhas de seu peito e sobre a dureza orgulhosa que empurrava contra seu abdômen. Somente com Galen podia ser tão corajosa, sem ter vergonha. Ele fez um baixo, surdo som que fez suas coxas apertarem-se, e então não houve mais conversa para retardar. Suas roupas toda rasgadas fora dela, ela encontrou a si mesma espalhada na grama como algum sacrifício pagão enquanto ele olhava para baixo para ela enquanto abria o fecho de suas calças, um grande homem que deveria ter assustado ela.

Ela separou suas pernas. — Galen. — Talvez ela tenha sido protegida, mas ela era uma mulher adulta, uma mulher que tinha encontrado seu amante apaixonado.

Suas mãos eram suaves em suas coxas quando ele veio sobre ela, o toque de seus contundentes dedos até mais gentis enquanto ele trabalhava nela até que ela estava choramingando e tão necessitada que machucava. Peito arfante, ele disse, — Jessamy?

Envolvendo suas pernas ao redor de sua cintura, ela esfregou o escorregadio pulsar entre suas pernas contra ele em resposta. Ele deu um gemido trêmulo, e então ele estava empurrando dentro dela. Ela tinha ouvido estórias que outras mulheres contavam, mas nada podia descrever esta selvagem, bela sensação de ser possuída e possuir ao mesmo tempo. Gritando pela ardente dor enquanto seus tecidos tentavam acomodar ele, ela entrelaçou os braços ao redor do homem que amava, e respirou o escuro almíscar de seu cheiro, suas asas deslocando-se contra as frias lâminas de grama.

Uma mão em casulo acariciava sua perna fora de sua cintura, espalhada e dobrada pelo joelho. O ato a abriu mais ampla, a dureza de Galen se estabelecendo mais fundo dentro. Ele arrancou um suspiro dela, mas quando ele hesitou, ela beijou e acariciou ele até ele mover-se de novo. Superficial e lento, permitindo a ela se acostumar com o peso e poder dele.

— Jess. — Músculos esticados tensos, lábios contra seu ouvido. — É muito?

Sim. Gloriosamente, maravilhosamente demais.

— Não pare. — Arqueando embaixo dele como um rolo suntuoso de seus quadris, ela acolheu seus lábios. Ele continuou a deslizar dentro e fora muito lentamente, mas indo mais fundo com cada golpe, sua boca reivindicando a dela ao mesmo tempo—em beijos que imitavam o êxtase carnal do acasalamento.

O choque de seu corpo desmoronando sem aviso quebrando o beijo para respirar, sua cabeça atirada para trás, a escura beleza das asas de Galen espalhadas em poderosa silhueta sobre eles. Ele a conduziu em direção ao apertado prazer, uma grande mão apertando e moldando os pequenos, mas extremamente sensíveis montículos de seus seios enquanto ele arrastava beijos para baixo na linha de sua garganta, o outro punho em seu cabelo arqueava seu pescoço para ele.

Torcendo, seu corpo sentindo calorosamente, eroticamente usado, ela teceu seus dedos dentro da chama de seda vermelha enquanto a onda final opulente de prazer a percorria... e segurando ele quando ele estremecia e exauria-se dentro dela em um duros pulsares de líquido quente, dizendo seu nome no fim, sussurrando-o mais e mais enquanto seu corpo continuava empurrando dentro dela até que ele tremeu, acalmou, enterrando seu rosto na curva de seu pescoço.

Meu homem. Meu.

O outono sangrou o inverno e em seguida o próprio coração de neve e gelo. À medida que os dias diminuía e escureciam, Jessamy passava suas noites enroscada nos braços de Galen quando ele ficava. Era um tempo de descobertas e brincadeiras e alegrias, exceto pelo calmo, arrastar de conhecimento que seu grande bárbaro estava sendo muito, muito cuidadoso para não quebrá-la.

Ela não entendeu de primeira, cega pelo esplendor do que eles fizeram um para o outro para perceber que amar não era somente uma lenta dança. Mas agora que a borda nua de sua fome tinha sido aliviada, agora que ela tinha passado mais do que uma noite explorando a beleza do corpo de Galen enquanto ele “sofria” por sua prazerosa dama, ela podia sentir os tendões tensos, a rigidez muscular quando ele continha a si mesmo de expressar a violenta força de sua paixão.

Doía-lhe que ele mesmo nunca se punha livre para tomar a intensidade de prazer que ele infundia nela, mas ela não sentia raiva. Como podia ela ficar zangada com o homem que olhava para ela como Galen o fazia? Ele podia nunca dizer palavras poéticas de amor, mas ela sabia o que ele sentia por ela em cada fibra de seu ser, sentia sua devoção em cada carícia, cada nova maravilha que ele procurava para mostrar para ela... cada segredo que ele compartilhava.

— Minha mãe tinha escrito para mim, — ele tinha dito a noite passada enquanto eles estavam deitados na cama.

Acordando a dor de um relacionamento que ele tinha com Tanae, ela tinha colocado sua mão sobre seu coração e simplesmente ouvido.

— Ela me disse em retorno, que Titus concordou a dar-me o comando sobre a metade das forças. Orios permanecerá como mestre de armas, mas eu seria seu tenente.

Arqueando uma sobrancelha, ela fez uma careta. — Por que ela ofereceria a você uma lição positiva do que você tinha com Raphael? — Talvez os exércitos de Raphael não fossem tão impressionante quanto o de Titus, mas Galen era treinado para liderar. Até mesmo Dimitri, o segundo de Raphael, curvou-se a experiência de Galen quando veio para suas tropas.

O sorriso de Galen mantinha uma frieza que ela nunca tinha visto antes em seu guerreiro. — Porque ela sabe que eu sempre me esforcei para agradá-la. Quando criança, eu pensava que se eu fosse bom o bastante, forte o bastante, eu podia conquistar seu amor.

Sua raiva latente por Tanae foi construída sobre as estações do ano com todas as pequenas verdades traidoras sobre a infância estéril de Galen, ardia. — Você não tem necessidade de agradar ninguém, Galen. Você é magnífico, e se ela não pode ver isso, então ela é uma tola.

A luz do amanhecer no mar verde, até que fosse translúcido. — Magnífico?

Pega pela vulnerabilidade que ele não demonstrou a mais ninguém, ela sussurrou sua resposta em um beijo. — Totalmente.

Agora, depois de fazer seu caminho para sua vista favorita no telhado, ela pensou o quanto essa pequena conversa tinha dito a ela sobre seu bárbaro. Ele podia ser impetuoso e contundente na superfície, mas havia uma terrível ferida no coração de Galen, uma que levava ela a tomar tal cuidado primoroso com ela—como se ele não quiasesse nunca fazer algo que pudesse afastar ela agora que ela era sua.

Uma única lágrima escorreu por sua bochecha.

14

Galen terminou os treinos logo que a escuridão do inverno fechou em torno deles, o ar puro da neve hoje, embora a espessura cobrisse o chão. Carrancudo nos sussurros que passaram de guerreiro para guerreiro sobre o desejo do mestre de armas para chegar em casa, ele acenou, no entanto muitos deles sorridentes foram sem repreensão. Talvez ele estivesse ficando mole, mas ele estava feliz de uma maneira que ele nunca tinha sido feliz antes. Isso o fez tolerante.

Voando seu caminho para a varanda do apartamento que ele agora compartilhava com Jessamy, ele encontrou os quartos vazios. Desapontado, ele decidiu sair para tomar banho. Ele apenas pegou uma muda de roupa quando Jessamy entrou na sala. Seu coração parou, como sempre fazia. Derramando em seus braços, ela o beijou com a alegria selvagem de uma mulher que amava seu toque. Esse carinho constante pode fazer um homem perder a cabeça, chegou a acreditar que ele era a magnífica criatura que ele viu em seus olhos.

— Você vai tomar banho? — Ela o acariciou, as mãos acariciando seu peito com delicada possessividade por cima da camisa que ele tinha escolhido para usar quando a neve veio. Caso contrário Jessamy se preocuparia.

— Voltarei logo. — A água do rio estava gelada mesmo para um anjo, não o tentava a relaxar.

Lento e perverso, os lábios de Jessamy curvaram em um sorriso que só Galen já viu.
— Eu vou esfregar suas costas.

Ele deveria ter dito a ela para permanecer na Torre, onde ela estaria quente e confortável, mas ele precisava muito dela. Dando-lhe as roupas para segurar, ele a pegou e eles voaram, não para o rio próximo, mas para um pequeno lago ao pé das montanhas ao longe, onde a água corria, porém clara e doce. Foi um vôo muito mais longo, mas pouco importava, desde que ele tivesse Jessamy com ele.

— Alguém está apto a nos perturbar? — Ela perguntou, quando eles pousaram, espalhando suas asas para fora para esticá-las, uma alta, linda mulher em um vestido até os tornozelos, a cor e a leveza da espuma do mar, os botões que fechavam as fendas das asas em seus ombros, feitos de cristais de corte quadrado em um tom mais vibrante de azul.

— Não. Nós estamos sozinhos. — Incapaz de resistir, ele acariciou os arcos sensíveis de suas asas para ela estremecer em tranquilo prazer. — Essa área é muito fora das patrulhas angelicais e desabitada. As montanhas são tão desertas como eram no início do tempo.

Seu sorriso continha uma antecipação sensual que fez seu pau saltar. — Você não tem que tomar banho?

Rindo do jeito que ela sentou-se em uma rocha nas proximidades, como uma grande rainha prestes a desfrutar de uma performance particular, suas asas escovando a neve, ele começou a tirar a roupa. Ele nunca tinha sido autoconsciente sobre a nudez, mas vendo o prazer de Jessamy em seu corpo lhe tinha feito um exibicionista... mas só com ela. Nu em pele—e flagrante em seu desejo—ele respirou fundo e mergulhou sob a superfície fria da lagoa profunda alimentada por chuvas da montanha.

O frio gelado foi um choque, mas nada que o seu corpo não poderia suportar. Subindo para a superfície, ele piscou a água de seus olhos para ver o vestido de Jessamy e a piscina de roupas aos seus pés, deixando-a uma deusa de pernas compridas, sua carne, na proporção perfeita para sua boa estrutura. Suas curvas eram delicadas, mas muito aparentes, seus pequenos seios tensos que ele gostava de saborear e brincar. Sua historiadora era muito sensível ali.

Sentado à beira do lago depois de derrubar a camisa descartada na neve, as pernas delas penduradas para o lado e para a água, ela estremeceu. — Venha aqui.

— Como minha senhora deseja. — Seu riso, suave e íntimo, enrolou ele conforme flutuou para se acomodar entre os joelhos, espalhando suas coxas mais amplas ruborizando-a. Ele observava o progresso da onda de cor quente conforme seus seios ficaram rosas, seus mamilos como beicinhos apertados salientados que ele tinha de provar.

— *Oh* — Sua mão fechou em seu cabelo.

Satisfeito, ele usou o polegar e o indicador para arrancar o mamilo do seio negligenciado enquanto atraiu profundamente o outro com a boca. Ela era tão pequena, tão perfeita, que poderia levá-la totalmente em sua boca, chupar e lambe e marcar. Soltando-a com lenta relutância, ele gostava de ver o peito dela brilhando do seu amor, tão rosado e bonito. Quando ela puxou o cabelo dele, ele sorriu, lambeu o outro seio.

No momento em que ele parou, o doce almíscar dela estava em cada respiração sua. — Jess. — Saiu cru.

— Sim. — Ela separou suas coxas mais amplas enquanto ele beijou seu caminho através de seu umbigo e para a doçura picante escondida por cachos castanhos finos. Ele tinha se banquetado com ela antes, amava os pequenos sons que ela fazia quando ela acelerava em sua língua, mas esta noite, ele encontrou o seu controle desgastado para a borda irregular pela sensualidade selvagem de seu convite. Seus golpes eram mais ásperos, seu aperto em seus quadris mais forte.

Em vez de recuar, ela ergueu para ele.

Ele era um homem. Um homem que ela desejava. Ele teve o efeito de tirar a coleira. Lambendo, chupando, mordendo e até mesmo com os dentes, ele empurrou-a para um pico duro, rápido. Ela estremeceu, o sabor de seu prazer erótico em sua língua. Ciente de como ela era sensível depois de um clímax, ele recuou para sugar um beijo quente e úmido no interior de sua coxa. — A água não está tão fria, — Ele persuadiu, querendo-a com ele para que ele pudesse empurrar seu pau duro, apesar do frio, no aperto derretido de seu núcleo.

Seus olhos brilharam. — Mentiroso. — Mãos massageando seus ombros, ela se inclinou para frente com as asas espalhadas para reivindicar sua boca, sua sexualidade sem vergonha e inebriante. — Eu quero outra coisa.

Intrigado, ele empurrou para cima com os braços de cada lado dela, acariciando e beijando a linha graciosa do pescoço. — Qualquer coisa.

Dedos teceram em seu cabelo enquanto ele deslizava para baixo, ela ergueu os olhos para o céu à noite, iluminado apenas pela lasca delicada de uma lua minguante e o fogo gelado de inúmeras estrelas. — Eu quero dançar, Galen.

Suas mãos apertaram suas coxas. — *Jess*.

Jessamy o beijou de novo, macio e exuberante e sedutor. — Eu nunca pensei, nunca ousei sonhar que eu teria isso, mas você me prometeu, Galen. — Dentes em seu lábio inferior, o calor suave de sua língua, aquecido aleitamento. — Você disse que ia voar para onde eu quisesse ir.

Esses minúsculos beijos levando-o a um passo da insanidade, ele moveu as mãos para cima para fechar sobre os seios, obrigando-se a não ser demasiado áspero com ela. Se ele machucasse Jessamy, ele cortaria suas próprias mãos, cauterizaria as feridas com o metal aquecido para que não se curassem por uma temporada. Em seguida, ele faria tudo de novo.

— Mais forte. — Um sussurro rouco contra a sua boca. — Por favor.

Ele cerrou os dentes para não a derramar na água ali mesmo. Jessamy continuou a beijar e acariciá-lo enquanto lutava contra a necessidade, e, em seguida, suas mãos se moviam, apertando e puxando mais duro do que ele já tinha feito antes, sua pele cremosa avermelhada pela demanda grossa de seu toque.

Tremendo de uma maneira que ele sabia não tinha nada a ver com o frio, ela passou a mão sobre o arco de suas asas, os dedos longos esfregando a borda sensível onde cresceu fora de suas costas. Era como se ela estivesse acariciando seu pênis. Ele arrancou, empurrou-se para o meio do lago e mergulhou. Ela estava sentada onde ele a tinha deixado quando ele surgiu, o peito arfando, os cabelos caindo sobre os ombros para esconder os seios, mas para os pontos gordos de seus mamilos.

A ninfa de madeira vem à vida. Para atormentá-lo.

— O frio não está ajudando, — Ele murmurou, empurrando-se para frente para agarrar seus quadris e chupar a ponta rosa esticada de um peito em sua boca sem aviso prévio. Seu grito foi a música mais doce. Empurrando de lado o cabelo, ele moldou o outro seio com a mão, usando a pressão que ela tinha acabado de lhe ensinar que ela gostava, seu pau grosso e pronto entre suas pernas.

Então ela sussurrou, — Dança comigo, Galen.

Deixando seu mamilo disparar de sua boca, ele encontrou seu olhar. — Eu não vou ser capaz de me controlar — A dança era o mais primitivo dos acasalamentos.

— Eu pedi por controle? — Com esse lembrete, ela se levantou e estendeu a mão. — Agora venha.

Ele podia não negar-lhe nada. Levantando-se da água, ele não a pegou em seus braços como sempre fazia. Em vez disso, ele a segurou para ele com um braço ao redor da cintura dela sob suas asas, o outro em torno de sua parte superior das costas. Seu pênis pulsava entre eles. Esfregando contra ela, Jessamy colocou os braços ao redor de seu pescoço.

Olhando para ela, com um sorriso pecaminoso, ele disse: — Aperte suas asas.

Ela trouxe sua asa direita, sua esquerda já menor e mais plana nas costas, a luz escurecendo de seus olhos, sem aviso prévio. — Será que o meu peso será perigo—

— Você pesa menos do que uma pena. — Tão frágil, ela era muito, muito frágil. Sua fome, pelo contrário, era tal grande coisa—ele estava apavorado que poderia esmagá-la. E ele não podia suportar imaginar Jessamy virando para dele, assustada e decepcionada. Especialmente quando ele quase podia acreditar que a emoção que ele viu nos olhos dela era esse presente raro que ninguém nunca deu a ele.

Prometendo mantê-la segura até de si mesmo, ele subiu para o céu à noite, o corpo de Jessamy alinhado ao seu. Voou alto, mais alto do que ele já tinha a levado antes, até poderia ter tocado as estrelas, o ar frio e fino. Sem vôo brincalhão hoje, apenas uma brutal linha reta—ele não tinha paciência para fazer isso nada além de duro e rápido, mas para Jessamy, ele tentaria.

— Não lute contra isso, Galen, — Disse ela quando eles pararam, tão alto que a geada formou em seus cílios. — Se renda.

— Eu não quero machucar você. — Ela era a coisa mais preciosa em sua vida.

— Eu sou um anjo também. Uma imortal. Trate-me como uma.

O apelo assombroso sob a demanda partiu ele. Ele colocaria o mundo a seus pés, se ela pedisse. — Prometa-me que vai me parar se eu for muito duro.

Olhos escuros enormes olharam para o seu, cru com o desejo e uma necessidade que rivalizava com o seu próprio. — Eu prometo.

Levando sua palavra, esta mulher que entendia a dor em um nível que ninguém mais nunca iria compreender, ele a apertou ainda mais e devastou sua boca enquanto ele os mantinha em posição com movimentos leves de suas asas. Quando ela deslizou-se apenas o suficiente para que ela pudesse embalá-lo entre suas coxas, ele inclinou-os até que eles enfrentaram a direção à terra, pouco para baixo na curva do ombro dela... e ele fechou suas asas.

Eles despencaram.

O grito de Jessamy continha prazer selvagem, sem terror. Dentes à mostra na alegria feroz, ele arrebentou as suas asas novamente logo antes de se chocarem contra as montanhas, caiu para a esquerda e levou-os em um vôo de parar o coração para dentro e através de uma grande caverna, mal evitando as bordas afiadas da rocha que teria cortado e machucado, antes de atirar para fora de um buraco irregular causado por algum evento há muito tempo, e em espiral para o céu à noite mais uma vez.

— Isso foi *maravilhoso*! — O sorriso de Jessamy era tão feroz quanto o dele.

Rindo em felicidade primordial, ele roubou um beijo antes de quebrá-lo para se concentrar em bater suas asas cada vez mais fortes enquanto ele empurrava-os alto, alto para o céu. Quando sua companheira esfregou com impaciência feminina contra ele, ele estava tão profundamente na dança que ele enganchou a perna ao redor de sua cintura e deslizou para dentro dela em um forte, quase brutal, impulso. Tarde demais, a névoa se separou. — Jessamy, eu —

Ela apertou seus músculos internos, cortando suas palavras. — Vamos cair novamente.

Perfeita, ela era perfeita. O prazer mais primitivo em cada gota de seu sangue, Galen não fez uma queda vertical diretamente neste momento. Controlando a descida deles com o poder bruto dos músculos das suas asas, ele caiu por um instante antes de empurrar a uma parada repentina, seu corpo balançando profundamente dentro dela com o choque.

De novo.

E de novo.

E de novo.

Até que Jessamy atacou sua boca, sua fome voraz. Qualquer controle que ele poderia ter retido foi perdido, tirando o fio com um som quase inaudível. Mantendo-a trancada nele com um braço, ele apertou a mão livre nos seus cabelos, e levou-a para baixo em um espiral quase impossivelmente rápido que parecia destinado a acabar com seus corpos quebrados nas montanhas implacáveis.

Puxando-se no último instante possível, ele voava de volta para o céu, sem dar tempo a Jessamy para recuperar o fôlego. Sem aviso, sem delicadeza, ele caiu novamente, seu corpo apertado e quente e sedoso ao seu redor. Sentindo seus músculos começarem a ter espasmos, prazer balançando seu corpo, ele correu os lábios até o pulso em seu pescoço enquanto subiam, chupou duro conforme eles caíram.

Os músculos de Jessamy sentiam-se como se tivesse virado líquido, as coxas em perigo de escorregar do corpo de Galen quando ele os levou alto na noite estrelada de novo, cada batida de suas asas poderosas empurrando o comprimento duro dele dentro dela em uma sensação tão profunda, ela sentiu-se marcada. Pequenos músculos internos continuaram a apertar e abrir com as réplicas do mais violento prazer que ela jamais tinha experimentado.

Bem quando ela pensou que não poderia suportar mais, ela olhou para cima, viu a paixão nua dele, e sentiu seu corpo acelerar a prontidão chocante. — Forte, homem lindo, — Disse ela, dando-lhe palavras, porque seu Galen precisava de palavras. — Só para você saber, você é meu. Sempre e para sempre. Portanto, nem sequer pense em mudar sua mente.

Tremendo, ele baixou a cabeça, apertou a bochecha dela contra a dele, e murmurou palavras em uma língua bonita e antiga. Lágrimas ardiam em seus olhos, paixão rasgou através de ternura selvagem.

Eu sou seu.

Tão simple. Tão poderoso. Seu coração colocado aos seus pés.

Ele travou sua boca com a dela antes que ela pudesse encontrar sua voz, e eles caíram em um tipo apaixonado de insanidade. Perdida no magnífico poder dele, que mal sentiu o spray de água em suas costas quando ele empurrou-os por cima da lagoa, subindo uma asa de comprimento antes de trazê-los para um pouso suave na iminência de neve.

Sua roupa era suave sob suas costas, o chão duro. E Galen... ele era um inferno.

Ela gritou quando ele lhe deu a sua rendição, duro e quente e sem restrição.

15

A alegria da dança deles continuou a cantarolar em suas veias dias depois, enquanto ela completou suas anotações sobre o território de Raphael que ela iria entrar nas histórias quando ela voltasse para o Refúgio.

Fora da janela da biblioteca, ela podia ver o treino do arcanjo com uma unidade mista de anjos e vampiros, a neve um cobertor branco sem costura em todas as direções. Riso das crianças afastou-se da cidade mortal, levada por um vento lunático, e ela sentiu um puxão pungente em sua alma, a consciência das forças e deveres puxou-a para sua casa nas montanhas... enquanto o seu bárbaro devia voar seu caminho de volta ao território de Rafael, sua tarefa ainda não completa.

Mas ela não pensaria nisso agora. Este era seu momento de amar Galen.

Naquele dia de inverno, e os que se seguiram foram além da beleza, o céu uma tonalidade cristalina do dia, cravejado com pedras preciosas à noite. Jessamy passou a temporada nos braços de um guerreiro que lhe disse que ela era o seu tudo, mesmo que o coração ferido dele lutava para aceitar que seu amor por ele não era uma bruxuleante chama da vela, mas uma luz tão constante quanto o sol.

A primavera chegou como um aspecto, delicado e brotando. O coração de Jessamy suspirou ao ver o mundo acordar de novo, apesar de ter sido um momento difícil, também, porque ela tinha que dizer adeus aos amigos que ela tinha feito na Torre. Difícil, mas não doloroso, porque ela não estava mais presa no Refúgio. E assim tornou-se uma casa, ao invés de uma gaiola.

Trace beijou-a na mão fora da vista de todos, na manhã de sua partida. — Se você alguma vez se cansar dele, você sabe que tem que apenas virar esses lindos olhos para mim. — Palavras impudentes, calor verdadeiro.

— Obrigado por ser meu amigo. — Ele tinha sido uma parte de sua jornada, e ela nunca iria esquecê-lo. — Você virá me ver da próxima vez que visitar o Refúgio.

— Só se você tirar seu bárbaro de suas armas e amarrá-lo por uma boa distância.

A lembrança à fez sorrir quando ela ficou na ponta dos pés, não muito tempo depois, e roçou os lábios contra a bochecha de Raphael. — Vou visitar a sua terra novamente. Ela reivindicou meu coração agora.

— Não espere tanto tempo desta vez. — Severos olhos azuis escuros, com uma ponta de tristeza, e ela sabia que ele estava triste em vê-la ir, este arcanjo cruel que tinha sido uma vez um menino que tinha segurado quando ele bateu o joelho. — A cidade vai crescer, mas os céus e as terras ao redor da Torre serão seus, para explorar enquanto eu

governar. — Ele permitiu-lhe dar um passo atrás, e para os braços do homem que iria levá-la para sua casa. — Tome conta dela, Galen.

Galen não respondeu, sua expressão deixando claro que a instrução não merecia resposta. Raphael riu, o raro som, um eco desaparecendo daquele pequeno rapaz de olhos azuis que era o amado filho de dois arcanjos. Ao lado dele, Dimitri ficou em silêncio e atento, mas o sorriso curvando nos lábios. Pela primeira vez, atingiu os olhos do vampiro. — Boa viagem.

Eles varreram fora do telhado da Torre no restante das palavras de Dimitri, escoltados até a fronteira por duas asas de anjos em perfeita formação. Ela era a razão aparente para a exibição, mas ela sabia que era o respeito por Galen que levou o esquadrão. Orgulho encheu seu coração para o homem que era dela, um homem que forjou sua própria casa, independentemente de quem procurou sufocar e esmagá-lo.

Sua mãe havia escrito novamente, pedindo-lhe para voltar para a terra de Titus, assumir a posição menor e "melhorar suas habilidades." O ataque sutil sobre a autoconfiança de Galen teve Jessamy enfurecida, mas ele simplesmente balançou a cabeça e disse: — Ela tem medo, Jess, — uma profundidade de compreensão em seus olhos que seria surpresa para aqueles que viram apenas a superfície dura, sem corte.

Esmagando sua própria raiva, Jessamy segurou sua bochecha. — Você quer vê-la? — Tanae era sua mãe—como uma criança que amava os pais, independentemente da calma dolorosa entre eles, ela poderia entender a necessidade emocional.

— Sim. — Ele colocou a carta de lado, uma calma força para ele. — Mas eu não vou perseguir a aprovação por mais tempo. Ela pode lutar contra seu orgulho e vir para mim.

Enquanto voavam, Jessamy esperava que Tanae engolissem seu orgulho, porque enquanto Galen não mais precisava da sua aprovação, ele ainda a amava.

— Jess. — Sopro quente, a voz familiar. — Olha.

Ela olhou para baixo, viu uma montanha de neve ganhando vida com os raios do sol, a neve parecendo ondular com ondas de ouro derretido. — Oh...

Foi a primeira das maravilhas que compartilhavam um com o outro, a viagem de volta muito diferente da para o território de Raphael. Brincalhões como crianças, eles dançaram sobre ilhas isoladas e florestas primitivas com copa alastrando. Galen riu com ela como ele nunca riu com mais ninguém, brincou com ela com palavras pecaminosas, e ouviu o choque quando ela sussurrou verdades escandalosas que tinha aprendido ao longo dos tempos.

— E pensar que eu acreditei em você protegida e inocente.

— Meu pobre querido. Pode suas frágeis sensibilidades levar o resto da história?

Um grande suspiro, olhos risonhos. — Eu vou perseverar, se for preciso.

Foi só quando eles estavam quase no Refúgio que sua alegria sussurrou longe de um conhecido solene silêncio. — Quando você parte para a viagem de regresso ao território de Rafael? — Mesmo que ela soubesse a verdade desde o inverno, quando ele murmurou para ela no prazer banhado escuro, o coração dela apertou de dor.

Galen levou-os a um penhasco com vista para o rio ceifado pelo Refúgio, um último momento privado. — Amanhã de manhã. — Seu cabelo inflamado na luz do sol da montanha enquanto segurava o rosto no calor áspero de suas mãos, bebendo-a com os olhos. — As tropas de Rafael são fortes, mas ainda não em um estágio onde eles poderiam repelir as forças do outro arcanjo com uma única ação decisiva.

Embora Alexander Dormia, e podia fazê-lo por milênios, Jessamy entendia que o mundo do Cadre nunca foi um lugar pacífico. — Eu sei que você vai deixá-los prontos.

Galen apertou seu quadril. — Eu não deveria pedir para você, — Disse ele, a devoção em cada palavra, — mas eu vou. Espere por mim, Jess. Eu vou voltar para você. — Emoção nua virou o verde mar em esmeraldas escondidas.

Pressionando os dedos sobre os lábios, ela balançou a cabeça. — Você nunca tem que pedir, Galen. Para sempre, esse é o tempo que eu esperaria por você.

Amou-o com fúria apaixonada naquela noite, falando palavras de amor mais e mais para que ele soubesse que ela iria esperar por ele. A manhã rompeu muito cedo, e foi com um último beijo tão terno que quebrou seu coração que seu bárbaro voou de volta para as terras do homem que era agora seu suserano.

Galen foi impiedoso no seu treinamento das tropas de Rafael. Ele deixou seu coração no Refúgio, sangrou com a falta dele. Tinha sido egoísta da parte dele pedir à Jessamy para esperar por ele quando ela encontrou suas asas enfim, era uma mulher que muitos gostariam de cortejar.

— *Eu te amo, Galen. Tanto que dói.*

Ele segurou suas palavras ao seu coração, polidas até que elas eram jóias lapidadas, disse a si mesmo que nenhuma mulher diria tais doces, palavras apaixonadas para um homem se ela não adorá-lo. Ele não tinha acorrentado a ela com o seu pedido, ela havia escolhido. E ainda assim ele temia que ela não fosse olhar para ele da mesma forma quando ele voltasse, seu amor erodido pelos limites à sua liberdade pela sua promessa demandada.

A primeira carta foi transportada por um mensageiro retornado, escrita a mão impecável de Jessamy para ele sobre a vida dela, das crianças que ela ensinou e as pessoas que conheceu, as histórias que ela guardou, conectando-os embora ele estivesse a meio mundo de distância.

Meu querido Galen...

Ele passou o dedo sobre as palavras tantas vezes que a tinta manchou, os olhos ardendo até que ele teve que colocar a carta longe para ler no final da noite, quando ninguém iria incomodá-lo e que ele pudesse lê-lo tão lentamente quanto ele gostava.

Ele enviou sua resposta—muito menor, pois ele não tinha jeito com as palavras, como Jessamy—com Raphael, quando o arcanjo voltou para o Refúgio com uma pequena asa de anjos que agora seria baseado lá. Jason estava a cuidar de seus interesses no reduto angelical, com Illium e a ajuda de Aodhan, mas os dois anjos eram ainda jovens.

Raphael levou a carta de Jessamy de volta para ele.

Jessamy tocou a carta pela milésima vez, traçando as linhas duras, angulares da pena de Galen. Ela quase podia sentir sua energia, sua força bruta nas palavras concisas que outra mulher poderia ter tomado como desinteresse. Sorrindo, porque ela entendeu que um guerreiro não tinha tempo ou inclinação para aprender poesia e habilidades de cortejar suaves, ela beijou a carta e colocou-a em cima do livro que ela estava carregando enquanto se dirigia da casa para o dia.

— Filha.

Jessamy se virou ao som daquela voz familiar, deslizando a carta de Galen entre as páginas do livro, como ela fez isso, mas a mãe dela já tinha visto. — Do seu bárbaro. — Foi dito com um sorriso afetuoso ao invés de julgamento.

Jessamy riu. — Sim. — Ela não contou à mãe que Galen não era tanto bárbaro quanto ele pareceu—não só porque o fato das pessoas constantemente subestimar sua inteligência lhe davam uma vantagem, mas porque ele não precisava de nenhuma defesa. Ela adorava cada parte dele, a áspera e a doçura secreta. Como o que o levou a enviar-lhe uma margarida pressionada nas folhas de sua carta.

Eu passava pelo campo hoje, e eu me lembrei de como você falou com as flores, ele tinha escrito, quase a levando às lágrimas, a grande besta.

— Você o ama. — As palavras de sua mãe foram seguidas por um sorriso mais profundo, mas de alguma forma mais tímida. — Eu posso ver isso nos seus olhos.

Incapaz de suportar aquela hesitação, Jessamy andou para os braços que sua mãe estendeu. O cheiro dela era intimamente familiar, calorosa e amorosa, uma lembrança sensorial das noites da infância que Jessamy passou silenciosa e rígida em Rhoswen—após realmente compreender que as asas não estavam indo para se formarem como as de seus amigos, que ela nunca seria capaz de se juntar a eles em seus jogos no céu.

— Eu amo. — Sussurrou ela, apertando-lhe a mão apertado, porque Rhoswen a tinha embalado noite após noite, um amor protetor feroz em sua voz quando ela tentou dar consolo para uma criança que doía muito a aceitá-la. — E ele me ama também, — Disse ela, consciente de que sua mãe precisava ouvir isso. — Eu estou feliz.

Rhoswen afastou do abraço, um brilho molhado sobre o marrom exuberante de seus olhos. — Não, você não está.

— Mãe—

— Silêncio. — Rindo através das lágrimas, sua mãe apertou suas mãos. — Você sofre com a falta do seu guerreiro.

Jessamy riu e foi um pouco chorosa, também, porque ela não tinha percebido até o momento o quanto ela tinha sentido falando de Galen com sua mãe. Não tinha sido uma escolha consciente de não falar, simplesmente uma extensão do silêncio doloroso que tinha crescido entre elas ao longo dos anos. — Você vai voltar para casa comigo? — ela perguntou, pegando a mão de Rhoswen. — Eu gostaria de falar.

— Eu gostaria disso, também. — Dedos, delgados e longos, acariciando seu rosto. — Estou muito feliz em ver a tristeza fora de seu coração.

Foi quando Jessamy percebeu que a distância entre elas tinha tanto a ver com ela como sua mãe. Ela pensou que ela mascarou sua tristeza conforme ela cresceu e se tornou uma figura respeitada no Refúgio, mas que mãe que amava sua criança não seria capaz de provar o sal das lágrimas escondidas da criança?

Ligando seu braço com o de Rhoswen, suas asas sobrepostas em uma calorosa intimidade entre mãe e filha, ela tomou uma decisão, não importa o que aconteça daqui para frente, Rhoswen nunca mais provaria tal dor em sua filha. Galen tinha ajudado Jessamy a encontrar suas asas, mas a alegria de espírito que borbulhava dentro dela era dela para nutrir, e ela lutaria para segurá-la.

— O que ele escreve, o brutamontes que você beijou na frente de todo o Refúgio, — perguntou Rhoswen com um sorriso maroto. — Deixe-me ver.

— Só se você me deixar ver as notas de amor que eu sei que o Pai ainda escreve para você.

O rosto de sua mãe ficou tão rosa como a cor que marcou as pontas de suas primárias, a própria sombra sobre as arestas interiores das próprias asas de Jessamy. — Menina terrível!

Jessamy riu e segurou o livro e carta de Galen perto de seu coração. Essas cartas mantiveram voando seus caminhos através do mundo, como as estações mudaram. Ela escreveu páginas e páginas cheias de histórias sobre a vida no Refúgio, inclusive sobre os três pequenos anjos que estavam esperando por Galen junto com Jessamy.

Eles me asseguraram que a sua técnica de vôo melhorou consideravelmente—eles foram muito diligentes sobre os exercícios de treinamento que você configurou, até mesmo tornaram-se instrutores de seus colegas.

Illium, Jason, Aodhan, todos eles tiveram suas missivas e voaram de volta com as de Galen.

— Você sabe que eu vim vê-la antes de minha mãe? — Um Illium cansado disse um dia na tarde de verão, entregando-lhe uma carta. — Galen ameaçou tirar minhas penas uma de cada vez, se eu não fizesse.

Amá-lo, este anjo de asas azuis que já fez seu coração elevar, ela o beijou carinhosamente na bochecha. — Voe para a Beija-flor, — Disse ela, falando da artista talentosa que era sua mãe. — Eu sei que ela tem estado a observar os céus por você.

Ele era uma visão contra o laranja e dourado do crepúsculo, mas ela já estava se afastando, seus dedos tremendo enquanto ela quebrou o selo. Como sempre, foi curto, sem enfeite. Não há palavras de amor. Apenas Galen.

Diga aos meus alunos que pretendo testá-los rigorosamente em meu retorno. Nunca é cedo demais para começar a treinar um esquadrão.

— Oh, homem maravilhoso, — Ela sussurrou, porque tais palavras significariam tudo para os pequenos que adoraram o herói.

Não houve margarida desta vez. Apenas um pedido tácito.

A pena que eu roubei quando saí está perdendo o seu cheiro.

Ela enviou-lhe uma pena a partir da borda interna de suas asas, onde o rubor era tão profundo que era magenta, e escreveu-lhe sobre as flores do verão nas montanhas, e do jogo político jogado que viu ocorrendo conforme Michaela montou a navalha de aresta entre anjo e arcanjo, escreveu, também, de sua preocupação com Illium.

O jovem anjo tinha caído no amor com um mortal antes que ele deixasse o Refúgio e, a cada dia, desde seu retorno, o amor cresceu cada vez mais profundo. A maioria deu de ombros com a paixão de sua parte, confundindo a beleza selvagem de seu espírito por negligência, mas ela conhecia o poder do coração leal de Illium.

Eu não posso imaginar Illium sem o seu sorriso, escreveu ela, enquanto o anjo de asas azuis brincava fora com seus alunos, enquanto ela se sentou em sua mesa na sala de aula. *Sua morte vai persegui-lo por toda a eternidade.*

A resposta de Galen era simples. *Ele é forte. Ele vai sobreviver.* E acrescentou algo que quebrou seu coração. *Eu não sou tão forte.*

Lágrimas escorreram pelo seu rosto com as palavras que ele lhe deu, este guerreiro que era seu, ela escreveu-lhe de sua adoração, porque nunca mais ela iria levantar todas as barreiras de auto-proteção quando se tratava de Galen. Ele sempre, sempre saberia de seu amor. — Galen, meu.

Outono tinha caído no momento em que a resposta chegou com Dimitri, que viria através de uma embarcação rápida antes de pegar uma carona com uma asa de anjos, para que Illium pudesse passar um tempo na Torre. Jessamy encontrou o olhar do vampiro. — Não é à toa que ele foi recordado tão cedo, não é?

A curva sensual da boca de Dimitri era uma linha fina conforme ele sacudiu a cabeça. — Raphael está preocupado com seu relacionamento com a garota mortal. Ele pode cruzar as linhas que não podem ser cruzadas, falar segredos que nenhum mortal deve saber.

Sabendo da punição que recairia sobre o anjo se ele divulgasse segredos angelicais, Jessamy assistiu-o ir com o coração aflito. — Não há escolha de segurança no amor, há, Dimitri?

— Não. — Uma única palavra que mantinha milhares de coisas não ditas.

Mais uma vez, ela se perguntava o que havia no passado do vampiro, mas aquelas não eram suas perguntas a fazer. — As tropas de Raphael?

— Eles professam ódio à Galen em uma base diária, mas o seguiriam até a morte, se ele ordenasse. — Curiosidade alcançou sua expressão. — Eu estava errado sobre o resultado de seu namoro, e eu ainda não posso determinar o motivo.

Rindo, ela tocou a carta de Galen, escondida em um bolso secreto de seu vestido.

Foi em sua próxima carta que ela escreveu sobre a única coisa que ela não tinha levantado até agora, não por medo, mas porque ele fez esquecer que ela era imperfeita. *Eu nunca vou ter um filho, Galen. Keir não pode me prometer que não vou passar a minha deficiência.* E enquanto ela tinha encontrado a felicidade, que tinha sido uma estrada pavimentada com sonhos desfeitos e solidão assustadora. Iria destruí-la ver tanta tristeza nos olhos de seu filho.

A resposta de Galen veio nas mãos de uma bela guerreira com as asas de uma borboleta.

Eu voaria nossa criança onde quer que ela precisasse ir.

As palavras borraram. Limpando a umidade em suas bochechas, ela continuou a ler.

Os flitterbies podem ter ar em suas cabeças, mas Titus fez uma grande coisa em criá-los. Os laços podem ser formados não só pelo sangue. E Jess? Não tenho necessidade de construir impérios e dinastias. Só quero construir uma casa com você.

Seu bárbaro sabia poesia, afinal, pensou ela, observando a mancha de tinta sob uma chuva de lágrimas que não tinha nenhuma dor, somente a dor de um amor tão verdadeiro, que havia mudado para sempre ela.

16

Illum contou a Galen das coisas que Jessamy não tinha escrito em suas cartas — que vários outros homens, ambos anjos e vampiros, tinham feito repetidas tentativas de cortejá-la. A única razão para Galen não bater até o anjo de asas azuis sagrar por ser o mensageiro era que Illum transmitia a notícia com uma carranca adicionando, — Jessamy é tão educada ao dizer a eles para pararem de atormentá-la, mas cada homem sabe que se ele empurrar muito forte e deixar ela desconfortável, ele estará lidando com Dimitri.

Galen teve a súbita compreensão que até Illum deixaria o Refúgio, ele era o único que tinha sido o campeão de Jessamy. — Obrigada.

Um brilho, dentes à mostra. — Você sabe quantas pessoas estão me chamando de Bluebell agora?

Galen sorriu, percebendo que esse belo anjo que parecia como um enfeite e talhado com um brilho, elegante espadachim tinha se tornado um amigo quando ele não tinha visto. — Venha, então. Eu deixarei você tentar derrubar-me no chão em recompensa.

Enquanto ele continuava a trabalhar com o povo de Raphael em meio a fria mordida do Outono, a terra coberta com umas cem sombras de vermelho, marrom e ocre, ele pensava em seu precioso armazém de letras, e de delicadas penas rosadas e creme. Tão belas palavras que Jessamy escrevia para ele. Ainda assim, ele era honesto demais para mentir para si mesmo—um único fato não poderia mudar nada: que ele tinha sido o primeiro homem a levar a mulher que ela tinha se tornado para o céu. No momento em que ele retornasse, outro teria... e então sua historiadora teria uma escolha.

Isso poderia esmagá-lo, imaginá-la voando nos braços de outro homem, mas ele queria que ela tivesse aquela escolha, queria que ela nunca se arrependesse de estar com ele. Porque as bordas ásperas e tudo, cada parte dele trazia o nome de Jessamy. Ele precisava que ela fosse sua do mesmo modo.

Assistindo o outono deslizar dentro de um quebradiço, rigoroso inverno, Jessamy abriu sua histórias escreveu sobre tudo o que ela tinha passado na temporada passada. A paz tinha mantido os arcanjos ocupados demais mantendo um olho sobre o espetáculo de ascensão de Michaela nos jogos políticos do Cadre. Jessamy tinha que admitir, a nova arcanjo tinha chegado ao poder com inspirador poder.

No extremo norte, ela escreveu, os céus começaram a dançar com as cores do inverno, mas quando Michaela ascendeu para sua plena força, os céus dançaram ao redor do mundo, seja nos

trópicos ou no Refúgio, se fosse noite ou meio dia. Rico índigo, vívido rubi, iridescente verde, cores que transformavam o mundo num sonho.

Havia outros desdobramentos, é claro, menores em comparação, mas não menos importantes. Ela os notava como uma historiadora distante, mesmo quando chorava suas lágrimas silenciosas por algo daquilo que ela tinha escrito. Exceto que se tratava de uma longa corrida, perdas e tristezas como uma grande parte de suas histórias tão alegres.

Sua própria necessidade dolorosa continuava a crescer. Ela observava os céus pelas asas estriadas distintas de Galen a cada dia, mesmo sabendo que ele tinha levado os homens e mulheres de Raphael para uma marcha de inverno, para que eles estivessem preparados para as mais severas condições.

— Jessamy.

Ela parou com a sua pena sobre a página, encontrando a si mesma olhando para o rosto magro de um anjo que era mais velho do que ela por cerca de quinhentos anos. Não um homem bonito, mas um que tinha o tipo de presença convincente que veio como sendo aperfeiçoada pelo tempo e experiência. — Sim?

Ele estendeu a mão. — Eu levaria você para o céu.

Galen queria forçar brotar a primavera da terra, não que isso seria uma coisa boa. Ele teve que permanecer no território por outra temporada, para garantir que tudo que ele ensinou foi aprendido. — Eu retornarei quando precisar, — ele disse a Raphael, passeando através dos precipícios que ofereciam uma clara visão da Torre crescendo da ilha no outro lado da poderosa queda do rio. — Mas eu gostaria de ser fixado no Refúgio.

— Eu não tenho nada a argumentar com isso, — Raphael disse. — Eu preciso de pelo menos um de meus homens de confiança no Refúgio o tempo todo.

Confiança não tinha apenas se aprofundado, mas se tornado enraizada entre eles. Ainda assim, Galen se perguntava se ele tinha nele um sutil vigilante no Refúgio agora que ele tinha tanto poder. Isso era o que ele teria feito, e ele disse isso a Raphael. O arcanjo arqueou uma sobrancelha. — Você me fez mais forte, Galen. Isso faz de você um alvo. Seja cuidadoso.

— Ninguém nunca me tomará de surpresa. — Isso não erra arrogância—ele conhecia sua força tanto quanto conhecia sua fraqueza. Agradeceu Jessamy, Dimitri, Jason e Raphael, ele não era mais nenhum novato quando se tratava de detecção e rapidez abafando intrigas políticas que poderiam até mesmo roubar a vida de um imortal.

O cabelo preto de Raphael soprou para trás na brisa. — Illium retorna com você. Ele desapareceu com a tristeza de estar longe de sua mortal.

— Não seria melhor mantê-lo aqui?

— Essa é a escolha que você faria?

Galen pensou em sua necessidade cortante de ver Jessamy, considerou que isso seria como saber que ela desapareceria da existência, mas um mero sussurro do tempo. — Não. Isso seria cruel. — Se Illium tinha somente um sussurro, esse sussurro devia ser.

Raphael nada disse, mas Galen sabia que o arcanjo estava de acordo. Havia crueldade em Raphael, esse imenso poder, mas havia também uma capacidade para lealdade que falava ao guerreiro em Galen. Não haveria faca nas costas deste arcanjo.

— Tanae, — o arcanjo disse algum tempo depois, — pediu permissão para entrar em meu território.

— Eu vi. — Encontrando olhos de um azul que Galen não tinha visto em nenhum outro, mortal ou imortal, ele sabia que o pedido tinha sido concedido.

Sua mãe, quando ela chegou na Torre, era a mesma mulher, a mesma guerreira, ela sempre tinha sido, mas ele a viu com olhos diferentes agora.

Ela encontrou a si mesma diante de um homem que não tinha necessidade de seu suporte em qualquer sentido, ele escreveu para a mulher que tinha lhe ensinado que valia a pena amá-lo exatamente como ele era, e ela tropeçou, voltou para o território de Titus. Mas talvez seja um começo. Nós podemos ainda encontrar um novo caminho.

Fechando a carta, ele não escreveu a única coisa que gritava dentro dele.

Espere por mim, Jess.

Jessamy viu as silhuetas de dois anjos ao longe, iluminados pelo por do sol. Ela protegeu seus olhos, tentando vislumbrar suas identidades, mas a chama do sol transformava suas asas em fogo uniforme, exceto... ela sabia. Ela *conhecia*. Correndo em direção a beira do precipício com pouco cuidado no terreno traiçoeiro, ela esperou com as mãos cerradas no vestido ao lado dela.

Um feixe de luz solar, batendo no vermelho puro do cabelo que caía como seda contra as palmas das mãos.

Lágrimas rolaram para baixo em suas bochechas, ela mal tinha consciência de Illium descamando a cabeça para baixo em direção a vila humana a alguma distância. Seus

olhos na beira do precipício, ele agarrou-a enquanto ela pulava sem hesitação, e espiralou para baixo do desfiladeiro até a borda do rio que espumava sobre as rochas e corria doce e claro na parte rasa.

— Você está em casa. Você está em casa. — Ela beijou sua boca, suas bochecha, sua mandíbula, qualquer parte dele que ela pudesse alcançar. — Eu senti tanta falta de você.

Isso desarmou Galen, a profundidade da alegria inundava os olhos castanhos com lágrimas que encontraram seu olhar. Esmagando Jessamy nele, ele tomou sua boca, tomou suas palavras, tomou ela. — Eu não me importo, — ele sussurrou, rouco, áspero, exigente, — que cortejaram você enquanto eu fui embora. Eu serei o único a cortejar você agora. — Ele tinha pensado ao dar a ela uma escolha, mas descobriu que ele não tinha isso nele. — Eu amarei você até meu último suspiro, dando a você qualquer coisa e tudo que você quiser.

— Poesia novamente. Isso não é justo. — Um trêmulo sorriso, mãos finas acariciando seu peito como ela estava acostumada a fazer. — Eu não tenho voado desde que você saiu. — Ternas palavras faladas com um sorriso íntimo. — Você me cortejará nos céus?

Ferido, ele disse, — Eu nunca aterrorizaria você. — Independente de seu ciúme.

— Eu sei. Oh, eu sei. — Esfregando sua bochecha úmida contra seu peito, ela disse, — Eu não poderia suportar estar nos braços de ninguém exceto os seus.

— Jess.

Não foi até muito, muito depois, com a noite suave e quente ao redor deles que Jessamy imergiu dos lençóis da cama, e caminhou até a cômoda no canto. — O que você está fazendo? — ele perguntou, deitando em sua frente observando a mulher que era sua com olhos possessivos. Sua sombra pela lua era tão magra quanto uma flauta, sua pele cintilando brilho perolado, suas penas exuberantes, pinceladas, requintadas.

Sem vergonha de sua nudez, ela deu a ele um doce, tímido sorriso enquanto ela voltava para a cama. — Eu tenho algo para você.

Quando ele levantou, ela balançou sua cabeça. — Espere. Eu gosto de olhar para você.

— Bom. — Ele mostrou os dentes. — Eu manteria você nua se eu pudesse.

— Primitivo! — Rindo, ela deslizou algo embaixo de seu bíceps e trouxe isso ao redor em um clicar fechado. — Muito apertado?

Olhando para baixo para a fina banda que circundava seu braço, ele balançou sua cabeça. — Eu já estou vinculado a você, minha exigente Lady Jessamy. — Por laços que

nada jamais quebrará. — Agora você coloca algemas em mim? — Era uma provocação, porque ele tinha descoberto que ele adorava provocar sua historiadora.

— Silêncio. — Ela acariciou o metal. — É um amuleto âmbar.

Puxando-a para baixo dele, ele cobriu seu corpo com o seu próprio. — Você está me reivindicando, então? — Âmbar era para o preso, um aviso para os outros manterem suas mãos longes.

Os castanhos enormes encontraram os dele. — Sim.

Ele nunca tinha estado mais encantado em sua vida. — O amuleto tem qualquer outro significado?

Ela corou. — É bobagem... Uma coisa mortal. Um desejo para manter você seguro.

Tirando o cabelo dela de seu rosto, ele acariciou-a, e sabia que ele nunca vagaria novamente abandonado, procurando uma casa. — Você usaria meu âmbar, Jess?

Um sorriso que disse a ele que ele era amado, seu amado. — Sempre.

Fim